

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Ricardo Stedile Neto

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL: CARACTERIZAÇÃO DAS DINÂMICAS
ESPACIAIS E ECONÔMICAS DA REGIÃO IMEDIATA DE NOVA
PRATA – GUAPORÉ/RS RELACIONADAS AOS ASPECTOS
CULTURAIS

Santa Maria, RS
2023

Ricardo Stedile Neto

**ORGANIZAÇÃO ESPACIAL: CARACTERIZAÇÃO DAS DINÂMICAS ESPACIAIS E
ECONÔMICAS DA REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA -GUAPORÉ/RS
RELACIONADAS AOS ASPECTOS CULTURAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Geografia.**

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Schiavone Cardoso

Santa Maria, RS
2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Stedile Neto, Ricardo
Organização Espacial: caracterização das dinâmicas espaciais e econômicas da Região Imediata de Nova Prata - Guaporé/RS relacionadas aos aspectos culturais / Ricardo Stedile Neto.- 2023.
246 p.; 30 cm

Orientador: Eduardo Schiavone Cardoso
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, RS, 2023

1. Organização Espacial 2. Cultura 3. Códigos Culturais
I. Schiavone Cardoso, Eduardo II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, RICARDO STEDILE NETO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Ricardo Stedile Neto

**ORGANIZAÇÃO ESPACIAL: CARACTERIZAÇÃO DAS DINÂMICAS ESPACIAIS E
ECONÔMICAS DA REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA -GUAPORÉ/RS
RELACIONADAS AOS ASPECTOS CULTURAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Geografia.**

Aprovada em 29 de junho de 2023:

**Eduardo Schiavone Cardoso, Dr. (UFSM)
Presidente /Orientador**

Cesar De David, Dr. (UFSM)

Elsbeth Léia Spode Becker, Dra. (UFN)

Juliana Cristina Franz, Dra. (FURG)

Luciane Rodrigues de Bitencourt, Dra. (UPF)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

- À Universidade Federal de Santa Maria, pelo ensino público de qualidade;
- Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa;
- Ao meu Orientador Prof. Dr. Eduardo Schiavone Cardoso por ter dedicado seu tempo e confiança em me transmitir seus conhecimentos, que foram além da vida acadêmica;
- Às prefeituras municipais dos municípios que compõem a Região Imediata de Nova Prata-Guaporé;
- Aos moradores dos municípios que foram visitados, pela disposição e acolhimento que tiveram para comigo;
- Às minhas avós, Rosa dos Santos Stedile e Glaci Corrêa da Silva (*em memória*), que sempre me apoiaram e me incentivaram a ir em busca dos meus sonhos, e sempre foram exemplo de vida e perseverança;
- Agradeço aos meus pais, Marco Antônio Corrêa da Silva e Andréa Stedile, por sempre respeitarem minhas decisões e me auxiliarem a alcançar todos os meus objetivos;
- Aos meus padrinhos e madrinhas que sempre estiveram presente em minha vida;
- À minha tia Fernanda Stedile e meu primo Éric Pires;
- E a todas as pessoas que de alguma forma me auxiliaram e contribuíram para a construção deste trabalho.

MUITO OBRIGADO!

“Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro”.

- Albert Camus

RESUMO

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL: CARACTERIZAÇÃO DAS DINÂMICAS ESPACIAIS E ECONÔMICAS DA REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ/RS RELACIONADAS AOS ASPECTOS CULTURAIS

AUTOR: Ricardo Stedile Neto
ORIENTADOR: Eduardo Schiavone Cardoso

A Ciência Geográfica tem como uma de suas principais características a procura constante na releitura de seus conceitos e de seus paradigmas. Para atender tal busca, o cientista necessita analisar as formas como o Espaço Geográfico se organiza e se reorganiza, e a forma como essa reorganização do espaço impacta na sociedade que ocupa o mesmo. Considerando-se a relação natureza/sociedade, é importante levarmos em consideração a influência dos povos que habitam determinado espaço físico exercem sobre a organização deste espaço. Esses grupos tendem a se organizarem e se reorganizarem de acordo com os aspectos naturais que lhe são oferecidos pelo espaço que está sendo ocupado. O Estado do Rio Grande do Sul se caracteriza por ter sido fortemente colonizado por imigrantes europeus, principalmente das atuais Itália e Alemanha. A partir dessa análise em âmbito estadual, e como forma de delimitar uma área de estudo na região da Serra Gaúcha, optou-se por eleger a Região Imediata de Nova Prata – Guaporé como a unidade territorial em pesquisa. A presente tese tem como problemática a análise e a compreensão da forma como se deu a organização espacial e as dinâmicas espaciais e econômicas da Região Imediata de Nova Prata - Guaporé, levando em consideração os aspectos culturais presentes na mesma. Na busca de respostas para a problemática em foco tem-se como objetivo geral analisar as dinâmicas espaciais e econômicas ocorridas na Região Imediata de Nova Prata - Guaporé/RS, considerando os aspectos culturais presentes em cada município, desde o momento de colonização até a contemporaneidade. Como objetivos específicos busca-se: a) realizar uma caracterização econômica da Região Imediata de Nova Prata - Guaporé; b) investigar de qual forma as marcas culturais presentes na Região Imediata influenciaram na dinâmica espacial da mesma; c) identificar os processos de (re)organização espacial que aconteceram nos municípios da RI; e d) analisar a diferenciação espacial entre os municípios da RI a partir da ligação da economia e da cultura. Metodologicamente a pesquisa foi dividida em quatro etapas. A primeira etapa consistiu na consolidação da temática e definição do problema de pesquisa, bem como o levantamento bibliográfico. A segunda etapa foi o levantamento de dados em fontes secundárias. A terceira etapa se deu através da realização dos trabalhos de campo, onde foram visitados os 14 municípios que compõem a RI. A quarta e última etapa consistiu na análise dos resultados obtidos. Com a realização deste trabalho, conclui-se que a cultura teve papel importante na organização espacial e econômica da RI de Nova Prata – Guaporé. Apesar disso, na atualidade, a mesma é percebida apenas em sua imaterialidade, trazendo valores e costumes para a nova dinâmica espacial, que é baseada nas questões econômicas.

Palavras-Chave: Organização Espacial. Cultura. Imigração. Economia.

ABSTRACT

SPATIAL ORGANIZATION: CHARACTERIZATION OF THE SPATIAL AND ECONOMIC DYNAMICS OF THE IMMEDIATE REGION OF NOVA PRATA - GUAPORÉ/RS RELATED TO CULTURAL ASPECTS

AUTHOR: Ricardo Stedile Neto
ADVISOR: Eduardo Schiavone Cardoso

The Geographical Sciences are characterized by the constant search for re-reading their concepts and paradigms. For this purpose, the researcher needs to analyze how the Geographic Space is organized and reorganized, and how this reorganization of space impacts the society that occupies it. Considering the nature/society relationship, it is important to take into consideration the influence that the peoples who inhabit a certain physical space have on the organization of this space. These groups tend to organize and reorganize themselves according to the natural aspects offered to them by the space being occupied. The state of Rio Grande do Sul (Brazil) is characterized by having been strongly colonized by European immigrants, mainly from present-day Italy and Germany. Based on this statewide analysis, and as a way to delimit a study area in the Serra Gaucha region (Gaucho Highlands), we decided to elect the Immediate Region of Nova Prata - Guaporé as the territorial unit under research. This doctoral dissertation aims to analyze and understand the way in which the spatial organization and the spatial and economic dynamics of the Immediate Region of Nova Prata - Guaporé took place, taking into account the cultural aspects present in it. In this regard, our general objective is to analyze the spatial and economic dynamics that took place in the Immediate Region of Nova Prata - Guaporé/RS, considering the cultural aspects of each municipality, from colonization to contemporary times. We outlined four specific objectives: a) to characterize the economy of the Immediate Region of Nova Prata - Guaporé; b) to investigate in which way the cultural marks present in the Immediate Region influenced its spatial dynamics; c) to identify the processes of spatial (re)organization that took place in the municipalities of the IR; and d) to analyze the spatial differentiation among the municipalities of the IR from the link between economy and culture. Methodology-wise, the research was divided into four stages. The first stage consisted of consolidating the theme and defining the research problem, as well as the bibliographical search. The second stage involved data collection from secondary sources. The third stage was the field work, in which the 14 municipalities that make up the IR were visited. The fourth and last step consisted of analyzing the results obtained. With the completion of this work, we conclude that culture played an important role in the spatial and economic organization of the Immediate Region of Nova Prata - Guaporé. Yet, today this Immediate Region is perceived only in its immateriality, bringing values and customs to the new spatial dynamics, which is based on economic issues.

Keywords: Spatial Organization. Culture. Immigration. Economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Fluxograma do caminho metodológico utilizado na realização da pesquisa.....	25
Figura 2 -	Mosaico fotográfico sobre a arquitetura em Dois Lajeados/RS.....	174
Figura 3 -	Mosaico fotográfico sobre a religiosidade em Dois Lajeados/RS.....	175
Figura 4 -	Mosaico fotográfico sobre arquitetura em Guabiju/RS.....	179
Figura 5 -	Mosaico fotográfico construções históricas no perímetro urbano de Guaporé/RS.....	181
Figura 6 -	Mosaico fotográfico construções do espaço rural de Guaporé/RS.....	181
Figura 7 -	Mosaico fotográfico: religiosidade em Guaporé/RS.....	182
Figura 8 -	Mosaico fotográfico: Via Sacra em Guaporé/RS.....	183
Figura 9 -	Mosaico fotográfico: a história de Jesus Cristo, Nova Araçá/RS.....	188
Figura 10 -	Construções históricas em Nova Araçá/RS.....	189
Figura 11 -	Mosaico fotográfico: materialização da religiosidade em Nova Prata/RS.....	193
Figura 12 -	Antes e depois de uma construção histórica no centro de Paraí/RS.....	196
Figura 13 -	Materialização da religiosidade em Protásio Alves/RS.....	199
Figura 14 -	Construções históricas de São Jorge/RS.....	201
Figura 15 -	Mosaico fotográfico sobre o Talian no município.....	205
Figura 16 -	Mosaico fotográfico: Via Sacra em Serafina Corrêa.....	206
Figura 17 -	Capitéis na área rural de Serafina Corrêa/RS.....	207
Figura 18 -	Monumentos religiosos em Serafina Corrêa/RS.....	208
Figura 19 -	Mosaico fotográfico: comidas típicas italianas.....	209
Figura 20 -	Mosaico fotográfico da Via Gênova.....	211
Figura 21 -	Religiosidade em União da Serra.....	212
Figura 22 -	Construções em União da Serra.....	213
Figura 23 -	Religiosidade em Vista Alegre do Prata.....	215
Figura 24 -	Construções históricas em Vista Alegre do Prata.....	215

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 -	Centro Cultural de André da Rocha/RS.....	169
Fotografia 2 -	Casa de Cultura Antônio Jacques, André da Rocha/RS.....	170
Fotografia 3 -	Hotel Avenida, André da Rocha/RS.....	171
Fotografia 4 -	Igreja Matriz de André da Rocha/RS.....	172
Fotografia 5 -	Igreja Matriz de Guabiju/RS.....	177
Fotografia 6 -	Faixa informativa sobre a 5ª Romaria de Nossa Senhora Aparecida.....	178
Fotografia 7 -	Edificações no perímetro urbano de Montauri/RS.....	185
Fotografia 8 -	Construção histórica em Montauri/RS.....	186
Fotografia 9 -	Casa que mantém a estrutura colonial de construção em Nova Araçá/RS.....	190
Fotografia 10 -	Distrito industrial de Nova Bassano/RS.....	191
Fotografia 11 -	Perímetro urbano de Nova Bassano/RS.....	192
Fotografia 12 -	Outdoor convocando para a 82ª Romaria de Ns. Sra. Aparecida em Nova Prata/RS.....	194
Fotografia 13 -	Casa do Polonês.....	194
Fotografia 14 -	Igreja Matriz de Paraí.....	196
Fotografia 15 -	Prédio construído com Basalto em Paraí/RS.....	197
Fotografia 16 -	Casa de Cultura de Protásio Alves/RS.....	199
Fotografia 17 -	Igreja Matriz de São Jorge/RS.....	202
Fotografia 18 -	Dicionário de Talian.....	204

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Valor Adicionado Bruto por setor em André da Rocha/RS.....	74
Gráfico 2 -	Distribuição da população de André da Rocha/RS.....	75
Gráfico 3 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Dois Lajeados/RS.....	81
Gráfico 4 -	Distribuição da população em Dois Lajeados/RS.....	82
Gráfico 5 -	Valor Adicionado Bruto por setor em Guabiju/RS.....	89
Gráfico 6 -	Distribuição da população em Guabiju/RS.....	90
Gráfico 7 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Guaporé/RS.....	97
Gráfico 8 -	Distribuição da população em Guaporé/RS.....	98
Gráfico 9 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Montauri/RS.....	104
Gráfico 10 -	Distribuição da população em Montauri/RS.....	105
Gráfico 11 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Nova Araçá/RS.....	110
Gráfico 12 -	Distribuição da população em Nova Araçá/RS.....	111
Gráfico 13 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Nova Bassano/RS.....	116
Gráfico 14 -	Distribuição da população em Nova Bassano/RS.....	117
Gráfico 15 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Nova Prata/RS.....	125
Gráfico 16 -	Distribuição da população em Nova Prata/RS.....	126
Gráfico 17 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Paraí/RS....	133
Gráfico 18 -	Distribuição da população em Paraí/RS.....	134
Gráfico 19 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Protásio Alves/RS.....	140
Gráfico 20 -	Distribuição da população em Protásio Alves/RS.....	140
Gráfico 21 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em São Jorge/RS.....	146
Gráfico 22 -	Distribuição da população em São Jorge/RS.....	147
Gráfico 23 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Serafina Corrêa/RS.....	154
Gráfico 24 -	Distribuição da população em Serafina Corrêa/RS.....	155
Gráfico 25 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em União da Serra/RS.....	160
Gráfico 26 -	Distribuição da população em União da Serra/RS.....	161
Gráfico 27 -	Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Vista Alegre do Prata/RS.....	166
Gráfico 28 -	Distribuição da população em Vista Alegre do Prata/RS.....	167

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Localização da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé/RS.....	18
Mapa 2 -	Localização de André da Rocha/RS.....	70
Mapa 3 -	Localização de Dois Lajeados/RS.....	77
Mapa 4 -	Localização de Guabiju/RS.....	84
Mapa 5 -	Localização de Guaporé/RS.....	92
Mapa 6 -	Localização de Montauri/RS.....	100
Mapa 7 -	Localização de Nova Araçá/RS.....	108
Mapa 8 -	Localização de Nova Bassano/RS.....	114
Mapa 9 -	Localização de Nova Prata/RS.....	120
Mapa 10 -	Localização de Parai/RS.....	129
Mapa 11	Localização de Protásio Alves/RS.....	136
Mapa 12 -	Localização de São Jorge/RS.....	143
Mapa 13 -	Localização de Serafina Corrêa/RS.....	149
Mapa 14 -	Localização de União da Serra/RS.....	157
Mapa 15 -	Localização de Vista Alegre do Prata/RS.....	162
Mapa 16 -	População da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé/RS.....	218
Mapa 17 -	Distribuição da população em cada município da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé	221
Mapa 18 -	Valor Adicionado Bruto (VAB) por atividade econômica na Região Imediata de Nova Prata – Guaporé em 2018.....	223
Mapa 19 -	Regionalização através dos setores econômicos predominantes na Região Imediata de Nova Prata – Guaporé.....	225
Mapa 20 -	Regionalização baseada nos códigos culturais nos municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé.....	228
Mapa 21 -	Regionalização síntese da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé.....	231

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Produção agrícola em André da Rocha/RS.....	73
Tabela 2 -	Produção pecuária em André da Rocha/RS.....	73
Tabela 3 -	Produção agrícola em Dois Lajeados/RS.....	79
Tabela 4 -	Produção pecuária em Dois Lajeados/RS.....	80
Tabela 5 -	Produção agrícola em Guabiju/RS.....	87
Tabela 6 -	Produção pecuária em Guabiju/RS.....	88
Tabela 7 -	Produção agrícola em Guaporé/RS.....	94
Tabela 8 -	Produção pecuária em Guaporé/RS.....	95
Tabela 9 -	Produção agrícola em Montauri/RS.....	102
Tabela 10 -	Produção pecuária em Montauri/RS.....	103
Tabela 11 -	Produção agrícola em Nova Araçá/RS.....	108
Tabela 12 -	Produção pecuária em Nova Araçá/RS.....	109
Tabela 13 -	Produção agrícola em Nova Bassano/RS.....	114
Tabela 14 -	Produção pecuária em Nova Bassano/RS.....	115
Tabela 15 -	Produção agrícola em Nova Prata/RS.....	122
Tabela 16 -	Produção pecuária em Nova Prata/RS.....	124
Tabela 17 -	Produção agrícola em Paraí/RS.....	130
Tabela 18 -	Produção pecuária em Paraí/RS.....	131
Tabela 19 -	Produção agrícola em Protásio Alves/RS.....	138
Tabela 20 -	Produção pecuária em Protásio Alves/RS.....	138
Tabela 21 -	Produção agrícola em São Jorge/RS.....	144
Tabela 22 -	Produção pecuária em São Jorge/RS.....	145
Tabela 23 -	Produção agrícola em Serafina Corrêa/RS.....	150
Tabela 24 -	Produção pecuária em Serafina Corrêa/RS.....	152
Tabela 25 -	Produção agrícola em União da Serra/RS.....	158
Tabela 26 -	Produção pecuária em União da Serra/RS.....	159
Tabela 27 -	Produção agrícola em Vista Alegre do Prata/RS.....	164
Tabela 28 -	Produção pecuária em Vista Alegre do Prata/RS.....	165
Tabela 29 -	População Total (2010) e População Estimada (2020) na Região Imediata Nova Prata – Guaporé/RS em 2018.....	219
Tabela 30 -	Valor Adicionado Bruto (VAB) por atividade econômica na Região Imediata de Nova Prata – Guaporé.....	223
Tabela 31 -	Síntese dos aspectos econômicos, culturais e populacionais da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé	229

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
2.1	A ABORDAGEM DIALÉTICA COMO APORTE DA PESQUISA.....	23
2.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	24
3	REFERENCIAL TEÓRICO	31
3.1	O CONCEITO DE ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO ATUAL.....	31
3.2	A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL BASEADA NA CULTURA.....	37
3.3	O PAPEL DA PAISAGEM NA IDENTIFICAÇÃO DA CULTURA.....	43
3.4	REGIÃO E REGIÃO CULTURAL: UMA CONCEITUAÇÃO.....	48
3.5	O CONCEITO DE CULTURA E AS CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	54
3.6	O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.....	61
4	A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DOS MUNICÍPIOS DA RI DE NOVA PRATA – GUAPORÉ	69
4.1	ANDRÉ DA ROCHA.....	69
4.2	DOIS LAJEADOS.....	76
4.3	GUABIJU.....	83
4.4	GUAPORÉ.....	91
4.5	MONTAURI.....	99
4.6	NOVA ARAÇÁ.....	106
4.7	NOVA BASSANO.....	112
4.8	NOVA PRATA.....	119
4.9	PARAÍ.....	127
4.10	PROTÁSIO ALVES.....	135
4.11	SÃO JORGE.....	141
4.12	SERAFINA CORRÊA.....	148
4.13	UNIÃO DA SERRA.....	156
4.14	VISTA ALEGRE DO PRATA.....	162
5	A ORGANIZAÇÃO CULTURAL DOS MUNICÍPIOS DA RI DE NOVA PRATA – GUAPORÉ	168
5.1	ANDRÉ DA ROCHA.....	168
5.2	DOIS LAJEADOS.....	172
5.3	GUABIJU.....	176
5.4	GUAPORÉ.....	179
5.5	MONTAURI.....	184
5.6	NOVA ARAÇÁ.....	187
5.7	NOVA BASSANO.....	190
5.8	NOVA PRATA.....	192
5.9	PARAÍ.....	195
5.10	PROTÁSIO ALVES.....	198
5.11	SÃO JORGE.....	200
5.12	SERAFINA CORRÊA.....	203
5.13	UNIÃO DA SERRA.....	212
5.14	VISTA ALEGRE DO PRATA.....	214

6	A REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ: ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL.....	217
6.1	ASPECTOS GERAIS DA REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ.....	217
6.2	ECONOMIA DA REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ...	222
6.3	A REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ: ASPECTOS CULTURAIS.....	226
6.4	A REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA GUAPORÉ: UMA SÍNTESE REGIONAL.....	229
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	233
	REFERÊNCIAS.....	237

1 INTRODUÇÃO

Como construção social a organização do espaço é multidimensional, efetivando múltiplos papéis. Apresenta, entre outras, as dimensões econômica, política e cultural, cada uma regida por processos e mecanismos específicos, mas integrados na mesma formação social. O resultado são as múltiplas espacialidades que exibem, que ora se justapõem, ora se recobrem parcialmente, ora chegam mesmo a co-variarem espacialmente (CORRÊA, 2011, p. 8).

A Ciência Geográfica tem como uma de suas principais características a procura constante na releitura de seus conceitos e de seus paradigmas. Para atender tal busca, o cientista necessita analisar as formas como o Espaço Geográfico se organiza e se reorganiza, e a forma como essa reorganização do espaço impacta na sociedade que ocupa o mesmo.

Segundo esse raciocínio, essa dinâmica, que caracteriza todas as ciências, mas em especial da Geografia, é fundamental para que o pensamento científico acompanhe as transformações que o meio técnico-científico-informacional impõe a sociedade. Ou seja, esse processo de releitura da Geografia acaba possibilitando respostas mais satisfatórias dos fenômenos que acontecem no Espaço Geográfico, bem como nas relações natureza/sociedade.

O conceito de Espaço Geográfico é um dos conceitos-chave da Geografia, sendo utilizado por diversas ciências e apresentando diversas formas de leitura e de compreensão desse conceito. Nas relações geográficas, o conceito de Espaço Geográfico remonta os primórdios da Geografia como ciência, inicialmente sendo a organização física da superfície da Terra (BECKER, 2006).

É após a Segunda Guerra mundial que o conceito de espaço é revisto, como uma forma de responder às inúmeras contradições sociais e espaciais durante a crise geral do capital. A partir desse momento, o espaço passa a ser visto como resultado da ação humana sobre o meio natural, através de uma nova vertente, com base na teoria da produção do espaço, idealizada por Henry Lefebvre. Essas inquietações e novas formas de pensar a Geografia fez surgir, no fim da década de 1960, a corrente da Geografia Crítica (SCHMID, 2008).

Baseando-se nesses novos paradigmas dos estudos do Espaço Geográfico, torna-se possível compreender como a natureza e a sociedade estão inseridas na forma como organiza e reorganiza o espaço. Segundo Santos (1996), os elementos que compõem o espaço são submetidos a variações, tanto qualitativas quanto

quantitativas, devendo ser consideradas como uma variação da relação natureza/sociedade.

Considerando-se essa relação natureza/sociedade, é importante levarmos em consideração a influência dos povos que habitam determinado espaço físico exercem sobre a organização deste espaço. Esses grupos tendem a se organizarem e se reorganizarem de acordo com os aspectos naturais que lhe são oferecidos pelo espaço que está sendo ocupado. Além disso, a organização destes grupos também leva em consideração os aspectos culturais, adaptando as convenções imateriais desse coletivo social ao espaço.

Com base nesses pressupostos, nota-se a importância que a organização do espaço tem na construção da cultura, bem como nas dinâmicas, tanto culturalmente falando, quanto social e politicamente. Deste modo, estudar a organização do espaço torna-se uma tarefa, apesar de necessária, difícil, pois abrange uma quantidade significativa de temas a serem abordados.

Deste modo, Corrêa (2011, p.7) compreende que a organização espacial como uma construção social que se adapta ao grupo que está organizando o espaço, conceituando-a então como

O conjunto de formas (campos, fábricas, caminhos, casas, etc.) e interações envolvendo pessoas, mercadorias, informação e capital, dispostos espacialmente. As formas e interações espaciais respondem a uma lógica que as tornam funcionais à sociedade que vive nessa organização espacial. Como construção social a organização do espaço é simultaneamente reflexo social, meio no qual a sociedade existe e condição pela qual a sociedade se reproduz.

Se a organização espacial está relacionada ao grupo que está ocupando, o território brasileiro tem uma contribuição significativa, em sua organização espacial e econômica, dos diversos povos que ocuparam e ocupam o território nacional. Além dos povos indígenas que já viviam no território diversos imigrantes europeus chegaram ao país, principalmente durante o período das Grandes Navegações, além dos africanos que foram escravizados e trazidos ao território nacional.

Posterior a isso, a partir dos séculos XIX e XX, começaram a chegar um grande número de imigrantes, principalmente de países europeus, os quais foram responsáveis por implantarem suas convenções culturais e seus meios econômicos e caracterizaram seus respectivos espaços, juntamente com as culturas que já se encontravam materializadas no espaço, principalmente dos africanos e indígenas.

Devido à esta mistura de culturas, houve diversos conflitos e adaptações nas convenções culturais destes grupos que organizaram o espaço brasileiro.

A inserção dos estudos culturais desses grupos imigrantes é importante pois, segundo Stedile Neto (2019, p. 11)

A cultura é responsável pela orientação das ações de determinado grupo social, pois a mesma consiste em um conjunto de crenças e valores, os quais são intrínsecos na essência desse grupo. Neste sentido, os valores estão diretamente atrelados à consolidação do grupo, no espaço em que estão inseridos.

Com base nisso, o estudo da organização do espaço com base nos estudos culturais é essencial, pois é a partir deles que observamos a forma como o espaço se organizou e se reorganizou. Além disso, é relevante ressaltar que a cultura é organizadora do espaço devido a materialização dos seus símbolos e códigos culturais, os quais são responsáveis por sua identificação (COSGROVE, 1998).

Além da cultura, a economia também está atrelada à organização espacial, pois é com base nela que o espaço se reorganiza e se adapta. Desta forma, o grupo que está ocupando o espaço se utiliza de sua cultura, ou seja, seus costumes, fazeres e saberes tradicionais, para inserir sua forma de produção e consolidando a sua economia, organizando o espaço para que atenda suas necessidades.

O Estado do Rio Grande do Sul se caracteriza por ter sido fortemente colonizado por imigrantes europeus, principalmente das atuais Itália e Alemanha. Esses imigrantes chegaram ao estado sulino atraídos pela migração dirigida, a qual possibilitou a consolidação econômica e social desses imigrantes em solo brasileiro. Esse movimento migratório contribuiu para a organização espacial do Rio Grande do Sul, e imprimiu marcas econômicas e culturais presentes até os dias atuais.

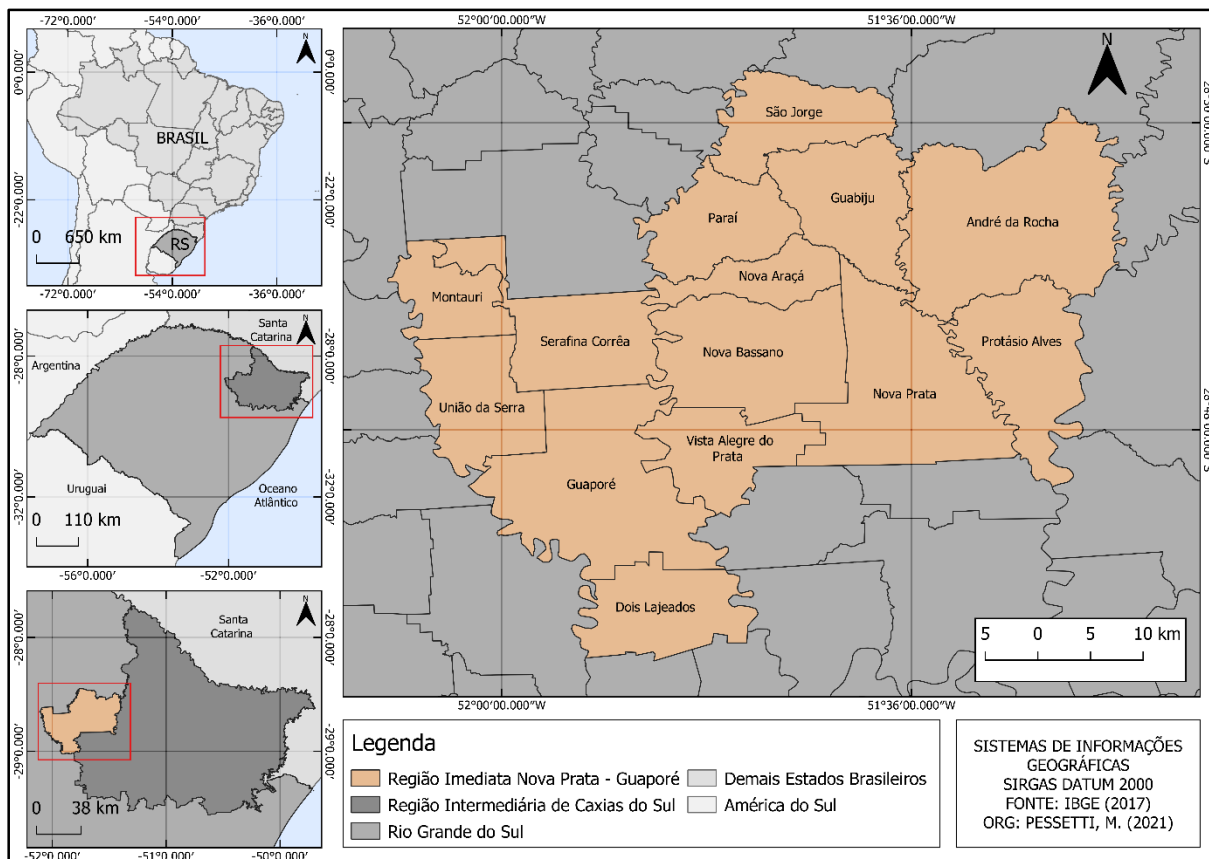
Com base nessa forma de enxergar a cultura como organizadora do espaço, a Serra Gaúcha ganha destaque, pois apresenta uma organização espacial semelhante entre seus municípios. Esses municípios foram colonizados, quase que exclusivamente por imigrantes italianos, além dos alemães e poloneses, que imprimiram suas marcas culturais, e organizaram o espaço geográfico da região de forma que favorece sua economia, se consolidando economicamente e construindo um espaço que remete ao sentimento de identidade desse grupo étnico.

A partir dessa análise em âmbito estadual, e como forma de delimitar uma área de estudo na região da Serra Gaúcha, optou-se por eleger a Região Imediata de Nova

Prata – Guaporé como a unidade territorial em pesquisa. A escolha da mesma se justifica, pois, apresenta forte influência de seus colonizadores na organização de espaço, como também adquire uma noção de continuidade, pois dará sequência às pesquisas realizadas durante o Mestrado em Geografia, o qual trouxe resultados satisfatórios sobre a cultura italiana no município de Serafina Corrêa, o qual faz parte desta Região Imediata.

A Região Imediata de Nova Prata – Guaporé é composta por 14 municípios, os quais foram caracterizados durante a pesquisa, levando-se em consideração aspectos culturais e econômicos que tenham (re)organizado o espaço da região. Os municípios que compõem a região são: André da Rocha, Dois Lajeados, Guabiju, Guaporé, Montauri, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Protásio Alves, São Jorge, Serafina Corrêa, União da Serra e Vista Alegre do Prata (Mapa 1).

Mapa 1 – Localização da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé/RS



Fonte: IBGE, 2021.
 Org.: PESSETTI, M., 2021.

A economia dos municípios que foram selecionados como recorte espacial desta pesquisa, por serem na sua maioria de colonização italiana, foi na sua origem agrícola¹, devido às condições edáficas para a produção das principais culturas que os colonos possuíam a prática. Com o desenvolvimento desses saberes e das técnicas, alguns municípios se desenvolveram economicamente e são polos industriais atualmente.

Com base nisso, a presente tese tem como problemática a análise e a compreensão da forma como se deu a organização espacial e as dinâmicas espaciais e econômicas da Região Imediata de Nova Prata - Guaporé, levando em consideração os aspectos culturais presentes na mesma. A inserção da cultura nesse estudo é importante pois tornar-se-á possível entender como foi o processo de organização e reorganização espacial da RI. Deste modo, apresenta-se a tese de que a cultura influenciou o processo de organização espacial e econômica do recorte regional em análise.

A pesquisa demonstra sua relevância e se justifica, pois, a maioria dos municípios presentes na Região Imediata são de pequeno porte e, portanto, existem poucos estudos que demonstrem a realidade das dinâmicas espaciais e econômicas, dificultando a organização de ações e políticas capazes de auxiliar e potencializar o desenvolvimento socioeconômico. É importante destacar também, que inserir os aspectos culturais neste estudo pode abrir precedentes para que outros pesquisadores se empenhem a desenvolver pesquisas que contemplem as demais regiões e municípios gaúchos, que apresentam sua economia e sua organização espacial alicerçada em diversos grupos étnicos que foram responsáveis pelo processo de ocupação, e que na atualidade não consideram os mesmos em suas pesquisas.

Na busca de respostas para a problemática em foco tem-se como objetivo geral analisar as dinâmicas espaciais e econômicas ocorridas na Região Imediata de Nova Prata - Guaporé/RS, considerando os aspectos culturais presentes em cada município, desde o momento de colonização até a contemporaneidade. Como objetivos específicos busca-se: a) realizar uma caracterização econômica da Região Imediata de Nova Prata - Guaporé; b) investigar de qual forma as marcas culturais presentes na Região Imediata influenciaram na dinâmica espacial da mesma; c)

¹ Os imigrantes italianos, começaram a plantar milho, o qual era matéria prima para a polenta, base de sua alimentação, e a uva, para a produção do vinho (PESAVENTO, 1983).

identificar os processos de (re)organização espacial que aconteceram nos municípios da RI; e d) analisar a diferenciação espacial entre os municípios da Região Imediata a partir da ligação da economia e da cultura.

É importante ressaltar que a pesquisa foi afetada devido à pandemia de COVID-19 que se instalou durante o segundo ano de pesquisa, impossibilitando os trabalhos de campo que estavam previstos, no cronograma físico, para ocorrer durante os anos de 2020 e 2021. Deste modo, os mesmos foram realizados durante o ano de 2022.

Com base nas informações que foram supracitados, bem como nos resultados que foram obtidos durante todo o processo de pesquisa e durante os trabalhos de campo, pode-se elaborar o presente trabalho, o qual foi estruturado em 6 capítulos, visando um melhor entendimento do público alvo.

O capítulo 1 refere-se à introdução, onde está apresentada a temática da pesquisa, bem como sua problemática e objetivos, além de uma breve contextualização da área de estudo.

O capítulo 2 traz os procedimentos metodológicos. Destacando a escolha da abordagem dialética, que foi utilizada com balizadora da pesquisa. Também estão abordadas as etapas metodológicas, utilizadas na pesquisa qualitativa, para atendimento dos objetivos propostos pela pesquisa.

No capítulo 3 está apresentada a fundamentação teórica, com base nos conceitos Espaço, Organização Espacial, Região, Região Cultural, Cultura, Geografia Cultural, Paisagem, Desenvolvimento Econômico e Geografia Econômica. Esses conceitos foram importantes, pois deram alicerce para o trabalho prático.

O capítulo 4 inicia com a explanação dos resultados que foram obtidos, deste modo, o mesmo refere-se à organização econômica e social dos municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé. Neste capítulo é realizada uma profunda análise econômica e social de cada um dos 14 municípios, trazendo a forma como os mesmos se organizaram, baseando-se na cultura colonizadora, bem como as principais atividades econômicas que são desenvolvidas na unidade territorial na atualidade.

O quinto aborda a organização cultural da área analisada, levando-se em consideração os aspectos materiais e imateriais da cultura. A elaboração deste capítulo deu-se através dos resultados que foram obtidos durante a realização dos trabalhos de campo, podendo-se perceber e analisar a forma como os códigos culturais estão intrínsecos na organização espacial de cada município.

O capítulo 6 do trabalho de tese consiste na síntese de todos os dados que foram levantados e abordados nos capítulos 4 e 5. Deste modo, o mesmo apresenta os aspectos gerais da Região Imediata, bem como as características econômicas e culturais da área de pesquisa. Neste capítulo também são apresentadas três regionalizações distintas, as quais foram realizadas por diferentes critérios.

A primeira regionalização apresentada é baseada nos setores econômicos, agrupando os municípios de acordo com o setor econômico predominante. A segunda regionalização foi elaborada levando em consideração os aspectos culturais, deste modo, dividiu-se os municípios em três regiões que foram divididas através do número de códigos culturais que são identificados na unidade territorial. A terceira regionalização traz uma síntese das duas anteriores, fazendo uma sobreposição dos códigos encontrados e dos setores econômicos predominantes, divide os municípios em 6 regiões diferentes.

Por fim, tem-se as considerações finais, responsáveis pelo encerramento da tese, onde foram feitas reflexões sobre os dados e resultados obtidos durante a realização da pesquisa de doutorado. Além disso, são apresentadas as referências que foram utilizadas na construção desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta o trajeto metodológico utilizado durante a realização da pesquisa. Deste modo, serão explanados os procedimentos metodológicos que foram desenvolvidos, bem como a abordagem metodológica que foi escolhida. Para obter um melhor resultado e entendimento dos processos teórico-metodológicos optou-se por estruturar o trabalho em etapas apresentadas no presente capítulo.

2.1 A ABORDAGEM DIALÉTICA COMO APORTE DA PESQUISA

Com a inserção de novas correntes aos estudos da Geografia durante o século XX, principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial, com a Geografia Crítica, a forma como se vê a organização espacial passou a estar diretamente relacionada às formas como o homem se instala e se organiza nesse espaço (SILVEIRA, 2015).

Assim, para estudar a organização do espaço da RI de Nova Prata – Guaporé baseando-se nos aspectos culturais, torna-se necessário utilizar abordagens pré-definidas, as quais auxiliam na classificação e na compreensão da forma como os grupos sociais se consolidaram e (re)organizaram o recorte espacial.

Para chegar aos resultados e sanar os objetivos propostos para a pesquisa, fez-se necessário a utilização da dialética. Tal abordagem é importante para compreender as mudanças que ocorreram no recorte espacial em estudo, pois considera a dinâmica e a transformação do espaço e de seus sujeitos. Deste modo, Becker (2005, p. 57) destaca que a dialética consiste na “[...] inter-relação do todo. A análise é radical, crítica e totalizante”.

A dialética foi utilizada, pois considera que os homens produzem historicamente o espaço fazendo dele um reflexo das ações humanas, em que o espaço condiciona a práxis dos homens, sendo, portanto, reflexo e condicionante (SPOSTIO, 2010).

Desta forma, a abordagem dialética propicia ao pesquisador objetivar percepções que são obtidas através das pesquisas de campo e dos dados que são adquiridos durante as pesquisas em fontes secundárias, fazendo com que haja uma sobreposição dos dados quantitativos e qualitativos. Justificando isso, Lefévre (1983, p. 171) destaca que “os pesquisadores confrontam suas opiniões e contradições

também”. Essa abordagem então, considera a ação do grupo social na formação do espaço e na confecção da paisagem da Região Imediata.

É importante destacar que a dialética possibilita elaborar uma escala cronológica, onde será possível analisar a forma como o recorte espacial selecionado foi (re)organizado e como o grupo social que o colonizou auxiliou no desenvolvimento socioeconômico dos municípios. Isso é possível, pois esse método permite que seja feita uma análise de fatores sociais, de forma crítica, na evolução cronológica (SALVADOR, 2012).

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Segundo Pessôa (2012), a elaboração de um processo investigativo é importante para submeter olhares diversos de acordo com a finalidade de cada pesquisa, ficando a cargo do pesquisador analisar qual a melhor maneira de aplicar a pesquisa de acordo com suas concepções científicas e filosóficas.

Com base nisso, durante a realização da pesquisa foram utilizados diversos instrumentos de coletas de informações apoiadas na pesquisa qualitativa. A partir desse método de pesquisa, foi possível fazer levantamentos bibliográficos acerca dos conceitos que norteiam a pesquisa. Além disso, o trabalho de campo foi essencial para a construção e obtenção dos resultados, pois possibilitou a melhor compreensão da forma como o espaço está organizado, através da observância.

Heidrich (2016, p.21) fala sobre a pesquisa qualitativa e a conceitua como

[...] a prática ou conjunto de procedimentos voltados à coleta de informações que envolvem o uso da linguagem, em geral objetivadas para a captura de subjetividades e/ou significado contidos nos textos produzidos no levantamento em trabalho de campo.

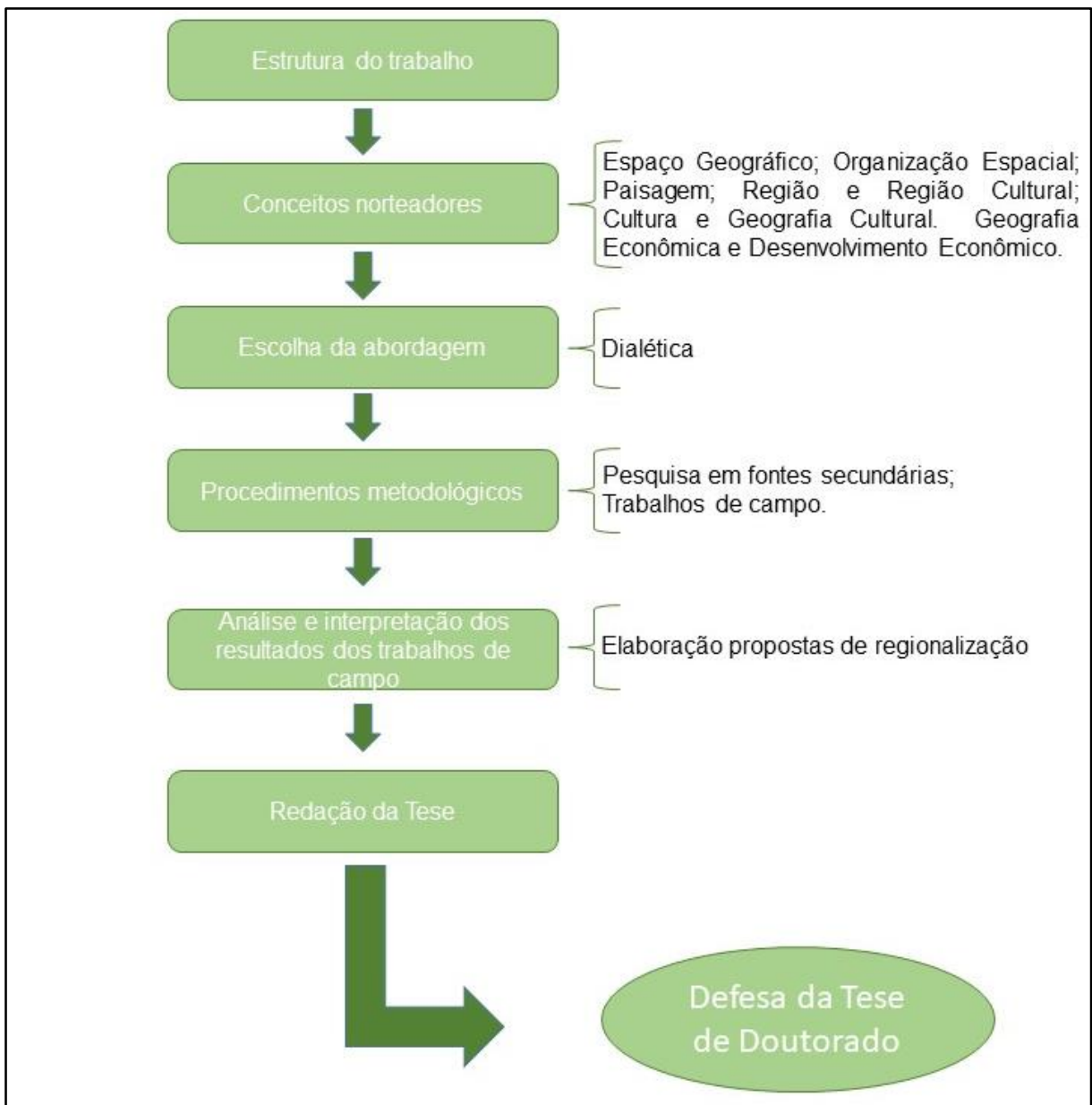
A investigação qualitativa fez-se necessária pois permitiu fazer uma verificação, uma análise e um diagnóstico da temática que está sendo trabalhada. Matos e Pessôa (2009, p. 282) destacam a necessidade da utilização desta técnica, pois é uma abordagem interpretativa, constituindo também a necessidade de registros de informações, coleta de dados e a sua organização para posterior análise.

Além dos dados qualitativos, fez-se necessário a utilização de dados quantitativos. Esses dados deram aporte para a pesquisa qualitativa, tornando

possível realizar uma sobreposição destes dados, obtendo-se assim resultados satisfatórios.

Deste modo, para melhor organização da coleta de dados e facilitar a análise dos resultados obtidos, otimizando assim o tempo de pesquisa, optou-se por dividir a pesquisa em etapas (Figura 1). Essas etapas fazem com que sejam traçadas metas pontuais para cada fase da pesquisa, auxiliando o pesquisador com o rumo da mesma.

Figura 1 – Fluxograma do caminho metodológico utilizado na realização da pesquisa



Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

A primeira etapa da pesquisa ficou por conta da consolidação da temática e a definição do problema de pesquisa, sem os quais os trabalhos não poderiam continuar. Além disso, também foram elaborados e finalizados os objetivos, bem como a escolha de qual método seria mais eficiente para alcançar esses objetivos e responder a problemática central da pesquisa.

Com esses fatores já concluídos, fez-se necessário a revisão bibliográfica, tendo como principais conceitos o Espaço, Região, Organização Espacial, Cultura, Geografia Cultural, Paisagem, Geografia Econômica e Desenvolvimento Econômico (Quadro 1). Para alimentar o referencial teórico, foi realizado um amplo levantamento em teses e dissertações publicadas sobre o assunto, bem como periódicos, livros, e demais publicações que tratassem sobre os assuntos trabalhados. Com essa fase, foi possível enriquecer e fortalecer o suporte teórico para a análise dos resultados que foram obtidos durante os trabalhos de campo e a pesquisa em fontes secundárias.

A segunda etapa da pesquisa, consistiu no levantamento de dados em fontes secundárias. Essas fontes possibilitaram a obtenção de dados que foram importantes para compreender a dinâmica econômica e social da RI em análise.

Com o intuito de obter dados mais fidedignos, foram utilizadas diversas fontes secundárias. A primeira, e a mais utilizada, foi o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde foram utilizados os dados disponíveis nos Censos Agropecuário e Demográfico². A partir desses dados, foi possível realizar um levantamento econômico e social de cada município.

O IBGE possibilitou a seleção dos dados que foram trabalhados, bem como forneceu dados detalhados sobre os aspectos sociais e econômicos. Estes dados foram utilizados para realizar o levantamento socioeconômico da Região Imediata, bem como para caracterizar cada um dos 14 municípios. Além disso, utilizou-se estes dados secundários como critérios para duas das regionalizações que foram propostas como resultado desta pesquisa.

Além disso, com os dados deste órgão foi possível compreender as atividades econômicas que são desenvolvidas em cada município, bem como alguns indicadores econômicos, como PIB e renda per capita.

² Os dados do Censo Demográfico de 2022 foram divulgados pelo IBGE no dia 28/06/2023, sendo um dia antes da defesa da Tese. Por esta razão há dados referentes ao Censo de 2010 e dados do Censo de 2022.

Quadro 1 – Temáticas e autores utilizados na construção da revisão bibliográfica da pesquisa.

Temática trabalhada	Autores utilizados
Espaço Geográfico	Barbosa (2014); Bezzi e Marafon (2005); Becker (2006); Conceição (2018); Corrêa (2002, 2003); Dolffus (1991); Holzer (1992); Polon (2016); Santos (1978, 1986, 1996, 1997, 1998)
Organização espacial	Carlos (1996); Corrêa (1986, 2000, 2003, 2011); Dill e Dornelles (2019); Filho, Quaresma e Rodrigues (2008); Harvey (2006); Santos (1980, 1985, 1996, 2008); Silveira (2015);
Paisagem	Besse (2013); Brasil (2009); Brum Neto e Bezzi (2008); Chabason (1989); Claval (2007); Cosgrove (1998); Duncan (2004); Lorensi (2017); Maximiano (2004); Merleau-Ponty (1999); Pedrotti (2001); Pimenta (2016); Ribeiro (2007); Santos (2014); Sauer (1998); Sell (2017); Torelly (2008); Vasconcelos (2012);
Região e Região Cultural	Bezzi (2002, 2004); Brum Neto e Bezzi (2009); Carvalho (2002); Castro (1992, 1994); Christofolleti (1983); Corrêa (1986, 1995); Frémont (1980); Gilbert (1988); Gomes (1995); Haesbaert (2019); Hartshorne (1978); Lencione (2013); Oliven (1992).
Cultura e Geografia Cultural	Becker (2006); Bezzi (2004); Bezzi e Marafon (2005); Caldas (2008); Claval (1999, 2002, 2007); Corrêa e Rosendahl (2000, 2005, 2007); Cosgrove e Jackson (2000); Duncan, Johnson e Schein (2004); Lorensi (2017); Marconi e Presotto (2005); Mondana e Södertröm (2004); Piccin (2009); Santos (2005); Seeman (2003); Voigt (2013); Wagner e Mikesell (2003);
Geografia Econômica e Desenvolvimento econômico	Andrade (1998); Araújo Jr. (2015); Brandão (2004); Breitbach (2004); Cima e Amorin (2007); Chorincas (2001); Hernández (2003); Krugman (2017); Lan (2017); Moreira (1981); Pereira (2008); Rodrigues (2008); Santos (1977); Singer (1988); Tartaruga (2017);

É relevante destacar que, para análise dos dados de produção, levou-se em conta alguns critérios. Em relação à agricultura, foram considerados os produtos agrícolas que possuíam um valor de produção superior a R\$ 100.000,00. Tal fato deixou os dados que foram analisados mais homogêneos, facilitando a redação do trabalho.

No que se refere à pecuária, para ser realizada uma análise mais consistente e eficiente, optou-se por levar em consideração os dados sobre o número efetivo do rebanho. Deste modo, foram analisadas as criações de animais que apresentassem um efetivo de rebanho com mais de 1.000 cabeças.

Baseando-se nos dados que foram obtidos durante a pesquisa em fontes secundários, se pode elaborar duas regionalizações. A primeira foi elaborada a partir dos dados econômicos, tendo como critério os setores econômicos predominantes. A segunda foi desenvolvida fazendo uma sobreposição com os aspectos culturais que foram obtidos durante o trabalho de campo.

Além dos órgãos citados acima, os sites das prefeituras municipais foram uma das fontes utilizados para realizar o levantamento histórico de cada uma das unidades territoriais em análise. Com a consulta nessas fontes tornou-se possível fazer a caracterização histórica do processo de ocupação e de formação do município em si, bem como quais foram os principais movimentos migratórios e as atividades econômicas desenvolvidas durante o processo de formação até os dias atuais.

A terceira etapa da pesquisa consistiu na realização do trabalho de campo, para compreender como a população e os órgãos competentes compreendem a forma como a cultura colaborou para a organização espacial dos municípios da RI. Inicialmente, esta etapa estava marcada para acontecer durante os anos de 2020 e 2021, porém, devido à pandemia de COVID-19, não foi possível a realização dos mesmos, tendo sua realização sido efetivada no ano de 2022.

Durante o campo, foram realizadas pesquisas na área urbana e na área rural dos municípios, com o intuito de observar e compreender como está organizada espacialmente a Região Imediata. Os trabalhos de campo foram realizados sem roteiro pré-definido, sendo elaborado e se adaptando durante a realização dos mesmos. Foram realizadas entrevistas livres com moradores e gestores de órgãos responsáveis que possibilitaram a compreensão, do ponto de vista social, sobre a questão cultural dos municípios.

A realização do trabalho de campo foi importante para a visualização in loco dos dados que foram obtidos durante as pesquisas em fontes secundárias, bem como a visualização das dinâmicas socioespaciais de cada município. Foi realizada captura de fotografias para ilustrar a redação final da tese.

A quarta e última etapa foi a análise dos resultados, onde foram analisados os resultados que foram obtidos até durante a três primeiras etapas. A partir da finalização das etapas estabelecidas previamente, foi possível alcançar os objetivos que foram propostos para a pesquisa.

Os primeiros dois objetivos, foram alcançados e apresentados na primeira metade dos 4 anos de pesquisa, quando se deu o exame de qualificação, em setembro de 2021. Neste período, foi possível realizar uma regionalização da RI, onde agrupou-se os municípios da Região Imediata baseados nos setores econômicos predominantes. Com base nisso, percebe-se que a forma de analisar os dados foi bastante satisfatório, devido à rica descrição da estrutura espacial, social e econômica de cada município que, ao serem analisadas de forma conjunta, acaba criando uma organização espacial em âmbito regional, atendendo assim à tese proposta.

Além disso, partindo dos dados trabalhados e apresentados, tornou-se possível compreender a forma como a dinâmica econômica e espacial do município se (re)organiza, trazendo impactos culturais nas unidades territoriais da região. A compreensão dessas dinâmicas, bem como a observação durante os trabalhos de campo que foram realizados, possibilitaram fazer uma análise mais completa, atrelando a organização espacial e econômica à cultura, a qual foi analisada através das marcas culturais dos grupos étnicos que ocuparam e organizaram o espaço urbano e rural da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé.

Através da análise cultural, pode-se observar a forma como a mesma está inserida na área em estudo. Deste modo, realizou-se um levantamento dos códigos culturais que são percebidos e estão intrínsecos na organização espacial de cada um dos municípios, através dos aspectos materiais e imateriais da cultura. Os códigos culturais buscados são os que mais caracterizam os grupos étnicos, entre eles foram a oralidade, gastronomia, arquitetura, religiosidade e as festividades. A partir das observações, percebe-se que os principais códigos encontrados nas unidades territoriais que constituem a região são a religiosidade e a arquitetura.

Com a inserção da cultura na pesquisa, após os trabalhos de campo, foi realizada uma nova forma de regionalização, onde foram levadas em consideração as

marcas culturais na paisagem, tanto no espaço rural quanto no urbano. Com isso, a construção de uma análise espacial baseada nos aspectos culturais alcançou resultados que sanaram os objetivos propostos.

Durante a quarta etapa, toda a teoria obtida durante o levantamento bibliográfico, e a parte prática, que foi obtida durante a pesquisa em fontes secundárias e trabalhos de campo, foi utilizada para confeccionar o trabalho final. Ao decorrer desta etapa, foram desenvolvidas três regionalizações distintas, as quais foram realizadas por diferentes critérios.

A primeira regionalização apresentada é baseada nos setores econômicos, agrupando os municípios de acordo com o setor econômico predominante. A segunda regionalização foi elaborada levando em consideração os aspectos culturais, deste modo, dividiu-se os municípios em três regiões que foram divididas através do número de códigos culturais que são identificados na unidade territorial. A terceira regionalização traz uma síntese das duas anteriores, fazendo uma sobreposição dos códigos encontrados e dos setores econômicos predominantes, divide os municípios em 6 regiões diferentes.

É relevante destacar, que a forma como a pesquisa foi elaborada é bastante eficiente, pois ela foi estruturada de forma crescente, onde cada etapa deu alicerce para a próxima.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo discute a noção da organização espacial e a dinâmica econômica estarem diretamente relacionadas à cultura de um determinado grupo social. Durante essa discussão, serão apresentados conceitos norteadores, os quais foram responsáveis por dar o aporte teórico para a pesquisa que está sendo apresentada.

Os conceitos trabalhados foram selecionados com base nas necessidades e objetivos traçados durante a construção da pesquisa, sendo a Organização Espacial e a Cultura os principais. Além disso, são abordados os conceitos de Espaço, Geografia Cultural, Região e Região Cultural, bem como os conceitos de Geografia Econômica e Desenvolvimento Econômico, que foram necessários para fazer a relação entre a cultura e a organização espacial.

Esses conceitos foram articulados e selecionados baseando-se nas necessidades que foram sendo identificadas durante a consolidação do tema da pesquisa e da problemática trabalhada. Deste modo, o levantamento se deu através de uma vasta revisão bibliográfica, a qual auxiliou na consolidação da matriz teórica e resultou no referencial apresentado a seguir.

3.1 O CONCEITO DE ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO ATUAL

Os estudos geográficos estão presentes no cenário científico desde o início da humanidade, antes mesmo da Geografia tornar-se ciência. Nota-se essa vivência, através das descobertas de mapas utilizados durante o período das Grandes Navegações, que demonstravam o conhecimento humano sobre o Espaço Geográfico. Além disso, as presenças dos saberes geográficos tornam-se presentes nas primeiras sociedades, que utilizavam os saberes sobre clima e solo, possibilitando as práticas agrícolas, que foram responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade humana. Apesar da existência desse saber geográfico, a Geografia só se torna uma ciência a partir do século XIX (BEZZI e MARAFON, 2005).

As preocupações da Geografia enquanto ciência vieram sempre na tentativa de explicar as relações entre a sociedade e a natureza. Durante cada Escola Geográfica (Geografia Tradicional, Nova Geografia e Geografia Crítica) os geógrafos

priorizavam algum ramo da Geografia, e atribuindo significados diferentes aos mesmos conceitos (BECKER, 2006).

Os estudos espaciais estão presentes desde o primórdio da Geografia, antes mesmo da disciplina se caracterizar como uma ciência. Durante o processo de concretização da Ciência Geográfica e com a evolução dos pensamentos da Geografia Tradicional, o espaço passa a ser tratado como um conceito secundário, que margeava os conceitos principais de Região e de Paisagem (POLON, 2016).

Segundo Corrêa (2000), durante a Geografia Tradicional o espaço era trabalhado em algumas obras, mesmo que de maneira indireta. Essas obras, principalmente de Friedrich Ratzel e Richard Hartshorne, que abordam o conceito associado ao território, espaço vital e ao espaço absoluto.

A obra de Ratzel durante o Geografia Clássica torna o espaço como uma base indissociável à vida. Tratando-o dessa forma, o autor constrói o conceito de território, que consiste na apropriação de uma parcela do espaço por um determinado grupo, bem como o conceito de espaço vital, o qual consiste nas necessidades territoriais desse grupo em função de seu desenvolvimento. Com a conceituação do espaço absoluto, por Hartshorne, o espaço assume a noção de que uma área possui uma combinação única de fenômenos naturais e sociais, ou seja, um espaço absoluto, único (CORRÊA, 2003).

O espaço, durante a Geografia Clássica assumia um papel secundário no campo investigativo dessa escola geográfica. Deste modo, a categoria de análise espaço não considerava que o mesmo era construído a partir das relações do homem com o meio. Tal fato, fez com que os estudos sobre o espaço como sendo algo construído e em constante evolução, o qual é formado através das interações sociais com o meio, não foram tão significativos durante este período (BECKER, 2006).

A partir da Geografia Teórica-Quantitativa, o espaço passa a ter a sua concepção através de duas vertentes, as quais compreendem-no como uma Planície Isotrópica – sendo uma planície com as mesmas propriedades físicas em todas as direções – e Representação Matricial, tratando-o como uma superfície plana, onde cada uma das células está diretamente associada a uma porção do terreno. Com essas duas vertentes, percebe-se que o espaço passa a ter concepções objetivas e numéricas, as quais são as principais características dessa escola geográfica (CORRÊA, 2000).

Apesar de o espaço ser considerado um conceito-chave na Geografia durante a Geografia Teórica-Quantitativa, os estudos acerca deste conceito foram bastante limitados. Tal fato acontece, pois, o espaço é representado apenas por uma matriz, não levando em consideração os seus agentes sociais e suas contradições (CONCEIÇÃO, 2018).

Durante o processo de reorganização das paisagens na Europa, que haviam sido duramente devastadas e modificadas devido à Segunda Guerra Mundial, diversas inquietudes surgiram entre os estudiosos. Esses questionamentos pautaram-se principalmente na necessidade de uma nova análise desses espaços, que por séculos foram descritos pelos geógrafos como imutáveis. Deste modo, inicia-se um processo de renovação na Geografia, que deu origem à Geografia Crítica.

O surgimento dessa Geografia Crítica teve sua base fundamentada no Materialismo Histórico e na Dialética, com o intuito de romper os paradigmas já ultrapassados da Geografia Clássica e da Geografia Teórica-Qualitativa. Com base nisso, o espaço passa a ser novamente conceito-chave da Geografia, mas assumindo o papel de ser o local de reprodução das relações sociais de produção, ou seja, o local onde existe a reprodução dos agentes sociais (CORRÊA, 2003).

No Brasil, um dos principais autores da Geografia Crítica, Milton Santos, caracteriza em sua obra “Por uma Geografia Nova” (1978) o espaço como sendo um conjunto de formas que representam as relações sociais do passado e do presente, manifestando-se através de processos e funções.

Com base nisso, Santos (1978, p. 171) destaca que

[...] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção localizada feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.

O autor argumenta que o espaço está sempre em transformação (re)construído com base nas questões impostas pelos grupos sociais que o estão ocupando, bem como as dinâmicas naturais e econômicas. Deste modo, Santos (1978, p. 145), relata que o espaço passa a se apresentar como um fator social e não apenas um reflexo social. Baseia essa afirmação quando analisa que “[...] o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-

subordinante. É como as outras instancias, o espaço, embora submetido à ideia de totalidade, dispõe de uma certa autonomia”.

A partir da década de 1970, com o surgimento da Geografia Humanista, as pesquisas começaram a utilizar o método fenomenológico como aporte para seus estudos. Esse método, consiste na análise da subjetividade dos fenômenos formadores do espaço. Com a utilização desse novo método, a paisagem e o lugar voltam a ser conceito-chave para a construção geográfica e o espaço assume o significado de espaço vivido. Holzer (1992, p. 440), fala sobre o espaço vivido e diz que “o espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido”.

Corrêa (2003, p. 15) coloca seu ponto de vista sobre a construção do conceito de espaço quando diz que

[...] a expressão espaço geográfico ou simplesmente espaço, por outro lado aparece como vaga, ora estando associada a uma porção específica da Terra identificada seja pela natureza, seja por um modo particular como o homem ali imprimiu as suas marcas, seja como referência à simples localização. Adicionalmente a palavra espaço tem seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo no seu interior.

A análise feita pelo autor, utilizando diversas escalas para falar sobre o espaço é relevante, pois todas as ações que forem efetivadas no mesmo irão impactar e refletir nas diversas maneiras de organização, composição ou no seu processo de construção. Deste modo, utilizando essa concepção, a pesquisa acerca do espaço torna-se mais concreta e relevante.

O espaço formado através das ações antrópicas está em constante transformação, visto que a ação do homem altera o meio em que vive, modificando e produzindo seu espaço habitado. Além disso, o homem reconstrói seu espaço a partir das diversas dinâmicas baseadas no processo histórico. Dollfus (1991, p. 11) aponta que “a fisionomia da Terra está em perpétua transformação. Toda a paisagem que reflete uma porção do espaço ostenta as marcas de um passado mais ou menos remoto, apagado ou modificado de maneira desigual, mas sempre presente”.

Santos (1997) destaca que o espaço deve ser tratado como algo que funciona em uma totalidade. Apesar disso, é possível fazer a divisão desse espaço em partes, as quais irão formar a totalidade espacial. Deste modo, o autor divide os elementos do espaço, que consistem em: os homens – produtores do espaço -; as firmas –

produção de bens, serviços –; o meio ecológico – a base física do trabalho humano - as instituições – produzem as normas ordens -; e as infraestruturas – materialização do trabalho humano. Sendo assim, esses elementos, em consonância, formarão a totalidade do espaço geográfico.

O processo de transformação do espaço geográfico, assim como qualquer dinâmica geográfica, não é algo recente. Essas transformações são resultado, principalmente, de questões históricas e culturais, que vão refletir diretamente no espaço.

Através do tempo histórico, cada elemento do espaço geográfico muda sua função e sua posição no sistema temporal e no sistema espacial. Com base nisso, cada lugar irá atribuir para cada elemento que constitui o espaço um valor específico, levando em conta a subjetividade desse lugar (SANTOS, 1998).

Com o avanço dos estudos científicos, o espaço começa a aparecer em vários discursos acadêmicos, como um conceito-chave, que reflete aceções de acordo com a ciência que o utiliza. Deste modo, o espaço pode ser considerado econômico, político, cultural, etc.

Esse pressuposto de um espaço múltiplo, que é resultado de diversas especificidades que devem ser trabalhadas juntas, faz com que os pesquisadores utilizem o conceito do espaço vinculado à subjetividade, como já fora citado. Desta maneira, é necessário que seja trabalhado o espaço com o enfoque espacial bem como o enfoque temporal.

Santos (1986) remonta então que o objetivo da Geografia é a análise das sociedades baseada na dinâmica espacial. Para isso, é necessário que haja uma periodização dos acontecimentos históricos nesse espaço, que irão possibilitar a compreensão de maneira mais efetiva da dinâmica espacial.

A utilização da escala temporal nos estudos espaciais faz com que sejam explicadas as novas dinâmicas espaciais da atualidade, principalmente durante o processo de globalização. Tal fato se explica, pois, a partir do momento em que há uma universalização do espaço mundial, em que as culturas sofrem forte hibridização, os espaços tendem a se tornar bastante semelhantes, perdendo as suas subjetividades.

Santos (1998, p. 50) fala sobre o impacto da globalização no espaço geográfico quando afirma

[...] o processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico cujas principais características são, além de uma tendência à formação de um meio técnico, científico, e informacional: a transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional; a exacerbação das especializações produtivas no nível do espaço [...].

Esse processo de mundialização do espaço geográfico tende a ser causado, principalmente, por pressões do capital, o qual necessita que o espaço se adapte as necessidades do mercado, aumentando assim seu faturamento. Essa nova dinâmica econômica não leva em consideração as consequências de sua ação, podendo descaracterizar a cultura que construiu um espaço geográfico, fazendo com que haja uma reconfiguração desse espaço apagando, muitas vezes, as rugosidades³ do mesmo.

Diversos autores criticam a forma que o capital impacta a organização do espaço e, principalmente, a forma como os cientistas trabalham essa questão nos estudos espaciais. Um dos principais críticos foi Santos (1996, p. 17), que analisa o processo de mundialização.

O autor destaca que

[...] a mundialização que se vê é perversa. Concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, cientificização da burocracia, centralização agravada das decisões e da informação, tudo isso forma a base de um acirramento das desigualdades entres países e entre classes sociais, assim como da opressão e desintegração do indivíduo.

Esses fatores que mostram a dinamicidade espacial são compreendidos através dos fixos e dos fluxos, que são caracterizados pelo trabalho humano materializado e pelo movimento e circulação. Os fixos consistem nos sistemas de trabalho agregados a natureza, ou seja, qualquer trabalho humano modifica o que antes era natural. Por conseguinte, os fluxos representam o resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos (BARBOSA, 2014).

Percebe-se, portanto, que o espaço é um conceito que está em constante evolução, principalmente atrelados às concepções da dialética e da fenomenologia. Deste modo, o estudo desse conceito é bastante difícil, visto que possibilita a abertura de um leque bastante grande de possibilidades.

Com base nisso, segundo Santos (1996, p. 71) o espaço é

³ O conceito de “rugosidades é debatido no item 3.2.

[...] um conjunto de objetos e relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mais para os quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais.

Utilizando desses conceitos trabalhados, é relevante contribuir para um conceito atual de espaço, que consiste em tudo aquilo que há a interação do homem com o meio, levando-se em consideração os aspectos culturais, econômicos, políticos e históricos. A forma como esses aspectos incidem sob esse espaço, irão construir, destruir e reconstruir o espaço, caracterizando-o assim conforme a sociedade que o ocupa. Em razão disso, pode-se afirmar que o espaço é o resultado das ações exercidas pelo homem, que imprimem suas especificidades no espaço natural.

3.2 A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL BASEADA NA CULTURA

A construção do espaço como um conceito-chave da ciência geográfica aconteceu durante o tempo histórico e conforme os estudos geográficos avançavam, principalmente com os novos paradigmas que surgiam à medida que novas vertentes iam surgindo. Com a criação da Geografia Crítica, durante a década de 1970, o espaço assume papel chave nos estudos e passa a ser visto como resultado da ação humana que se realiza através do movimento da sociedade sobre o meio natural.

O espaço passa a ser visto, portanto, como um espaço produzido, com base na acepção, idealizada por Lefebvre nos anos de 1960. Essa teoria surge como uma resposta às contradições sociais e espaciais causadas após a Segunda Guerra Mundial e à Crise do Capital, que modificaram as paisagens que haviam sido descritas durante séculos pelos geógrafos (CORRÊA, 2003).

Com base nessa questão, Santos (2008, p. 8) afirma que o espaço

[...] deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Levando-se em consideração esta afirmação, pode-se compreender que o espaço então é organizado e reorganizado a partir das ações humanas sob o meio físico. Deste modo, a organização espacial é baseada na econômica, cultura, política, etc.

Conforme Santos (1996), os elementos do espaço devem ser considerados como variáveis que mudam seu papel a cada momento histórico, levando em consideração a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial. O espaço é (re)organizado, conforme as relações sociais que ocorrem em sua área.

As formas de movimentos da sociedade são responsáveis pela atribuição de novas funções às formas geográficas, transformando assim, a organização do espaço. Essas dinâmicas sociais geram novos movimentos históricos, que por sua vez acabam redefinindo a função de um determinado lugar, possibilitando uma nova dinâmica espacial, tornando a relação do homem com o espaço cada vez mais como um processo de organização fechado.

Partindo desse pressuposto Santos (1980), utiliza o conceito de rugosidades para complementar o assunto, analisando que o processo de produção do espaço consiste, ao mesmo tempo, em na construção e na destruição das formas e funções de um determinado lugar.

Analisando este fato, Santos (1980, p. 138) analisa que

[...] as rugosidades os oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados [...]. O espaço, portanto, é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudanças de processos, ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que os outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

Com as afirmações do autor, compreende-se que as rugosidades consistem nas formas espaciais que foram produzidas no passado, em momentos distintos do modo de produção. Essas rugosidades, por terem sido produzidas em diversos períodos temporais, apresentam características socioculturais específicas, podendo ser periodizadas baseadas no desenvolvimento do modo de produção e nas condições técnicas que são substituídas ou melhoradas.

As rugosidades podem ser analisadas, quando for eleita uma determinada área de estudo, com base nas mudanças econômicas ocorridas nessa área. A forma como o espaço se organizou e se organizou, através da dinâmica econômica, deixa marcas que podem ser identificadas e temporizadas. Além disso, esse processo de reorganização deixa marcas culturais que são vistas na paisagem da área em estudo.

Com base nisso Corrêa (2011), aponta que falar em organização é uma tarefa difícil e complexa, pois é necessário reunir, de forma crítica, conceitos oriundos de diversas matrizes, muitas vezes contrastantes. A utilização da cultura nas análises da organização espacial, remete diretamente ao conceito de rugosidades.

O processo de organização espacial tem seu combustível através do movimento dialético da totalidade das partes, fazendo com que a formação de novas dinâmicas espaciais reflita a totalidade de uma área, com base em combinações em diferentes escalas temporais. Essa afirmação é validada com as palavras de Carlos (1996, p. 129) quando diz que “a construção de um espaço novo a partir de um preexistente inclui a articulação da técnica e do saber à gestão onde o Estado, ao lhe atribuir funções, constitui-se em um espaço de dominação”.

Com base nisso, considera-se que o estudo da organização espacial se justifica, pois, a ação humana é uma ação espacialmente diferenciada sobre um meio também diferenciado. Deste modo, a análise desse espaço produzido pelas sociedades é uma forma de distinguir os homens dos animais, visto que a sociedade imprime suas marcas no espaço, a qual consiste na principal característica da humanidade.

Corrêa (2011), destaca que a organização espacial, assim como a construção social assume diversos papéis, caracterizando-se assim como multidimensional. Deste modo, a forma como esse fenômeno ocorre apresenta várias dimensões, que englobam as dimensões econômica, política e cultural, cada uma apresentando diferentes processos e formas de organização, mas integradas na mesma formação social. Nota-se, portanto, que essa multidimensionalidade da organização espacial é a causadora de múltiplas espacialidades, que acabam, ora se complementando, ora se sobrepondo.

Essa visão de multidimensionalidade pode torna-se caótica se não forem considerados as subjetividades de cada espacialidade. Com base nisso, Corrêa (2011, p. 8) diz que

Compete ao geógrafo tornar inteligível não apenas cada uma das espacialidades, mas também o complexo conjunto delas no espaço. Para isto, as diferentes interpretações contidas na teoria e localização são, no mínimo, um ponto de partida.

Com as palavras do autor é possível compreender que a análise da organização do espaço é um conteúdo complexo e que deve ser trabalhado através da articulação entre as diversas espacialidades. A construção dessas diferentes espacialidades é feita através da subjetividade dos agentes formadores, com base na organização social e econômica daquele que está ocupando esse espaço.

A forma de organização do espaço, através das rugosidades deixadas por grupos culturais devem ser levadas em consideração na hora da análise espacial por compreenderem o modo de vida e a forma como esses grupos se relacionam com o ambiente em que habitam. A formação espacial com base na cultura, leva em consideração os lugares e as identidades construídas através do tempo, baseando-se nos aspectos culturais que são impressos no espaço geográfico, tornando-o assim um espaço total, em que homem e meio são agentes formadores e transformadores nessa dinâmica espacial (DILL e DORNELES, 2019).

Utilizando-se a concepção de formação espacial através das dinâmicas cultural e econômica, é necessária a compreensão do processo dialético tempo e espaço. Para isso, o espaço tem que ser analisado como a base de movimentos dialéticos que vão ser incorporados e irão (re)organizar esse espaço, a partir da nova dinâmica que está sendo implantada. Esse fenômeno é bastante comum na atualidade, a partir da intensificação do processo de urbanização (SILVEIRA, 2015).

Esse processo que vem se intensificando nas últimas décadas, utiliza o capital para justificar as mudanças necessárias impostas à dinâmica espacial de determinado local. Deste modo, a cultura acaba por pleitear essa reorganização, visto que o capital se utiliza das dinâmicas culturais para se concretizar de maneira mais forte no espaço.

Sobre a presença do capital no processo de organização espacial, Harvey (2006, p. 80) afirma que

O capitalismo tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica [...] como solução parcial para suas crises e seus impasses. Assim, ele constrói e reconstrói uma Geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infraestruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase da história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior.

A utilização da cultura pelo capital traz novas formas de produção e de sistemas econômicos, visto que a dinâmica econômica e as atividades exercidas se modificam.

Deste modo, o espaço geográfico se organiza para atender à essas novas necessidades impostas pelo capital, formando assim, uma paisagem construída especificamente para isso, fazendo com que assumam as características desejadas pelo capital.

Essa “virada espacial” que vem acontecendo, principalmente com o avanço da globalização, vem trazendo à tona, cada vez mais, as concepções de Lefebvre acerca da teoria da produção do espaço. Deste modo (Filho, Quaresma e Rodrigues, 2008 s/p) dizem que a organização espacial

[...] deve ser caracterizada como entidade organizada na superfície terrestre formada pelos subsistemas físico/natural e antrópico, bem como por suas interações. O subsistema físico/natural é composto por elementos e processos relacionados ao clima, solo, relevo, águas e seres vivos, enquanto os componentes e processos do subsistema antrópico são aqueles ligados à população, urbanização, industrialização, agricultura e mineração, entre outras atividades e manifestações humanas, a exemplo da cultura e da política.

Esse novo modo de estudo da organização espacial traz para os estudos geográficos a inserção da subjetividade, levando-se em consideração a análise fenomenológica e dialética. Com base nisso, a utilização da cultura é de suma importância para compreender as dinâmicas espaciais na área que está sendo analisada.

Sendo assim, para que os estudos espaciais sejam relevantes, deve-se utilizar um conjunto de métodos, que irão se complementar e enriquecer a pesquisa a ser desenvolvida. Um desses métodos que podem ser utilizados, é a fenomenologia, que será importante para compreender a subjetividade dos agentes sociais.

Além desse método, a dialética marxista, com base no materialismo histórico, dará a base para compreender a forma como o tempo e as dinâmicas econômica, política e cultural organizaram o espaço. A utilização da dialética marxista é a mais utilizada para os estudos de organização espacial, por trazer os estudos do materialismo histórico, os quais conseguem compreender a subjetividade dos aspectos culturais através de fenômenos materiais. (CORRÊA, 1986).

Santos (1985) divide a organização do espaço a partir das categorias forma, função, estrutura e processo. Essas categorias iriam ser responsáveis por caracterizar esse processo de formação espacial. Deste modo, a forma seria os aspectos visíveis

e a área externa de cada objeto, enquanto que a função consistiria na tarefa desenvolvida por essa forma.

A estrutura se caracteriza por ser à maneira como os objetos se organizam, bem como se relacionam entre si. Com base nisso, pode-se afirmar que a estrutura seria a natureza social e econômica de uma sociedade em um recorte de tempo (CORRÊA, 1986).

Com base na estrutura espacial sendo resultado da interação de várias estruturas que estão conectadas, Santos (1985, p. 17) lembra que

A estrutura espacial é algo assim: uma combinação globalizada de uma estrutura demográfica específica, de uma estrutura de produção específica, de uma estrutura de renda específica, de uma estrutura de consumo específica, de uma estrutura de classes específica e de um arranjo específico de técnicas produtivas e organizativas utilizadas por aquelas estruturas e que definem as relações entre os recursos presentes.

Utilizando-se essa concepção, percebe-se que a estrutura está diretamente correlacionada à construção do espaço e à organização deste mesmo espaço. Além disso, o pesquisador não deve analisar a forma das coisas sem se interessar pela formação. Sendo assim, o processo de formação dos agentes do espaço deve ser considerado para obter resultados mais satisfatórios nas pesquisas espaciais.

O processo consiste na atuação do agente social, o qual é responsável por construir, (re)construir e (des)construir as formas do espaço ao longo de um período histórico. Esses agentes sociais se utilizam da cultura e da economia, atrelada ao capital, para organizar o espaço conforme as suas necessidades. Deste modo, Corrêa (1986), aponta que esse processo é dinâmico, sendo ao mesmo tempo resultado e condição de história.

A partir da compreensão dessa dinâmica, torna-se necessário a análise do espaço com base em todos esses aspectos, sob pena de não se compreender de maneira correta os diversos aspectos que são responsáveis pela formação do espaço.

Santos (1985, p. 56) disserta sobre isso falando que

Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles. Se examinarmos apenas a forma e a estrutura, eliminando a função, perderemos a história da totalidade espacial, simplesmente porque a função não se repete duas vezes. Separando estrutura e função, o passado e o presente são suprimidos, com o que a ideia de transformação nos escapa as instituições se tornam

incapazes de projetar-se no futuro. Examinar forma e função, sem a estrutura, deixa-nos a braços com uma sociedade inteiramente estática, destituída de qualquer impulso dominante. Como a estrutura dita a função, seria absurdo tentar uma análise sem esse elemento.

Analisar os processos de organização do espaço com base nesses aspectos, acrescido do processo, visto como uma escala temporal, possibilita uma análise mais detalhada e mais fiel a realidade. Levando-se em consideração que o pesquisador utilize os conceitos de maneira dissociada, a pesquisa obterá resultados superficiais, ficando bastante limitada à descrição dos fenômenos.

Como uma forma de compreensão geral, a organização espacial é, portanto, uma materialidade social, sendo construída pelo homem ao fazer sua própria história no tempo. Corrêa (2000, s.p.) diz que “a organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução)”.

3.3 O PAPEL DA PAISAGEM NO CENÁRIO CULTURAL

A paisagem é uma das principais categorias de análise da Geografia. Inicialmente era trabalhada como algo físico, ou seja, paisagem era tudo aquilo que se via. As sociedades antigas expressavam suas concepções de paisagem através da arte, nota-se tal fato pelas inúmeras pinturas rupestres, quadros e telas que são patrimônio mundial nos dias atuais (MAXIMIANO, 2004).

Apesar da gênese das concepções da paisagem estarem atreladas à pré-história, somente por volta do ano de 1900, que o conceito surgiu na Geografia, na Escola Alemã. As discussões deste conceito estiveram presentes na evolução da própria ciência geográfica, se reconstruindo a cada geógrafo que focava nesses estudos (SELL, 2017).

A partir da segunda metade do século XX, que os estudos humanísticos na formação do conceito de paisagem, ganharam força na ciência geográfica. Isso se deve, juntamente, com a reformulação que a Geografia Cultural estava sofrendo no campo científico (PIMENTA, 2016).

O geógrafo Carl Sauer, foi o responsável pela consolidação do conceito de paisagem, como um conceito científico. O estudioso destacava que a paisagem

natural se transformava para a paisagem cultural, e essa, juntamente, com as ações humanas, se desenvolvia concomitantemente. Segundo Sauer, a cultura era o agente, enquanto que a área natural seria o meio, e a paisagem cultural seria o resultado dessas relações (RIBEIRO, 2007). Neste sentido é possível analisar que a paisagem construída pelo viés cultural, é uma manifestação da sociedade que a constrói e proporciona a criação de uma imagem dessa mesma sociedade (CHABASON, 1989).

Sauer (1998 p. 23) diz que “a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes”.

Na contemporaneidade, a Geografia prioriza nos estudos de paisagem, as diversas formas com que as sociedades se manifestam e se representam sobre a paisagem. É com esta categoria que se torna possível ler as marcas culturais e históricas dos grupos sociais.

Pode-se dizer, que, o termo de paisagem é utilizado por diversas áreas de conhecimento, traduzindo várias interpretações, possuindo vários significados dependendo da forma como é utilizado. Essa ampla utilização do conceito de paisagem, faz com que o mesmo seja um dos mais difíceis de se estabelecer em um âmbito científico (VASCONSELOS, 2012).

Nesse sentido, Cosgrove (1998, p. 99) destaca que

[...] paisagem é um conceito complexo de cujas implicações desejo especificar três: (i) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; (ii) unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; (iii) a ideia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo.

O conceito de paisagem surgiu nos primórdios da Geografia Cultural, sendo traduzido do alemão, francês e inglês. A Escola Alemã classificava a paisagem como sendo a relação entre a paisagem e a região, enquanto que os franceses e americanos utilizavam a paisagem como sinônimo de Geografia.

Neste sentido, segundo Claval (2007, p. 24),

Para Ratzel, o estudo geográfico da cultura confundia-se com o dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. Para Schlüter e a maioria dos geógrafos alemães das primeiras décadas do século XX, é a marca que os homens impõem à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas. Esta é a marca estruturada: o objeto da Geografia é apreender esta organização, de descrever aquilo que se qualifica desde então de morfologia da paisagem cultural e de compreender sua gênese.

Com os estudos da Geografia Cultural no conceito de paisagem, a disciplina acabou por se dividir em duas correntes teóricas: a Geografia Cultural Tradicional, no início do século XX, a qual trabalhava o conceito de paisagem na morfologia. Posterior a isso, surgiu, a partir dos anos de 1980, a Nova Geografia Cultural, a qual é trabalhada atualmente, que transmite que a paisagem é construída por simbologias. Apesar das duas terem ideias opostas, ambas carregam em sua essência, a ideia de que paisagem é fruto das relações do homem com a natureza (VASCONSELOS, 2012).

Foi com o surgimento da Nova Geografia Cultural, que esse conceito se enriqueceu ainda mais. Os pesquisadores dessa nova escola teórica, se utilizaram dos conceitos já trabalhados por Sauer, e criaram novas áreas de análises. Para essa nova corrente, o conceito de paisagem era composto tanto pela morfologia quanto pela carga simbólica inserida. Segundo Vasconselos (2012, p. 55) “a paisagem não é única, mas múltipla, podendo ser interpretada de inúmeras formas diferentes”.

Com essas palavras, torna-se evidente que a paisagem não é uma coisa preexistente, ela é construída a partir da percepção do observador. Cabe ressaltar, que, a vivência e as cargas que o observador possui influenciam nas formas em que o mesmo enxerga a paisagem. Isso pode ser explicado por Martinelli e Pedrotti (2001, p. 39), quando os autores ressaltam que,

Paisagem é o que vemos diante de nós. É uma realidade visível. É uma visão de conjunto percebida a partir do espaço circundante. Não tem, assim, uma existência própria, em si. Ela existe a partir do sujeito que a apreende: Cada pessoa a vê diferentemente da outra, não só em função do direcionamento de sua observação, como também em termos de seus interesses individuais.

Nos estudos da Geografia Cultural, o processo de construção da paisagem cultural está diretamente ligado ao processo da identificação cultural. Esse processo de construção da identidade vem atrelada a origem e a história dos grupos sociais. Essa história se conecta com as marcas culturais, os denominados códigos, os quais caracterizam os indivíduos. Brum Neto e Bezzi (2008) destacam que os códigos culturais se caracterizam por serem as simbologias que dão visibilidade da cultura e encontram-se impressos na paisagem cultural.

Essas simbologias se utilizam do suporte físico da paisagem para a construção da paisagem cultural, pois fornecem materiais e disposições apropriados pela ação

humana, com as quais a paisagem é formada. Nesse sentido, Torelly (2008), destaca que existem diversas possibilidades de arranjos espaciais e de configurações da paisagem cultural. Isso dependerá da intensidade e da qualidade da ação humana no espaço.

A paisagem cultural é compreendida pela Geografia como sendo construída e interpretada através das concepções de cada sujeito. A mesma adquire uma subjetividade e, através da fenomenologia, é vista como um resultado da geograficidade, estabelecida pelas diferentes interpretações através de nossa vivência. Pode-se exemplificar tal afirmação isso com as palavras de Santos (2014, p. 68),

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva – pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto e um artista veem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta.

Os esforços dos geógrafos brasileiros que trabalham a paisagem cultural, resultaram que a mesma pode ser vista como um fator importante da formação do espaço brasileiro. Nesse sentido, a paisagem cultural ganhou uma definição oficial, a qual está prevista na Constituição Federal, e é classificada como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (BRASIL, 2009).

Percebe-se então, que a paisagem está vinculada as vivências e as concepções do sujeito que a observa. Nota-se também, que atualmente, a questão da paisagem cultural a classifica como sendo um sistema interligado e indissociável. Segundo Sauer (1998), a paisagem constitui-se de elementos materiais, combinados com as obras humanas resultantes dos usos que determinado grupo cultural fez na terra. Lorenzi (2017, p. 27), destaca que “o estudo da paisagem está vinculado ao espaço vivido [...] pois a paisagem cultural é vista como resultado da materialização da cultura e o sentimento que desperta nos sujeitos”.

Com base nessas informações, podemos destacar que as concepções de paisagem cultural estão vinculadas a um universo simbólico, onde as análises estão

mais voltadas às metodologias subjetivas do que morfológicas. Pode-se considerar, que a paisagem precisa ser interpretada, não apenas observada.

Duncan (2004), considera a paisagem como um sistema cultural, com inúmeros textos simbólicos que são escritos por processos culturais, ou seja, remete-se às relações dos grupos sociais com seu meio e seus costumes.

A paisagem deve ser entendida como um processo resultante da evolução das culturas na relação tempo-espaço. Além disso, deve-se inserir as ações antrópicas na paisagem natural, que acabam gerando a paisagem cultural, as quais estão dotadas de marcas simbólicas de determinado grupo.

Pode-se dizer então, que a paisagem é construída pré culturalmente, através de um sistema de relações culturais, a qual se considera um ambiente que sofre interferências externas. Esse sistema está inserido num mundo, o qual está ligado com diversos modos de vida, o qual constituem diversas paisagens culturais (BESSE, 2013).

Levando em consideração tal fato, a paisagem cultural pode ser compreendida através das dimensões simbólicas e das percepções de cada grupo. Considera-se isso, pois cada indivíduo tem sua forma de interpretar essa categoria de análise, imprimindo assim, a subjetividade que a paisagem necessita para ser entendida pelo viés cultural.

Segundo Santos (2014, p. 68), “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão”, pois cada sujeito dá o seu significado e forma de percepção. Percebe-se, portanto, que essa categoria de análise da Geografia necessita ser lida e interpretada, através das simbologias que as culturas imprimem na paisagem natural e da subjetividade impressa por cada indivíduo.

As simbologias impressas na paisagem, potencializam as questões identitárias dos grupos sociais, ocasionando a reafirmação do sentimento de pertencimento que cada indivíduo tem com seu grupo. Percebe-se, portanto, que essa categoria de análise da Geografia necessita ser lida e interpretada, através das simbologias que as culturas reproduzem na paisagem natural.

Cabe destacar que a paisagem cultural é estruturada no tempo e na existência humana. Isso se baseia nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 337), quando o autor afirma que “o corpo é o sujeito do espaço – o espaço é existencial porque pertence a própria essência do ser”. Pode-se dizer, então, que essa relação do tempo com a existência humana, apresentam valores estruturantes de memórias e vivências dos

grupos sociais, os quais oferecem interação com passado e presente, moldando as paisagens culturais.

3.4 REGIÃO E REGIÃO CULTURAL: UMA CONCEITUAÇÃO

O termo região remonta aos tempos do Império Romano, quando o termo “regione” era utilizado para designar as áreas que estavam subordinadas ao Império. Essa questão remonta às palavras de Gomes (1995) o qual relata que o surgimento do termo remonta ao momento histórico, que relata pela primeira vez a relação entre a centralização do poder em um local e sua extensão sobre uma área que possui grande diversidade social, cultural e espacial.

Com base nisso, Gomes (1995, p. 73) fala que

De qualquer forma, se a região é um conceito que funda uma reflexão política de base territorial, se ela coloca em jogo comunidades de interesses identificadas a uma certa área e, finalmente, se ela é sempre uma discussão entre os limites da autonomia face a um poder central, parece que estes elementos devem fazer parte desta nova definição em lugar de assumirmos de imediato uma solidariedade total com o senso comum que, neste caso da região, pode obscurecer um dado essencial: o fundamento político, de controle e gestão de um território.

A região é um dos conceitos mais tradicionais e difundidos sendo trabalhado desde os primórdios da ciência geográfica, sendo foco de estudo nas principais escolas geográficas. Deste modo, alguns pesquisadores consideram a região como um dos principais conceitos da Geografia. Na evolução do pensamento geográfico, o conceito de região assumiu diferentes papéis e diferentes graus de influência para os estudos, levando em consideração suas temporalidades e espacialidades (BEZZI, 2004).

Não fugindo da realidade dos demais conceitos geográficos, a região assume, no senso comum, a concepção de uma porção do espaço, uma área, uma localidade. Tais ideias de conceito, são herança da dualidade geográfica que existia durante a Geografia Tradicional. Com o passar do tempo, os conceitos foram sendo modificados e aprofundados. Passando desde a Geografia Tradicional, com a região natural até a Geografia Crítica, com a região como uma área de interação social.

Alguns autores tratam a região como uma entidade abstrata, enquanto que outros a tratam como uma entidade concreta. La Blache (1845-1918) é um dos

defensores da região como uma entidade concreta, dizendo que cabe ao geógrafo o papel de delimitá-la e descrevê-la. Segundo o autor, a Geografia definiria seu papel através da identificação das regiões da superfície da terra, levando-se em consideração a singularidade dos lugares (LENCIONE, 2013).

O papel do geógrafo no estudo da região fica elucidado com as palavras de Christofolletti (1983, p.5)

O estudo regional está no coração de nossos trabalhos. Nenhum geógrafo é digno desse nome, se não se dedicar aos esforços da definição sintética das regiões... o estudo regional é a mais complexa expressão do método geográfico.

Bezzi (2004, p. 24) diz que “A região objeto particular da Geografia, dentro da discussão fundamental de seu conceito, permite criar a contiguidade e a identidade, unir e separar, criar e recriar, organizar e desorganizar o território”.

Hartshorne (1978) é um dos principais autores que tratam sobre a evolução do conceito de região. O autor destaca que o desenvolvimento do conceito de região surge com a necessidade de dividir-se uma área maior em partes, fazendo o estudo de cada uma dessas partes, integrando-as o máximo possível.

Seguindo esta ideia Hartshorne (1978, p. 137-138) aponta que

Nessa divisão, conforme observou Hettner, já em 1903, seria necessário considerar não só todas as similaridades significantes do caráter dos lugares, como também as relações de localização e conexão recíprocas entre os lugares. Uma vez que esses dois conjuntos de condições são, em larga medida, independentes um do outro, ou efetivamente capazes de relacionar-se em configurações contrastantes, não podem ser combinados numa base lógica objetiva.

Deve-se considerar o contexto histórico em que essa concepção de região era trabalhada na Geografia, o qual consistia no período clássico da ciência. Com base nisso, a região assume o papel de um conceito baseado em modelos, o qual limitava a forma de enxergar a região, não considerando a subjetividade do conceito.

A utilização do conceito de região durante o positivismo da Geografia Clássica dirigiu as pesquisas através da vertente positivista, a qual foi responsável tanto por trazer avanços como também problemas para a pesquisa regional. Essa percepção é explicada com as palavras de Castro (1994, p. 56) quando relata que

Na vertente positivista, o primado da disjunção e da redução do complexo ao simples impôs essa escala regional como ponto de partida metodológico,

valorizando a indução e minimizando as possibilidades da dedução. Na vertente materialista, a determinação da base material, em uma última instância, num bem estruturado edifício teórico-metodológico, o qual a totalidade impunha-se inexoravelmente sobre a unidade, eliminou as possibilidades explicativas da escala regional, impondo a dedução a partir de um construto teórico que não dava espaço às singularidades e particulares.

Esse período sofreu críticas durante o século XX, que acabaram gerando esforços para a mudança de paradigmas, que aconteceram a partir da inserção da Geografia Teorética, nos anos de 1950. A partir deste momento, a região passa a ser utilizada para aplicar instrumentos de planejamento e de administração, principalmente em relação aos órgãos públicos. Deste modo, os dados estatísticos, os quais eram as principais formas de aplicação da Geografia neste período, tinham grande papel nos estudos regionais (CORRÊA, 1986).

A Geografia Teorética surge nos Estados Unidos, como uma crítica à Geografia hartshoriana, trazendo ao conceito de região novas características. A mesma deixa de ser um fenômeno único, para ser um sistema que se comunica. Essa nova região trabalhada pela Nova Geografia passar a ser para classificação ou limitação de áreas. (BEZZI, 2004).

Porém, na Geografia Teorética a região não é uma categoria-chave. Segundo Carvalho (2002) a ascensão da Geografia Teorética, na sua ênfase nas relações espaciais e o seu uso dos métodos estatísticos, coincidiu com o declínio na importância dos estudos regionais. Neste sentido, parece regredir em relação à Geografia Tradicional que avançou ao considerar a região como fruto de um processo histórico.

A partir dos anos de 1970, um movimento que se opunha às pesquisas geográficas da Geografia Teorética inicia uma renovação nos paradigmas geográficos. Embasado nisso, surge a Geografia Crítica, a qual trouxe consigo novas tendências para explicar a organização do espaço, impactando diretamente na concepção do conceito de região. Partindo dessa ideia, Gilbert (1988) aponta que o conceito de região após a renovação da Geografia na década de 1970, passa a ser de que a região é foco de identificação.

Com essa nova vertente geográfica, os estudos regionais passam a ter duas fontes principais. A primeira fonte desses estudos passa a ser a Geografia Humanista, que concebe à região como um espaço vivido, aproximando-se das conceituações tradicionais que La Blache utilizava, as quais eram alicerçadas na paisagem e no

gênero de vida. Como segunda fonte, encontra-se a Geografia Cultural renovada, que se utilizava de estudos europeus e anglo-saxônicos para compreender melhor a região (CORRÊA, 1995).

A inserção dos estudos humanistas na Geografia foi importante para a inserção das concepções do gênero de vida e das sociedades nos estudos regionais. Nota-se isso, a partir das palavras de Gomes apud Castro; Gomes; Corrêa (1995, p. 67)

O humanismo na Geografia, ao contrário da Geografia Radical, foi buscar no passado da disciplina elementos que... seriam importantes resgatar. Um destes elementos foi a noção de região, vista como um quadro de referência fundamental na sociedade. Consciência regional, sentimento de pertencimento, mentalidades regionais são alguns elementos que... chamam a atenção para revalorizar esta dimensão regional como um espaço vivido.

Nota-se, com essa afirmação, que a região passa a ser relacionada a um processo de sentimento de pertencimento, principalmente a partir da identidade e da cultura. Com base nisso, é relevante considerarmos a questão dos estudos culturais para a construção do conceito de região. Deste modo, pode-se afirmar que a região reflete a inter-relação sociedade-natureza em diferentes olhares partindo da construção do espaço geográfico.

Partindo dessa concepção, Bezzi (2002, p. 55) busca entender a região como “[...] um recorte espacial (subespaço), dinâmica, que se estrutura e se reestrutura em um determinado tempo, considerando as transformações ambientais, históricas, sociais, políticas e culturais nele engendradas”. Nesse sentido, pode-se perceber que complexidade dos estudos regionais, principalmente pelo mesmo englobar distintos fatores que são responsáveis pela organização do espaço.

Utilizando-se dessa nova forma de concepção da região que a Geografia Crítica, acrescido dos estudos humanistas trouxeram, cria-se um novo paradigma regional, o qual é baseado na identidade cultural. Com isso, a região é precedida dos lugares vividos e dos espaços sociais.

Frémont (1980, p. 167-168) considera que a região baseada no espaço vivido

[...] Integra lugares vividos e espaços sociais com um mínimo de coerência e de especificidade, que fazem dela um conjunto com uma estrutura própria (a combinação regional), e que a distinguem por certas representações na percepção dos habitantes ou dos estranhos (as imagens regionais). A região é menos nitidamente conhecida e percebida do que os lugares do cotidiano ou os espaços sociais da familiaridade. Mas, na organização o espaço-tempo vivido, constitui um invólucro essencial antes do acesso a entidades muito mais abstratas, muito mais desconcertantes em relação ao

hábito... Seria a região espaço que podemos visitar sem nos sentirmos incomodados, um conjunto-regulação de nível superior na organização do espaço de vida e na percepção e valorização do espaço vivido?

Com base no autor, percebe-se que as regiões não são algo único e imutável, tampouco podem ter uma única definição, visto que são construídas através do espaço vivido. Tal fato acontece, pois, o espaço vivido é algo construído através da subjetividade de cada indivíduo, sendo então construída através da percepção de lugar de cada um desses indivíduos.

Essa nova forma de compreensão da região faz com que o conceito esteja longe de desaparecer, devido à sua grande complexidade. Haesbaert (2019, p. 119) diz que “a região, longe de desaparecer, tem se tornado cada vez mais complexa: móvel, instável, de limites fluídos”. Mostra-se então, diversas formas de ler-se o conceito de região.

Uma das formas de ler o conceito de região é através dos aspectos culturais. Para isso, é necessário que seja feita a leitura na totalidade dos agentes físicos e humanos que configuram o espaço regional. Com base nisso, considera-se que a cultura, sendo utilizada como mediadora entre o homem e o espaço, tem o poder de transformar a região em um lugar (BRUM NETO E BEZZI, 2009).

Percebe-se então, que o espaço regional adquire um significado para um determinado grupo social, intensificando o processo de identificação com mesmo. Esse processo acontece a partir da (i)materialização de seus costumes, os quais irão reorganizar o espaço, imprimindo características específicas de sua cultura. A partir disso, podem ser constituídas as regiões culturais.

Desta forma, Bezzi (2002, p. 17) define o conceito de região cultural como sendo

Um conjunto de relacionamentos culturais entre um grupo e um determinado lugar. A região é uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por determinado grupo, o qual também é um elemento constitutivo da identidade regional. A região sob enfoque da identidade regional, passa a ser entendida como um produto real, é concreta, existe. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, diferenciando-se das demais, principalmente pela identidade que lhe confere o grupo social.

Compreende-se então, que a região cultural se forma a partir da materialização das convenções dos grupos sociais que ocupam o espaço, modificando-o de forma que o mesmo adquira características próprias. Deste modo, a cultura surgirá como

uma forma de interpretar a organização do espaço, utilizando o modo de vida de cada grupo, o qual é responsável por determinar, através de suas singularidades, caráter próprio em uma determinada região.

Deste modo, o grupo social é responsável por construir o espaço regional com base em seus valores e anseios, possibilitando que seja desenvolvimento um sentimento de pertencimento e de apego à sua base espacial. Esse processo de identificação espacial Castro (1992, p. 33) argumenta que

[...] enquanto construção espacial, a região é a característica dos processos sociais e incorpora sua dinâmica. Esses processos, entendidos como ação humana, econômica, política ou cultural-sobre uma base natural, estruturam em conjunto a construção do espaço em áreas geograficamente delimitadas, moldando suas peculiaridades e identificando-se com elas [...] A região, portanto, possui uma dimensão territorial e uma dimensão social que interagem configuram uma escala particular do espaço [...] a região é o espaço vivido, ou seja, o das relações sociais mais imediatas e da identidade cultural.

Utilizando as palavras da autora, compreende-se que a região cultural possui uma identidade que é conferida pelo grupo social que o individualizou. Deste modo Brum Neto e Bezzi (2009, p. 21) destacam que a região cultural “possui características determinantes que denunciam a origem étnica que a organizou e/ou a transformou. Tem assim significado próprio, atrelado à cultura do grupo”.

É relevante salientar também, que os aspectos culturais em um cenário atual, onde há um processo de globalização e de hibridização cultural, também acabam afetando na construção da região cultural. Apesar desse processo buscar a homogeneização dos lugares, faz com que haja uma busca pela diferenciação, utilizando a identidade do local ou região.

Oliven (1992, p. 135) fala sobre o processo de homogeneização e da busca pela diferença através da cultura e ressalta que

Todo esse processo de mundialização da cultura, que dá a impressão de que vivemos numa aldeia global, acaba repondo algumas questões da tradição, da nação e da região. À medida que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades.

Nota-se então, que a utilização da região cultural como um conceito geográfico, auxilia na consolidação e na manutenção da cultura num contexto de mundialização

da cultura. Tal fato, faz com que haja uma manutenção das tradições dos grupos sociais, que acabam mantendo a história das sociedades.

Com base nisso, segundo Brum Neto e Bezzi (2009, p. 21) destaca que a região cultural

Surge como resposta ao padrão global homogêneo, como a afirmação de um espaço de diferenciação, mediado pela identidade. Reafirma as singularidades e a originalidade do espaço, permitindo recortá-lo em partes de acordo com todos os aspectos inerentes à cultura e expressos através dos códigos culturais, responsáveis pela sua materialização e individualização espacial.

Com base nisso, a região cultural consiste na divisão de um determinado local do espaço geográfico que agregue características únicas, construídas por grupos sociais ou indivíduos, que imprimem suas marcas no espaço. Essas marcas são elaboradas através dos códigos culturais, que são as convenções e tradições desse grupo, materializadas no espaço.

3.5 O CONCEITO DE CULTURA E AS CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL

O conceito de cultura teve diversos significados durante a história da humanidade. Esse termo, que é derivado do latim *colere*, é utilizado desde os povos antigos, onde utilizavam a palavra cultura remetendo-se ao processo de cultivar/cuidar do campo. Durante o império romano o termo é utilizado para destacar um indivíduo, remetendo ao grau de interesse pelas artes, ciência, ou pela educação (CALDAS, 2008).

Conforme as sociedades evoluíram com o passar do tempo, e a forma de enxergar e ler o mundo se modifica, o termo cultura passa a receber novos significados. Esses novos significados começam a surgir com o intuito de diferenciar as diferentes populações mundiais, bem como a forma de organização dessas sociedades.

Com o desenvolvimento dos estudos das ciências sociais, a cultura começa a ser difundido como parte integrante da construção do espaço e do lugar de cada indivíduo e grupo, tornando-se um conceito-chave. Na Geografia, o conceito ganha

destaque, principalmente pelas contribuições teóricas da Escola Alemã, Escola Francesa e Escola Americana (CLAVAL, 2007).

Segundo Piccin (2009) a abordagem cultural na Geografia Humana traz à análise a humanidade na sua integralidade, ponto o qual diferentes grupos que compõem essa cultura interagem e se modificam com o decorrer do tempo. Com base nisso, Santos (2005, o. 7) diz que a cultura

É uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social.

Seguindo esse pressuposto, a ciência geográfica utilizou o conceito de cultura com o intuito de analisar os povos e as técnicas que esses indivíduos utilizavam para se apropriarem ao meio natural. A partir da análise dessas técnicas, tornava-se possível compreender o grau de desenvolvimento de determinado grupo social, além da forma que esses grupos organizavam o espaço em que estavam fixados.

Baseando-se nesses estudos, compreende-se então que a materialização da cultura acontece através da soma das convenções sociais de cada povo, sendo construídas através dos indivíduos e dos ensinamentos que são passados entre as gerações. Essas convenções se modificam e são adaptadas com relação ao meio em que está se espacializando.

Wagner e Mikesell (2003, p. 28) definem cultura como sendo

Uma propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, ou meramente um artifício intelectual para se generalizar convenientemente a respeito de atitudes e comportamentos humanos, cultura é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens. A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoas que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um mesmo espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de numerosas características de crença e comportamento comum aos membros de tais comunidade.

A partir desse conceito, é possível compreender que, na atualidade, existem diversas culturas impressas no espaço, sendo essas formadas por inúmeros fatores, que estão diretamente relacionados aos hábitos e costumes de cada grupo. Esse modo de formação de uma cultura através de um grupo, e algo que agrega e faz

crescer o sentido de identidade de um indivíduo, porém, em alguns casos, também possibilita uma exclusão, afastando tudo que difere culturalmente desse grupo.

Baseando-se nas questões culturais também é possível entender o meio físico. Tal fato acontece, pois, segundo Seemann (2003), a cultura é construída socialmente, geograficamente expressa e espacialmente constituída.

O conceito de cultura, então, compreende-se como uma totalidade entre ações e atividades mentais e físicas, que são responsáveis por caracterizar os indivíduos e grupos conforme seu comportamento. Segundo essa noção, Marconi e Presotto (2005, p. 4) afirmam que

A cultura, portanto, pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques, ideias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologias e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrão de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machado de pedra, telefone).

A importância do estudo do conceito de cultura nas ciências sociais, com destaque para a ciência geográfica, fez com que surgisse vertentes de estudos culturais. Essas vertentes vieram para quebrar paradigmas da Geografia Tradicional e da Geografia Teorética, que não tinham em seu foco de análise a subjetividade do indivíduo com um agente formador do espaço.

Com a contribuição das escolas europeias e norte-americana, em meados dos séculos XIX e XX, o entendimento do homem como um agente formador do espaço, fez com que houvesse uma evolução dos estudos da ciência geográfica, principalmente com a inserção dos aspectos sociais como organizador do espaço. Lorensi (2017) aponta que foi o interesse em descrever a superfície terrestre de forma mais eficaz, utilizando o espaço geográfico como uma totalidade, por parte dos geógrafos, que fez com que os aspectos culturais e sociais começassem a ser considerados na dinâmica da ciência geográfica.

Deste modo, percebe-se que o nascimento da Geografia Cultural acontece na Europa, principalmente com as contribuições de Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache. A partir desses cientistas, ocorre a disseminação dessa vertente, chegando até a Carl Sauer, nos Estados Unidos, o qual foi responsável pela identificação plena do conceito e, principalmente, pela sistematização da Geografia Cultural, trazendo

uma visão para a perspectiva subjetiva, contrapondo à visão europeia, que tinha o materialismo como principal linha de pensamento.

Com base nessas informações, Voigt (2013, p. 26) traz em suas afirmações que “se a Geografia Cultural tem um berço europeu, o seu desenvolvimento e a sua força resulta das contribuições norte-americanas. Foi com Sauer, que a Geografia Cultural se consolidou como um ramo da Geografia”.

Deste modo, Corrêa e Rosendahl (2000a, p. 9) afirmam sobre a Geografia Cultural

Nascida na Europa, com um impulso particularmente forte na Alemanha e na França, a Geografia Cultural tem uma trajetória de pouco mais de um século. Como ocorre em qualquer ciência, as mudanças em seu percurso foram motivadas tanto por forças internas quanto externas.

Os estudos culturais de Sauer estavam relacionados à Escola Alemã, sendo um discípulo de Ratzel, ignorando os princípios subjetivos da cultura. A base epistemológica de Sauer utilizava a historicidade para explicar como os grupos humanos se organizavam no espaço e como se relacionavam com o meio físico. Apesar disso, o autor teve um avanço significativo nos estudos da Geografia Cultural, pois segundo Claval (1999, p. 31)

Como seus contemporâneos, Sauer vê a cultura, primeiramente, como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe [...]: a cultura é também composta de associações de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torna-lo mais produtivo. Estas transformações não são inocentes. Desde que conduzidas sem prudência, ameaçam o equilíbrio profundo da natureza e conduzem a catástrofes ecológicas. A aptidão para gerenciar com sabedoria o ambiente é, para Sauer, um dos traços maiores segundo os quais as culturas devem ser julgadas.

Apesar de a escola americana ter sido a que sistematizou a Geografia Cultural, é relevante destacar que as três escolas geográficas tiveram importante significância nos avanços dos estudos culturais. Montante a isso cada uma das teorias trabalhadas por essas escolas era complementar a outra. Enquanto a Escola Alemã focava nas técnicas, nas paisagens, os americanos inseriam a concepção do ser vivo na formação dessa paisagem. Com base nessas vertentes, a Escola Francesa ficou responsável por inserir o gênero de vida nos estudos regionais, fazendo com que, a

partir da união dessas três teorias, o conceito de Geografia Cultural fosse difundido na ciência geográfica.

Apesar de serem precursores nos estudos culturais, as três escolas geográficas estavam inseridas no contexto da Geografia Tradicional, onde havia forte dualidade, dividindo a ciência geográfica em humana e física. Essa separação das áreas de conhecimento, fizeram com que o homem e o meio fossem estudados através de sua relação, porém tratando um como superior ao outro, anulando o cunho fenomenológico dessa relação, porém tratando um como superior ao outro, anulando a concepção de que os dois estão correlacionados, fazendo com a teoria da totalidade espacial não fosse considerada. Para Duncan; Johnson e Schein (2004, p. 89) “a separação do indivíduo da cultura é um erro ontológico. É um caso de antropomorfismo – de reificar um constructo mental e atribuir-lhe auto direção e poder sobre os homens – que é puramente fictício”.

Partindo dessa noção de que homem e meio estão relacionados, mas não numa situação de igualdade na formação do espaço, as pesquisas culturais foram avançando, até meados da segunda metade do século XX, quando surge uma nova corrente do pensamento geográfico, a Geografia Pragmática. Durante esse período, acreditava-se que a Geografia deveria analisar apenas os estudos lógicos da ciência geográfica, através da quantificação e dos dados estatísticos (BEZZI; MARAFON, 2005).

Com o desenvolvimento da Geografia Pragmática houve esforços, por parte de alguns geógrafos mais jovens, que não se identificavam com os antigos conceitos trabalhados. Esses geógrafos foram responsáveis pelo surgimento de uma nova corrente do pensamento, que utilizava o homem como um agente formador e presente no espaço. Com base nisso, surge a Geografia Crítica, em meados de 1970, possibilitando uma profunda reformulação da Geografia Cultural. Essa nova corrente buscou entender, através das relações do homem com o meio, a subjetividade dos fenômenos (BECKER, 2006).

A partir da inserção da Geografia Crítica, a forma de ler os objetos geográficos foi pautada no materialismo histórico, o qual compreende o homem como um fenômeno. Com base nisso, era possível com que o pesquisador se interligasse com a essência do sujeito em análise, sem ter observações predefinidas.

Essa renovação dos interesses dos geógrafos culturais se materializa através das palavras de Cosgrove e Jackson (2000, p. 15) destacando que

O interesse pelo campo da Geografia Cultural renovou-se na década de 1970, com o surgimento de diversas novas perspectivas. Em 1978, Cosgrove previa a cooperação vantajosa entre a Geografia Cultural Humanista e a Geografia Social Marxista, através de uma investigação sobre o mundo do homem e as Geografias da mente.

Claval (2002), em seu artigo que trata da renovação do Cultural na Geografia, temporaliza os estudos da Geografia Cultural e destaca que foi a partir da década de 1970 que o conceito deixou de ser uma subárea da Geografia Humana, e assumiu um patamar de conceito próprio, como a Geografia Política, Geografia Econômica, entre outros.

Outro fator que foi motivo de crítica e uma das principais causas da reformulação da Geografia Cultural, foi a dificuldade que a mesma enfrentava para atender e explicar os problemas sociais que se apresentavam devido as transformações ocorridas no espaço. Essas transformações que foram ocasionadas, principalmente pelo capital, fez com que os geógrafos buscassem caminhos, objetos, abordagens e conceitos diferentes dos trabalhados até então, com o intuito de enriquecer a ciência geográfica (BEZZI, 2004).

A forma como o capital se insere nas culturas também foi um dos marcos para a renovação da Geografia Cultural. Tal fato aconteceu, pois, a reorganização espacial que esse capital causou nas culturas trouxe problemas sociais, que precisavam ser explicados através de novos caminhos, objetos, abordagens e conceitos diferentes dos que eram trabalhados até então.

Bezzi (2004) relata que a nova forma de organização do espaço geográfico baseada no capital e na globalização, causa preocupação, pois gera hibridização cultural, facilitando a perda das culturas originais. Para diminuir a hibridização cultural e preservar as peculiaridades de cada grupo social de cada região, foram necessários mudar os posicionamentos dos pesquisadores humanistas, causando a “virada cultural”.

Corrêa e Rosendahl (2007, p. 12) destacam que,

O processo de renovação se fez no contexto de valorização da cultura; a denominada “virada cultural”. Na década de 1980, um conjunto de mudanças em escala mundial ressalta a dimensão cultural dos processos em ação. Mitchell (2000) aponta essas mudanças, das quais indicaremos algumas: as mudanças na esfera econômica, o fim da denominada Guerra Fria, a ampliação dos fluxos migratórios da periferia para os países centrais, o movimento ecológico, novas formas de ativismo social e a crescente

consciência da necessidade de novos modos de se construir e entender a realidade, até então calçada no racionalismo moderno, no raciocínio científico e na celebração técnica.

Com essas novas vertentes da Geografia Cultural, as pesquisas culturais ganham força no Brasil, principalmente nos cientistas no eixo Rio-São Paulo. Esses estudos culturais se configuram na atualidade como um subcampo plenamente estabelecido no país. Corrêa e Rosendahl (2005), relatam que a Geografia Cultural brasileira está implantada com base nas Geografias de matriz saueriana, influenciada pela nova Geografia Cultural e pela abordagem cultural de Claval, relacionada ao modo de vida.

A Nova Geografia Cultural veio com o intuito de sanar as deficiências que as pesquisas possuíam, principalmente por não levar em consideração as inter-relações entre o homem e o meio. Com a virada cultural, a dicotomia geográfica foi superada, compreendendo que a cultura é resultado das ações antrópica sob um espaço. Deste modo, permitiu que a Geografia Cultural melhorasse a análise e compreensão das relações entre cultura, espaço e sociedade e, de outro, as condições de produção do saber geográfico (MONDANA e SÖDERTRÖM, 2004).

Deste modo, pode-se afirmar que o advento da Geografia Cultural renovada deu abertura para que os pesquisadores expandissem suas pesquisas, a partir de novas áreas para serem estudadas e analisadas. Com essa renovação, os estudos fenomenológicos se difundiram pelo cenário da ciência geográfica, proporcionando a acentuação das diferenças em um mundo onde a tendência é de hibridização das culturas, perdendo a individualidade dos grupos. Além disso, a escala temporal dos grupos étnicos também deve ser considerada, fazendo com que o geógrafo cultural deva analisar além do presente, o passado dos grupos que estão sendo estudados.

O hibridismo cultural é um fenômeno social e histórico existente desde os primórdios da humanidade, partindo do momento em que os primeiros grupos sociais começaram a migrar e conviver com outros grupos étnicos em diversas áreas. Essa hibridização ocorre na maneira que as diferentes etnias adaptam suas convenções sociais para criar uma nova identidade, a partir da nova realidade enfrentada nessa nova realidade (CARDOSO, 2008).

Canclini (1997) usa como exemplo de hibridização cultural a migração do campo para cidade, principalmente nos países latino-americanos, que deixa de ser uma região com diversas sociedades rurais que se espalhavam pelo território, cada

uma com suas especificidades e convenções culturais para se transformar em uma sociedade majoritariamente urbana com suas simbologias culturais renovadas a partir da interação global. Baseando-se nisso, é possível analisarmos que ao ocorrer esse processo de migração, a cultural original se modificou e se hibridizou no cenário urbano.

Levando para a realidade do território brasileiro, percebe-se que o hibridismo cultural ocorre, num primeiro momento, entre os indígenas e portugueses. Posterior a isso, com a chegada dos africanos escravizados e, por último, com os imigrantes europeus que ocuparam o território brasileiro a partir do século XIX.

Esse processo de hibridização cultural ocorre também até os dias atuais, com a inserção da globalização, o qual pode gerar um processo de aculturação, ou seja, num processo de modificação cultural de um indivíduo ou grupo. Tal fato é explicado pelas palavras de Cardoso (2008, p. 84) ao dizer que

[...] “o hibridismo cultural é mais fecundo quando o contato se dá entre culturas oriundas de espaços mais distantes e, dessa forma, com distinções mais nítidas, porque culturas cujo nível de desenvolvimento possibilita o enfrentamento, tendem a manter seus traços essenciais, homogeneizando-se numa nova forma de apresentação, mas as culturas que se deslumbram em face de outra, tendem a adotar os elementos dessa outra, quando o hibridismo evolui para aculturação”.

Pode-se analisar, portanto, que o hibridismo cultural é um processo que acontece de maneira natural do processo de evolução das civilizações. Deste modo, é uma peça importante para ser analisada nos estudos culturais visto que, na atualidade, não existem mais indivíduos e grupos étnicos que não tem interação com outras culturas e grupos sociais distintos do seu.

3.6 O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

As atividades econômicas estão inseridas no contexto da humanidade desde que surgem os primeiros registros de formação de povoados, quando há a dominação da agricultura, cerca de 10 mil anos atrás. Em um primeiro momento, acontece por meio de trocas, onde os produtores trocavam seus produtos com o intuito de adquirir aquilo que necessitavam.

Conforme a humanidade vai se desenvolvendo, os processos de produção e as atividades econômicas vão passando por uma espécie de expansão, através de

novas técnicas e de novos mercados. Com isso, um dos principais fatores da organização espacial começa a se desenvolver, a economia.

Como já fora supracitado, o conhecimento geográfico está inserido na própria história da humanidade, visto que os povos primitivos necessitavam conhecer as condições físicas para poderem se fixar em algum local, bem como desenvolver sua agricultura. Com isso, a Geografia existe antes mesmo de ser considerada uma ciência.

A partir da sistematização da Geografia como ciência, e com os avanços das escolas geográficas, alguns conceitos-chaves foram sendo trabalhados e alguns subcampos surgiram. Esses subcampos surgiram através das relações sociais, econômicas, políticas e culturais que articulam o nível de reprodução do espaço geográfico, fazendo com que haja o desenvolvimento desse espaço e das sociedades que o ocupam (MOREIRA, 1981).

Essas novas formas de ler a Geografia com base nesses conceitos surgiram com o intuito de responder às indagações que não eram atendidas durante o período em que a dicotomia geográfica estava em pleno vapor. Deste modo, alguns autores despontaram nesses estudos. Destacam-se neste período as contribuições de Ruy Moreira, Milton Santos e Yves Lacoste, que acabaram sistematizando a Geografia no âmbito sócio espacial, fazendo com que a ciência geográfica tornasse relevante os estudos Espaço-Tempo em suas discussões. (RODRIGUES, 2008).

Com essa nova vertente, onde eram considerados os aspectos da totalidade do espaço, um dos principais pontos que precisam ser analisados é a economia, que acaba por imprimir suas marcas no espaço, (re)organizando-o. Deste modo, a inserção da economia aos estudos geográficos possibilitou uma nova forma de compreender a organização do espaço, com base na Geografia Econômica (ANDRADE, 1988).

A Geografia Econômica surge como um subcampo da Geografia e assume papel importante para a compreensão da organização do espaço, visto que ela explica o desenvolvimento econômico, que é um dos responsáveis pelo processo de formação espacial. Deste modo, Chorincas (2001) destaca que a Geografia Econômica consiste na análise da superfície terrestre, levando-se em consideração todos os aspectos que possuam interesse do ponto de vista econômico.

Com essa conceituação Araújo Júnior (2015, p. 141) conceitua Geografia Econômica como sendo a parte da Geografia que “[...] estuda as relações econômicas

que se dão no espaço do globo terrestre entre os países e dentro deles e explica porque determinadas áreas crescem e outras não”.

A partir desse conceito, é correto afirmar ainda de acordo com Araújo Júnior (2015, p. 141) que a Geografia Econômica

[...] tenta compreender os processos de evolução da economia mundial, a importância da mão de obra, dos recursos naturais e energéticos no desenvolvimento econômico das sociedades, estruturados em conceitos como sociedade em rede, espaços de fluxos e espaço de lugares.

Os estudos econômicos na Geografia são baseados na materialização, que acontece de forma desigual e diferenciadas das diversas atividades econômicas que são desenvolvidas no espaço. Essa materialização é desigual, pois não assume o lugar e a mesma escala em diferentes espaços, visto que também será adequada ao tipo de cultura e de organização política que acontece nessa área. Apesar disso, busca adaptar-se para fixar-se nesse espaço. (HERNÁNDEZ, 2003).

Com base nisso, os estudos geográficos acerca da economia começaram a ganhar força para explicar como o capital se instalava e como os sistemas econômicos eram formados com base no espaço em que se inseriam. Apesar disso, as preocupações espaciais ainda não tinham tanto poder dentro dos estudos econômicos.

As teorias de desenvolvimento econômico não levavam em consideração as teorias espaciais, até meados da década de 1970. É com o desenvolvimento da Geografia Crítica e, principalmente, através de Milton Santos que essas questões começam a ser correlacionadas (CIMA e AMORIN, 2007).

Atualmente, existe uma forte tendência de revalorização da dimensão espacial nos estudos geográficos. Apesar disso, a forma como essa valorização acontece, não é suficiente para compreender de forma satisfatória a dinâmica econômica inserida nessa realidade. A forma como são vistos o espaço e a economia são descontínuas, não relacionando os dois ao desenvolvimento econômico (BRANDÃO, 2004).

Os estudos da Geografia Econômica, hodiernamente, devido a sua complexidade e ampla área de estudos possíveis, divide-se em diversas temáticas, as quais são responsáveis por trazer a totalidade dos estudos econômicos. Deste modo, esse campo da Geografia divide-se em: Geografia da Agricultura, Geografia da Indústria, Geografia do Comércio Internacional, Geografia de Recursos, Geografia de

Transporte e Comunicação e Geografia das Finanças. Todos esses ramos, ligam-se, diretamente, ao desenvolvimento econômico, que em consequência, liga-se à organização do espaço (KRUGMAN, 2017).

Para que haja o desenvolvimento econômico em uma determinada área, é necessário que as atividades econômicas estejam inseridas em um desses itens que estão dentro da Geografia Econômica. Apesar de serem diferentes, existem três pontos principais que são características básicas desses itens, o trabalho, as empresas e o Estado.

Tartaruga (2017, p.191) fala sobre essas características

O trabalho é considerado, há muito tempo, um elemento central para a geração de valor na economia. Nos últimos anos, a natureza da força de trabalho e do próprio trabalho vem sofrendo importantes mudanças, em função da globalização da economia, como no nível de qualificação da mão de obra, o padrão do emprego (a exemplo da flexibilização) e nas questões de gênero. As pesquisas têm direcionado forte atenção, também, no desempenho econômico da empresa em novas formas de análise, como as redes empresariais e as perspectivas culturais e institucionais das firmas. Igualmente, o papel do Estado é um aspecto essencial para os estudos geográficos-econômicos, no sentido de sua atuação no território para criar as condições econômicas e sociais para o desenvolvimento geral.

Com base nessas concepções, é relevante levarmos em consideração as diferenças entre os lugares, com o intuito de observar melhor como a dinâmica econômica está inserida nesse espaço. Santos (1977, p. 87) fala sobre essa importância

[...] as diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O “valor” de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional. [...] a localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades “internas”, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura de classes, isto é, a formação social propriamente dita.

Partindo dessas afirmações, é relevante afirmarmos que a Geografia Econômica está engendrada aos estudos espaciais. Essa afirmação é possível, pois, tanto a Geo. Econômica quanto os estudos espaciais buscam compreender a forma como os agentes econômicos estão inseridos no espaço (BREITBACH, 2004).

Esses estudos fizeram com que houvesse a construção de uma Geografia econômica espacial. A economia espacial estaria centrada através da organização de sistemas econômicos e partindo de teorias de localização.

Com o surgimento das teorias de localização, tornou-se possível explicar a forma como a economia estava se materializando no espaço e como se dava a organização desse espaço centrado na atividade econômica que estava sendo praticada. Com isso, a forma de organização e das ideias de desenvolvimento econômica ganharam embasamento teórico (LAN, 2017).

O processo de desenvolvimento econômico está associado diretamente com o desenvolvimento das sociedades, visto que, é através da economia que um grupo ou área se fixa no espaço. Além disso, o desenvolvimento econômico permite a criação e a (re)organização de espaços construídos culturalmente, atribuindo novos sentidos e criando um novo lugar, muitas vezes.

Deste modo, olhar o desenvolvimento econômico é também analisar o processo de formação espacial e de criação do lugar de um determinado grupo. Pereira (2008, p.1) conceitua desenvolvimento econômico como

O processo de sistemática acumulação de capital e de incorporação do progresso técnico ao trabalho e ao capital que leva ao aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante e, em consequência, dos salários e dos padrões de bem-estar de uma determinada sociedade. Definido nestes termos, o desenvolvimento econômico é um fenômeno histórico que passa a ocorrer os países ou Estados-Nação que realizam sua Revolução Capitalista já que só no capitalismo se pode falar em acumulação de capital, salário, e aumento sustentado de produtividade.

Compreende-se, portanto, que o desenvolvimento econômico é responsável por espacializar a economia no espaço, visto que é através dele que as atividades econômicas se consolidam no espaço. Além disso, a forma como a cultura está inserida na organização espacial, também estará relacionada à economia.

Paul Singer também retrata o conceito de desenvolvimento econômico, que para ele está diretamente relacionado à formação industrial. Para o autor, é necessário que haja estágios para o desenvolvimento. Num primeiro momento necessita de uma substituição dos produtos produzidos, e o segundo momento é a instalação de empresas com capital para se consolidarem nesse espaço (SINGER, 1988).

O desenvolvimento econômico então, segundo Singer (2004, p. 7) consiste em

[...] um processo de fomento de novas forças produtivas e de instauração de novas relações de produção, de modo a promover um processo sustentável de crescimento econômico, que preserve a natureza e redistribua os frutos do crescimento a favor dos que se encontram marginalizados da produção social e da fruição dos resultados da mesma.

Com base nesses conceitos trabalhados, é correto afirmar que a esfera econômica e o desenvolvimento econômico estão diretamente relacionados à formação espacial. Por sua vez, a cultura adentra essa dinâmica, visto que exerce papel fundamental na instalação de atividades econômicas, formando um sistema espacial que é responsável pela organização e reorganização do espaço geográfico.

Para analisarmos o desenvolvimento econômico de uma determinada região, são necessários a utilização de alguns indicadores, os quais são o reflexo da dinâmica econômica da área que se elegeu para o estudo. Entre esses indicadores, encontra o Produto Interno Bruto (PIB), Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Valor Adicionado Bruto (VAB), entre outros.

O PIB consiste na soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, normalmente em um ano, sendo um indicador de fluxo de novos bens e serviços finais produzidos durante um período. Esse indicador não é o total de riqueza existente em um país, é apenas uma relação entre os bens produzidos e comercializados (IBGE, s/a). O estudo do PIB nos possibilita ver o crescimento econômico do recorte espacial em análise, bem como realizar comparações econômicas com outras áreas.

O IDH é um índice para o desenvolvimento humano criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), o qual utiliza-se de diversos fatores para o desenvolvimento humano da população em um parâmetro mundial. Deste modo, o IDH consiste em uma medida de progresso a longo prazo que se utiliza de dimensões consideradas básicas para o desenvolvimento humano, sendo a renda, a educação e a saúde essas dimensões. Esse índice é elaborado pela ONU, medindo países, estados e municípios com um número estatístico, que vai de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de um, melhor é o desenvolvimento humano da área (PNUD, s/a).

O VAB consiste no resultado final da atividade produtiva no decurso de um período determinado. Esse valor é resultado da diferença entre o valor da produção e o valor do consumo intermediário, originando excedentes. O mesmo é utilizado para medir quais são os principais setores econômicos que atuam na área que está sendo

estudada. Com isso, torna-se possível analisar a dinâmica espacial e econômica de um município, visto que, normalmente, a organização espacial é baseada na dinâmica econômica. No Brasil, é o IBGE o órgão responsável pela cálculo e divulgação desses valores, bem como a pesquisa dos mesmos.

4 A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DOS MUNICÍPIOS DA RI NOVA PRATA – GUAPORÉ

Os 14 municípios que compõem a Região Imediata de Nova Prata – Guaporé possuem uma organização econômica bastante parecida. Tal fato se dá, principalmente, por essas unidades territoriais apresentarem um processo de ocupação semelhante, onde consolidaram sua economia com base na agricultura. Entre esses municípios, há dois que despontam no desenvolvimento econômico e social, os quais nomeia a Região Imediata. Compõem a região os seguintes municípios: André da Rocha, Dois Lajeados, Guabiju, Guaporé, Montauri, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Protásio Alves, São Jorge, Serafina Corrêa, União da Serra e Vista Alegre do Prata.

A economia se estabeleceu, inicialmente, baseada na agricultura, a qual foi herança dos povos que ocuparam a área e também dos indígenas que já habitavam a região. Oficialmente, a região foi ocupada pelos indígenas, alemães, poloneses e, principalmente, por imigrantes italianos, que chegaram à região a partir da segunda metade do século XIX.

Neste capítulo, iremos realizar um levantamento da organização econômica de cada um dos municípios que compõem a Região Imediata, e apresentar como as principais atividades econômicas de cada município estão inseridas na dinâmica regional nos dias atuais. Além disso iremos apresentar uma historicidade dos municípios, dando suporte aos dados quantitativos que estão apresentados neste capítulo.

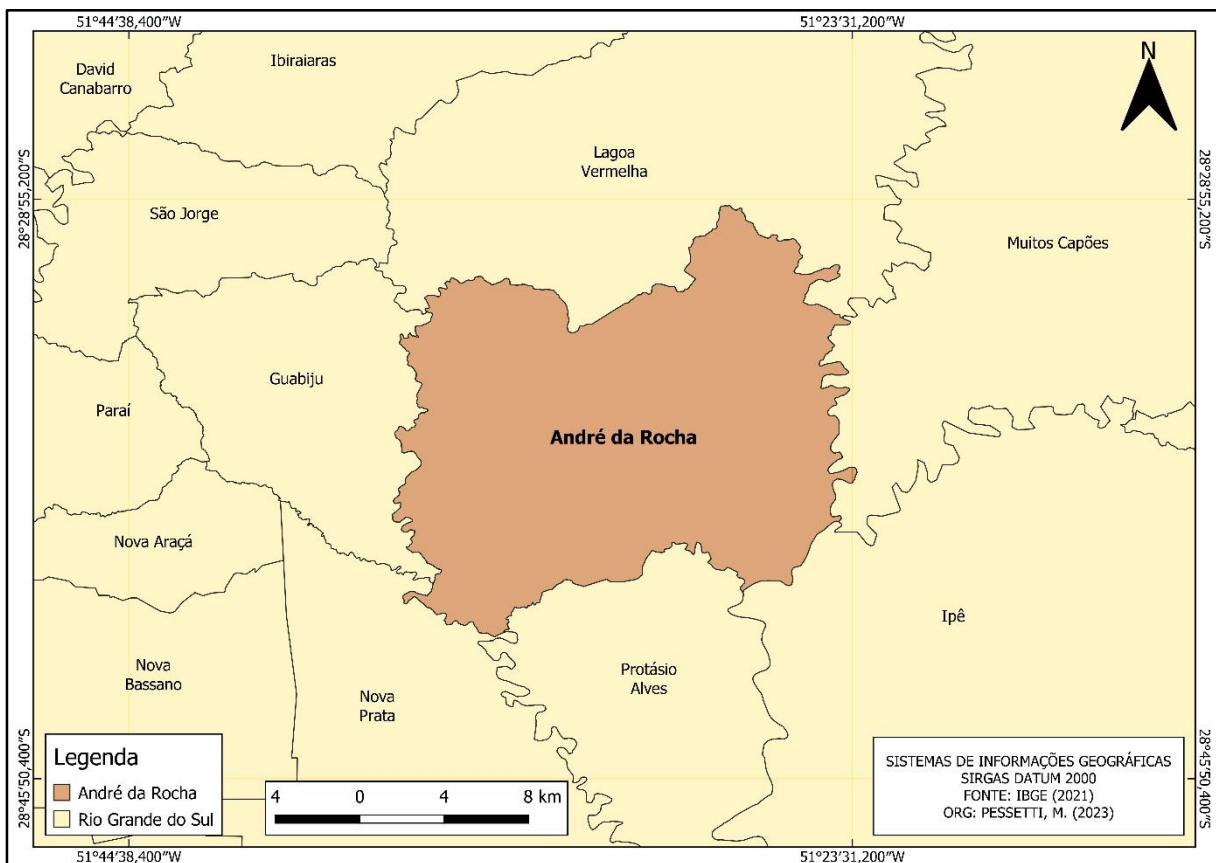
4.1 ANDRÉ DA ROCHA

O município de André da Rocha encontra-se na porção nordeste da Região Imediata e faz divisa com outros dois municípios da região, Protásio Alves e Guabiju, sendo o menor município, em número de habitantes da região bem como do estado. Além desses municípios, André da Rocha faz fronteira com unidades territoriais que não pertencem à mesma Região Imediata, como é o caso de Nova Prata do Sul, Ipê, Muitos Capões e Lagoa Vermelha (Mapa 2).

O município de André da Rocha teve sua criação no dia 12 de maio de 1988, quando deixou de ser distrito de Lagoa Vermelha e passou a ser um município

independente. O processo de emancipação ocorreu devido ao desenvolvimento que o distrito apresentou, principalmente após os anos 1960, onde a economia do distrito se consolidou, facilitando assim o processo de emancipação (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDRÉ DA ROCHA, s/a).

Mapa 2 – Localização de André da Rocha/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

O processo de ocupação do município de André da Rocha teve início com os indígenas da etnia Caingangue, que já estavam na unidade territorial no início do século XVIII, quando os primeiros jesuítas espanhóis chegaram à região. Esse primeiro contato se deu pela busca do gado selvagem que vivia na região e com o intuito de alargar as fronteiras. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDRÉ DA ROCHA, s/a).

A partir do momento em que os jesuítas chegaram até a região, houve um processo de expulsão dos povos indígenas que vivam até então na área. A expulsão ocorreu através de conflitos, já que os indígenas não aceitaram as imposições feitas pelo grupo que havia chegado. Tal fato, faz com que, na atualidade, a cultura indígena esteja invisibilizada, visto que as marcas culturais deste grupo foram destruídas com a chegada dos jesuítas.

A região onde hoje encontra-se o município começou a ser ocupada, por tropeiros, principalmente paulistas, que chegaram à região atraídos pelas terras que ficaram desocupadas com a expulsão dos indígenas. Com base nisso, o povoamento de André da Rocha teve seu início oficial no ano de 1840, quando houve a instalação da primeira fazenda do município, a Fazenda do Prata (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDRÉ DA ROCHA, s/a).

O primeiro proprietário não chegou a se instalar na região, por julgar ser uma área muito perigosa devido a presença dos indígenas. Deste modo, Bernardo Fialho de Vargas vende a propriedade a Manoel Pereira Vieira, o qual foi o primeiro a fixar residência na região. A fazenda passa a se chamar Fazenda dos Vieiras, e foi precursora na criação do gado a partir deste período (ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA ENCOSTA SUPERIOR DO NORDESTE, s/a).

A economia do município começou a se desenvolver com base na pecuária bovina, onde Manoel Vieira e outros fazendeiros que se fixaram após a sua chegada, deram início à criação dos rebanhos de gado, tornando assim a principal atividade econômica. Com a chegada dos imigrantes italianos, nas últimas décadas do século XIX, houve a inserção da agricultura na economia municipal.

Com o desenvolvimento dessas atividades no espaço rural, a região começou a se destacar. Neste período, André da Rocha era distrito de Lagoa Vermelha, e se desenvolvia com base nas restrições em que o município mãe empunha. Segundo dados da Prefeitura Municipal de André da Rocha (s/a), o primeiro sinal de desenvolvimento independente que o então distrito apresentou foi quando se deu a instalação da fábrica de laticínios, a qual concedeu o apelido à então Vila da “Fábrica”.

O progresso econômico da Vila foi tanto que possibilitou a emancipação político-administrativa no ano de 1988, sendo instaurado em 1989. Com base nisso, recebeu o nome de André da Rocha, sendo uma homenagem ao fundador do distrito, no início do século XX, Manoel André da Rocha, o qual foi um importante nome no

Rio Grande do Sul, tendo assumido o TJE-RS e foi reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDRÉ DA ROCHA, s/a).

O município de André da Rocha tem sua economia centrada na agropecuária. Segundo dados do Censo Agropecuário do IBGE (2017) o município tem como sua principal atividade econômica e agropecuária, baseada na produção de soja e na criação de gado, sendo esses os que empregam a maioria das pessoas ocupadas no município. Além destes dois produtos agropecuários, o milho também se destaca no cenário econômico de André da Rocha.

Nota-se, com base nos dados que foram obtidos, que o gado já era criado na região durante o período pré-colonização, pelos povos indígenas que viviam na área. A agricultura foi inserida após a chegada dos imigrantes italianos, a partir da década de 1870 (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDRÉ DA ROCHA, s/a).

O espaço rural do município conta com 245 estabelecimentos agropecuários, os quais exercem a agropecuária de cunho familiar, apesar de estar se inserindo cada vez mais no cenário da agricultura moderna. Com isso, a forma de produção é, na maioria das propriedades, a da agricultura familiar, onde os proprietários desses estabelecimentos são os responsáveis pelo processo de produção (IBGE, 2017).

A economia de André da Rocha tem forte influência da produção de grãos, principalmente na produção de soja e do milho. A soja foi inserida no município principalmente no fim do século XX, quando o grão se inseriu no cenário nacional. A produção foi ganhando espaço no cenário rural do município, principalmente pelo alto lucro da revenda.

Segundo dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017), na atualidade, a soja é o produto agrícola produzido no maior número de estabelecimentos, bem como o que tem a maior produtividade e valor de produção. Em segundo lugar, o produto mais produzido é o milho, que também tem um valor de produção bastante significativo. A aveia branca e o trigo também são produzidos nesses estabelecimentos, mas com menos expressividade (Tabela 1).

Além da agricultura, que desponta como principal atividade econômica de André da Rocha, a pecuária tem papel bastante significativo no cenário econômico do município. Segundo o Censo Agropecuário (IBGE, 2017), a unidade territorial em análise cria diversos animais, sendo os principais os bovinos, os galináceos, os ovinos e os suínos.

Tabela 1 – Produção agrícola em André da Rocha/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
AVEIA BRANCA	5	753	R\$ 601.100,00
MILHO (GRÃO)	49	8.411	R\$ 4.327.372,00
SOJA	103	43.325	R\$ 46.259.874,00
TRIGO	4	1.621	R\$ 975.732,00

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

O gado bovino é o principal rebanho de criação de animais do município, levando-se em consideração o valor da produção e o número de estabelecimentos produtores. A partir da década de 1950, houve o forte desenvolvimento, principalmente pelas fábricas de beneficiamento que se instalaram no distrito. Na atualidade, a criação de gado é feita em diversas cabanhas, que criam animais de altíssimo nível e que são utilizados para a pecuária de corte, pecuária leiteira e para a reprodução.

A partir da análise dos dados de criação de animais, nota-se que a pecuária, ainda que importante, não tem grande contribuição no PIB do município, visto que os valores de produção ficam bem abaixo dos alcançados com a agricultura. Destacam-se produção de leite e a produção de ovos como as principais atividades exercidas na pecuária (Tabela 2).

Tabela 2 – Produção pecuária em André da Rocha/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	NÚMERO EFETIVO DE REBANHO	PRODUÇÃO	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINO	167	11.936	-	-
BOVINO (LEITE)	36	128	464.000 litros	R\$ 459.777,00
GALINÁCEOS	62	16.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	60	-	25 mil dúzias	R\$ 114.141,00
OVINOS	46	2.526	-	-
SUÍNOS	39	24.824	-	-

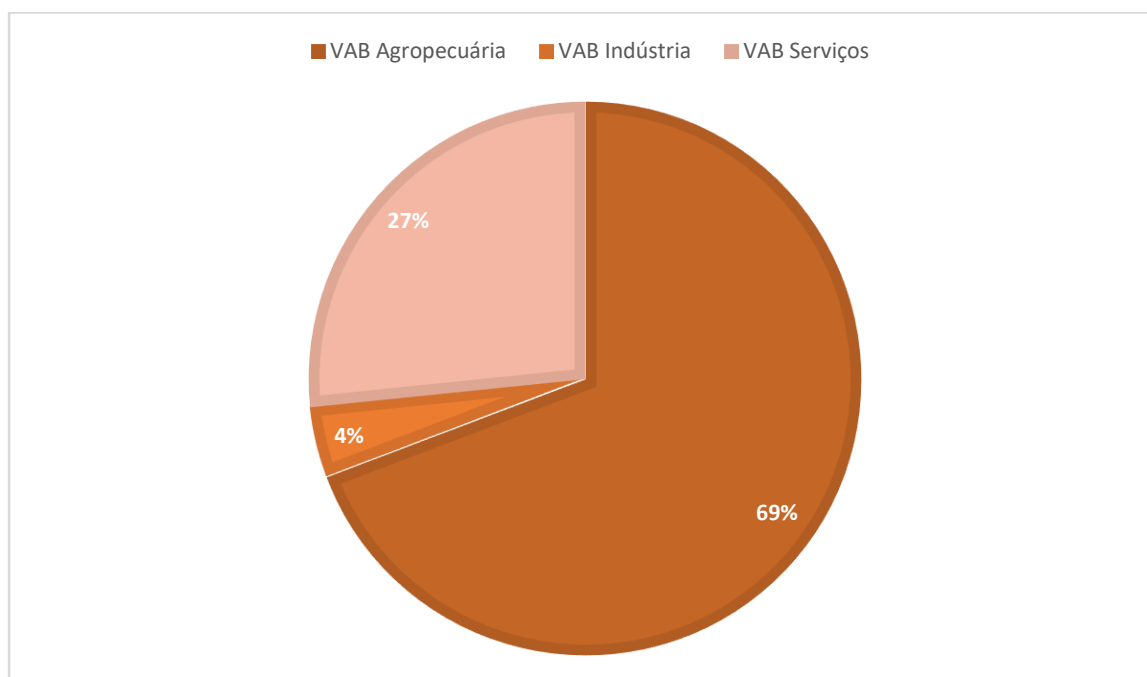
Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Com base nesses dados, pode-se perceber que apesar de o município ter sofrido um desenvolvimento econômico durante o século XX, o que possibilitou sua emancipação a forma de produção se mantém a tradicional na maioria dos estabelecimentos comerciais, mesmo com a inserção da soja. Segundo os dados da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Agricultura, cerca de 70% dos estabelecimentos rurais são de agricultura familiar, que não tem o uso massivo da tecnologia. Com exceção das grandes cabanhas de criação do gado e dos grandes produtores de soja, a produção agropecuária de André da Rocha é voltada à agricultura familiar e modo de produção que é herança dos colonizadores da região.

Deste modo, percebe-se que a dinâmica econômica do município é baseada no setor primário, tendo a agropecuária como o principal setor que contribui para o desenvolvimento econômico do município. Junto a ele, segue o setor terciário, principalmente de comércio, e por último o setor secundário, que é diretamente vinculado à pequenas empresas industriais e agroindústrias (Gráfico 1).

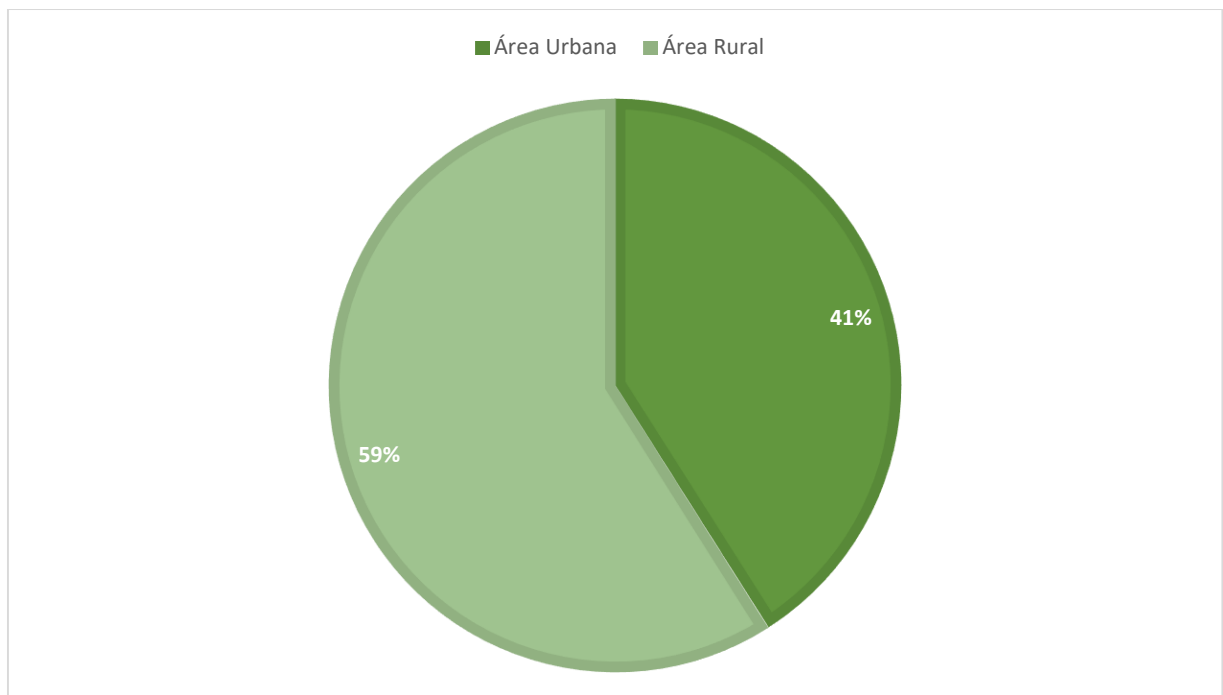
Gráfico 1 – Valor Adicionado Bruto por setor em André da Rocha/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

As atividades econômicas presentes no município são as causas de a organização do espaço da unidade territorial ir na contramão do cenário global atual, onde 59% da população ainda reside em área rural (Gráfico 2). Esse fato acontece devido à necessidade da presença da mão de obra na produção agropecuária do município. Além disso, como a maior parte dos estabelecimentos agropecuários são de produção familiar, é necessário a presença dessas famílias na zona rural do município. Desta forma, a área rural emprega 53% da população total do município, com 655 trabalhadores rurais.

Gráfico 2 – Distribuição da população de André da Rocha/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Segundo o IBGE (2022) a população é de 1.135 habitantes, os quais são divididos em 331,2 km², apresentando uma densidade demográfica baixa, de 3,43 hab/km². Esses dados classificam o município como o menor, em número de habitantes, e o menor colégio eleitoral do Rio Grande do Sul.

A economia do município propicia uma boa qualidade de vida para seus habitantes. Se vê isso, pois o município está em 34^o lugar no ranking do PIB no Rio

Grande do Sul, e em 1º lugar na Região Imediata, tendo o salário médio mensal dos trabalhadores formais de 2,6 salários mínimos (IBGE, 2022). Essa economia favorável impacta diretamente no Índice de Desenvolvimento Humano, que é de 0,720 (PNUD, 2010).

O município tem uma estrutura etária onde a maior parcela da população tem entre 45 e 49 anos e com a presença de mais mulheres. Além disso, a população apresenta uma boa expectativa de vida, havendo um número considerável de pessoas com mais de 85 anos, e uma baixa taxa de natalidade (IBGE, 2010).

Devido ao seu tamanho e a pequena população, os serviços são eficientes, principalmente em relação educação e saúde. A educação é uma das principais preocupações do município que conta com 3 escolas, duas de ensino fundamental e uma de ensino médio. A taxa de escolarização entre os 6 e 14 anos é de 100% (IBGE, 2022).

As questões sanitárias também possuem resultados satisfatórios. A saúde pública conta com um estabelecimento de saúde, o qual é responsável por anteder a área urbana e rural. Durante o período de pandemia da COVID-19, as atividades de prevenção se mostraram eficazes. Entre março de 2020 e março de 2023, o município havia registrado 312 casos da doença com apenas 1 morte, o que corresponde à uma taxa de letalidade de 0,32%, ficando bem abaixo da taxa nacional que é de 1,70% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

A área do município divide-se em dois distritos: André da Rocha e Chimarrão. O distrito de Chimarrão teve sua criação quase ao mesmo tempo do distrito sede, sendo local onde ficava a segunda maior fazenda durante a ocupação no final do século XIX e início do século XX.

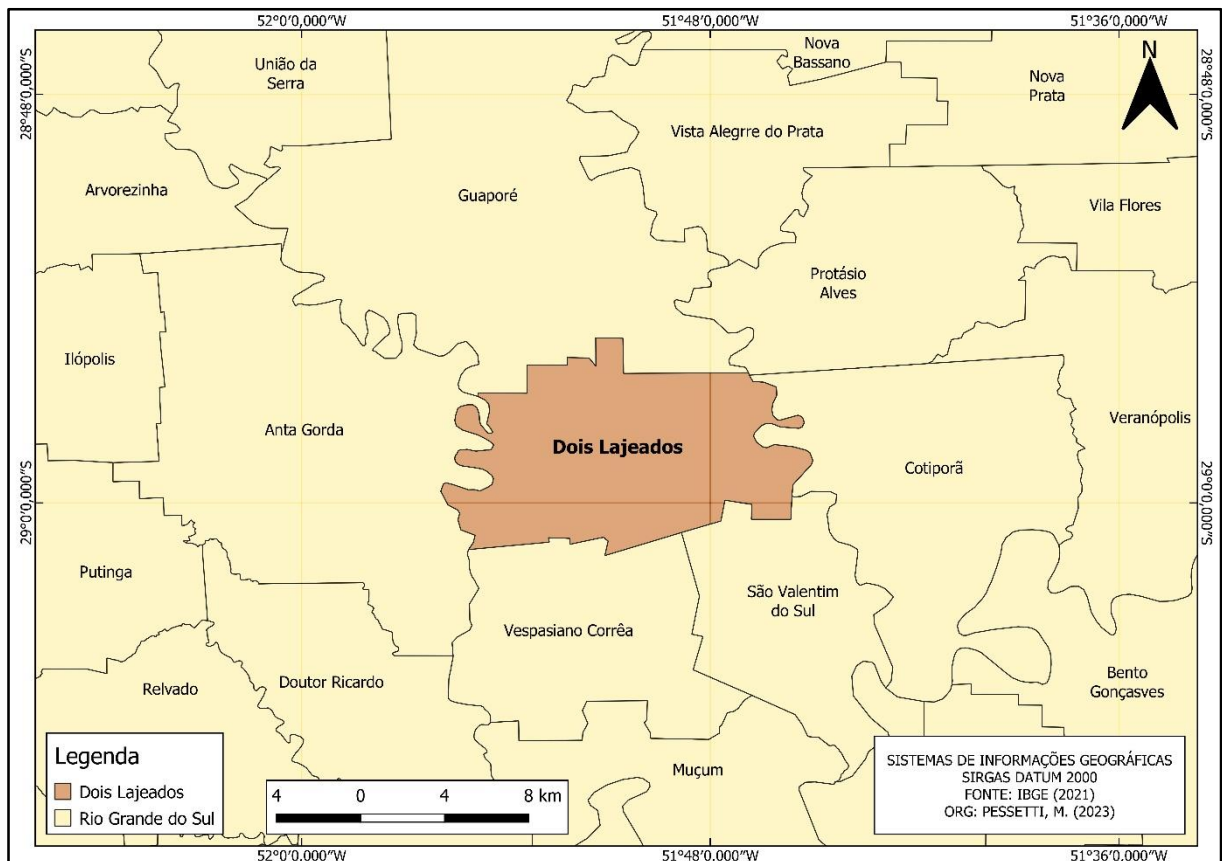
4.2 DOIS LAJEADOS

O município de Dois Lajeados tem uma localização estratégica, sendo um elo de ligação entre três das principais regiões do Rio Grande do Sul, a Serra, o Vale do Taquari e o Planalto. Tal fato, faz com que a unidade territorial em análise tenha um papel fundamental para a produção e escoamento de produtos que são beneficiados em seu município e municípios vizinhos (Mapa 3).

Dois Lajeados faz divisa com apenas um município da Região Imediata de Nota Prata – Guaporé, que é Guaporé. Além desse, o município faz limite com Vespasiano

Corrêa, Anta Gorda e São Valentim do Sul. Sua localização geográfica está em uma altitude média, com aproximadamente 500 metros de altitude.

Mapa 3 – Localização de Dois Lajeados/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

A ocupação das terras onde hoje se encontra o município de Dois Lajeados teve início indígena, onde os Caingangues já ocupavam antes do século XVIII. Esses grupos indígenas que viviam na região foram expulsos de suas terras, tanto por conflitos quanto pela proximidade com o homem branco, fazendo com que as terras ficassem disponíveis para a implantação desses imigrantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE DOIS LAJEADOS, s/a).

O processo de colonização e de formação do município se deu a partir do início do século XX, onde grupos de imigrantes italianos, que num primeiro momento haviam se instalando em Garibaldi e Bento Gonçalves, migraram para a área do município em

busca das terras que ficaram disponíveis no local após a expulsão dos indígenas. Com a chegada desses italianos deu-se a construção do povoado, que posteriormente transformou-se em distrito de Guaporé (PREFEITURA MUNICIPAL DE DOIS LAJEADOS, s/a).

A formação do município, após a chegada dos colonizadores europeus, aconteceu durante as primeiras três décadas do século XX, onde a construção de alguns serviços foi priorizada. Entre esses serviços, está a primeira escola, que foi fundada em 1905, a primeira capela, em 1912 e o Banco Nacional do Comércio que foi fundado em 1915 (PREFEITURA MUNICIPAL DE DOIS LAJEADOS, s/a).

Além dos italianos que chegaram no início do século XX, vieram para a região alemães e poloneses. Esses povos, junto com os italianos, ficaram responsáveis pela construção do espaço do município, bem como na implantação e na consolidação das atividades econômicas da unidade territorial.

Assim como em outros municípios de colonização europeia, a economia de Dois Lajeados é baseada no setor primário, principalmente na pecuária. Essa economia é herança dos indígenas que já criavam gado, a dos colonizadores que ocuparam a área, e reflete a cultura desses grupos que organizaram espacialmente o município.

Com a consolidação do modo de produção colonial que os europeus implantaram na economia da unidade territorial, houve um desenvolvimento econômico do povoado, fazendo com que o mesmo fosse promovido a distrito de Guaporé. O status de distrito durou até meados dos anos de 1980, quando os primeiros esforços de emancipação começaram a acontecer (PREFEITURA MUNICIPAL DE DOIS LAJEADOS, s/a).

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Dois Lajeados (s/a), a economia do distrito estava avançando de forma bastante acelerada e satisfatória, o que fez com as lideranças do distrito de Dois Lajeados iniciassem os debates com base na ideia de independência. Visto isso, houve a abertura de um processo à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde conseguiu-se o direito de se realizar um plebiscito sobre a emancipação. Esse plebiscito foi favorável ao processo, tendo a criação do município no dia 08 de dezembro de 1987.

Após a emancipação, a economia do município se desenvolveu bastante, tendo a agricultura e a pecuária as principais atividades econômicas que são desenvolvidas

no município. Dentre essas duas atividades, a pecuária é o carro chefe da produção rural no município.

O cenário econômico de Dois Lajeados tem a predominância do setor terciário, principalmente do comércio. Apesar disso, a agropecuária tem papel importante para a dinâmica econômica da unidade territorial em análise. Deste modo, a organização espacial do município se dá baseada nesses dois setores.

Dois Lajeados apresenta 476 estabelecimentos rurais que desenvolvem, em sua maioria, agropecuária de cunho familiar. A agricultura é bastante diversificada no município. Tal fato se dá, pela grande variedade de produtos que as condições edáficas da região possibilitam o cultivo. Entre os diversos produtos cultivados, é relevante destacar a produção de erva-mate, laranja, bergamota, uva – destinada para a produção de vinho e suco -, abóbora, fumo, milho (grão), milho (forrageiro) e a soja.

Entre esses merecem destaque a produção de uva, milho e soja, os quais apresentam os maiores valores da produção. A uva e o milho estão presentes desde o início do processo de ocupação, visto que era a base da alimentação do imigrante italiano que ocupou o espaço. Com base nisso, vemos que o principal valor agregado de produção é o da uva e do milho. Além disso, percebe-se a presença de diversos outros produtos, que são produzidos em uma boa parte de estabelecimentos rurais, gerando um valor satisfatório (Tabela 3).

Tabela 3 – Produção agrícola em Dois Lajeados/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
ERVA-MATE	37	211	R\$ 150.660,00
LARANJA	36	559	R\$ 306.095,00
BERGAMOTA	17	205	R\$ 129.207,00
UVA	175	11.009	R\$ 11.849.355,00
ABÓBORA	269	127	R\$ 133.596,00
FUMO	14	33	R\$ 281.046,00
MILHO (GRÃO)	322	7.488	R\$ 3.980.071,00
MILHO (FORRAGEIRO)	173	35.835	R\$ 2.795.714,00
SOJA	111	4.346	R\$ 4.394.612,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021

Com base nas informações assinaladas na tabela, percebe-se que o produto que tem a maior produtividade é o milho forrageiro. Apesar disso, o milho em grãos é o produto cultivado em um maior número de estabelecimentos, e a uva é o que apresenta o maior valor de produção, agregando mais de 11,8 milhões de reais ao VAB do município. Além disso, é relevante destacarmos o papel da soja na produção agrícola, tendo o maior valor agregado, com mais de 4 milhões de reais.

Com o desenvolvimento de uma agricultura mais atual e modernizada, a soja começa a se destacar no cenário produtivo do município. Tal fato é reflexo da nova forma de produção que a agricultura brasileira assumiu, principalmente na segunda metade do século XX. A inserção dessa cultura toma o espaço de outras culturas, visto que a soja tem um alto valor de mercado, o que atrai o interesse dos produtores.

Além da agricultura, o cenário rural de Dois Lajeados possui a forte presença da pecuária, a qual tem três tipos de animais como os principais rebanhos de criação, o gado, os galináceos e os suínos. Essas três espécies são responsáveis por mais de 80% da produção pecuária do município.

A pecuária se concentra principalmente na pecuária leiteira, tendo o terceiro maior rebanho efetivo, mas gerando a maior receita de produção. A criação de galináceos tem o maior rebanho e, boa parte de sua produção é para o comércio de ovos, bem como atender as indústrias alimentícias dos municípios vizinhos, gerando uma receita significativa. A suinocultura tem números expressivos em relação ao número de estabelecimentos produtores e ao número de cabeças, mas os dados de valor da produção não estão disponíveis (Tabela 4).

Tabela 4 – Produção pecuária em Dois Lajeados/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	PRODUÇÃO	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	318	5.792	-	-
BOVINOS (LEITE)	235	2.269	11.578.000 de litros	R\$ 11.972.948,00
GALINÁCEOS	307	1.095.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	245	-	34 mil dúzias	R\$ 138.927,00
SUÍNOS	227	26.694	-	-

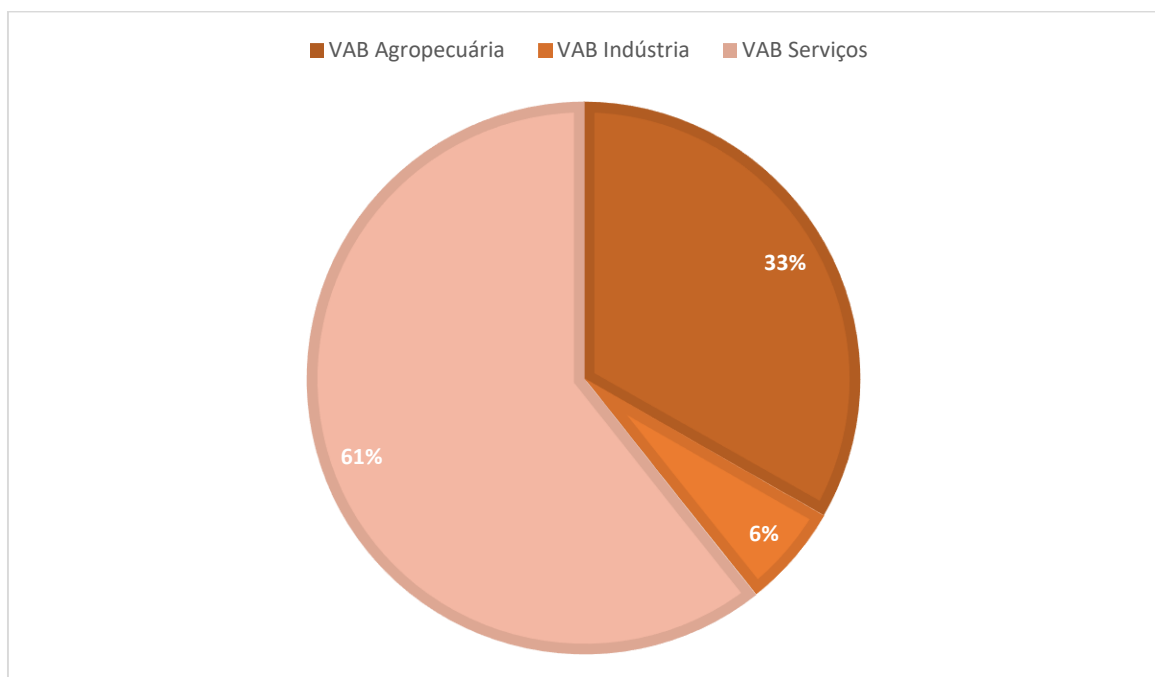
Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Partindo dos dados que foram analisados, percebe-se que a criação de bovinos é a atividade pecuária que ocorre em mais estabelecimentos rurais, seguindo da criação de aves. Isso se dá, principalmente, pelas questões históricas e em resposta à dinâmica econômica do município, onde o gado era utilizado para subsistência. Além disso, a criação de aves, além da subsistência, é destinada para atender aos abatedouros e unidades industriais de embutidos.

O setor secundário começou a se desenvolver a partir da instalação dos primeiros abatedouros e unidades industriais de alimentos, os quais se implantaram no final do século XX. Com isso, o cenário urbano municipal começou a se desenvolver, fazendo com que o setor terciário assumisse um papel importante na dinâmica econômica de Dois Lajeados.

Com base nessa mudança, na atualidade, o setor terciário é o principal na contribuição financeira para o município. O segundo setor que mais contribui para o PIB do município é o primário, e o último, e menos relevante, é o setor secundário (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Valor Adicionado Bruto por setor em Dois Lajeados/RS

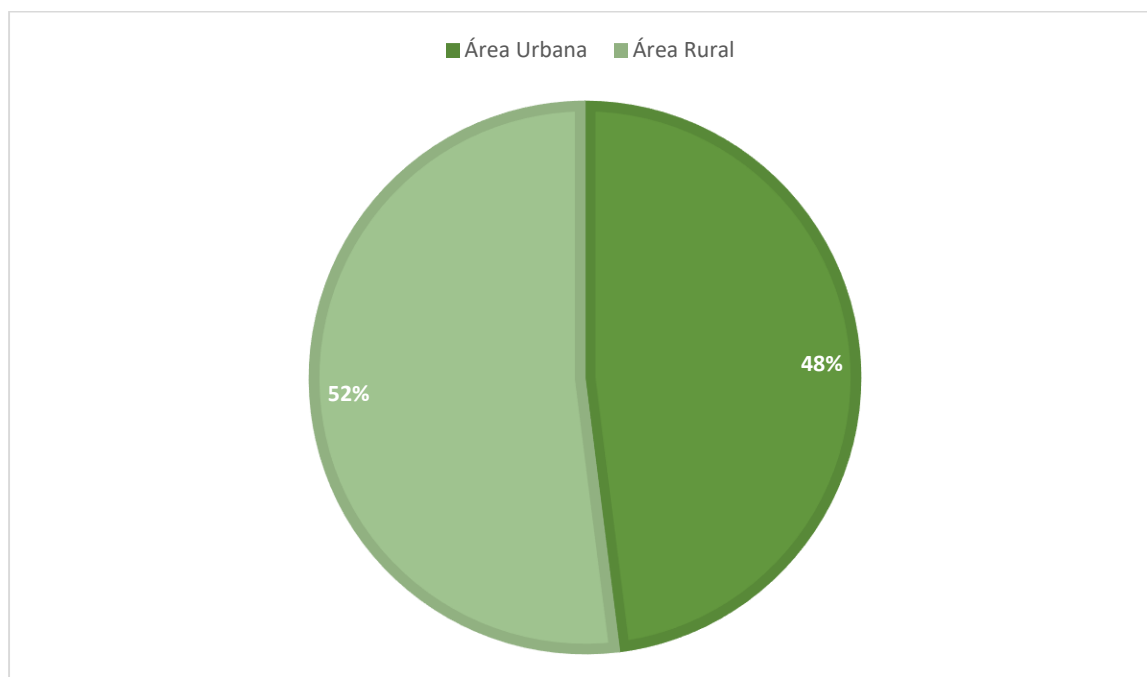


Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

No município predominam os minifúndios, onde os investimentos são do próprio produtor. Deste modo, a mão de obra utilizada é a familiar, fazendo com que seja necessária a permanência da população vivendo no espaço rural. Além disso, a manutenção da cultura é bastante presente na unidade territorial, então a manutenção no modo de produção tradicional colonial é um papel importante para o produtor rural de Dois Lajeados.

A importância que a agropecuária tem para o município é tamanha, que ela organiza o espaço até os dias atuais. Apesar de nas últimas décadas ter acontecido um aumento da população urbana e expansão da mancha urbana, a maior parte da população ainda reside em área rural. Deste modo, 52% da população reside em área rural (IBGE, 2010) (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Distribuição da população de Dois Lajeados/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Como as atividades de agricultura e pecuária tem grande participação na dinâmica econômica do município, a geração de empregos também é um ponto relevante. Segundo o IBGE (2010), existem 1.105 trabalhadores rurais na área rural

de Dois Lajeados, em sua grande maioria sendo os próprios proprietários dos estabelecimentos rurais.

Atualmente, a unidade territorial em estudo conta com 3.097 habitantes, que estão distribuídos em uma área de 133,5 km², com uma densidade demográfica de 23,19 hab/km². Como já citado, a maior parte da população vive em espaço rural. (IBGE, 2022).

A dinâmica econômica de Dois Lajeados apresenta resultados regulares, ficando na 254^a posição no ranking estadual do PIB, e na 13^a na região imediata, apresentando o salário médio mensal dos trabalhadores formais de 2,2 salários mínimos (IBGE, 2022). Segundos dados do PNUD (2010), a unidade territorial em análise apresenta um IDH de 0,757, sendo considerado alto, o que é reflexo das dinâmicas econômicas e sociais presentes no município.

A estrutura etária de Dois Lajeados é composta, em sua predominância, de adultos, principalmente entre os 30 e os 59 anos, onde a maioria dessa população é composta por mulheres. A longevidade também é alta, com um significativo grupo de pessoas com mais de 75 anos, principalmente no sexo feminino. Nota-se também, que há uma baixa taxa de natalidade (IBGE, 2010).

Os indicadores sociais do município são bons, principalmente devido à eficiência dos serviços básicos. Entre esses serviços, destacam-se a educação e saúde. A educação, apresenta bons resultados, com uma taxa de 99,1% de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos. A rede educacional do município é composta de 3 escolas, sendo duas de ensino fundamental e uma de ensino médio, que apresentam bons índices educacionais (IBGE, 2022).

A saúde também apresenta bons índices, principalmente para atender ao espaço urbano. A rede de saúde pública conta com dois estabelecimentos de saúde, os quais atendem toda a população. Em um cenário atual, levando-se em consideração a pandemia de COVID-19, entre os meses de março de 2020 e março de 2023, o município registrou 894 casos da doença e 7 mortes, com uma letalidade de 0,78%, ficando abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.3 GUABIJU

Guabiju é um município localizado na porção norte da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé. A referida unidade territorial está fazendo limite com os municípios

de São Jorge, Nova Prata, Nova Araçá, Lagoa Vermelha, André da Rocha, Nova Araçá e Parai, tem uma boa localização para as trocas comerciais e deslocamentos de pessoas com os demais municípios da região (Mapa 4).

Mapa 4 – Localização de Guabiju/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

O processo de ocupação do município em que hoje ficam as terras de Guabiju é bastante semelhante aos demais municípios da região. Em um primeiro momento, as terras eram ocupadas pelos indígenas, da tribo dos Coroados, os quais já tinham uma forma de organização bastante desenvolvida, tendo a presença da criação de gado já presente, e que foram expulsos com a aproximação dos imigrantes (ARQUIVO HISTÓRICO DE GUABIJU, s/a).

Aos poucos, após diversas disputas territoriais, os indígenas que viviam na região começaram a migrar de local, principalmente pelo processo de ocupação de

diversas terras que ficavam próximas, por parte dos imigrantes que chegavam da Europa. Com esse afastamento, as terras de Guabiju ficaram disponíveis, fato que atraiu os europeus que buscavam áreas disponíveis para se fixarem. Com base nisso, alguns colonizadores chegaram até as terras que até então eram ocupadas pelos Coroados. A maior parte desses europeus eram de origem italiana, o que ocasionou à comunidade aspectos bem característicos da colonização italiana (MANFROI, 2001).

O município de Guabiju, se comparado aos demais municípios da região teve sua colonização tardia. Após a expulsão dos índios do local, as terras passaram a pertencer a três grandes latifundiários, os quais dividiram as mesmas em aproximadamente 200 colônias, com cerca de 25 hectares cada uma. Essas colônias foram divididas a partir da chegada dos primeiros colonizadores, a partir da década de 1910 (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUABIJU, s/a).

A chegada dos europeus, principalmente italianos, no início do século XX à região, fez com que os costumes desse grupo étnico fossem impressos na unidade territorial. Tal fato é percebido até hoje através da forma de produção e nas convenções sociais que os habitantes de Guabiju seguem.

A primeira medida tomada por esses colonizadores, foi o início do cultivo daquilo que seria essencial para sua sobrevivência, como é o caso do milho, utilizado na alimentação básica do colono italiano. Junto com o milho, houve o início da criação do gado, que bem como aves e suínos, os quais eram destinados para o consumo próprio.

Com a consolidação desses colonizadores, houve a necessidade de fortalecer a economia, que teve como base a agropecuária, visto que era a atividade mais desenvolvida no início do século XX. Deste modo, os produtores que iniciaram a comercialização do produto que eram produzidos além da necessidade de consumo. Durante esse período surgem as primeiras unidades comerciais no município (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUABIJU, s/a).

Apesar da economia do município estar bem consolidada e a distribuição social estar bem estruturada com base nas convenções de origem italiana, a oficialização da criação do distrito de Guabiju só aconteceu no ano de 1948, tornando-o subordinado ao município de Nova Prata, que na época estava em um estágio de desenvolvimento econômico maior. A partir da oficialização do distrito, houve um maior investimento no desenvolvimento econômico de Guabiju, o que favoreceu o

crescimento do até então distrito (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS, 2021).

A economia do distrito de Guabiju estava se desenvolvendo fortemente, principalmente na produção agropecuária. A produção de grãos e a criação de animais para corte e de gado leiteiro, eram os principais cultivos, representando a maior parte da contribuição econômica do distrito. Esse desenvolvimento econômico iniciou a motivar as ideias de emancipação político-administrativa de Guabiju, no início dos anos de 1980.

A ideia de emancipação do distrito de Guabiju foi amadurecendo, ganhando força a partir do momento em que foi dada entrada num pedido de emancipação à Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Esse processo foi avaliado, até que no ano de 1987 aconteceu o plebiscito, onde a maior parte da população foi favorável à emancipação, sendo criado assim, no dia 09 de dezembro de 1987 o município de Guabiju.

A criação do município só foi possível, graças aos esforços que a população teve em desenvolver a economia local. As principais atividades econômicas de Guabiju são as do setor primário, a agricultura, com a produção de grãos e a pecuária, de corte e leiteira (IBGE, 2017).

A agricultura é a atividade econômica que mais impacta no cenário econômico da unidade territorial em análise. Como a maior parte dos municípios que tem a colonização italiana como sua origem, a agricultura está diretamente relacionada ao processo de formação, de (re)organização e de consolidação do espaço do município. Além disso, teve papel importante no processo de emancipação municipal.

O colono de origem italiana, na maioria dos casos, utiliza a agricultura familiar como o principal modo de produção de seus cultivos. Tal fato, é herança dos primeiros colonos europeus que chegaram no final do século XIX, e tinham a agricultura como forma de se alimentar e se manter economicamente. Deste modo, na atualidade, a agricultura local do município é majoritariamente de agricultura familiar, onde a policultura é praticada.

O espaço rural de Guabiju conta com 275 estabelecimentos rurais, onde ocorre as atividades do setor primário. Entre as atividades agrícolas, destaca-se a produção de grãos, como o milho e soja, e o cultivo de uva e de abóbora, sendo os principais produtos agrícolas cultivados no município (IBGE, 2017).

O milho e a soja são os principais produtos produzidos, estando presentes na maioria dos estabelecimentos rurais. A soja, é o produto que é cultivado em mais estabelecimentos, bem como o que tem o maior valor de produção (Tabela 5).

Tabela 5 – Produção agrícola em Guabiju/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
UVA	6	193	R\$ 331.330,00
ABÓBORA	4	112	R\$ 127.843,00
MILHO (GRÃO)	121	8.981	R\$ 4.287.484,00
MILHO (FORRAGEIRO)	104	27.400	R\$ 2.593.260,00
SOJA	147	16.725	R\$ 17.635.798,00

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Num panorama geral, pode-se analisar a existência de dois produtos que são a base da agricultura no município de Guabiju, os quais trazem os maiores valores de produção. A forma de produção desses dois produtos, o milho e a soja, apresenta diferenças, visto que o milho é um dos cultivos mais antigos na unidade territorial, já que foi implantado desde a chegada dos imigrantes italianos. Deste modo, na produção de milho ainda predominam técnicas de produção mais tradicionais, principalmente nas menores propriedades. Em contrapartida, o milho e a soja, que são produzidos nos estabelecimentos de maior porte, implantam a agricultura moderna, com utilização de maquinários e insumos químicos.

Além da agricultura, a pecuária também é bastante presente nas atividades econômicas do município. O município é conhecido por ter uma grande produtividade de leite bem como de animais criados para o abate nos abatedouros dos municípios vizinhos. A pecuária bovina é a que tem predominância em Guabiju, seguido pela avicultura e a suinocultura, que são os animais mais criados pelos colonos desde o início da colonização na década de 1910. Deste modo, pode-se perceber a existência da manutenção dessa cultura.

Com base nisso, percebe-se que a pecuária de Guabiju que os galináceos têm a maior representatividade em cabeças, ou seja, a maior quantidade de animais, seguido de suínos. Apesar disso, a maior representatividade, em relação à economia, é dos bovinos, que apesar de ter em torno de 12% da criação de animais, é a que

gera a maior receita para o município, com um valor anual de aproximadamente 15,5 milhões de reais (IBGE, 2017) (Tabela 6).

Tabela 6 – Produção pecuária em Guabiju/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	200	8.168	-	-
BOVINOS (LEITE)	132	2.179	14.543.000 de litros	R\$ 15.478.365,00
GALINÁCEOS	164	49.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	155	-	53.000 dúzias	R\$ 291.035,00
OVINOS	40	1.197	-	-
SUÍNOS	63	9.277	-	-

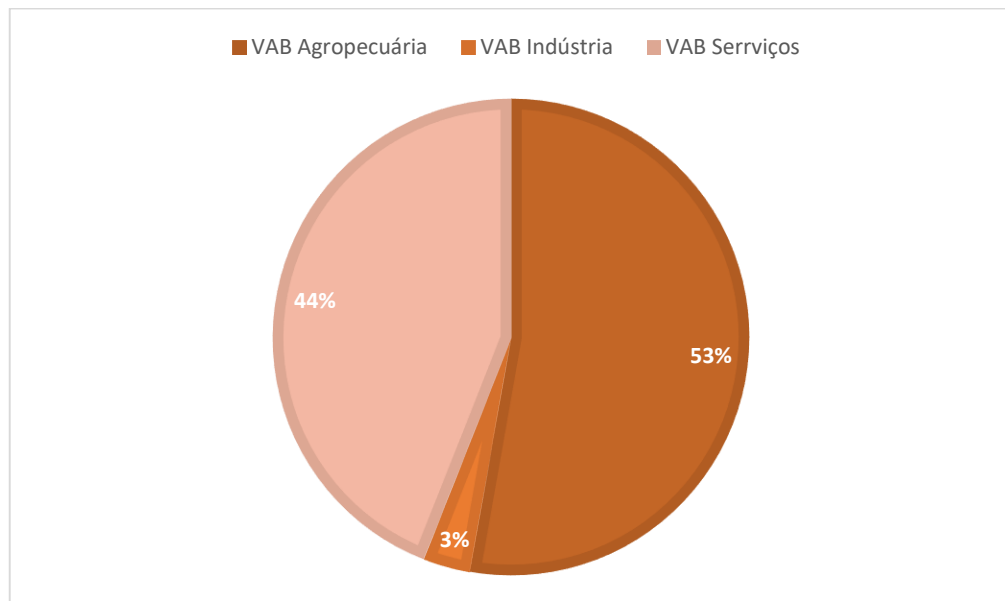
Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A presença dos animais de criação na pecuária, acabou criando novas atividades econômicas, através da necessidade de alimento para essas criações. Deste modo, a partir dos anos 2000, algumas agroindústrias começaram a se instalar no município, principalmente na fabricação de rações para o consumo local. Com isso, o setor industrial começou a ganhar investimento e atingir um desenvolvimento econômico satisfatório.

Com o desenvolvimento econômico baseado na agropecuária, as agroindústrias acabaram ganhando força o que atraiu investidores externos para a implantação de companhias industriais na unidade territorial. Sendo assim, as indústrias começaram a se instalar, principalmente na área urbana do município. Entre as principais indústrias estão as fábricas de ração e as fábricas de móveis, que são referência na região, apesar disso, não há participação significativa no VAB do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUABIJU, s/a).

Baseado nisso, o setor econômico que predomina na dinâmica econômica de Guabiju é o primário, a partir das atividades de agropecuária. Assim, percebe-se que a forma de organização do espaço também é impactada por essa economia. Em segundo lugar encontra-se o setor terciário, e o setor secundário tem uma pequena participação (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Valor Adicionado Bruto por setor em Guabiju/RS



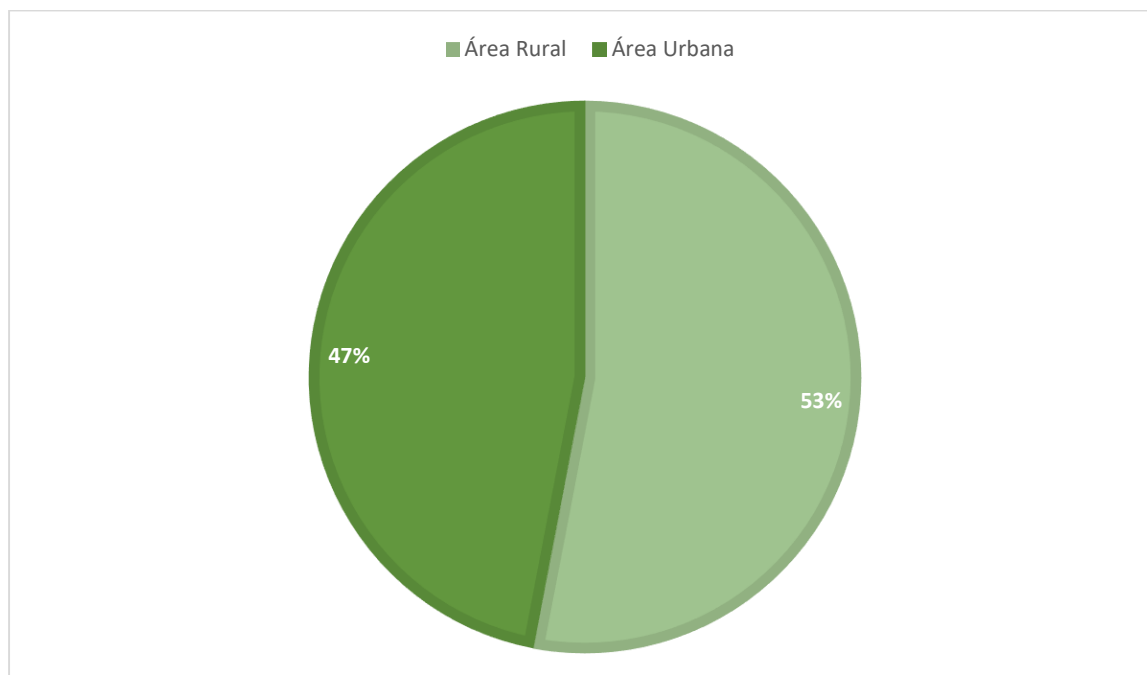
Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A organização do espaço rural se dá, predominantemente, em pequenas propriedades, onde a agricultura familiar é exercida. Em razão disso, o modo de produção tradicional, ou seja, com menor utilização de tecnologia, é o mais utilizado, o que justifica a permanência das pessoas no campo, visto que é necessário a mão de obra familiar para a consolidação da atividade econômica.

Com a manutenção dessa forma de distribuição da população, compreende-se a organização do espaço urbano também, onde percebe-se que a menor parte da população vive, não tendo um processo intenso de urbanização. Deste modo, 53% da população reside em área rural, fazendo com que o município seja classificado com um município rural (Gráfico 6).

Com a implantação de um polo industrial no município, a forma de organização econômica e social do município sofreu mudanças, principalmente em razão da chegada de mão de obra externa ao município. Apesar de não apresentar valores significativos no VAB por ser considerado de pequeno porte, atraiu população de outras regiões do estado e até mesmo do país, ocasionando assim uma mudança cultural do município, visto que os novos moradores trouxeram consigo suas crenças e convenções culturais. Deste modo, na área urbana da unidade territorial em análise, há uma hibridização cultural.

Gráfico 6 – Distribuição da população em Guabiju/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Apesar de haver uma inserção de novas atividades econômicas no município, as atividades do setor primário ainda empregam a maior quantidade de pessoas, com cerca de 642 trabalhadores rurais, em sua maioria, proprietários de terras. Os empregos formais, em setores do comércio e indústrias, totalizam pouco mais de 300 trabalhadores (IBGE, 2017).

A organização espacial atual do município consiste num centro urbano pequeno, com pouco mais de 2 km². A população de Guabiju é de 1.417 pessoas, que estão distribuídas em uma área de 146,9 km², tendo uma densidade demográfica de 9,64 hab./km² (IBGE, 2022).

Baseando-se nos dados do IBGE (2010), a estrutura etária de Guabiju é caracterizada por apresentar a menor taxa de natalidade entre todos os municípios da região. A maior parte da população é composta por pessoas entre 45 e 59 anos, fato que explica a tendência de diminuição da população estimada pelo IBGE. Além disso, há um número significativo de pessoas acima dos 80 anos, principalmente do sexo feminino (IBGE, 2010).

A dinâmica econômica da unidade territorial em análise tem bons resultados, fazendo com que a mesma fique na 115^a posição no ranking do PIB estadual, e na 4^a

em parâmetros regionais. A população acompanha a dinâmica regional, apresentando um salário médio mensal dos trabalhadores formais de 2,2 salários mínimos (IBGE, 2022). O IDH do município é alto, chegando aos 0,758 (PNUD, 2010).

Os indicadores sociais do município refletem os índices econômicos, principalmente em relação aos serviços eficientes, com destaque para a educação e saúde. A rede educacional conta com 3 escolas, sendo duas de ensino fundamental e uma de ensino médio, que atende à toda população. Com base nisso, a taxa de escolaridade chega aos 100% na população entre 6 e 14 anos (IBGE, 2022).

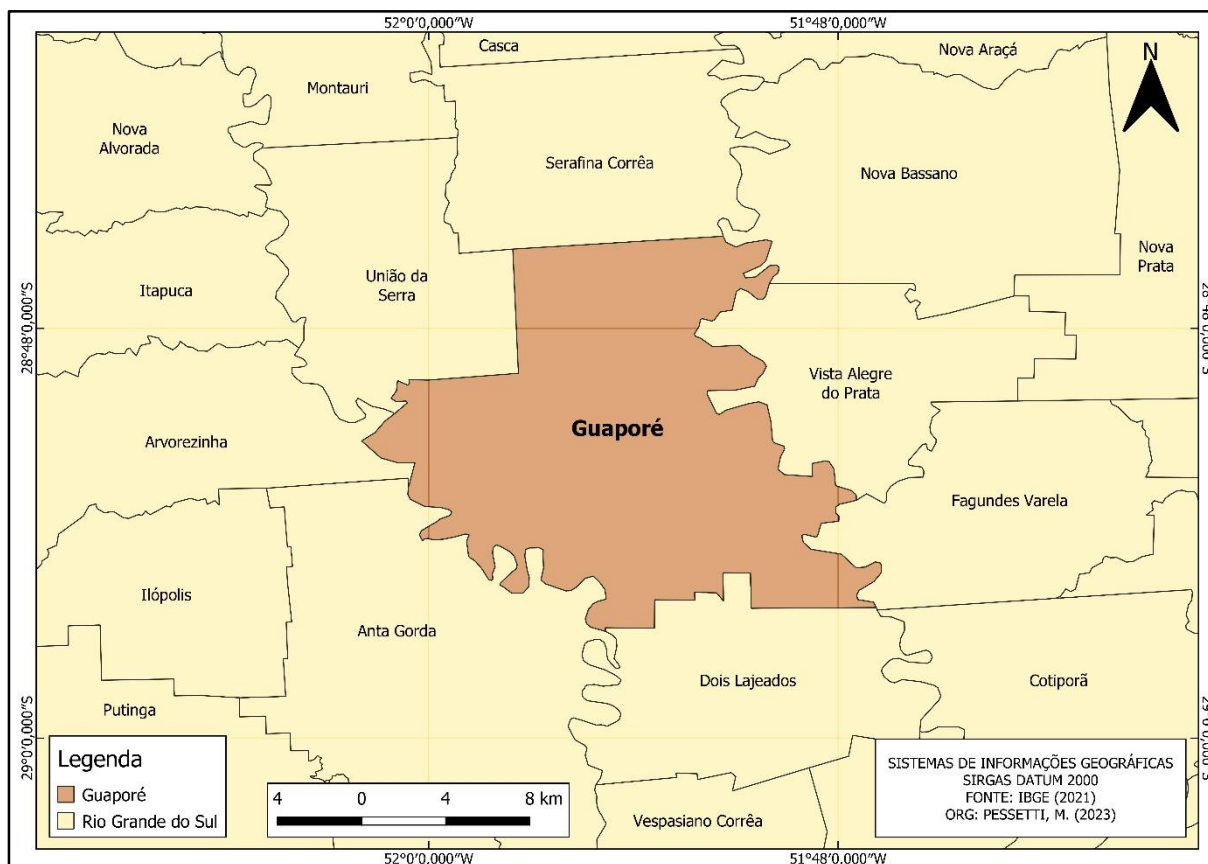
A saúde do município atende bem a população, contando com dois estabelecimentos de saúde. Baseando-se nisso, os indicadores da COVID-19 se destacam. O município apresentou 2 mortes pela doença, entre os meses de março de 2020 e março de 2023, tendo registrando 421 casos nesse mesmo período, o que resultou numa letalidade de 0,48%, abaixo da média nacional que é de 1,70% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.4 GUAPORÉ

O município de Guaporé é o principal da Região Imediata junto com Nova Prata. Esse município destaca-se devido ao elevado processo de urbanização e o desenvolvimento industrial, principalmente durante a segunda metade do século XX, o que gerou enriquecimento para o município e a expansão da mancha urbana, tornando-o assim diferente dos demais municípios da Região Imediata. O município faz divisa com Serafina Corrêa, União da Serra, Dois Lajeados, Nova Bassano, Vista Alegre do Prata, Fagundes Varela, Arvorezinha e Anta Gorda, e apresenta uma altitude média de 470 metros (Mapa 5).

As terras onde hoje encontra-se Guaporé tiveram o início de sua ocupação no final do século XIX, onde os primeiros imigrantes italianos se instalaram. Esses imigrantes fixaram os primeiros assentamentos nas áreas em que hoje localiza-se o município de Muçum, o qual era muito semelhante à sua terra natal. Esses primeiros assentamentos foram os responsáveis por construir Guaporé (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ, 2020).

Mapa 5 – Localização de Guaporé/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

O processo de formação do município teve seu ponto inicial em meados da década de 1890, quando foi criada a colônia de Guaporé, em terras que pertenciam a Lajeado e a Passo Fundo. O fundador da colônia foi José Montauri de Aguiar Leitão, em parceria com Vespasiano Rodrigues Corrêa, onde foi feita a delimitação de lotes coloniais, os quais dividiram as terras entre 25 e 30 hectares, totalizando aproximadamente 5 mil lotes (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ, s/a).

Com a divisão dos lotes, os primeiros migrantes começaram a chegar, oriundos principalmente das colônias de Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Essas pessoas, em sua massiva maioria de italianos e seus descendentes, eram provenientes da área do Trento, e encontraram nas terras da região semelhanças edáficas com sua região de origem, fazendo com que os mesmos se fixassem no local (ZAMBENEDETTI, 1988).

As terras atraíram diversos migrantes, o que fez com que a Colônia de Guaporé prosperasse desde o início, chegando aos 7 mil habitantes, em menos de quatro anos

de sua fundação, no ano de 1896. Entre esses 7 mil habitantes, em que a maioria massiva era de descendentes de italianos, chegaram também descendentes de alemães, poloneses, russos e austríacos, que viram na região uma forma de prosperar (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ, s/a) .

O município de Guaporé foi instituído no dia 11 de dezembro de 1903, proporcionado pelo desenvolvimento econômico que a até então colônia apresentava. Esse desenvolvimento se deu, principalmente, pela agricultura e pela pecuária, que eram as principais atividades econômicas desenvolvidas pelos colonizadores que se instalaram na área no fim do século XIX (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ, s/a).

Com esse desenvolvimento, no ano de 1910, Guaporé já possuía mais de 30 mil habitantes, com um centro urbano bastante desenvolvido para a época. Com base nisso, e diferindo da maioria dos municípios do interior do Rio Grande do Sul no período, já existiam indústrias instaladas na unidade territorial.

A produção agrícola do município segue um padrão desde o início da colonização. No início do século XX os principais cultivos eram o arroz, feijão, milho, soja, laranja e uva. Esses cultivos foram a principal atividade econômica do município até meados dos anos de 1970, quando a indústria ganha força.

O início da produção agrícola na unidade territorial em estudo se deu com base nos cultivos que eram necessários para o consumo. Como a maioria dos colonizadores era de origem italiana, a necessidade do plantio do milho e da uva, que eram a base da alimentação do italiano, despontou como os principais cultivos. Com o passar do tempo, e o crescimento econômico outras culturas foram inseridas, diversificando bastante a produção agrícola do município.

O espaço rural do município perdeu espaço com o passar do tempo, o que fez com que houvesse uma diminuição da população rural, bem como dos estabelecimentos rurais. Na atualidade, o município conta com 726 estabelecimentos rurais, os quais são responsáveis pela produção agropecuária de Guaporé (IBGE, 2017).

Nos dias atuais, o cenário agrícola de Guaporé é caracterizado por quatro produtos agrícolas, que são essenciais para a dinâmica econômica do espaço rural do município, trazendo um alto valor agregado com sua produção. Em primeiro lugar o milho, que por ter dois tipos de produção, traz um maior valor agregado. O milho é seguido muito de perto pela soja, como sendo o segundo maior produto cultivado, e

com segundo maior valor de produtividade. Posterior vem a uva, que mantém a cultura trazida pelos colonizadores. Em quarto lugar encontra-se a laranja, com um valor da produtividade significativo (Tabela 7).

Tabela 7 – Produção agrícola em Guaporé/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
ERVA-MATE	148	1.043	R\$ 641.523,00
LARANJA	59	2.636	R\$ 1.183.576,00
UVA	105	3.728	R\$ 4.110.120,00
ABÓBORA	227	126	R\$ 161.533,00
CANA-DE-AÇÚCAR	83	390	R\$ 261.477,00
FUMO	6	19	R\$ 139.705,00
MADIOCA	270	95	R\$ 173.211,00
MILHO (GRÃO)	477	22.400	R\$ 10.815.461,00
MILHO (FORRAGEIRO)	185	39.378	R\$ 3.484.624,00
SOJA	160	11.555	R\$ 11.915.009,00
TRIGO	10	764	R\$ 387.876,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Além desses quatro produtos que são os principais produzidos e com o maior valor de produção, alguns outros se destacam. É relevante apontar a presença da produção de erva-mate, abóbora, cana-de-açúcar, fumo, mandioca e o trigo, os quais tem papel importante na economia da unidade territorial em análise.

A partir dos dados observados na tabela, pode-se perceber que a produção agrícola do município de Guaporé, apesar de ter sofrido mudanças devido à reorganização do espaço econômico e social durante o século XX, se mantém através das culturas implantadas pelos primeiros colonizadores. Tal fato é refletido, através da alta parcela de produção e de valor que é gerado pela produção de milho e da uva, que foram os primeiros cultivos implantados no espaço rural pelo colono italiano. O milho tem papel fundamental na economia de Guaporé, tal fato é refletido na Festa do Milho, que tem repercussão nacional, tendo semelhanças com a Festa da Uva de Caxias do Sul.

A soja, que está presente desde na produção desde o início do século XX, acabou ganhando o espaço de outras culturas, como o arroz, feijão, trigo, entre outros. Isso se dá, pelo fato da inserção da soja transgênica e do aumento da procura por

este grão no mercado internacional, o que acaba atraindo o interesse dos produtores na hora do plantio.

Apesar de ter a predominância destes 4 cultivos, nota-se que o espaço rural de Guaporé é bastante diversificado, tendo 11 produtos agrícolas que tem valor da produção que ultrapassam os R\$ 100.000,00. Essa policultura acontece, pois, a maioria dos 726 estabelecimentos rurais presentes no município, são de agricultura familiar, utilizando o modo de produção implantado pelos imigrantes europeus no século XIX.

A pecuária também é uma atividade econômica bastante significativa na unidade territorial em análise, principalmente, para abastecer as indústrias presentes de embutidos presente no município se Serafina Corrêa, com o qual Guaporé faz divisa. Deste modo, mais de 80% da produção da pecuária é destinada para estas indústrias.

Entre os principais animais criados pelos pecuaristas, destacam-se duas espécies, as quais são criadas para diferentes fins. A que mais gera lucro para o produtor e, conseqüentemente, auxilia na economia do município, é a pecuária bovina, principalmente leiteira. Em segundo lugar, encontra-se a avicultura, que tem a maior parte de sua produção destinada às grandes indústrias de embutidos do município vizinho (Tabela 8).

A criação de animais também é herança dos imigrantes europeus que ocuparam a área, visto que utilizavam os animais para subsistência. A presença de uma forte pecuária leiteira e à grande quantidade de aves criadas é devido à existência de indústrias alimentícias no município e em municípios vizinhos.

Tabela 8 – Produção pecuária em Guaporé/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	440	9.160	-	-
BOVINOS (LEITE)	317	2.753	13.105.000 de litros	R\$ 13.165.454,00
GALINÁCEOS	420	899.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	365	-	623 mil dúzias	R\$ 1.445.529,00
OVINOS	60	1.149	-	-
SUÍNOS	183	22.990	-	-

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Pode-se perceber, com base nos dados apresentados na tabela, que a pecuária leiteira possui um grande valor de produção, se assemelhando à produção de soja e do milho. Tal fato impacta diretamente na distribuição do VAB da agropecuária no município.

Outro marco importante na organização do espaço de Guaporé é a presença de uma forte industrialização, que teve início junto com o processo de ocupação da área do município. As principais indústrias que existiam no momento de criação da unidade territorial em análise eram de produção de aguardente, banha, vinho, ovos e queijos. Essas indústrias eram ligadas ao espaço rural, pois esses produtos eram feitos pelos próprios produtores.

No ano de 1907, chegou à Guaporé a família Pasquali, a qual modificou a estrutura econômica do município, a partir do momento em que cria a primeira indústria ourivesaria. Essa indústria consistia na produção de joias, as quais foram responsáveis por tornar a unidade territorial conhecida em todo o estado, e tornando o município o segundo lugar no Brasil na produção de joias folheadas, sendo comercializadas para o Brasil e outros países. Além disso, a indústria têxtil tem papel importante na economia do município, principalmente na produção de lingerie, que são referência nacional e movimentam o turismo de compras (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ, s/a).

A chegada das indústrias foram modificando a organização espacial de Guaporé, trazendo desenvolvimento e investimentos externos durante todo o século XX. Apesar disso, até a década de 1960 Guaporé ainda tinha sua economia alicerçada na agropecuária, principalmente na produção de milho e da soja. Com a chegada da modernização da agricultura, e a inserção de tecnologia em que não era mais tão necessário a presença de mão de obra humana no campo, a área urbana começa a se desenvolver, impulsionando assim as indústrias.

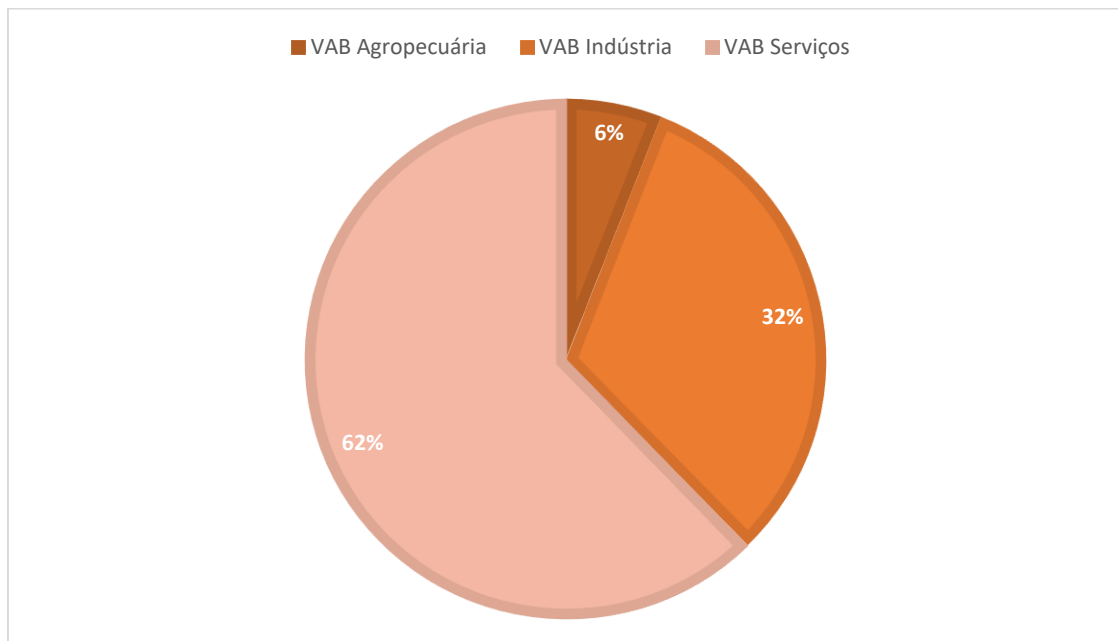
Na atualidade, a economia do município é alicerçada basicamente no comércio e serviços e nas indústrias. Nos primeiros 20 anos de formação de Guaporé já havia a indústria de joias, e no ano de 1919 foi instalada o Curtume Guaporense, que consistia numa indústria do setor coureiro, sendo uma das maiores empresas do ramo na América Latina. Essa empresa teve impacto direto na organização do espaço do município, visto que proporcionou a criação de um bairro ao seu entorno, que foi

chamado de Bairro do Borgo, e viviam nessa área pessoas que trabalhavam no curtume (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ, s/a).

Como já fora supracitado, a indústria tornou-se hoje a segunda principal atividade econômica do município, tendo um papel importantíssimo na geração de empregos e na obtenção de riqueza do mesmo. Nota-se isso, quando se analisa os dados de empregos, onde mais de 11 mil pessoas são empregadas nas indústrias do município, totalizando 44% da população, enquanto que a agropecuária emprega cerca de 1.882 pessoas, cerca de 7% da população (IBGE, 2010).

Na atualidade, o setor terciário é o que predomina na economia de Guaporé, principalmente devido ao aumento da urbanização do município. O segundo setor econômico que mais tem influência no PIB municipal é o secundário. Em terceiro lugar encontra-se a agropecuária (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Guaporé/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

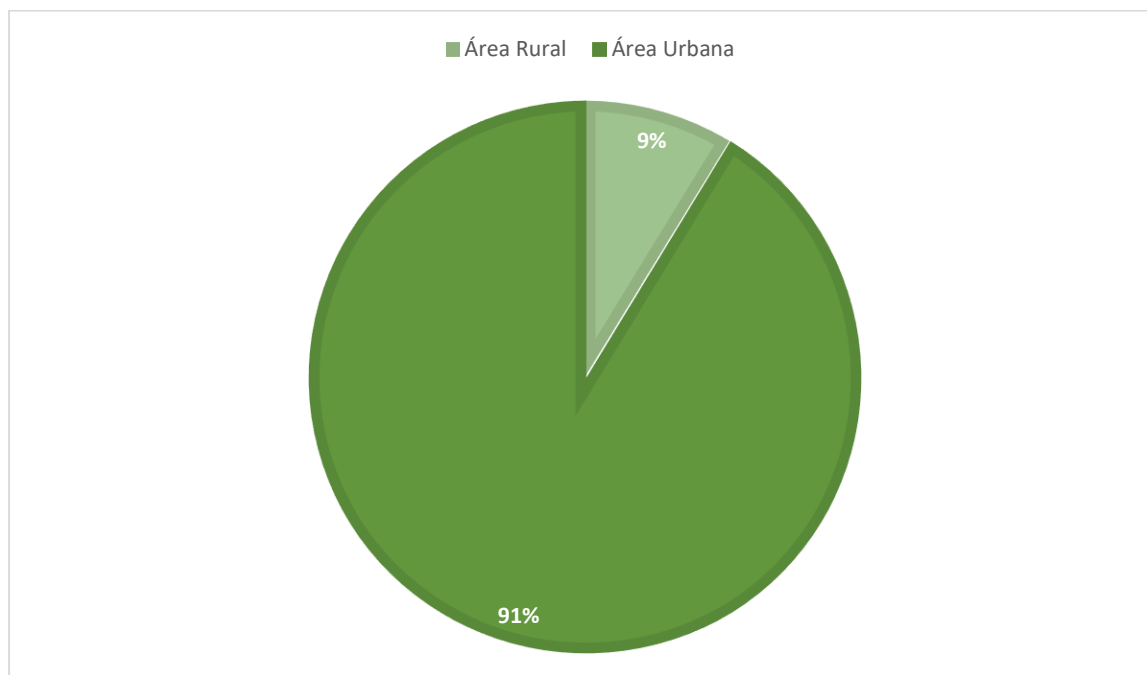
Assim como nas outras unidades territoriais da região, Guaporé teve sua organização espacial fortemente influenciada pelas atividades econômicas e pela cultura. Tal fato é notado, quando se percebe que o início da consolidação econômica

do município se deu através da agricultura e da produção de produtos que eram característicos dos grupos étnicos que o colonizaram.

Durante o século XX, a dinâmica econômica que o município sofreu fez com que a base da economia deixasse de ser a agricultura e passasse a ser os serviços e a indústria, favorecendo o desenvolvimento urbano. Com o aumento da mancha urbana e a implantação de empresas que necessitavam de mão de obra na cidade, o campo sofreu um forte processo de abandono.

Esse êxodo rural que Guaporé sofreu, principalmente durante a segunda metade do século XX, foi responsável pela reorganização do espaço do município, mudando sua dinâmica espacial. Na atualidade, 8,7% da população reside em área rural, concentrando 91,3% da população em área urbana, caracterizando a unidade territorial em estudo como um município urbano (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Distribuição da população em Guaporé/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Deste modo, percebe-se que a o grau de urbanização de Guaporé o diferencia dos demais municípios da região. Apesar disso, a forma de organização ainda

mantém muitas heranças da colonização italiana, principalmente na manutenção dos códigos culturais característicos deste grupo étnico.

Na atualidade, Guaporé apresenta uma população de 25.268 habitantes, que estão distribuídos em uma área de 297,5 km², tendo uma densidade demográfica de 84,92 hab./km². Essa alta densidade demográfica acontece devido ao alto grau de urbanização em que o município foi submetido (IBGE, 2022).

Assim como os demais municípios da região em análise, Guaporé apresenta uma estrutura etária bastante equilibrada, porém, com a predominância de uma população jovem e adulta, principalmente entre os 20 e os 39 anos. Tal fato é explicado, devido às vagas de emprego que são disponibilizadas pelas indústrias do município. A população feminina é a que apresenta a maior longevidade, passando dos 80 anos (IBGE, 2010).

Devido à economia bem desenvolvida, a unidade territorial em análise apresenta bons indicadores sociais, apesar de possuir uma das menores médias de salários mensais da região, com 2,1 salários mínimos. O PIB de Guaporé ocupa a 226 posição no ranking estadual, e a 10^a no ranking regional (IBGE, 2022). O IDH do município é alto, chegando ao número de 0,765 (PNUD, 2010).

Levando-se em consideração o tamanho do município, a rede educacional apresenta bons indicadores. Contando com 14 escolas, sendo 10 de ensino fundamental e 4 de ensino médio, atende bem tanto a população urbana quanto a rural. Devido a isso, a taxa de escolarização entre os 6 e 14 anos chega aos 98,5% (IBGE, 2022).

A saúde do município também se destaca, apesar de não ter números tão positivos, apresentando uma taxa de 0,9% de mortalidade infantil. O sistema de saúde conta com 10 estabelecimentos de saúde, os quais atendem pelo SUS e contemplam toda a população. No cenário atual, o município apresentou, entre os meses de março de 2020 e março de 2023, 7.649 casos de COVID-19, contabilizando 80 óbitos, correspondendo a uma letalidade de 1,05%, ficando abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.5 MONTAURI

O município de Montauri é o menor em extensão territorial, pois durante seu processo de emancipação ficou com pequenas partes de Serafina Corrêa e de

Guaporé. Encontra-se na porção noroeste da Região Imediata, fazendo divisa com Serafina Corrêa, União da Serra, Vila Maria e Nova Alvorada. A altitude média é de 449 metros (Mapa 6).

Mapa 6 – Localização de Montauri/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

A ocupação das terras em que hoje encontra-se Montauri começou antes mesmo da chegada dos primeiros colonizadores oficiais. Segundo estudos arqueológicos, foram encontrados utensílios indígenas às margens do rio da região, além de vestígios de que imigrantes alemães já haviam colonizado áreas próximas, antes dos anos de 1900. Tal fato, mostra que a unidade territorial em estudo, assim como os demais municípios, apresentou conflitos entre os imigrantes e os povos indígenas que já viviam na área, o que ocasionou que os mesmos fossem e expulsos de suas terras. Apesar desses vestígios, oficialmente, a ocupação e colonização do

município começou no ano de 1904, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos para a área (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTAURI, 2020).

O nome Montauri é em homenagem ao engenheiro José Montauri de Aguiar Leitão, que foi responsável, junto com Vespasiano Corrêa, pela divisão das terras próximas ao município de Guaporé. Essa divisão atraiu diversos imigrantes das colônias de Bento Gonçalves e Caxias do Sul para as novas terras que estavam disponíveis após a expulsão dos indígenas.

A partir de 1904 então começa a se formar o vilarejo de Montauri, onde existiam poucas famílias que estavam desenvolvendo seu modo de vida colonial, através da criação de animais e da agricultura para sobreviver. Esses estabelecimentos agropecuários foram responsáveis por suprir as necessidades dos moradores até a década de 1910, quando novos migrantes chegaram e fundaram os primeiros comércios. A partir deste momento inicia-se o processo de desenvolvimento da economia de Montauri, visto que o excedente da produção era comercializado nessas unidades comerciais (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTAURI, s/a).

Além dos estabelecimentos comerciais e da agropecuária, durante a década de 1910 estavam presentes pequenas empresas de beneficiamento de produtos. Entre elas estavam empresas de ferrarias e de produção de queijo, que já construía uma cadeia produtiva com os produtores de leite da região.

Durante os primeiros anos da década de 1910 os colonizadores italianos e seus descendentes buscaram fixar sua cultura na região, deste modo, construíram a primeira capela da área do município para cultivar a sua religiosidade, sendo esse uma das convenções culturais mais importantes para o italiano. Além disso, foi inaugurada a primeira escola, fundando assim, oficialmente a comunidade da Linha José Bonifácio, que pertencia ao município de Guaporé (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTAURI, s/a).

Em julho de 1936, a partir do desenvolvimento que a Linha estava passando, principalmente na agropecuária, o então prefeito de Guaporé eleva-a a categoria de distrito, já com o nome de Montauri. O distrito de Montauri ficou sob domínio de Guaporé por mais 50 anos, até ter seu processo de emancipação aprovado na década de 1980 (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTAURI, s/a).

Assim como os demais municípios da Região Imediata, Montauri teve seu desenvolvimento econômico alicerçado na agricultura e na pecuária. Durante a década de 1960, algumas festividades auxiliaram no desenvolvimento econômico,

como é o caso da Festa do Milho, que é desenvolvida por Guaporé, e algumas Exposições Agrícolas, o que facilitou a interação de pessoas que estavam de fora do espaço rural a conhecer as atividades que eram desenvolvidas.

Com o auxílio desse intercâmbio através das atividades, o Distrito de Montauri foi ganhando notoriedade, o que impulsionou os anseios por emancipação os quais geraram campanhas para que o processo fosse encaminhado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Deste modo, no dia 10 de abril de 1988 ocorreu o plebiscito, onde mais de 90% dos eleitores votaram pela emancipação. Com esse resultado, no dia 9 de maio de 1988 ocorreu a criação do Município de Montauri (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTAURI, s/a).

A partir do momento em que passa a categoria de município, Montauri passa a investir pesado na economia, que é baseada na agricultura e na pecuária. Devido sua colonização, a característica básica da produção agropecuária do município é a de minifúndios, onde ocorre a policultura. Na atualidade, a zona rural da unidade territorial em análise tem 320 estabelecimentos agropecuários.

Os principais produtos agrícolas que são cultivados no município são os grãos, principalmente o milho, que foi implantada durante o processo de ocupação da área e a soja (Tabela 9).

Tabela 9 – Produção agrícola em Montauri/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
MILHO (GRÃO)	92	5.128	R\$ 2.251.278,00
MILHO (FORRAGEIRO)	155	47.696	R\$ 3.161.514,00
SOJA	242	13.147	R\$ 13.485.502,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Com base nos dados apresentados na tabela, pode-se perceber que o milho, que era o principal produto agrícola durante o período de ocupação e consolidação da economia do município, perdeu espaço para a soja. A inserção da soja fez com que houvesse uma mudança no cenário produtivo, visto que são necessárias novas formas de produção e novas técnicas para esse cultivo.

Além da agricultura, a pecuária também assume papel importante, principalmente na produção de ovos e de leite. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, o município tem mais de 200 estabelecimentos que praticam essa atividade econômica. Além de bovinos e galináceos, a quantidade de suínos também é bastante significativa, apesar de não haverem dados quantitativos sobre valor da produção (Tabela 10).

Tabela 10 – Produção pecuária em Montauri/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	217	4.771	-	-
BOVINOS (LEITE)	183	2.801	11.410.000 de litros	R\$ 10.814.747,00
GALINÁCEOS	207	539.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	182	-	111.000 dúzias	R\$ 529.398,00
SUÍNOS	177	10.363	-	-

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

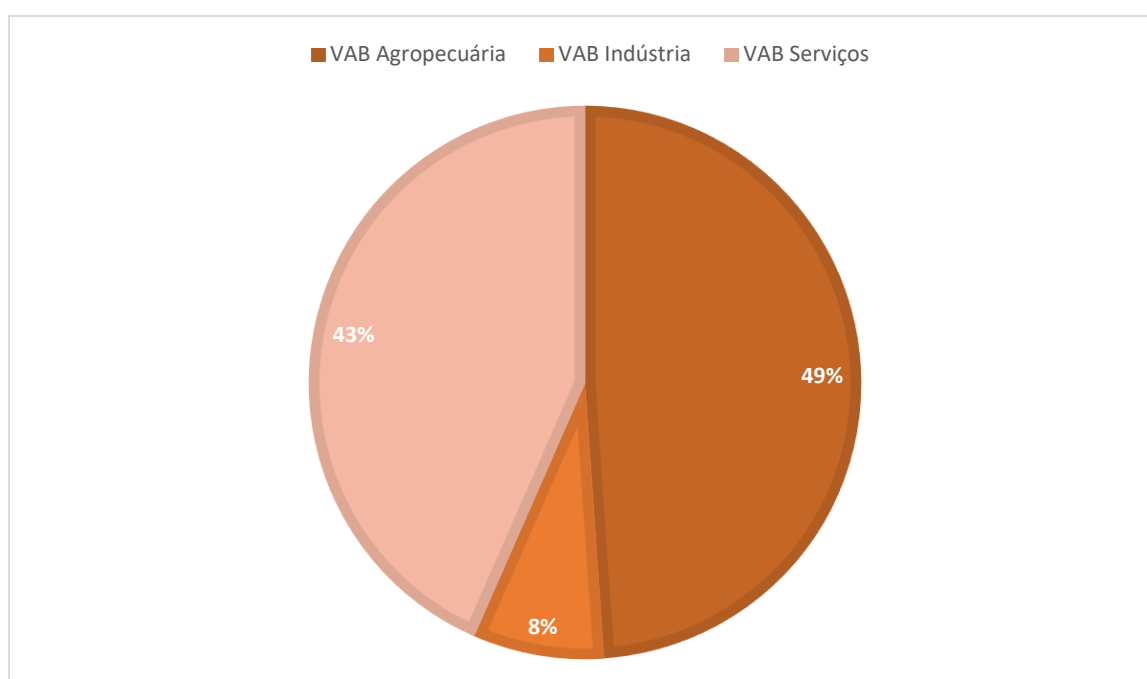
A criação de animais também remonta às heranças coloniais, visto que eram utilizados para a subsistência, bem como para trocar comerciais. A pecuária bovina é a que ocorre em mais estabelecimentos, sendo seguida pela criação de aves. Em relação ao valor da produção a pecuária leiteira é a que apresenta o valor mais significativo, principalmente pela inserção do município em cooperativas de agroindústrias leiteiras nos municípios vizinhos.

A indústria vem se desenvolvendo nos últimos anos, sempre baseada na agricultura e na pecuária, principalmente na forma das agroindústrias. Entre essas indústrias, ganham destaque a atividade de reciclagem de plásticos e a fabricação de lâminas ecológicas, as quais são produzidas a partir de matéria-prima reciclada. Isso mostra a preocupação ambiental que a sociedade local tem.

Na área rural do município encontram-se as agroindústrias, que são a forma de industrialização mais praticada em Montauri. Essas agroindústrias produzem diversos produtos que são produzidos nas próprias unidade. Entre as principais estão as agroindústrias de doces e as de laticínios.

Com base nisso, percebe-se que a dinâmica econômica tem a predominância do sistema primário, sendo o que tem a maior contribuição para o VAB municipal. O segundo setor é o terciário, e o que menos influencia é o secundário. O setor primário é o principal setor econômico do município. Tal fato reflete na empregabilidade. A área rural conta com 973 trabalhadores rurais, correspondendo à 63% da população total (IBGE, 2017) (Gráfico 9).

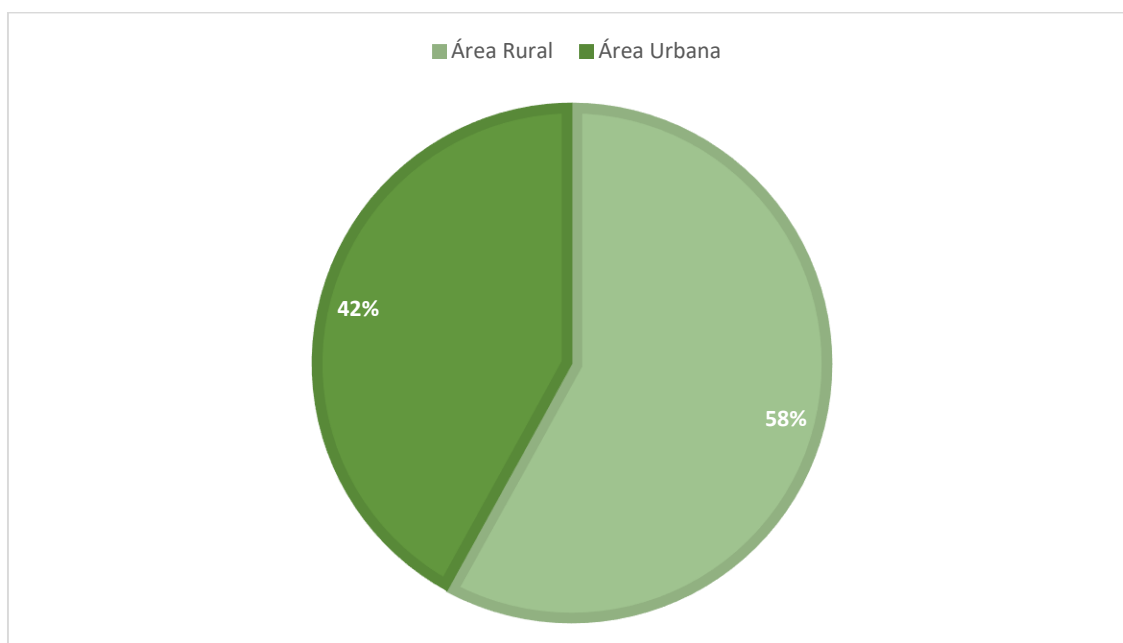
Gráfico 9 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Montauri/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A forma de organização da economia de Montauri justifica a organização espacial e demonstra como a economia impacta diretamente nessa organização. O cenário espacial do município revela que o mesmo permanece sendo um município rural, onde mais de 58% da população reside em área rural. Além disso, percebe-se que, além da população residente, a área rural atrai mais pessoas, que residem no perímetro urbano, para trabalharem em atividades agropecuárias (IBGE, 2010) (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Distribuição da população em Montauri/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Além da agropecuária, as indústrias empregam cerca de 10% da população, enquanto que o comércio emprega 20%. Tal fato, justifica a área urbana do município ser pequena, com poucas características de urbanização.

Na atualidade, Montauri apresenta uma população de 1.499 habitantes, os quais estão distribuídos em uma área de 82,2 km², tendo uma densidade demográfica de 18,23 hab./km² (IBGE, 2022). Devido ser um município de pequeno porte, a estrutura etária apresenta bons indicadores. Segundo o IBGE (2010) há predominância de população adulta, principalmente entre 40 e 59 anos. Além disso, apresenta uma baixa taxa de natalidade e uma boa expectativa de vida.

Os dados etários são reflexo dos bons indicadores sociais, principalmente em relação à economia. O PIB do município está na 168^a posição no ranking estadual e na 7^a posição no parâmetro regional (IBGE, 2022). Além disso, o salário médio mensal é de 2,8 salários mínimos. Tais dados refletem no IDH alto, chegando aos 0,764 (PNUD, 2010).

Além das questões econômicas, a educação e a saúde apresentam índices positivos. O sistema educacional atinge bons níveis, contando com três escolas,

sendo duas de ensino fundamental e uma de ensino médio, o que faz com que atinja os 100% da taxa de escolaridade entre os 6 e os 14 anos (IBGE, 2022).

O sistema de saúde que atende a população conta apenas com um estabelecimento pelo SUS. O município apresenta uma taxa de mortalidade infantil de 52,63 óbitos por mil nascidos vivos. No cenário da pandemia de COVID-19, o município fica acima da taxa de letalidade nacional, registrando entre os meses de março de 2020 a março de 2023, 448 casos e 9 mortes, com 2,01% de letalidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

4.6 NOVA ARAÇÁ

As terras onde hoje encontra-se o município de Nova Araçá teve a ocupação iniciada durante a década de 1880, quando se deu a fundação de Lagoa Vermelha. Ao contrário dos demais municípios, os que chegaram precisaram adquirir as terras, visto que elas pertenciam a estancieiros⁴ que residiam em algumas áreas do município de Lagoa Vermelha. Assim que os imigrantes adquiriram as terras necessitavam tratar o solo, uma vez que a região era coberta por densas florestas. Deste modo, tem início a ocupação das terras que mais tarde viriam a constituir o município de Nova Araçá (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ARAÇÁ, s/a).

Esses migrantes eram principalmente descendentes de italianos, oriundos das velhas colônias, principalmente de Bento Gonçalves e Caxias do Sul. A chegada desses imigrantes italianos começou a modificar a paisagem da região, imprimindo características típicas da colonização italiana baseada, principalmente, na agricultura e na fé para formar a identidade e a comunidade.

Com base nos relatos obtidos durante a pesquisa, percebe-se que a organização do espaço de Nova Araçá teve como base a agropecuária que foi instaurada durante o processo de ocupação durante o fim do século XIX. Essa atividade possibilitou a consolidação socioeconômica, ocasionando, em 1901 a criação do Núcleo Colonial Araçá, que se localizava no terceiro distrito de Lagoa Vermelha (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ARAÇÁ, 2020).

Com as mudanças espaciais na região, no ano de 1932 o então distrito passa a pertencer ao município de Nova Prata, e recebe o nome de Nova Araçá em 1945.

⁴ Termo utilizado no Estado do Rio Grande do Sul para sujeito proprietário de fazendas.

Durante esse período, a economia do distrito estava se desenvolvendo fortemente, baseada na produção de milho, que começou a ser plantada como base da alimentação do colono italiano e que passa a ser comercializado pelos estabelecimentos agropecuários.

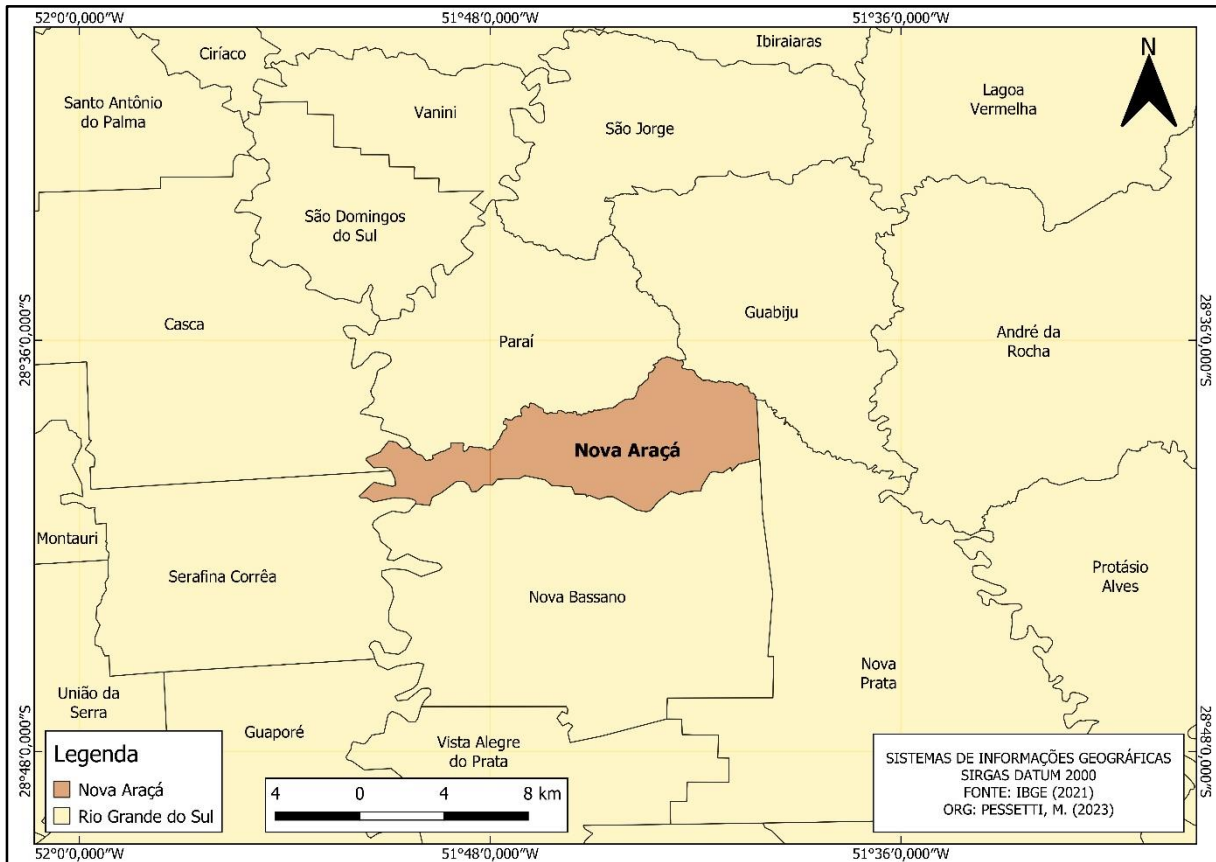
Motivado por esse desenvolvimento econômico, iniciam as especulações para a emancipação político-administrativa. Num primeiro momento, a ideia era criar um novo município que englobava Nova Araçá, Nova Bassano e Paraí. No entanto, Nova Araçá acabou buscando sua emancipação individualmente e no dia 22 de dezembro de 1964 é fundado o município de Nova Araçá (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ARAÇÁ, s/a).

O município de Nova Araçá está localizado numa área estratégica da Região Imediata pois encontra-se na área central dessa região. Este fato, o faz ser fronteiro com Paraí, Guabiju, Nova Prata, Casca, Serafina Corrêa e Nova Bassano (Mapa 7). Essa grande quantidade de municípios limítrofes auxilia no comércio e nas relações sociais entre os mesmos. Além disso, as condições físicas do município possibilitam a ação de diversas atividades econômicas, visto que o mesmo apresenta áreas de morros, vales e áreas planas.

Como já fora citado, a base do desenvolvimento socioeconômico de Nova Araçá se deu a partir dos imigrantes italianos que colonizaram a região e se utilizaram da agropecuária para se consolidarem no espaço. Deste modo, a produção agrícola foi a principal atividade econômica nos primeiros anos de organização espacial de Nova Araçá. Na atualidade, a produção agrícola é a terceira atividade de influência para o PIB municipal, ficando atrás do setor terciário e secundário

As atividades agrícolas do município são centradas, na atualidade, principalmente, na produção do milho e da soja. O cenário rural de Nova Araçá conta com 246 estabelecimentos rurais, os quais praticam, na grande maioria das propriedades, a agricultura familiar. A área rural do município conta com 651 trabalhadores rurais (Tabela 11).

Mapa 7 – Localização de Nova Araçá/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

Tabela 11 – Produção agrícola em Nova Araçá/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
MILHO (GRÃO)	159	8.084	R\$ 4.662.384,00
MILHO (FORRAGEIRO)	136	31.848	R\$ 2.673.127,00
SOJA	54	3.362	R\$ 3.455.207,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Com base nos dados analisados na tabela, percebe-se que o milho é o principal produto agrícola cultivado sendo também o que gera o maior valor de produção. É relevante destacar, que devido o espaço rural se caracterizar por pequenas propriedades, é comum a policultura. Apesar disso, foram utilizadas aquelas produções que tenham valor de produção acima dos R\$ 100.000,00.

A inserção da soja demonstra a mudança nas atividades produtivas do município, visto que a técnica de produção utilizada nas lavouras de soja é diferente da agricultura tradicional praticada durante o processo de ocupação. A modernização do campo, principalmente com a introdução da soja ocasionou a diminuição da necessidade de mão de obra no campo, visto que a utilização de máquinas agrícolas se tornou mais comum.

Além da agricultura, a pecuária também é uma atividade que merece destaque no município. A criação de animais ocupa um valor significativo no PIB municipal, principalmente a bovinocultura, para a produção de leite, e a avicultura e suinocultura, que estão ligadas às atividades industriais no município (Tabela 12).

Tabela 12 – Produção pecuária em Nova Araçá/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	207	5.285	-	-
BOVINOS (LEITE)	168	2.365	14.286.000 litros de leite	R\$ 14.902.945,00
GALINÁCEOS	201	646.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	170	-	1.012.000 de dúzias	R\$ 3.436.098,00
SUÍNOS	121	23.786	-	-

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, 2021.

A bovinocultura é a atividade que acontece em mais estabelecimentos agropecuários, cerca de 207, onde 168 são voltados para a pecuária leiteira. Esses estabelecimentos tem um contingente de 5.285 cabeças de gado, produzindo mais de 14 milhões de litros de leite anualmente, com uma receita de quase 15 milhões de reais.

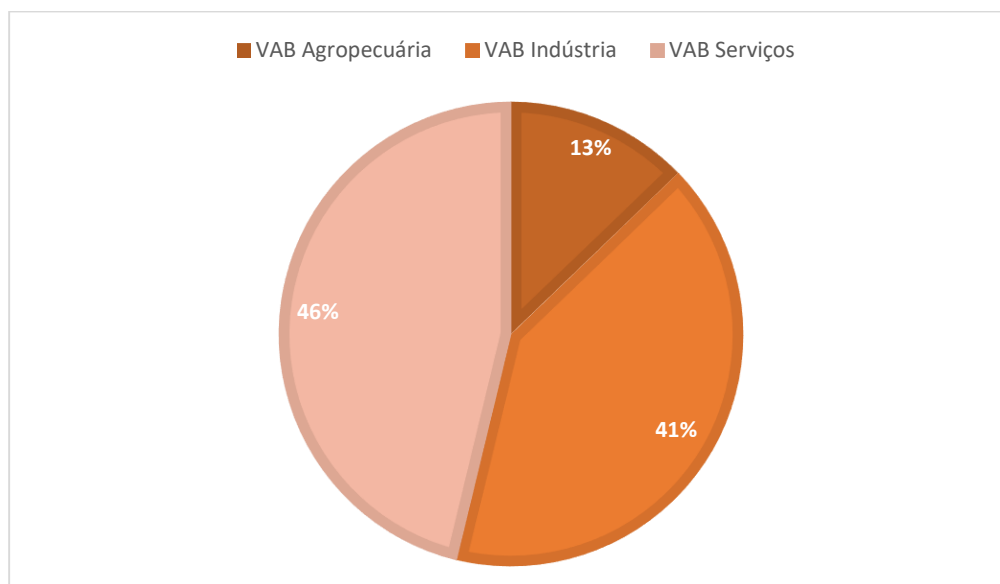
A avicultura e a suinocultura têm suas produções relacionadas às indústrias que estão presentes no município, visto que existem algumas indústrias frigoríficas, que compram a produção local para o abate. A avicultura tem o maior efetivo de animais, com mais de 646 mil, e é praticada em 201 estabelecimentos, sendo uma boa parte dessa produção de ovos, gerando mais de um milhão de dúzias anualmente que reverte-se em uma renda de mais de 3,4 milhões de reais em 170 estabelecimentos agropecuários. A suinocultura possui um grande efetivo de animais,

com mais de 23 mil cabeças, e tem sua produção destinada aos frigoríficos do município. Apesar da importância, os dados com o valor da produção não foram contabilizados no censo agropecuário de 2017.

As indústrias passam a assumir papel importante na economia do município a partir da segunda metade do século XX, quando se instalam as primeiras indústrias moveleiras de Nova Araçá. Além dos móveis, outras indústrias são importantes e geram renda e trabalho para o município, como as metalúrgicas, laticínios, calçados, e frigorífico, que está diretamente relacionado à produção de aves e suínos na área rural.

Com a inserção dessas atividades industriais, houve a expansão da mancha urbana. Além disso, a saída de pessoas do campo, após a inserção da soja no cenário agrícola, aumentou a população vivendo na área urbana. Deste modo, os serviços e comércio começaram a se desenvolver, tornando-se na atualidade, o principal setor econômico do município. Em segundo lugar as indústrias, assumindo o lugar da agropecuária (Gráfico 11).

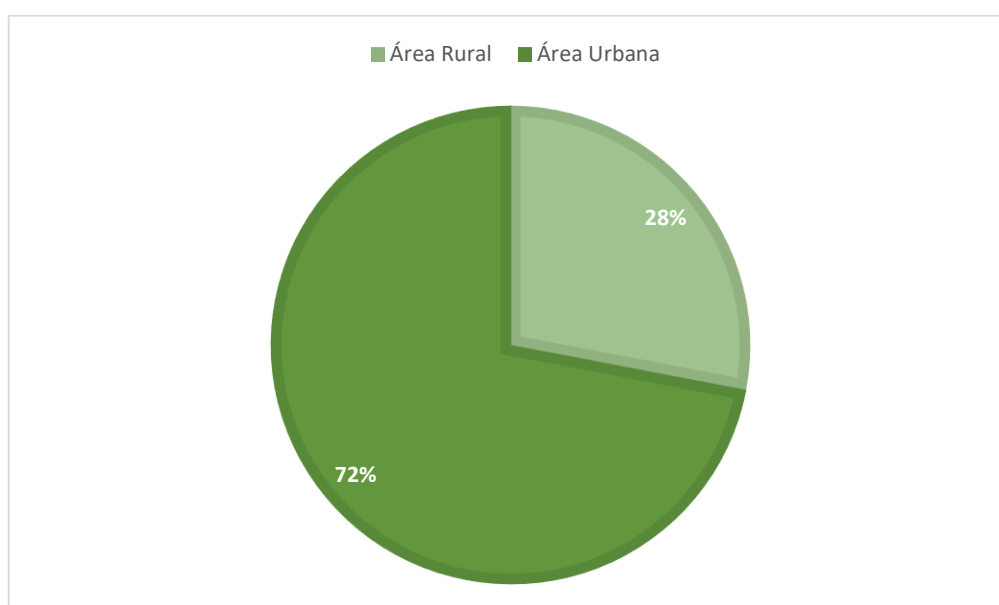
Gráfico 11 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Nova Araçá/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A partir do momento em que houve a instalação das indústrias, principalmente durante a segunda metade do século XX, o município sofreu uma reorganização espacial. Esse processo de reorganização fez com que as atividades econômicas do setor secundário e terciário assumissem a predominância na dinâmica econômica da unidade territorial em análise, fazendo com que a mesma passasse a se classificar como um município urbano, onde mais da metade da população vivem na área urbana (Gráfico 12).

Gráfico 12: Distribuição da população de Nova Araçá/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Na atualidade, o município apresenta uma população de 4.954 habitantes, os quais estão distribuídos em uma área de 75,5 km², sendo um dos menores em extensão territorial da Região Imediata. A densidade demográfica é de 65,60 hab./km², sendo elevada devido à urbanização que o município apresenta (IBGE, 2022).

A estrutura etária do município é caracterizada por ser composta, principalmente, por jovens e adultos, predominando entre os 15 e os 49 anos de idade. Além disso, a expectativa de vida é alta, podendo passar dos 80 anos, principalmente nos indivíduos do sexo feminino. As mulheres são maioria, em todas as faixas etárias (IBGE, 2010).

A dinâmica econômica do município é baseada nos serviços e na indústria, tal fato, faz com que a mesma se destaque. O PIB municipal ocupa a 70ª posição no ranking estadual e a 3ª no parâmetro regional. Apesar disso, apresenta um dos menores valores de salário médio mensal dos trabalhadores formais, equivalendo a 1,9 salários mínimos (IBGE, 2022). Apesar desse baixo valor de salários, o IDH é alto, com um valor de 0,785 (PNUD, 2010).

Os indicadores sociais do município, levando-se em consideração saúde e educação são positivos. A rede educacional conta com cinco escolas, sendo três de ensino fundamental e duas de ensino médio, as quais conseguem alcançar a taxa de 100% de escolarização entre os 6 e 14 anos (IBGE, 2022).

A saúde apresenta apenas um estabelecimento que atende pelo SUS, o qual é responsável por suprir as necessidades de toda a população, tanto da área rural quanto da área urbana. Com base nisso, no cenário pandêmico da COVID-19, Nova Araçá registrou, entre março de 2020 e março de 2023, 1.879 casos, os quais resultaram em 11 mortes, adquirindo uma letalidade de 0,59%, abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.7 NOVA BASSANO

O local onde hoje localiza-se o município de Nova Bassano teve sua ocupação inicial com a tribo dos índios Coroados, que habitavam a região antes mesmo do século XIX. Com a chegada da colonização nas terras vizinhas os índios foram expulsos do local, o que atraiu mais migrantes que buscavam terras disponíveis para se instalarem.

A partir dessas terras disponíveis, diversas famílias migraram para a região, a qual recebeu a primeira denominação de Bassano Dell Grappa, numa forma de homenagear a região norte da atual Itália, de onde eram oriundos alguns imigrantes. Deste modo, e com a maioria massiva de italianos ocupando a área, a povoação da área iniciou no ano de 1891 (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA BASSANO, 2019).

Como de costume, aqueles que chegaram precisaram se fixar e se consolidar economicamente. Para isso, deu-se início ao cultivo de produtos agrícolas que seriam essenciais para a subsistência, entre esses produtos, o milho e a uva, que eram a base da alimentação do colono italiano.

A organização espacial de Nova Bassano se deu com base na construção da identidade cultural do colono italiano, e se utilizou da agropecuária para isso. Com isso, as atividades que foram desenvolvidas durante essas primeiras décadas de ocupação da área foram as do setor primário (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA BASSANO, s/a).

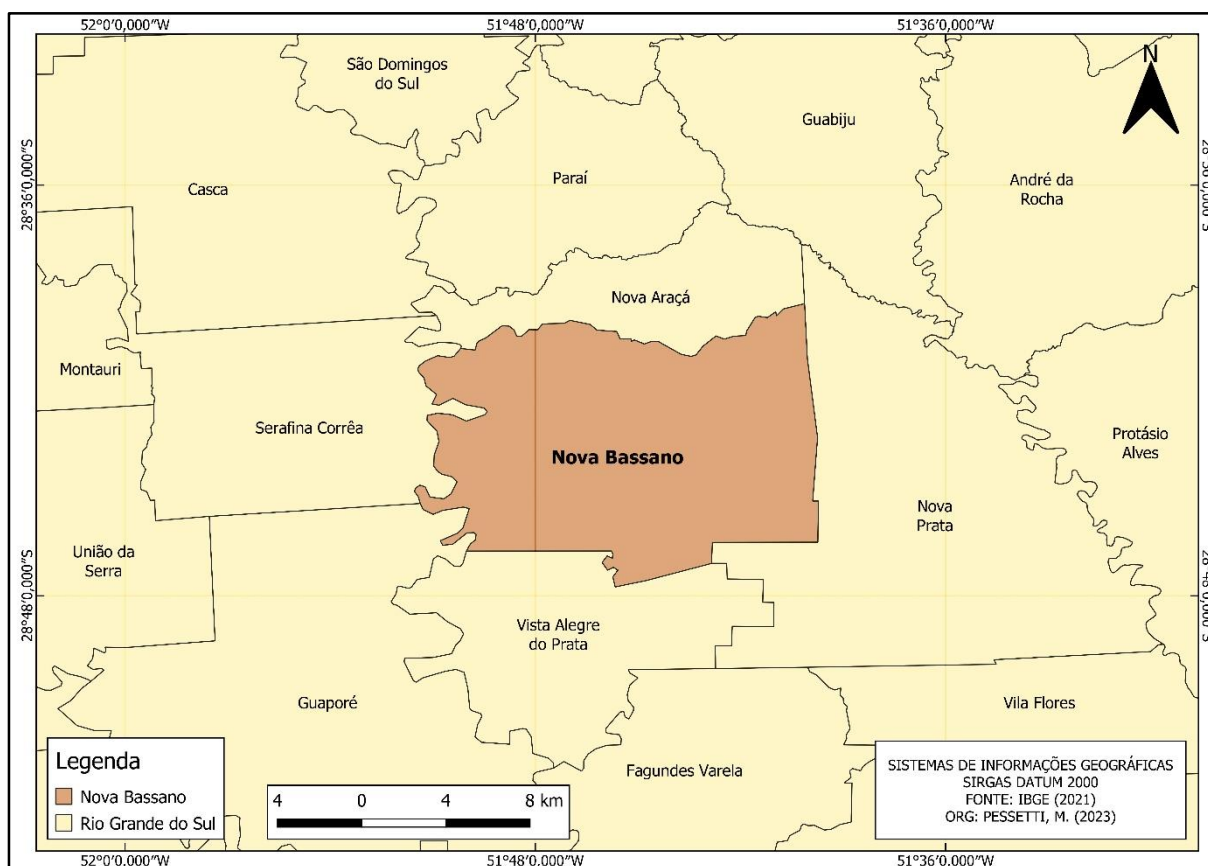
Aos poucos, conforme o distrito ia se desenvolvendo e assumia um papel importante, iniciou-se os primeiros pensamentos de emancipação. Essa ideia surgiu a partir da década de 1940, quando a sede do distrito, que até então pertencia à Nova Prata, começou a se expandir e assumir destaque na questão econômica. Baseado nisso, foi protocolado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul o projeto que previa a emancipação político-administrativa. A partir desse projeto, o plebiscito foi aceito e no dia 23 de maio de 1965 foi fundado o município de Nova Bassano (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA BASSANO, s/a).

Localizado bem ao centro da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé, Nova Bassano está em uma posição estratégica e privilegiada, pois possui ligação com a maioria dos municípios da região, o que facilita as trocas comerciais. Os municípios limítrofes são Nova Araçá, Nova Prata, Vista Alegre do Prata, Serafina Corrêa e Guaporé (Mapa 8).

A primeira dinâmica econômica do município foi baseada na agricultura, onde o milho, a uva e o trigo foram os principais produtos agrícolas cultivados. Com o passar do tempo, outras culturas foram sendo inseridas. Na atualidade, o milho e a soja são os principais produtos cultivados e que trazem a maior receita de produção para a unidade territorial em análise. O espaço rural de Nova Bassano conta com 589 estabelecimentos agropecuários, que são responsáveis por gerir a produção dessa atividade econômica (Tabela 13).

Devido à organização fundiária do espaço rural do município se caracterizar por apresentar, em sua maioria, pequenas propriedades, percebe-se que há uma grande diversidade de produtos agrícolas cultivados. Além disso é possível notar que a soja e o milho apresentam uma grande diferença de valor de produção e de produtividade, mostrando que há uma nova realidade de formas de produção no cenário rural.

Mapa 8 – Localização de Nova Bassano/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

Tabela 13 – Produção agrícola em Nova Bassano/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
LARANJA	4	342	R\$ 190.830,00
UVA	31	454	R\$ 591.118,00
CEVADA	7	207	R\$ 144.140,00
MELÃO	11	162	R\$ 327.290,00
MILHO (GRÃO)	472	31.896	R\$ 18.514.148,00
MILHO (FORRAGEIRO)	80	39.068	R\$ 4.072.503,00
SOJA	161	13.894	R\$ 14.461.035,00
TRIGO	12	616	R\$ 302.045,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Ainda no setor primário, a pecuária também tem papel importante para a economia local. A forma de produção, inicialmente, era baseada na agricultura familiar, onde não havia o incremento de técnicas avançadas. A partir da segunda

metade do século XX, houve a inserção de técnicas disponíveis após o processo de modernização do campo, fazendo aumentar a produtividade. Com base nisso, a pecuária bovina é a principal atividade pecuária, principalmente para a produção de leite (Tabela 14).

Tabela 14 – Produção pecuária em Nova Bassano/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	491	15.036	-	-
BOVINOS (LEITE)	378	6.384	40.612.000 litros	R\$ 42.200.867,00
GALINÁCEOS	452	1.003.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	396	-	703.000 dúzias	R\$ 2.247.090,00
SUÍNOS	319	46.763	-	-

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A criação que mais gera renda é também a que tem o menor efetivo de animais, que é a bovinocultura. O efetivo total do município é de mais de 15 mil cabeças de gado, aonde são produzidos 40,6 milhões de litros de leite anual, gerando uma renda de mais de 42 milhões de reais.

Junto a bovinocultura, existe a avicultura, que apresenta mais de 1 milhão de animais. Esses animais são utilizados para o corte nos frigoríficos da referida região e também para a produção de ovos, que chega as 703 mil dúzias anualmente, com uma receita de mais de 2,2 milhões de reais.

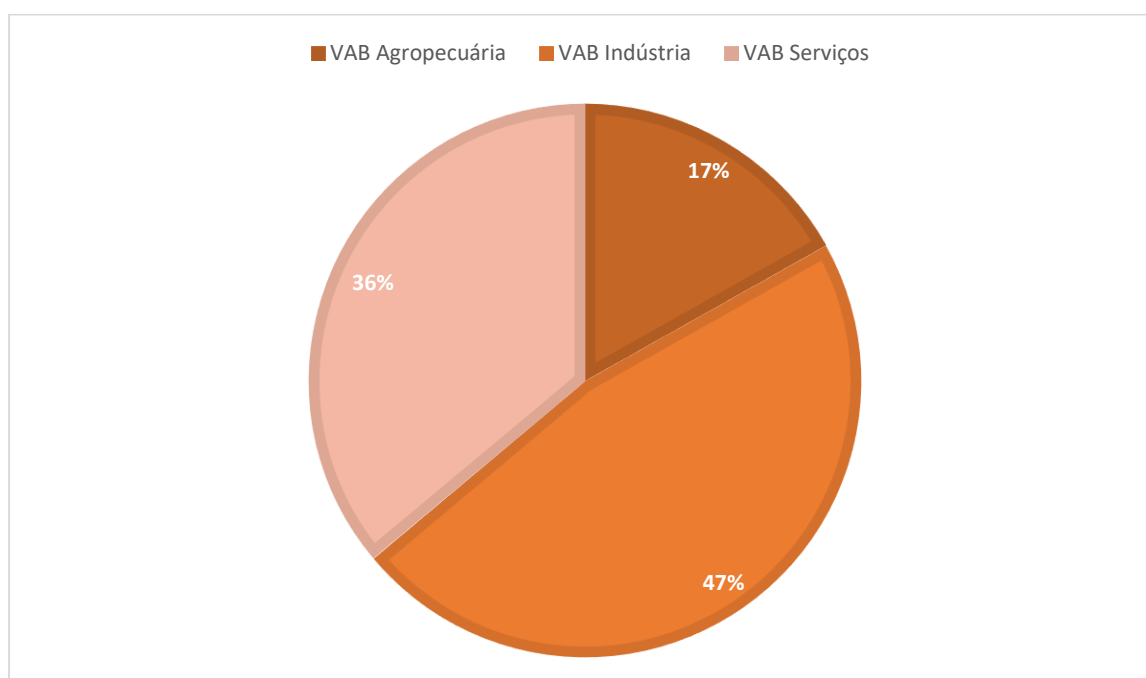
A suinocultura tem uma grande quantidade de efetivo de animais, com mais de 46 mil cabeças. Apesar disso, os dados com valor de produção não são contabilizados nos dados disponibilizados pelo IBGE, dificultando assim a análise da importância dessa produção. Pode-se afirmar, contudo, que a produção está diretamente relacionada aos frigoríficos da região.

A agricultura e a pecuária durante os primeiros anos do processo de ocupação, foram as atividades que predominavam na dinâmica econômica do município, devido a isso, a maior parte da população era ocupada com essas atividades. Na atualidade, a área rural emprega 2.379 pessoas, correspondendo à 26,9% da população (IBGE, 2010).

Com o avançar do século XX, o município passou por mudanças na dinâmica econômica. Com base nisso, a indústria assume um papel de destaque no município. É neste período que se instalam na cidade diversas empresas, principalmente do ramo da metalurgia, fazendo com que o polo industrial de Nova Bassano começasse a se desenvolver e se destacar entre os demais municípios da região e do estado.

É partir desse desenvolvimento industrial, que a economia de Nova Bassano apresenta um acelerado crescimento, passando a vigorar entre os mais prósperos da Região Imediata. Com base na metalurgia, a qual desencadeou o crescimento de outras empresas, a indústria já é responsável por mais de 40% do PIB municipal. Com essa nova atividade econômica sendo a principal, o setor dos serviços também se desenvolver, visto que a mancha urbana se expandiu (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Nova Bassano/RS

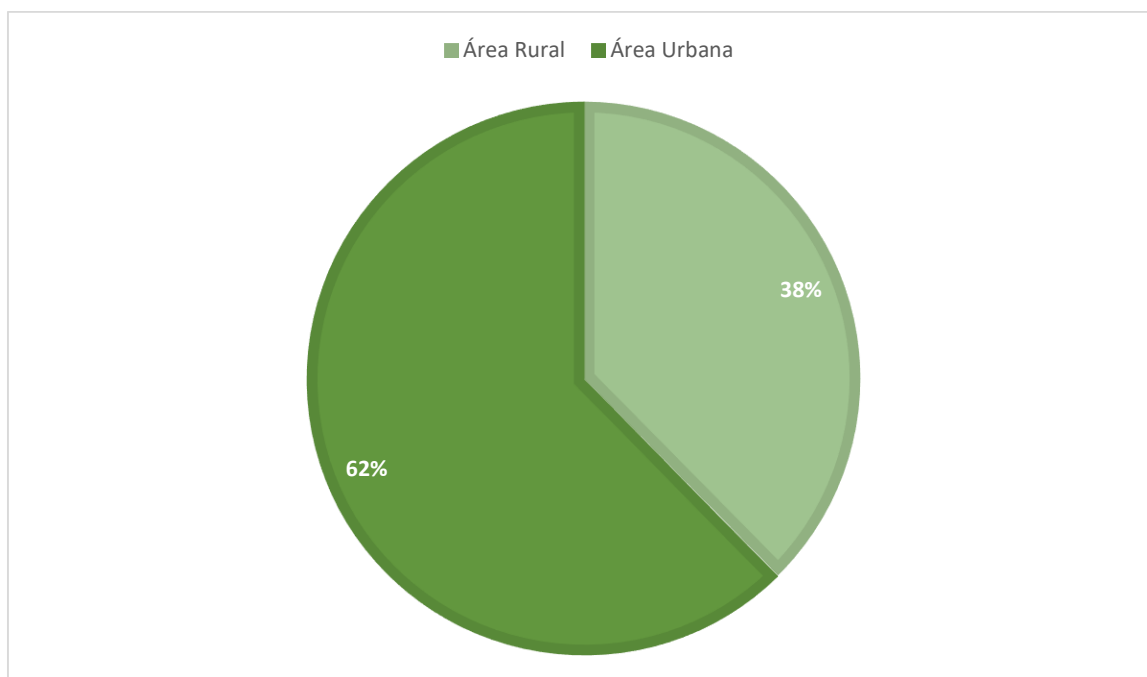


Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Essa nova dinâmica econômica municipal fez com que a unidade territorial em análise sofresse uma reorganização espacial, visto que a base da economia, que até então era a agropecuária, foi substituída pelas indústrias, necessitando assim de uma maior presença de pessoas na área urbana. Com isso, houve uma grande migração

do campo para a cidade, fazendo com que a maior parte da população passasse a viver na área urbana da unidade territorial em análise, ainda no século XX (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Distribuição da população de Nova Bassano/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Além disso, nota-se que o município se destaca por ser o único da região imediata em que o setor secundário é o que predomina na dinâmica econômica. Deste modo, toda a dinâmica urbana também está alicerçada na economia industrial.

Com base nisso, percebe-se que houve também um desenvolvimento dos serviços e do comércio na área urbana do município. Sendo assim, é possível analisar a forma como a organização espacial de Nova Bassano se modificou, fazendo com que a área rural do município fosse sendo deixada por seus moradores, permanecendo lá apenas os produtores rurais, que mantem o modo de vida tradicional.

Essa nova organização espacial fez com que a mancha urbana de Nova Bassano se expandisse, criando novos bairros e áreas. Na atualidade, o município

conta além do distrito sede, onde ficam 3 bairros, com 1 Vila, 1 Povoado, 25 Comunidades no interior, e 6 Linhas, as quais seguem a tradição da divisão de lotes desde o século XIX na região.

Além do desenvolvimento urbano, a indústria também auxiliou na geração de postos de trabalhos, sendo a área que mais emprega, com mais de 2.844 funcionários, divididos em aproximadamente 80 empresas industriais. O segundo maior ramo que emprega é a agropecuária, com aproximadamente 2.300 trabalhadores, sendo esses, na maioria dos casos, os proprietários dos estabelecimentos comerciais (SEBRAE, 2020).

Na atualidade, o município apresenta uma população de 9.649 habitantes, os quais estão distribuídos em uma área de 211,6 km², o que gera uma densidade demográfica de 45,60 hab./km². Essa alta densidade demográfica se justifica devido ao processo de urbanização, que se intensificou no final do século XX (IBGE, 2022).

O alto grau de desenvolvimento industrial do município, faz com que os indicadores econômicos se destaquem na região. O PIB do município está na 43^a posição no ranking estadual e na 2^a em relação à região. O salário médio mensal é o mais alto de toda região imediata, com uma média de 2,6 salários mínimos para os trabalhadores formais (IBGE, 2022). Baseando-se nisso, o IDH do município é alto, com 0,747 (PNUD, 2010).

A população apresenta uma estrutura etária com predominância de jovens e adultos, principalmente entre os 20 e 30 anos. Essa distribuição da população, mostra que o município possui uma taxa de natalidade mais elevada. Além disso, por ser uma área industrial, que atrai diversos trabalhadores, é justificável a maior presença de adultos. A expectativa de vida se mantém na média nacional, sendo poucos os idosos que ultrapassam os 85 anos (IBGE, 2010).

Os indicadores sociais são satisfatórios, principalmente na prestação de serviços básicos, como educação e saúde. A rede educacional conta com cinco escolas, sendo quatro de ensino fundamental e uma de ensino médio. Essa rede atende bem a população, tanto no espaço rural quanto no urbano. A taxa de escolaridade é de 98,6% da população entre 6 e 14 anos (IBGE, 2022).

A saúde do município é atendida por três estabelecimentos que atendem pelo SUS, os quais são divididos entre a área rural e urbana. Apesar de atender bem a população, tem uma taxa de mortalidade infantil de 36,14 óbitos a cada mil nascidos vivos, sendo o 30^o município do estado com a taxa mais elevada. No cenário atual,

durante a pandemia de COVID-19, entre os meses de março de 2020 a março de 2023, foram registrados 3.224 casos da doença, os quais ocasionaram 17 mortes, com uma letalidade de 0,53%, sendo uma das mais baixas da região (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.8 NOVA PRATA

Assim como os demais municípios da região, a área onde hoje encontra-se o município de Nova Prata era território da tribo dos índios Coroados, que só foram ter o primeiro contato com o homem branco na década de 1850, quando os primeiros tropeiros chegaram na região em busca de gado. Esse encontro de culturas e de interesses não foi pacífico, ocasionando a mortandade de uma significativa quantidade de índios e também de homens brancos (ARQUIVO HISTÓRICO DE NOVA PRATA, 2017).

Com o passar do tempo, e com os esforços pacifistas de Silvério Antônio de Araújo, houve um acordo com os índios e foi construída a estrada que ligaria a área do município à capital, Porto Alegre. Tal ato chamou atenção do governo da Província, que empoçou Araújo como o proprietário de quase toda a área que atualmente corresponde à Nova Prata (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA, s/a).

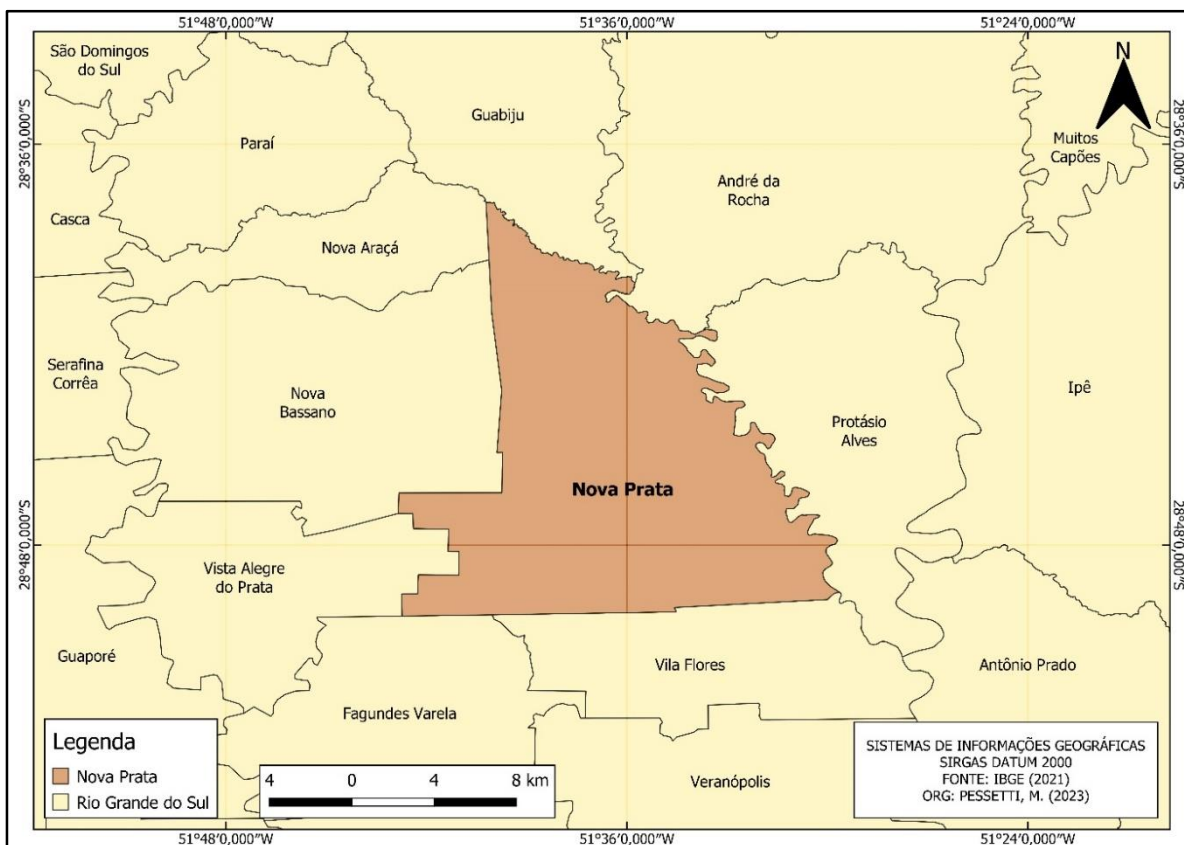
Diferente de outros municípios, a construção de Nova Prata está diretamente ligada aos índios Coroados, e de forma negativa. Em 1865, ainda haviam alguns indivíduos indígenas na região, que acabaram vendendo suas terras à família de Fidel Diogo Filho, por valores bastante insignificantes. Após isso iniciou-se a construção das primeiras casas que dariam origem à comunidade. Essa construção acabou causando um conflito entre os Diogos e os indígenas, que acabaram assassinando a família e fugindo da região (ARQUIVO HISTÓRICO DE NOVA PRATA, 2017).

A partir desse crime, e com a construção do vilarejo iniciada, ainda no ano de 1865 começaram a chegar às terras de Nova Prata os primeiros imigrantes, de origem portuguesa, que foram atraídos pelas terras disponíveis, iniciando assim a ocupação da área que hoje corresponde ao referido município. Esses imigrantes residiram na área por cerca de 10 anos, sem a construção de nenhum comércio, apenas utilizando da agropecuária de subsistência. Inicia-se assim, a importância da produção agropecuária para a organização espacial do município (ARQUIVO HISTÓRICO DE NOVA PRATA, 2017).

A imigração italiana, que é a principal descendência dos moradores de Nova Prata, iniciou durante o ano de 1876. Tal fato aconteceu após a chegada de uma equipe de engenheiros de Lagoa Vermelha, que estavam iniciando a construção da estrada que ligaria Montenegro a Lagoa Vermelha.

O município situa-se na parte sul da região, tendo como municípios limítrofes André da Rocha, Fagundes Varela, Guabiju, Nova Araçá, Nova Bassano, Protásio Alves, São Jorge, Vila Flores e Vista Alegre do Prata (Mapa 9).

Mapa 9 – Localização de Nova Prata/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

A chegada desses italianos foi bastante difícil, pois eram áreas que até então não haviam sido densamente povoadas, além de não possuíram muitos recursos, contando apenas com a vontade de trabalhar e de se reconstruir como cidadão. Deste modo, foi necessário implantar as atividades de agropecuária que iriam suprir as necessidades básicas desse colono italiano, tendo início assim o cultivo do milho, que

era o ingrediente básico da culinária italiana (ARQUIVO HISTÓRICO DE NOVA PRATA, 2017).

O vilarejo que se formou a partir da chegada dos colonizadores italianos começou a prosperar com base na agropecuária, principalmente na criação de gado e na produção de milho, que dava origem à polenta, além do início da produção da uva, que é utilizada para fabricar o vinho. O desenvolvimento social e econômico que esse vilarejo assumiu, possibilitou a implantação da primeira fábrica da região, ainda nos anos de 1870, a qual produzia tecidos de lã. Apesar disso, a fábrica teve suas atividades encerradas devido à dificuldade de locomoção e a distância dos grandes centros (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA, 2018).

A instalação dessa fábrica que viria a fracassar, atraiu um novo grupo étnico da região, que chegaram especialmente para trabalhar como tecelões na fábrica. Os poloneses chegaram no ano de 1895, com a promessa de prosperarem através da fabricação dos tecidos de lã. Apesar disso, foram obrigados a mudar sua atividade econômica após o fechamento da fábrica, e acabaram tornando-se agricultores prósperos, e iniciaram uma nova atividade econômica, que é presente até os dias atuais, a extração de basalto (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA, s/a).

A dinâmica espacial de Nova Prata passou por diversas formas de organização, desde os primórdios do seu processo de ocupação. As atividades econômicas iniciaram ainda na década de 1850, quando a maior parte dos habitantes eram de etnias indígenas. A primeira atividade econômica registrada na área onde hoje encontra-se o município foi a extração de madeira, visto que era recoberta de araucárias, que foram derrubadas pela indústria madeireira. Essas serrarias, apesar de antecederem a ocupação oficial da área, modificaram de forma bastante drástica a paisagem da região. A chegada dos italianos também foi responsável por uma parcela significativa no desmatamento da mata nativa, principalmente para a instalação das lavouras de milho, trigo e uva (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA, 2017).

O primeiro nome que o município recebeu foi de Capoeiras, e deu nome ao povoado que estava se formando na área do Vale do Rio da Prata. A chegada dos portugueses, italianos e poloneses, impulsionou essa ocupação o que facilitou o crescimento econômico do povoado.

Durante o período de ocupação da área do Vale do Rio da Prata, os poloneses iniciaram a atividade de extração do basalto, que consiste numa rocha ígnea e

bastante abundante na crosta terrestre. As áreas de Nova Prata são propícias para a extração dessas rochas, o que impulsionou a atividade industrial no início do século XX.

Com a implantação dessas três atividades, e com um desenvolvimento econômico satisfatório, iniciaram-se os movimentos que pediam a emancipação do povoado de Capoeiras, que pertencia à Lagoa Vermelha. Deste modo, em 11 de agosto de 1924, é fundado o município de Prata, nome o qual foi modificado em 1932, pelo IBGE, para Nova Prata. Durante o século XX, a unidade territorial em estudo era conhecida como o Grande Prata, devido sua extensão territorial, mas perdeu boa parte entre as décadas de 1960 e 1990, quando diversos de seus distritos conquistaram a emancipação (ARQUIVO HISTÓRICO DE NOVA PRATA, 2017).

Com base nos dados apresentados, pode-se perceber que no primeiro século de formação do município de Nova Prata, a dinâmica econômica foi baseada em três atividades, a agricultura, a pecuária e mineração. Essas atividades foram as responsáveis pela organização espacial que é encontrada no município nos dias atuais.

A agricultura e a pecuária foram as principais atividades econômicas de Nova Prata até a década de 1960, quando diversas indústrias começaram e se instalar no município. Essa mudança no cenário produtivo e econômico modificou a organização espacial da unidade territorial, bem como as características sociais do município.

Com a chegada do colono italiano, a produção agrícola teve início, principalmente na produção do milho que era utilizado na produção do prato base da culinária italiana, a polenta. Devido a este fato, o milho, até os dias atuais, é o produto agrícola mais produzido na área rural do município. Além do milho, a soja e a uva também apresentam uma elevada parcela na produção agrícola (Tabela 15).

Tabela 15 – Produção agrícola em Nova Prata/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
UVA	33	490	R\$ 762.550,00
AVEIA	5	258	R\$ 230.160,00
MILHO (GRÃO)	257	11.514	R\$ 6.788.966,00
MILHO (FORRAGEIRO)	63	6.320	R\$ 494.439,00
TRIGO	3	208	R\$ 122.017,00
SOJA	183	14.417	R\$ 15.079,988

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A soja, apesar de não ser produzida em tantas propriedades quanto o milho, apresenta a maior produtividade e o maior valor de produção. Segundo os dados do censo agropecuário (2017), a produção de soja ultrapassou as 14 mil toneladas anuais com uma renda de mais de 15 milhões de reais.

A uva produzida na região é utilizada, majoritariamente para a produção de vinhos e sucos, com uma produção anual de quase 500 toneladas, gerando uma receita de mais de 700 mil reais. Além disso, a uva para mesa produz cerca de 84 toneladas com uma receita de 80 mil reais.

O milho, assim como a soja, também tem participação bastante significativa na produtividade e na receita gerada pela agricultura no município. Com mais de 17 mil toneladas anuais, a receita gerada pelo milho ultrapassa os 11 milhões de reais anualmente.

Como a estrutura de produção colonial italiana é caracterizada por minifúndios onde é comum a prática da policultura, existem diversas culturas nas propriedades. Merecem destaque a cebola, a cevada, o trigo e a aveia, que apesar de não serem os principais cultivos do município, tem uma produtividade bastante significativa, e destinada para atender ao mercado local (IBGE, 2017).

Entre os estabelecimentos agropecuários, cerca de 65% são de agricultura familiar. Tal fato acontece, pois mantém-se o modo de produção tradicional que utiliza a mão-de-obra familiar como a principal força de trabalho no campo.

A pecuária também tem parcela significativa na produção rural do município, visto que a criação de animais está vinculada diretamente ao modo de vida rural. Deste modo, a criação de gado, suínos e galináceos, são os principais tipos de pecuária que ocorrem no espaço rural do município.

De acordo com o último censo agropecuário (IBGE, 2017), a pecuária é exercida em mais de 300 unidades agropecuárias, onde a produção é voltada, principalmente, para atender às indústrias de embutidos e laticínios que existem na região (Tabela 16).

A criação de bovinos concentra-se principalmente para o consumo de carne, no modo de subsistência e na comercialização do leite. Nota-se portanto, que 71% da criação bovina é destinada para a pecuária leiteira, com uma produtividade de mais de 12 milhões de litros de leite, e com uma receita de mais de 12 milhões de reais (IBGE, 2017).

Tabela 16 – Produção pecuária em Nova Prata/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	REBANHO EFETIVO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	301	7.659	-	-
BOVINOS (LEITE)	215	2.302	12.184.000 litros	R\$ 12.050.516,00
CODORNAS GALINÁCEOS	4	18.030	-	-
GALINÁCEOS	272	941.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	229	-	11.106.000 de dúzias	R\$ 25.753.899,00
SUÍNOS	161	13.703	-	-

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A criação de galináceos concentra o maior número de rebanho efetivo, com mais de 940 mil aves, que são divididas em mais de 270 estabelecimentos agropecuários. Essa produção é destinada para as empresas frigoríficas da região e também para a produção de ovos. A produtividade é de aproximadamente 11,1 milhões de dúzias anuais e mais de 2,5 milhões de reais de receita (IBGE, 2017).

Os suínos são a segunda maior criação em número efetivo de rebanho, com mais de 13 mil cabeças. A produção é destinada para o consumo próprio e também para as indústrias de embutidos nos municípios vizinhos (IBGE, 2017). Apesar de ser expressiva, os dados com valor de produção não são divulgados.

Apesar de a produção agropecuária ter sido a principal atividade econômica durante um bom tempo, sendo um dos principais fatores para o desenvolvimento econômico de Nova Prata que culminou na sua emancipação, na atualidade, não possui significância no PIB do município. Isso se dá, pela dinâmica economia da unidade territorial ter se modificado e passado a se concentrar na produção industrial e, principalmente, na extração e beneficiamento de basalto, que é utilizado, principalmente, na construção civil.

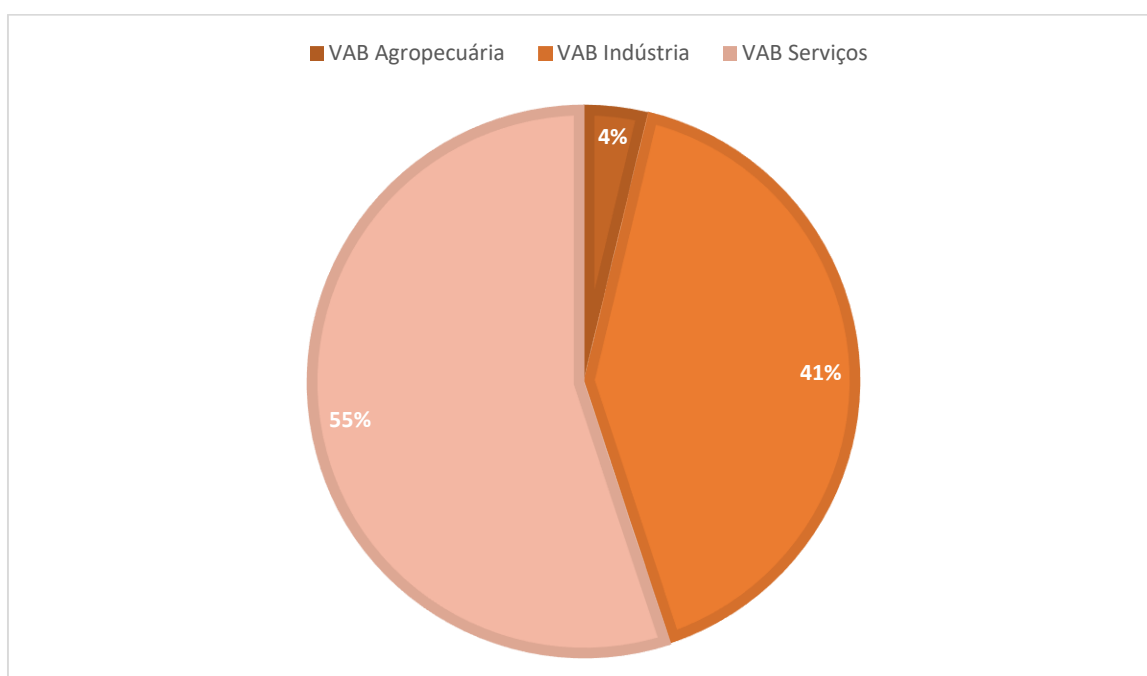
A extração de basalto teve início nos últimos anos do século XIX, e no início do século XX, quando os poloneses que haviam sido dispensados da fábrica de tecidos necessitaram se adaptarem a nova realidade. Deste modo, e devido à formação geológica da região ser basicamente basáltica, iniciou-se a exploração dessas rochas, tornando o município na Capital Nacional do Basalto.

Com base nisso, diversas indústrias de transformação e de metalurgia se instalaram em Nova Prata, causando uma expansão da mancha urbana e um crescimento populacional bastante significativo. A inserção da indústria foi tão forte,

que o município, que até os anos 1960 era rural e tinha sua economia baseada na agricultura e na pecuária, viu sua dinâmica econômica e espacial mudar, dando uma nova realidade ao povo que ali residia.

O desenvolvimento das atividades industriais foi responsável por desenvolver o setor de serviços e comércio, principalmente na área urbana do município. Tal fenômeno faz com que, na atualidade, indústrias, serviços e comércios sejam responsáveis por mais de 96% do PIB municipal (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Nova Prata/RS



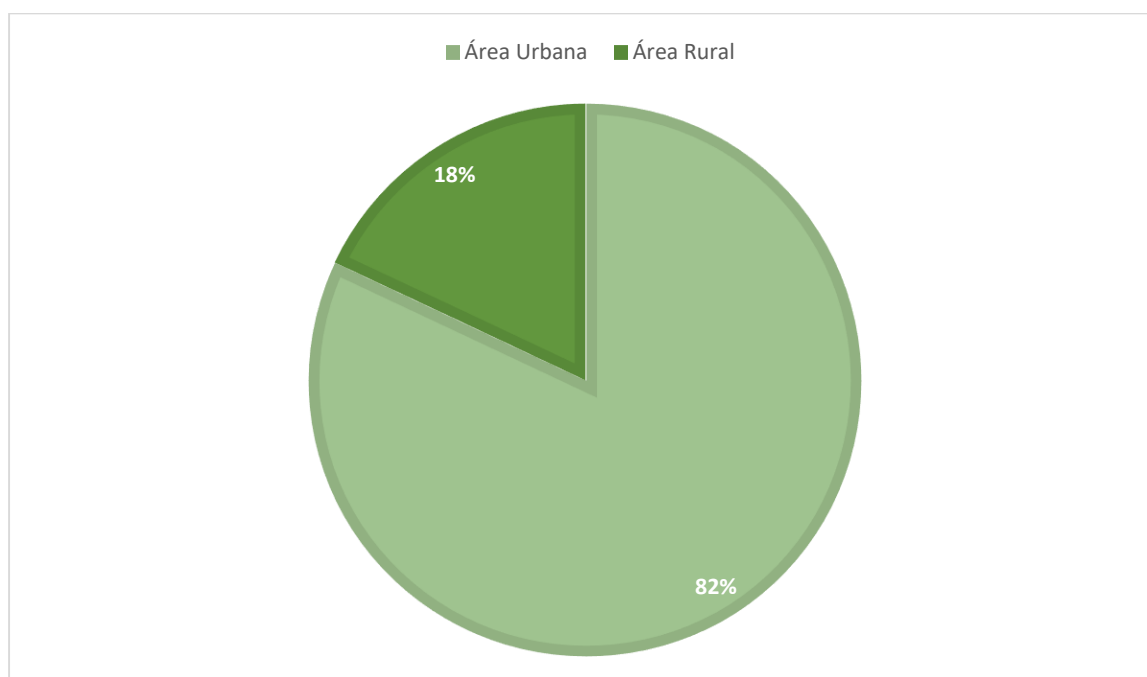
Fonte: IBGE, 2021
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Essa nova dinâmica econômica, onde a indústria, os serviços e o comércio fez com que o município assumisse papel de destaque na Região Imediata sendo, junto com Guaporé, um dos principais municípios, tanto em tamanho, quanto em importância econômica. Além disso, o município exerce influência sobre as demais unidades territoriais da região, atraindo pessoas para utilizarem os serviços, como educação, saúde, e também para trabalharem nas indústrias.

A forma de organização espacial, baseada nos serviços e na indústria, fez com que a população se concentrasse na área urbana do município. Deste modo, 82% da

população reside na área urbana, caracterizando o mesmo como um município urbano (Gráfico 16).

Gráfico 16 – Distribuição da população de Nova Prata/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Na atualidade, Nova Prata apresenta uma população de 25.692 habitantes, os quais estão divididos em uma área de 259,9 km², tendo uma densidade demográfica de 98,84 hab/km². Essa alta densidade demográfica é consequência do forte processo de urbanização e expansão da mancha urbana que o município sofre (IBGE, 2022).

Essa nova dinâmica econômica também tem reflexo na relação com o trabalho, visto que a necessidade por mão de obra no espaço urbano cresceu, fez com que os números de pessoas no campo diminuíssem. Segundo dados do Perfil das Cidades Gaúchas (2020), a maior parte da população com vínculo empregatício está concentrada nas indústrias, que reúne mais de 4 mil trabalhadores. No campo, onde residem 20% da população do município, apenas 1.223 pessoas exercem o trabalho rural, ou seja, mais de 70% da população rural se desloca para trabalhar na área urbana da unidade territorial em análise (IBGE, 2010).

A estrutura etária deste município é composta, em sua maioria de adultos, principalmente entre os 20 e 29 anos. Tal fato acontece, pois existe a necessidade de mão de obra para as empresas industriais presentes no município. Além disso, há uma taxa de natalidade mediana, enquanto a expectativa de vida mantém-se na média nacional, próxima aos 75 anos (IBGE, 2010).

Com base nas atividades econômicas desenvolvidas, bem como na organização espacial de Nova Prata, os indicadores econômicos são satisfatórios. O PIB municipal fica na 123ª posição no ranking estadual, e na 6ª colocação na região. Além disso, a renda média mensal para os trabalhadores formais é de 2,5 salários mínimos (IBGE, 2022). O IDH do município é alto, alcançando o valor de 0,766 (PNUD, 2010).

A saúde e educação são os dois principais serviços que geram qualidade de vida. Em relação à educação, o município apresenta bons índices, chegando a 99,3% de escolarização na população entre 6 e 14 anos. Além disso, a rede educacional conta com doze escolas de ensino fundamental e três de ensino médio, os quais estão distribuídas entre a área urbana e área rural (IBGE, 2022).

Os serviços de saúde atendem bem a população local, principalmente na área urbana. Existem nove estabelecimentos que atendem pelo SUS, o que proporciona o acesso de boa parte da população. Durante a pandemia de COVID-19, entre os meses de março de 2020 e março de 2023, Nova Prata registrou 6.758 casos da doença, os quais resultaram em 64 mortes, com uma letalidade de 0,95%, ficando abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.9 PARAÍ

A ocupação da área que hoje corresponde ao município de Paraí teve início concomitantemente ao início da ocupação de Nova Prata, o qual Paraí era distrito até sua emancipação no fim do século XX. As áreas onde hoje localiza-se a área do município pertencia a alguns fazendeiros de Lagoa Vermelha, até o fim do século XIX, até que foi vendida em meados dos anos 1900. Com a venda dessas terras inicia-se, em 1903, a ocupação do território (PRFEITURA MUNICIPAL DE PARAÍ, 2020).

Como a maioria dos municípios da Região Imediata, o processo de ocupação teve início com a chegada de imigrantes, principalmente de origem italiana, que buscavam um local para se fixarem na nova pátria. Além dos italianos, chegaram

portugueses, alemão e poloneses, que imprimiram suas marcas culturais na paisagem da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAÍ, 2020).

Assim como todos os municípios da região, o imigrante que chegou à Paraí precisou iniciar do zero o processo para se consolidar no local. As áreas não estavam prontas, e necessitavam do esforço do colono para possibilitar a implantação do seu modo de produção, que era voltada para a agropecuária.

Diferente de outros municípios, a área correspondente a Paraí já haviam sido ocupadas por diversas famílias de caboclos que vinham, principalmente, de áreas de Lagoa Vermelha. Esses caboclos já tinham uma produção considerável de milho e utilizavam o pinhão, já que as araucárias recobriam boa parte da região. Com isso, na região já existiam pequenas áreas em que haviam cultivos agrícolas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAÍ, 2020).

A ocupação tem sua consolidação a partir de 1910, quando chegam diversas famílias de italianos, principalmente vindos das velhas colônias da região da serra gaúcha. Com a chegada desses italianos, o processo de desenvolvimento das atividades agrícolas foram se expandindo, tornando-se a principal atividade econômica.

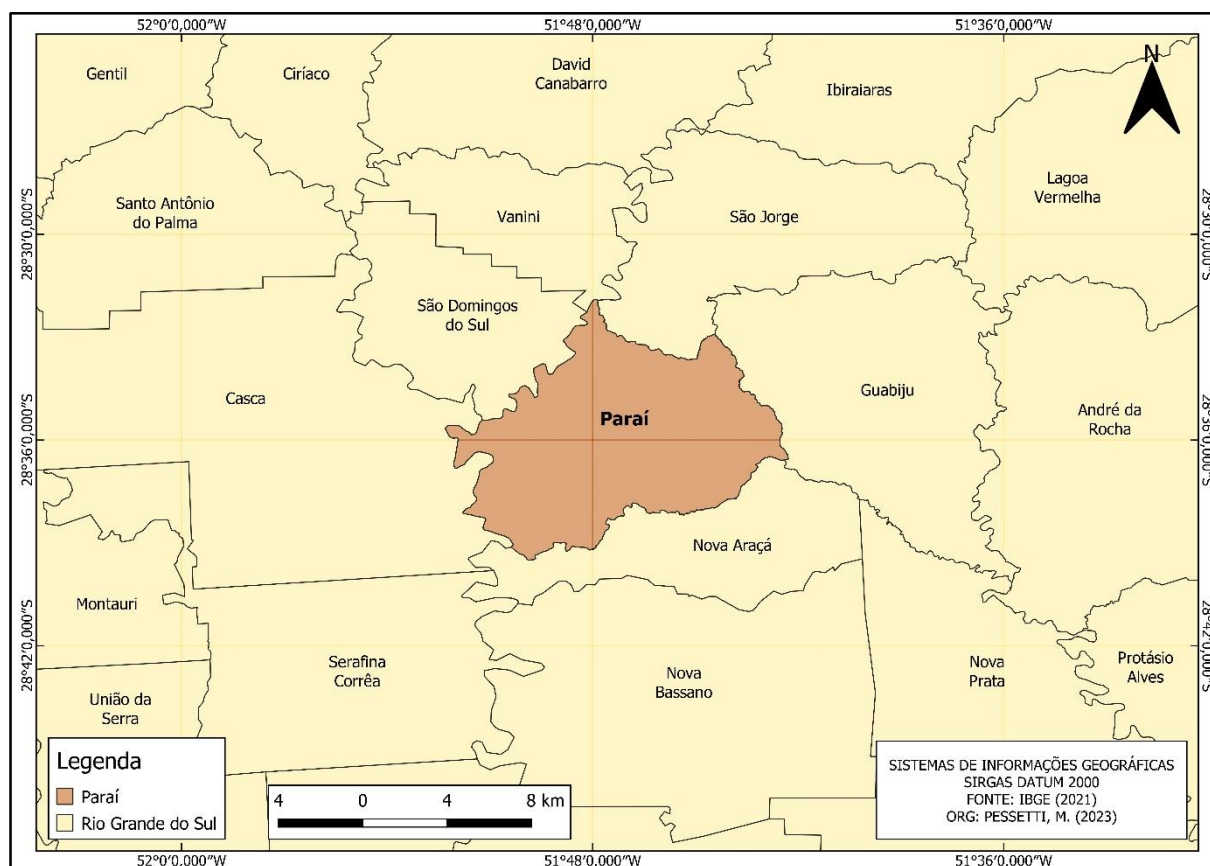
Durante a década de 1920 e, principalmente, 1930, começaram a chegar diversas famílias de poloneses que haviam buscaram a região para trabalhar na fábrica de lã de Nova Prata, que foi desativada. Após a desativação da fábrica, essas famílias começaram a extração de basalto na área de Nova Prata, que é propícia para essa atividade. Deste modo, os poloneses que chegaram à área de Paraí iniciaram a extração também, e implantaram uma dinâmica econômica baseada no basalto (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAÍ, 2020).

A exploração do basalto teve o seu início oficial no ano de 1935, após a chegada dos primeiros imigrantes poloneses. Com o passar das décadas, diversas empresas de beneficiamento desse basalto se instalaram no município e começaram a alavancar o processo de desenvolvimento econômico do município.

Com o desenvolvimento dessas atividades econômicas, e o processo de urbanização se acelerando em Paraí, as questões que pleiteiam a emancipação começaram a emergir. Com base nisso, durante os anos de 1960, os representantes do município deram início ao processo, que culminou na emancipação político administrativa, no dia 9 de julho de 1965 (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAÍ, 2020).

O município localiza-se na porção norte da região imediata e tem como municípios limítrofes Casca, Nova Araçá, Guabiju, São Jorge e São Domingos do Sul (Mapa 10).

Mapa 10 – Localização de Paraí/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

Com base nos dados apresentados, pode-se perceber então que o município de Paraí passou por duas dinâmicas econômicas e formas de organização do espaço. Num primeiro momento, tendo como base a agricultura e a pecuária, baseada na produção colonial trazida pelos colonos, principalmente italiano. Durante esse período, a maior parte da população vivia em área rural, devido a necessidade de mão de obra. O segundo momento, é o processo de extração do basalto, iniciado no fim da primeira metade do século XX, e que se desenvolveu durante a segunda metade,

ganhando força nos anos de 1990, a partir da instalação de modernas indústrias, que trabalham com o basalto e o beneficiamento de granito.

Deste modo, a agropecuária apresenta a menor participação na receita gerada pelo município, com apenas 13,1% de participação no PIB municipal. Apesar disso, ainda tem números significativos com alguns produtos cultivados, principalmente a uva, que é destinada para a produção do vinho e do suco, o milho, tanto o que é produzido em forma de grãos como o milho forrageiro, e a soja, que se inseriu de maneira mais forte durante a década de 1970 (IBGE, 2017).

A produção agrícola no município de Paraí foi iniciada antes mesmo da chegada dos imigrantes que colonizaram o município. Há vestígios, de que os caboclos que vivem na região já cultivavam milho, mandioca e feijão. Baseado nisso, os colonos que chegaram seguiram essa produção e inseriram novos produtos, como é o caso da uva e da soja, que junto com o milho tem a maior significância de produtividade e de valor. A área rural conta com 484 estabelecimentos agropecuários (Tabela 17).

Tabela 17 – Produção agrícola em Paraí/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
UVA	26	319	R\$ 507.244,00
MILHO (GRÃO)	309	12.990	R\$ 6.491.835,00
MILHO (FORRAGEIRO)	179	60.825	R\$ 5.427.191,00
SOJA	98	5.317	R\$ 5.512.505,00
TRIGO	9	393	R\$ 183.596,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

As heranças coloniais, principalmente italiana, mantém-se na atualidade nas produções agrícolas. O milho, que já era cultivado quando os italianos chegaram, e teve sua produção impulsionada pela necessidade de atender a alimentação do colono italiano, é a principal produção hoje. Segundo dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017), a produção anual de milho em grão ultrapassa as 12 mil toneladas, com uma receita de aproximadamente 6,5 milhões de reais. Soma-se a este valor, o milho forrageiro, com mais de 60 mil toneladas, e que gera uma receita de 5,4 milhões de reais.

A soja é o segundo produto mais produzido. Apesar de ser cultivada em poucos estabelecimentos agropecuários, ela apresenta uma alta produtividade e um valor significativo de comercialização. A produção anual de soja ultrapassa as 5 mil toneladas, com um valor total de 5,5 milhões de reais (IBGE, 2017).

A estrutura fundiária dos estabelecimentos rurais de Paraí é baseada nos minifúndios policultores, que são caracterizados como agricultura familiar, correspondendo a 84% do total de estabelecimentos agropecuários. Por este motivo, a maior parte das pessoas que estão ocupadas no campo, são na produção familiar.

Essa forma de produção policultora possibilita o cultivo de diversos produtos agrícolas, que são comercializados para o mercado regional. Entre os principais estão o pêssago, com uma produção anual de 61 toneladas; a uva, que é utilizada para a produção de suco e vinho, que tem uma produtividade de 319 toneladas, e uma receita de mais de 500 mil reais. Destacam-se também a produção de abóbora, aveia e trigo. Além disso, a extração vegetal também se faz presente, principalmente na extração de pinhão, das poucas araucárias que ainda restam na área da unidade territorial (IBGE, 2017).

Assim como a agricultura, a pecuária também foi inserida no momento de formação do espaço rural de Paraí, principalmente para o consumo próprio. Com o aumento da produção e o desenvolvimento econômico, a pecuária começou a despontar na economia municipal. Hoje, os principais animais criados são o gado, as aves e os suínos, com números produtivos bastante expressivos (Tabela 18).

Tabela 18 – Produção pecuária em Paraí/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	358	8.255	-	-
BOVINOS (LEITE)	253	3.501	20.314.000 litros	R\$ 22.844.879,00
GALINÁCEOS	364	997.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	306	-	712.000	R\$ 1.017.324,00
SUÍNOS	236	49.843	-	-

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A criação bovina ocorre em mais de 350 estabelecimentos agropecuários, sendo a que gera a maior renda, entre as que se tem os dados divulgados, para o município. Com mais de 8.200 cabeças de gado, aonde a maior parte desta produção é destinada para a pecuária leiteira, a produção anual de leite é de mais de 20 milhões de litros, com uma receita de quase 23 milhões de reais (IBGE, 2017).

A avicultura é prática no maior número de estabelecimentos agropecuários, estando presente em 364 desses estabelecimentos, sendo 306 destinados à produção de ovos. A criação de aves é a que tem o maior efetivo de rebanho, com aproximadamente 997 mil cabeças, tendo uma produção anual de 712 mil dúzias, e uma receita de 1,1 milhão de reais. Além dos ovos, esses animais são negociados para os frigoríficos da região, bem como para as indústrias de embutidos nas cidades vizinhas (IBGE, 2017).

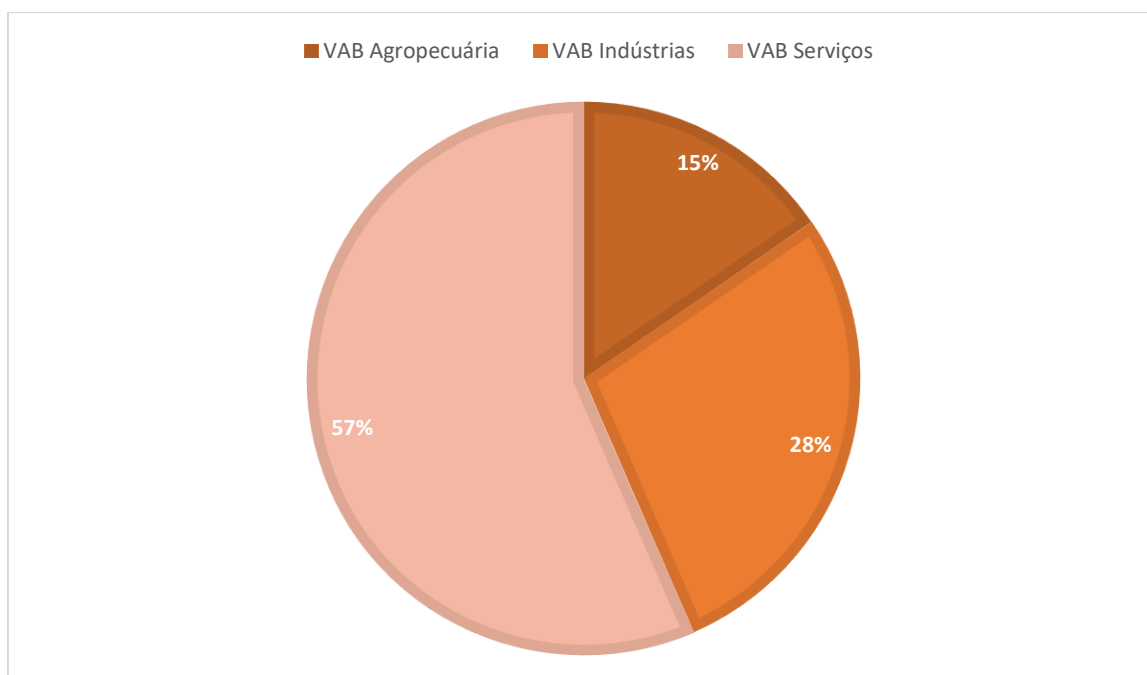
A suinocultura tem papel de destaque no cenário pecuarista de Paraí, principalmente pelo fato de ter o segundo maior efetivo de rebanho do município, com quase 50 mil cabeças. Além disso, tem importância na cultura e no turismo, visto que existe o Festival do Leitão e do Pudim, que é uma das principais festividades culturais do município, que ocorrem há mais de 40 anos. Apesar de ser significativa para o município, os dados de produtividade e do valor de produção não estão disponíveis no Censo Agropecuário de 2017.

A produção agropecuária teve papel importante nos primeiros 40 anos do processo de organização do espaço e da economia de Paraí. Apesar disso, após a década de 1940, a inserção das atividades extrativista nas pedreiras, com a extração de basalto e beneficiamento do granito, iniciou um processo de reorganização espacial e econômica de Paraí, transformando-o, na década de 1990, em um município baseado no setor dos serviços, o qual foi desenvolvido devido ao desenvolvimento industrial e urbano.

O extrativismo basáltico teve seu desenvolvimento após a segunda metade do século XX, quando diversas pedreiras começaram a se instalar no município, atraídas pelo prospero desenvolvimento que já era visto em Nova Prata. Com a consolidação desta atividade, na década de 1990, inúmeras indústrias começaram a se instalar no município, formando um pequeno polo industrial, e atraindo a população que vivia no campo para o trabalho urbano. Deste modo, nesse período, Paraí passa a se caracterizar como um município urbano.

A mudança dessa dinâmica econômica teve impacto diretamente na participação de cada atividade no PIB do município. Até a década de 1970, o principal contribuinte para o PIB municipal o setor primário, os quais correspondiam às atividades agropecuárias. Com a mudança, o setor terciário passou a liderar, seguindo do setor secundário (Gráfico 17).

Gráfico 17- Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Paraí/RS



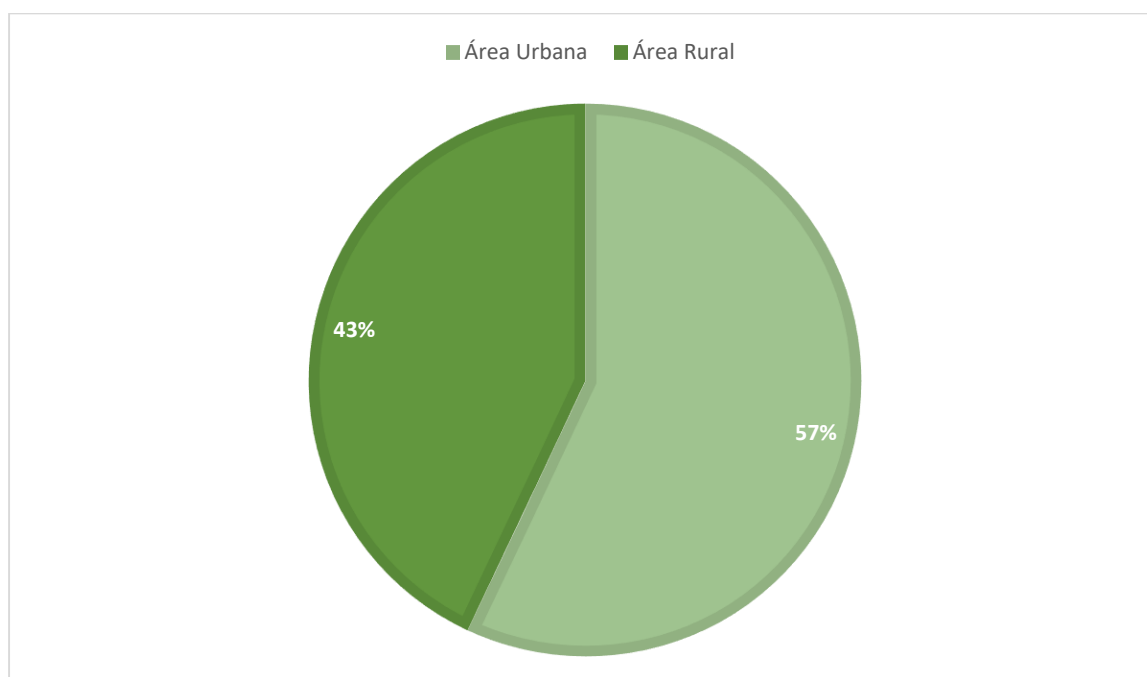
Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

O PIB de Paraí é constituído, portanto, principalmente pelos serviços e comércio e pelas indústrias. Esses dois setores da economia se desenvolveram a partir da extração do basalto, tornando-o tão importante para o município. Nota-se ainda, que esses setores empregam a maior parte da população, concentrando cerca de 40% da população local.

Com a mudança desse cenário econômico, a forma de organização espacial também se modificou. Segundo o Censo Demográfico de 2010, o município tem a sua organização bastante equilibrada, visto que 43% da população ainda reside em área rural, e 57% em área urbana. Apesar disso, mais de 60% da população que ainda

reside no espaço rural trabalham na área urbana, principalmente nas indústrias em atividades do setor terciário (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Distribuição da população de Paraí/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A população atual de Paraí é de 7.194 habitantes, divididos em uma área de 120,4 km², tendo uma densidade demográfica de 59,09 hab./km². Esse valor é elevado, pois o município vem passando por um processo de urbanização, principalmente nas últimas décadas (IBGE, 2022).

A dinâmica econômica do município tem resultados satisfatórios, se levarmos em consideração o tamanho do mesmo. O PIB municipal está na 189^a posição no ranking estadual e a 8^a em escala regional. Apesar desses fatos, o rendimento médio mensal é de 2,1 salários mínimos (IBGE, 2022). O IDH do município é alto, com um valor de 0,773 (PNUD, 2010).

Paraí apresenta uma estrutura etária onde há a predominância de jovens e adultos, com o maior número de habitantes entre os 45 e 49 anos. A expectativa de vida se mantém na média nacional, entre os 75 e 79 anos (IBGE, 2010).

A educação de Paraí é a que apresenta uma das menores taxas de escolarização da região, com 96% da população entre 6 e 14 anos matriculadas nas escolas. Apesar disso, existem cinco escolas no município, sendo quatro de ensino fundamental e uma de ensino médio (IBGE, 2022).

A saúde apresenta resultados melhores, com apenas 15,15 óbitos para cada mil nascidos vivos. Contando com 2 estabelecimentos de saúde, a população é bem atendida, principalmente na área urbana. Na pandemia de COVID-19, Paraí registrou 2.217 casos da doença, que geraram 25 mortes, tendo uma taxa de letalidade de 1,13%, ficando abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.10 PROTÁSIO ALVES

A área onde hoje encontra-se o município de Protásio Alves teve seu processo de ocupação iniciado na década de 1890. Antes desse período, a região era conhecida apenas por pessoas que buscassem um local para viver isolado, principalmente mateiros⁵ e pessoas que estavam foragidas, devido à falta de estradas e a dificuldade de acesso.

A colonização teve início oficial no ano de 1892, quando os primeiros imigrantes italianos chegaram a área que hoje corresponde ao município. Esses imigrantes eram oriundos das colônias velhas, principalmente de Caxias do Sul e de Bento Gonçalves, e buscavam terras disponíveis para se consolidarem no espaço. Os primeiros que chegaram, eram enviados para a área sem nenhum aporte, sendo necessário preparar a região, que era coberta pela Mata Atlântica (PREFEITURA MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES, s/a).

Com o início da ocupação, e com os esforços dos primeiros colonos em se instalarem no local, durante os primeiros anos do século XX diversas outras famílias foram atraídas pelas terras disponíveis. Essas famílias se instalaram nas áreas próximas aonde os primeiros italianos fixaram suas propriedades, iniciando a principal atividade econômica do município, a agropecuária.

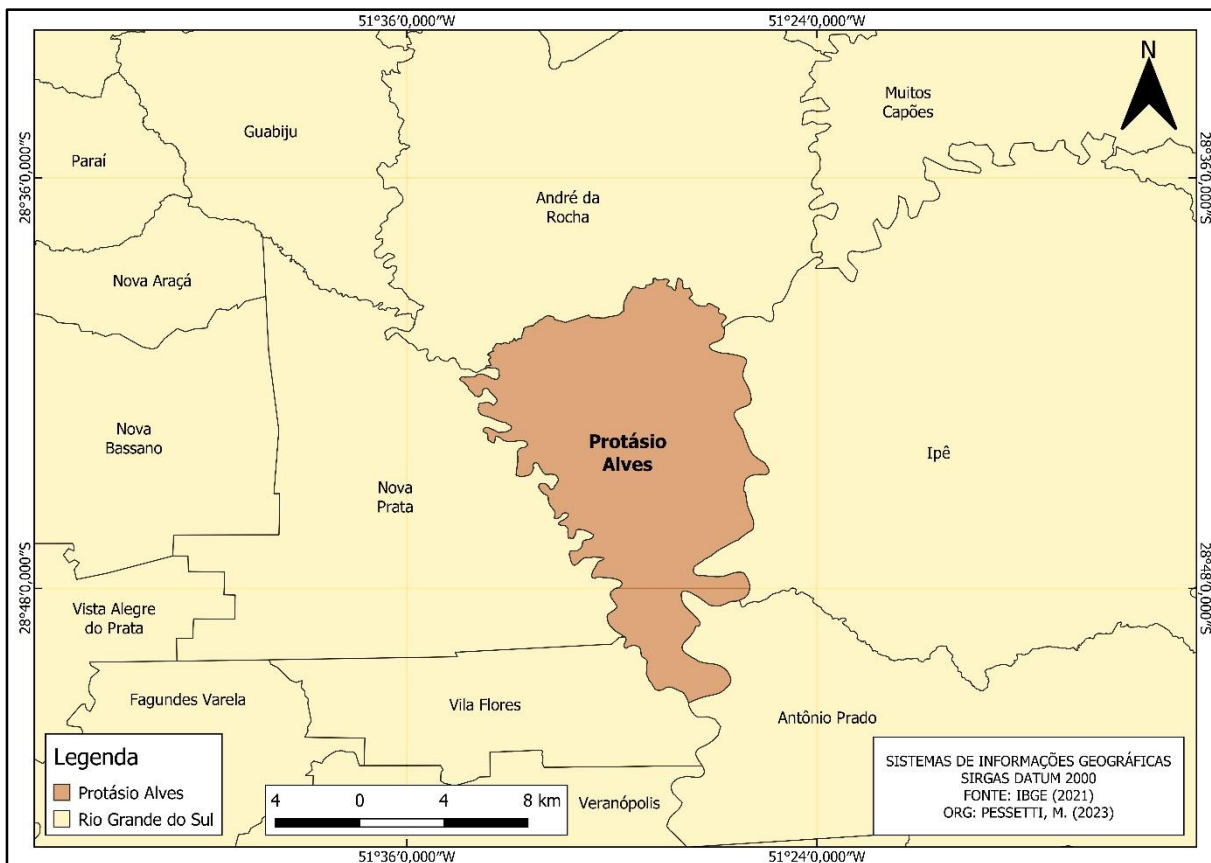
Da mesma forma que os demais municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé, a unidade territorial em análise teve o desenvolvimento econômico a organização do espaço iniciada com base na agricultura e na pecuária, bem como no

⁵ Pessoas que vivem no mato.

modo de vida do imigrante italiano. Esses colonos deram início ao cultivo de vários produtos agrícolas que eram essências para a sua subsistência (AMESNE, 2020).

A localização geográfica o coloca em conexão com municípios da região imediata que pertence, além de municípios de outras regiões. Protásio Alves faz limite com Nova Prata, Antônio Prado, André da Rocha, Ipê e Vila Flores (Mapa 11). A altitude média é de 630 metros, dando condições edáficas favoráveis para diversos cultivos agrícolas. Além disso, o relevo da região também possibilita a extração de basalto, visto que a formação geológica é basáltica.

Mapa 11 – Localização de Protásio Alves/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M. 2023.

Conforme a economia e a produção agropecuária ganha destaque na comunidade que fora fundada, mais habitantes começaram a chegar, aumentando ainda mais a produção agrícola na área. Com isso, em 1917 a área passa a se chamar

de Protásio Alves, e passa a ser um distrito de Lagoa Vermelha. O nome é uma homenagem ao Dr. Protásio Alves, que foi responsável pela construção da estrada de acesso à Nova Prata (PREFEITURA MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES, s/a).

Baseando-se na agropecuária, o desenvolvimento econômico do distrito começou a colher frutos, fazendo com que fosse realocado com o intuito de fundar o novo município do Prata (Nova Prata). Esse processo auxiliou o maior desenvolvimento, visto que Nova Prata estava tendo um processo de urbanização e de desenvolvimento econômico baseado na exploração do basalto, o que acabou favorecendo Protásio Alves.

A organização espacial do distrito se baseou no meio rural, tendo como principal característica as pequenas propriedades, onde acontecia a policultura, principalmente com agricultura familiar. Essa dinâmica classifica o município como rural.

O desenvolvimento econômico foi tão eficiente, que a partir da década de 1970 iniciaram-se os processos para a emancipação político administrativa do então distrito. Esses processos perduraram na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul até a década de 1980, quando a solicitação foi aprovada. Deste modo, no dia 16 de junho de 1988 é fundado o município de Protásio Alves (PREFEITURA MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES, s/a).

A agricultura é a principal atividade econômica desenvolvida no município, principalmente a policultura, onde há o cultivo de diversos produtos agrícolas em uma mesma propriedade rural, herança dos colonizadores italianos. Com base nisso, os principais cultivos na atualidade são a soja e o milho. Além disso, a fruticultura é bastante presente, principalmente a maçã, o pêssego, a ameixa, a uva e a laranja. A área rural de Protásio Alves apresenta 330 estabelecimentos agropecuários (Tabela 19).

A produção agrícola é responsável pela maior parte da receita gerada pela agricultura do município, principalmente a soja, que tem um valor de produção de aproximadamente 6,9 milhões de reais e o milho, que ao unir o milho em grãos e forrageiro, tem um valor anual de mais de 4,3 milhões. A produção frutícola também gera valores bastante expressivos, destacando-se a maçã, com um valor de produção de 530 mil reais, e o pêssego, com 270 mil reais (IBGE, 2017).

Tabela 19 – Produção agrícola em Protásio Alves/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
AMEIXA	9	171	R\$ 201.300,00
LARANJA	17	457	R\$ 295.054,00
MAÇÃ	7	461	R\$ 530.800,00
PÊSSEGO	12	219	R\$ 270.410,00
BERGAMOTA	15	434	R\$ 389.700,00
UVA	24	216	R\$ 361.647,00
FUMO	20	127	R\$ 980.515,00
MILHO (GRÃO)	173	5.408	R\$ 2.592.118,00
MILHO (FORRAGEIRO)	101	19.795	R\$ 1.774.354,00
SOJA	129	6.583	R\$ 6.959.960,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

O modo de produção no espaço rural é o tradicional, em mais de 70% dos 332 estabelecimentos agropecuários do município. Sendo assim, o modo de produção colonial ainda se encontra presente, e a cultura trazida pelos imigrantes italianos ainda é transmitida entre as gerações, principalmente no espaço rural.

Outra atividade bastante significativa é a pecuária, aonde a criação de animais, principalmente de bovinos, galináceos e suínos é bastante significativa (Tabela 20). Tendo sua produção voltada para atender ao mercado industrial dos municípios vizinhos, gera um valor bastante significativo para o município.

Tabela 20 – Produção pecuária em Protásio Alves/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	248	6.024	-	-
BOVINOS (LEITE)	159	1.506	8.604.000 de litros	R\$ 9.060.062,00
GALINÁCEOS	221	397.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	212	-	4.888.000 de dúzias	R\$ 6.737.290,00
SUÍNOS	172	35.632	-	-

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A bovinocultura é a principal atividade da pecuária, porém é que apresenta o menor número efeito do rebanho, com aproximadamente 6.000 cabeças de gado. A

maior parte da pecuária de corte é para consumo próprio, tendo a pecuária leiteira a produção destinada para o comércio. Cerca de 25% do gado criado é destinado a pecuária leiteira, onde são produzidos 8,6 milhões de litros de leite por ano, com uma receita de 9,1 milhões de reais (IBGE, 2017).

A avicultura é a segunda maior produção em valor, mas possui o maior rebanho feito, com mais de 397 mil aves sendo criadas. A criação destes animais tem como destino o consumo próprio, a venda para indústria de embutidos que tem nas cidades vizinhas, e a comercialização de ovos. A produção de ovos chega a 4,8 milhões de dúzias anuais, gerando uma receita de 6,7 milhões de reais (IBGE, 2017).

A suinocultura é bastante significativa para a unidade territorial em análise, tendo o segundo maior rebanho, com 35.632 animais. A sua produção é voltada para o consumo próprio e para a indústria de embutidos dos municípios vizinhos (IBGE, 2017). Apesar de ter significativo papel na pecuária, os dados com valores da produção não são divulgados.

Com base nos dados analisados sobre a dinâmica econômica atual do município, percebe-se que não houve grandes mudanças neste cenário, tendo a economia baseada no modo de produção tradicional, sofrendo pequenas mudanças durante o século XX. Deste modo, nota-se que a organização do espaço, permanece muito semelhante à que era encontrada no início do século XX.

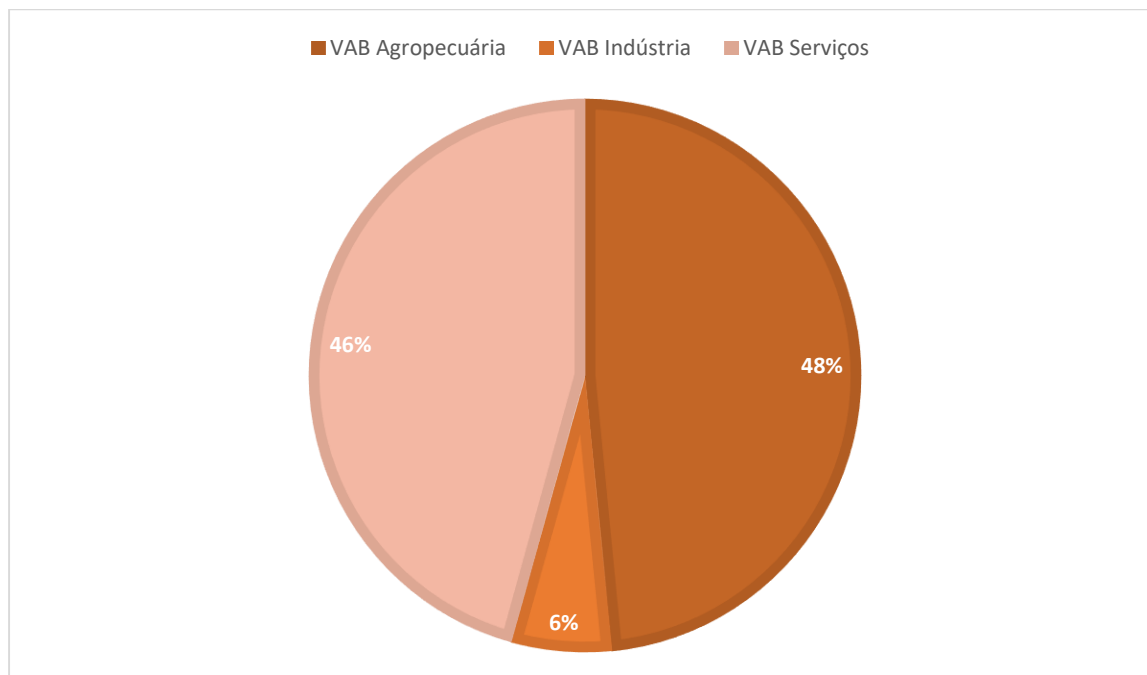
Durante os anos de 1980, algumas indústrias se instalaram no município, principalmente agroindústrias e algumas que se utilizam da extração de basalto, que tem uma pequena parcela do PIB municipal. Isso se dá, pela influência que municípios como Nova Prata e Paraí, que são fortes exploradores de basalto, exerceram sobre os demais municípios da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES, s/a).

Com base nisso, a principal atividade econômica do município são as relacionadas ao setor primário, o qual representa boa parte do PIB municipal. Em segundo lugar, encontram-se os serviços, que se desenvolve, principalmente na área urbana do município (Gráfico 19).

Na atualidade, a organização espacial do município o configura como um município rural, onde 80% da população ainda reside em área rural. As atividades agropecuárias também são a principal geração de emprego, com 62% da população ocupada com atividades no campo, totalizando 1.255 pessoas. Tal fato, faz com que

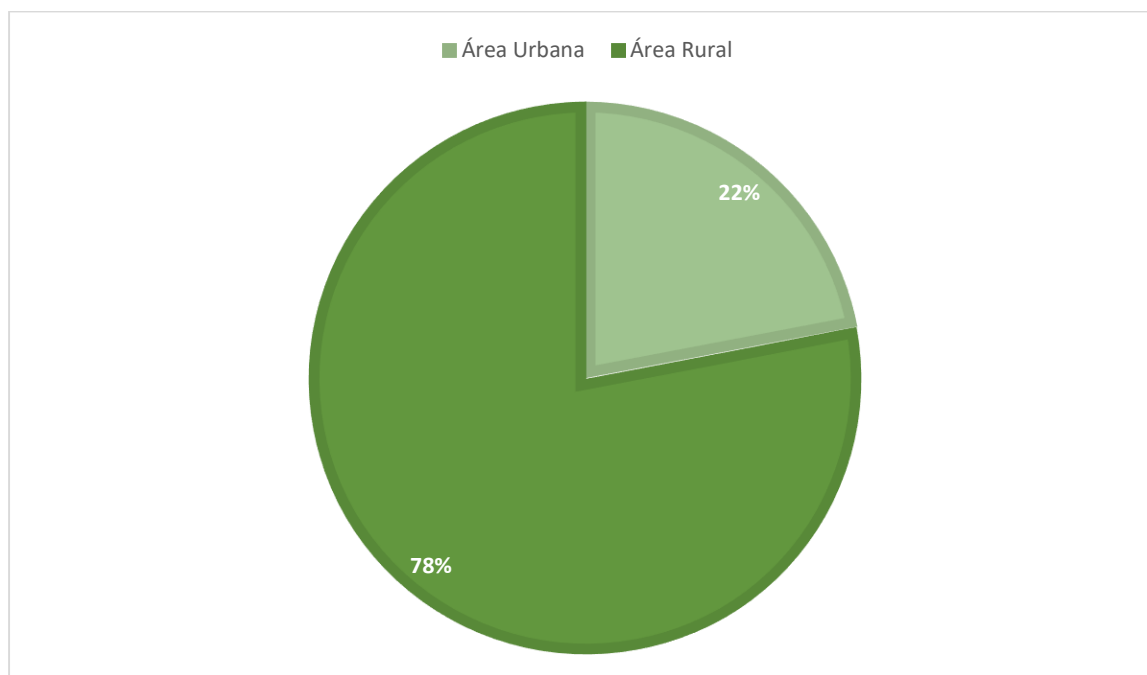
a mancha urbana de Protásio Alves seja bastante pequena, com poucos serviços sendo oferecidos a população (Gráfico 20).

Gráfico 19 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Protásio Alves/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Gráfico 20 – Distribuição da população em Protásio Alves/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021

O município conta na atualidade com 2.025 habitantes, os quais estão distribuídos em 171,9 km² gerando uma densidade demográfica de 11,77 hab/km². O adensamento populacional da cidade é baixo, devido ao baixíssimo grau de urbanização que o município apresenta (IBGE, 2022).

A estrutura etária apresenta a predominância de adultos, tendo o maior número de pessoas entre 55 e 59 anos. A expectativa de vida é alta, sendo comum ultrapassar os 85 anos, principalmente entre as mulheres (IBGE, 2010).

Os indicadores econômicos são os que apresentam um dos piores índices da região. O PIB está entre os menores da região, ficando na 12^a posição, e encontra-se na 245^a no ranking estadual. O rendimento médio mensal entre os trabalhadores formais é de 2,2 salários mínimos, ficando em penúltimo lugar no ranking regional (IBGE, 2022). O IDH do município é bom, com um valor de 0,733 (PNUD, 2010).

Em relação à educação, Protásio Alves conta com três escolas, sendo duas de ensino fundamental e uma de ensino médio, que são responsáveis por atender os cerca de 200 alunos matriculados. Com essa rede educacional, a unidade territorial em análise atinge uma taxa de escolarização entre 6 e 14 anos de 98,1% (IBGE, 2022).

O sistema de saúde é precário, tendo apenas um estabelecimento de saúde, a população não consegue suprir suas necessidades básicas. Tal fato é visto, quando são analisados os dados sobre a pandemia de COVID-19, o qual apresenta a maior taxa de letalidade da região, chegando aos 4,24%. Essa taxa é resultado dos 165 casos e 7 mortes que aconteceram entre março de 2020 e março de 2023 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.11 SÃO JORGE

O local onde hoje encontra-se o município de São Jorge, no fim do século XIX, era habitado pelos indígenas, que tinha seu modo de vida bastante solidificado na região. Com a chegada dos colonizadores nas áreas próximas, esses índios foram expulsos de suas terras e acabaram indo para áreas onde a mata era mais fechada, e acabaram deixando apenas vestígios na área que hoje fica o município (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JORGE, s/a).

Os primeiros colonizadores vieram, assim como nos demais municípios da Região Imediata, das velhas colônias e foram responsáveis por construir a infraestrutura da viagem, durante o trajeto, visto que havia apenas mata nessa área. Esses primeiros colonizadores eram imigrantes italianos, que estavam buscando novas formas de se fixarem no Brasil (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JORGE, s/a).

A ocupação da área que corresponde à unidade territorial em análise, teve início tardiamente em relação aos demais municípios. O primeiro morador da área chegou apenas no ano de 1930 na região, que na época recebia o nome de Ponte de Guabiju (ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO JORGE, 2021).

Durante o processo de ocupação, diversas outros municípios já estavam consolidados na região, o que dificultou o desenvolvimento desta área, visto que muitas pessoas preferiam ir para os municípios que já estavam em pleno desenvolvimento econômico e social. Deste modo, a região começou a se desenvolver após a construção da primeira igreja e escola, que motivou a fundação de diversos estabelecimentos que vendiam os produtos de necessidade básica para os moradores do povoado em formação.

Apesar de o crescimento estar avançando, principalmente durante a década de 1940, o povoado passava por diversos problemas de infraestrutura, desde falta de luz até a ausência de saúde e a ineficiência na comunicação com os municípios vizinhos. Tal fato, acabou por atrasar o desenvolvimento econômico, que tinha como base o comércio e agropecuária (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JORGE, s/a).

A energia elétrica no povoado, até 1956, só funcionava durante a noite, fazendo com que os moradores buscassem outras fontes de energia, principalmente a lenha, para o período do dia. Em 1956 a energia elétrica passa a funcionar durante o dia também, mas é só em 1968 que ocorre a inauguração da iluminação pública no povoado (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JORGE, s/a).

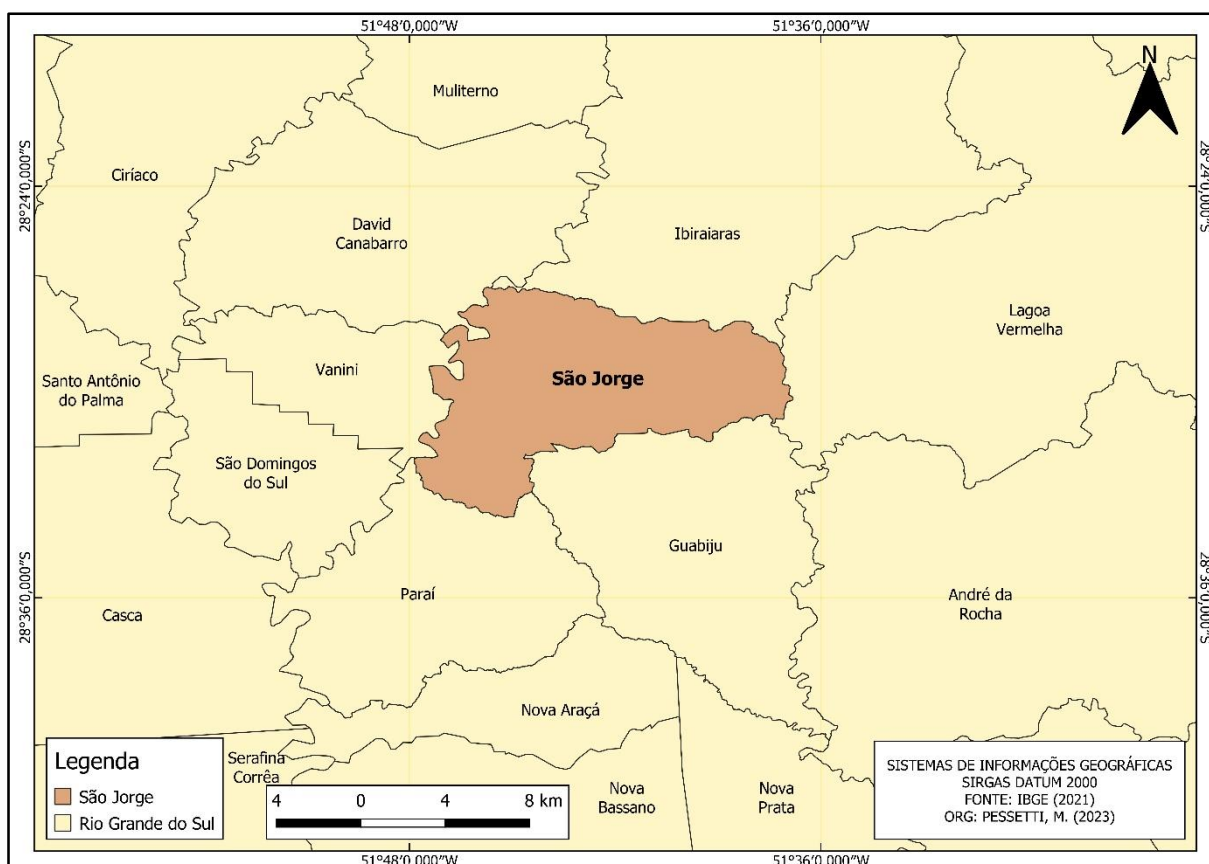
Com a chegada da rede de iluminação pública, o desenvolvimento econômico ganhou força, atraindo diversas famílias que já viviam em cidades como Paraí e Nova Bassano. Essas famílias instalaram-se na área rural e começaram os cultivos agrícolas e a criação de animal.

Deste modo, com o crescimento da população residente, bem como o aumento do número de estabelecimentos agropecuários e os serviços e comércios prosperando, iniciaram os esforços para que ocorra a emancipação político

administrativa. Com base nisso, em 1987 é feito o plebiscito, que é aprovado pela população, fundando o município de São Jorge, em 1º de dezembro de 1987 (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JORGE, s/a).

O município faz limite com São Domingos do Sul, Vanini, David Canabarro, Lagoa Vermelha, Ibiraiaras, Guabiju, André da Rocha e Paraí (Mapa 12).

Mapa 12 – Localização de São Jorge/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

A produção agrícola tem papel importante para o município, principalmente na produção de grãos, do pêssego e da uva. A principal produção, é a do milho, que é herança da colonização italiana, visto que era o cultivo básico para a alimentação do colono italiano. A produção de uva também está associada à cultura trazida pelos colonizadores, visto que mais de 80% da uva produzida é destinada para a fabricação de sucos e vinhos. A soja, a partir da década de 1970, ganhou força, tendo uma

produtividade bastante significativa e gerando riqueza para o município. Na atualidade, existem 391 estabelecimentos agropecuários em São Jorge (Tabela 21).

Tabela 21 – Produção agrícola em São Jorge/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
PÊSSEGO	19	375	R\$ 363.358,00
UVA (MESA)	13	31	R\$ 109.120,00
UVA (VINHO OU SUCOS)	83	5.388	R\$ 7.849.489,00
BATATA INGLESA	11	122	R\$ 118.039,00
FUMO	11	38	R\$ 269.600,00
MILHO (GRÃO)	208	9.904	R\$ 5.417.958,00
MILHO (FORRAGEIRO)	150	46.863	R\$ 4.030.210,00
SOJA	137	9.145	R\$ 9.531.989,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

O milho é o produto que tem a maior produtividade, visto que são produzidos o milho em grãos e o milho forrageiro, que é utilizado principalmente na fabricação de ração para os animais, sendo produzido em mais de 200 estabelecimentos agropecuários. Com uma produção de mais de 56 mil toneladas anualmente, a receita gerada ultrapassa os 9,4 milhões de reais, tendo um papel importantíssimo no PIB municipal (IBGE, 2017).

A segunda principal cultura agrícola é a soja, com cerca de 9.145 toneladas anuais, e produzida em 137 estabelecimentos agropecuários. Essa cultura foi inserida com mais força a partir da década de 1970, com o processo de modernização do campo, e ganhou força a partir de 2003, com a liberação do cultivo das sementes transgênicas. O valor da produção anual, chega na casa dos 9,5 milhões de reais (IBGE, 2017).

A uva é o terceiro produto agrícola mais cultivado, presente em 83 estabelecimentos agropecuários. A produção está fortemente ligada à produção de sucos e vinhos coloniais, que são característica da colonização italiana. Com uma produção que ultrapassa as 5.300 toneladas, o valor gerado chega aos 7,8 milhões de reais (IBGE, 2017).

A pecuária também tem um papel importante e gera os maiores valores de produção no setor primário. Os principais animais criados são os bovinos, as aves e os suínos. A criação desses animais se justifica devido à grande demanda causada pelas indústrias de laticínios e de embutidos que existem nos municípios vizinhos (Tabela 22).

Tabela 22 – Produção pecuária em São Jorge/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	276	8.044	-	-
BOVINOS (LEITE)	202	3.293	20.163.000 de litros	R\$ 22.454.081,00
GALINÁCEOS	258	229.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	209	-	117.000 dúzias	R\$ 380.173,00
SUÍNOS	148	14.413	-	-

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A bovinocultura é a principal atividade da pecuária, principalmente destinada à pecuária leiteira, visto o grande número de indústrias de laticínios presentes na região. Com um rebanho de 8 mil cabeças, as quais 3.200 são destinadas à produção de leite, apresenta uma receita de 22,4 milhões de reais, com 20 milhões de litros de leite anualmente. A pecuária de corte, predominantemente, é destinada para o consumo próprio, ou comercializado no mercado local (IBGE, 2017).

A criação de aves se concentra em boa parte dos estabelecimentos agropecuários, e atende tanto ao mercado local, quanto às indústrias de embutidos da região. Uma boa parte da produção, que conta com 229 mil aves, é destinada para a produção de ovos, que tem uma produtividade de 117 mil dúzias, e uma receita de 380 mil reais (IBGE, 2017).

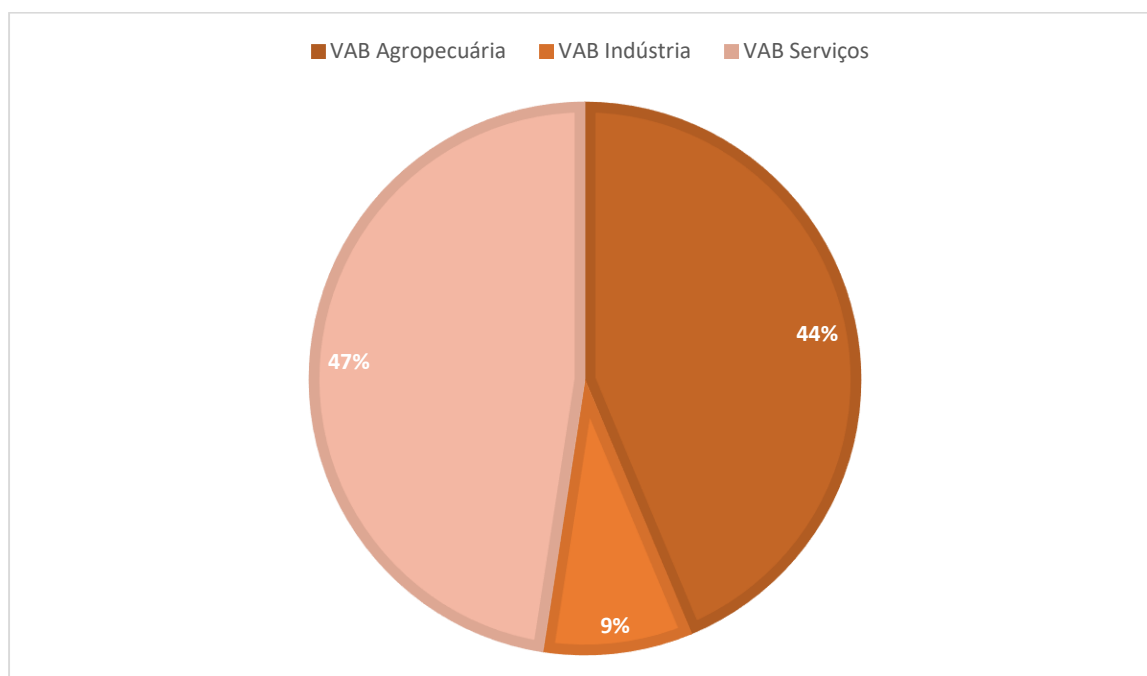
Com base nos dados da criação de animais e da agricultura, compreende-se as razões que o modo de vida do colono italiano está tão presente, sendo resultado dessa construção de identidade cultural. Além disso, a forma da economia baseada na agropecuária, é características básica da colonização italiana.

A organização espacial de São Jorge seguiu a lógica de se desenvolver, principalmente, a partir do meio rural. Apesar disso, como as primeiras atividades

econômicas foram com base no setor terciário, com os comércios, a maior parte da população vive hoje no perímetro urbano.

O setor terciário começou a se desenvolver junto com a chegada dos primeiros imigrantes, ainda na década de 1930. Com base nisso, houve um desenvolvimento econômico satisfatório também baseado no comércio e nos serviços, tal fato é justificado quando se analisa a participação no PIB, o qual o setor terciário é o principal contribuinte (Gráfico 21).

Gráfico 21 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em São Jorge/RS



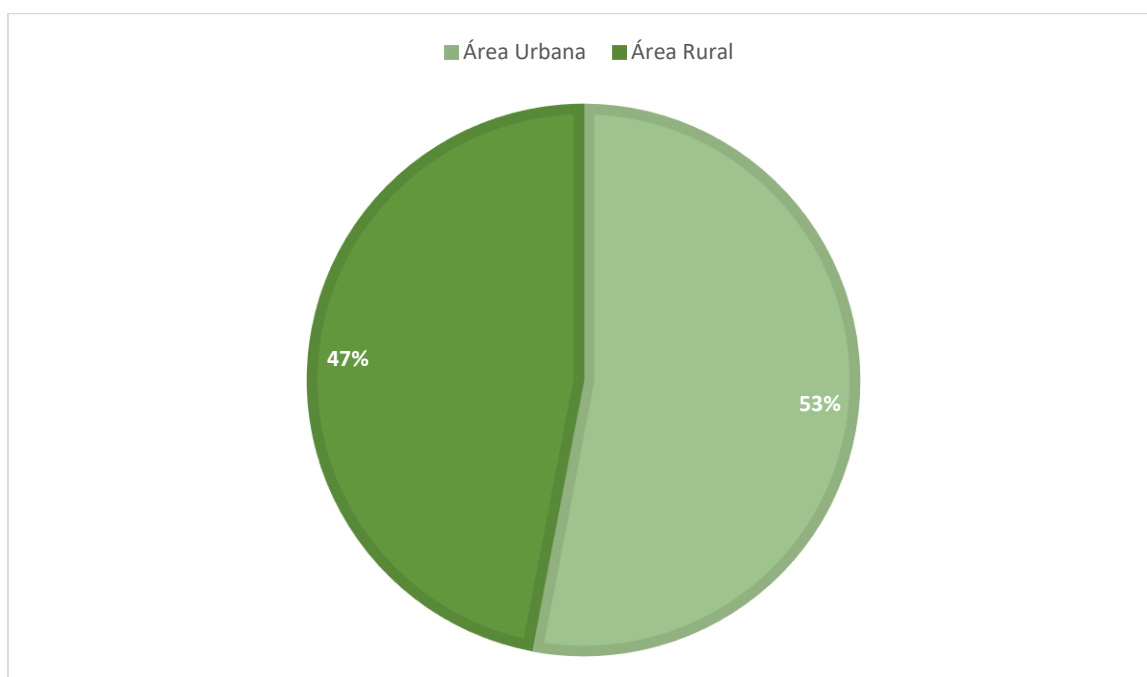
Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A participação industrial em São Jorge cresceu nas últimas décadas, assumindo cerca de 9% do PIB municipal. Tal fato se dá, principalmente, pela exploração do basalto na região. Além disso, existem algumas unidades industriais moveleiras e de metalurgia, além das relacionadas à alimentação.

O modelo de desenvolvimento econômico e de organização do espaço de São Jorge não sofreu grandes mudanças com o passar do tempo. A dinâmica econômica e espacial ainda é bastante semelhante a encontrada durante os primeiros anos de ocupação, havendo um equilíbrio entre os meios urbano e rural. A dinâmica espacial,

reflete uma pequena diferença em relação a população urbana e a população rural, com uma pequena maioria vivendo na área urbana, cerca de 53% (Gráfico 22).

Gráfico 22 – Distribuição da população em São Jorge/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Atualmente, o município apresenta uma população de 2.912 habitantes, que estão distribuídos em uma área de 125,6 km², o que gera uma densidade demográfica de 23,18 hab./km². Com base nesses dados, percebe-se que o adensamento populacional é bem distribuído na área do município (IBGE, 2022).

São Jorge apresenta uma estrutura etária baseada nos adultos, com predominância da população entre os 40 e os 59 anos. A taxa de natalidade é mediana, enquanto que a de mortalidade é baixa, sendo comum a presença de população com mais de 85 anos (IBGE, 2010).

Apesar de haver mais pessoas vivendo na cidade, a maioria das pessoas ocupadas concentram-se no espaço rural. Isso acontece, pois, a maioria dos habitantes do espaço rural são os próprios produtores, fazendo com que seja necessário o emprego da mão de obra para que a economia se movimente. Além disso, nota-se que há mais pessoas trabalhando no campo do que residindo, o que

mostra que existe mão de obra contratada na produção agrícola. Atualmente, existem 1.380 trabalhadores rurais. Apesar disso, mais de 80% das propriedades rurais são de agricultura familiar, utilizando o modo de produção tradicional.

Os indicadores econômicos do município são medianos, tendo o PIB municipal o mais baixo entre os 14 municípios, ficando na 285ª posição no ranking estadual e na 14ª no ranking regional. A média do salário mensal também é uma das mais baixas da região, com 2 salários mínimos (IBGE, 2022). Junto a isso, o IDH é bom, chegando ao valor de 0,732 (PNUD, 2010).

Em relação à educação, a taxa de escolarização entre 6 e 14 anos é de 98,4%, tendo uma rede de três escolas, as quais se dividem entre as áreas urbana e rural. Dessas três escolas, duas são de ensino fundamental e uma de ensino médio, que são responsáveis por atender os 300 alunos matriculados (IBGE, 2022).

O sistema de saúde é eficaz, apesar de haver apenas um estabelecimento de saúde. O município enfrenta a pandemia de COVID-19 com uma taxa de letalidade semelhante à do Brasil, chegando a 2,02%, resultados dos 595 casos e 12 mortes entre março de 2020 e março de 2023 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.12 SERAFINA CORRÊA

Assim como os demais municípios de colonização europeia, a unidade territorial apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) elevado. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2000), Serafina Corrêa apresenta um IDH de 0,832. A baixa densidade demográfica do município, a qualidade dos serviços de saúde e educação e a segurança são alguns dos fatores que favorecem um índice do IDH elevado (IBGE, 2016).

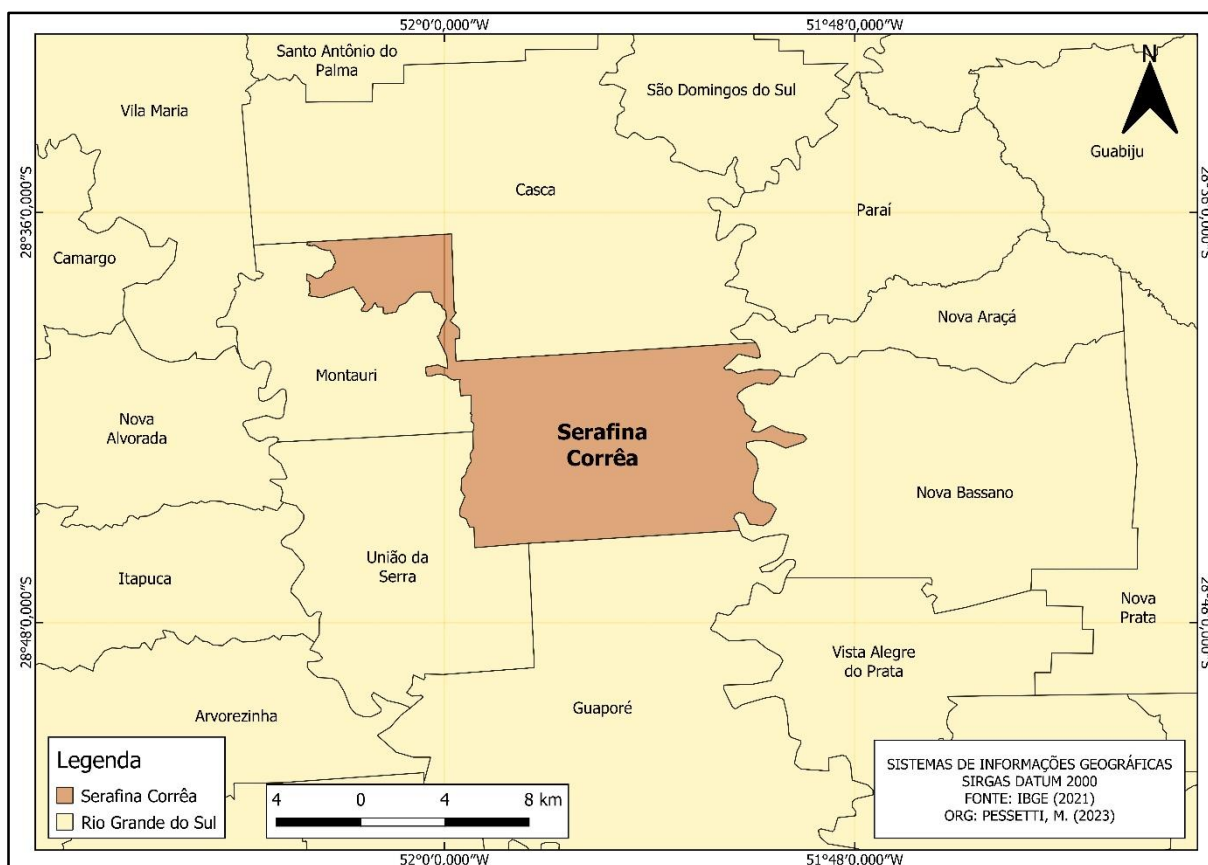
O município foi colonizado quase que exclusivamente pelos imigrantes italianos, principalmente da região do Trento, os quais chegaram ao estado sulino durante a década de 1870. Esses colonizadores implantaram seu principal meio econômico, a agricultura, a qual caracteriza a Região Imediata de Nova Prata – Guaporé e, conseqüentemente, o município até os dias atuais (CANTON; CANTON; CANTON, 2005).

O distrito de Dona Serafina Corrêa, pertencendo ao município de Guaporé, devido ao seu alto grau de desenvolvimento, foi ganhando destaque econômico, e utilizado para atrair investimentos para Guaporé. Essa importância do distrito para a

economia local, contribuiu para que em 1938 o povoado de Dona Fifina⁶ fosse elevado à categoria de vila.

Os esforços de emancipação da Vila de Dona Fifina, foram aumentando gradativamente entre os dirigentes locais. Os projetos desse processo esbarravam na economia, pois a vila era responsável por cerca de 48% da arrecadação de Guaporé. Finalmente, no dia 22 de julho de 1960, o processo de emancipação foi aprovado, e através da Lei nº 3.932, o município de Serafina Corrêa foi instaurado (Mapa 13).

Mapa 13 – Localização de Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

Economicamente, a unidade territorial em estudo vem prosperando desde os tempos da colonização, onde os imigrantes que desenvolveram a região, foram

⁶ A até então distrito de Guaporé era chamado de Dona Fifina, pois remetia ao modo carinhoso que a senhora Serafina Corrêa, esposa de Vespasiano Corrêa, primeiro intendente de Guaporé, era vista na região. (CANTON; CANTON; CANTON, 2005).

responsáveis pela implementação de seus modos de produção e transformaram a área em uma grande potência econômica. A agricultura foi a principal atividade econômica desenvolvida, a partir do cultivo do milho e da uva. Os imigrantes que chegavam ao país, passaram a utilizar a atividade agrícola para se consolidarem no espaço, através de pequenas propriedades de cunho familiar. Os imigrantes italianos, inicialmente, começaram produzindo apenas para a própria subsistência e, gradativamente, tornaram-se um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da economia gaúcha.

Na agricultura, as principais produções são do milho, soja e trigo, as quais são cultivadas nas pequenas e médias propriedades. É possível perceber que a soja e o trigo foram inseridos no estado sulino a partir da década de 1970, com a modernização da agricultura. Tal fato se intensificou durante a década de 1980, sendo responsável por reorganizar o espaço rural de Serafina Corrêa (Tabela 23).

Tabela 23 – Produção agrícola em Serafina Corrêa/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
FIGO	5	49	R\$ 168.600,00
UVA	14	102	R\$ 159.000,00
MILHO (GRÃO)	300	15.672	R\$ 9.390.884,00
MILHO (FORRAGEIRO)	193	72.190	R\$ 9.218.066,00
SOJA	223	13.241	R\$ 13.727.559,00
TRIGO	9	474	R\$ 247.356,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Destaca-se, também, a produção de uvas, a qual é responsável pela produção de vinhos coloniais. Cabe ressaltar, que o cultivo da uva. Atualmente, está presente apenas em algumas propriedades, onde a plantação é destinada apenas para subsistência, pois a área plantada foi cedida para o cultivo do trigo e da soja. Serafina Corrêa possui 473 estabelecimentos agropecuários.

O produto agrícola com a maior produtividade é o milho, produzido tanto em grãos tanto o forrageiro, tem uma produtividade de mais de 87 mil toneladas, gerando uma receita de 19 milhões de reais e é cultivado em mais de mais de 490 estabelecimentos agropecuários. A alta produtividade se dá, principalmente, pela

necessidade de fabricar ração para os animais, que são criados para atender a indústria local (IBGE, 2017).

Com a inserção da soja, a cevada e a uva acabaram perdendo espaço, passando a ter uma pequena parcela na produção agrícola. Deste modo, a soja passa a ser o segundo maior produto agrícola em produtividade e em receita, uma realidade inserida após a década de 1980, quando o município iniciou o seu processo de modernização e de industrialização. A produção anual de soja supera as 13 mil toneladas e gera mais de 13,7 milhões de reais de receita, sendo produzida em 223 estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2017).

O trigo é o que tem a menor participação entre os principais produtos cultivados. Sendo produzido em apenas 9 estabelecimentos agropecuários, é destinado para as agroindústrias, principalmente da fabricação de alimentos à base do trigo, como pães e cucas. Com uma produtividade de 474 toneladas anuais gera uma receita de 247 mil reais (IBGE 2017).

A produção agropecuária acontece no único distrito do município, o de Silva Jardim, que concentra a maior parte da população residente no espaço rural se Serafina Corrêa. Esse Distrito tem seu papel de destaque na região, pois também, é considerado um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico da unidade territorial. Tal fato se dá pela produção em grande escala de grãos, atendendo a demanda de empresas de renome na região, no qual fomenta o agronegócio, contudo, não deixando de lado a agricultura familiar, principal característica do colono italiano.

No que diz respeito à pecuária, a criação está quase que exclusivamente ligada às indústrias. O município destaca-se como polo regional para a produção de frangos de corte e, em menor proporção, a criação de suínos (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2020).

Até a década de 1970, a dinâmica econômica e de organização do espaço era baseada na agropecuária e no desenvolvimento do espaço rural, com uma pequena urbanização. A partir desta data, houve a chegada de diversas indústrias, que acabaram modificando a forma de produção e a paisagem do espaço rural, tendo modificado também a criação de animais. Com a chegada dessas indústrias, a criação de animais passou a ser destinada para atender ao mercado interno, tendo sua produção anexada ao desenvolvimento industrial de Serafina Corrêa.

Nos dias atuais, a pecuária é dominada pela criação de bovinos, aves e suínos, os quais são destinados para as indústrias de embutidos e de laticínios. Com base nisso, uma boa parte dos estabelecimentos agropecuários criam animais, recebendo incentivos das empresas (Tabela 24).

Tabela 24 – Produção pecuária em Serafina Corrêa/RS

	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	362	9.503	-	-
BOVINOS (LEITE)	297	4.331	26.138.000 litros	R\$ 28.965.232,00
GALINÁCEOS	351	900.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	319	-	3.904.000 de dúzias	R\$ 4.912.940,00
SUÍNOS	244	35.859	-	-

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

O maior efetivo de rebanho é o de aves, que são amplamente utilizadas pelas indústrias de embutidos que se instalaram no município no início dos anos 2000. Essas empresas modificaram o modo de criação das aves e na dinâmica do produtor, visto que é tudo planejado pela indústria e o produtor apenas é encarregado de cuidar da criação, tendo a compra da produção já garantida. Nesse sentido, a quantidade de aves criadas é de 900 mil, onde boa parte é destinada para a produção de ovos, com mais de 3,9 milhões de dúzias anualmente, com uma renda de 4,9 milhões de reais (IBGE, 2017).

A criação do gado está ligada à venda para os frigoríficos da região, mas principalmente para a indústria leiteira, que é controlada por uma agroindústria. Deste modo, o rebanho é de 9500 cabeças, onde são produzidos mais de 26 milhões de litros de leite com uma receita de 28,9 milhões de reais, sendo essa, a segunda maior receita do setor primário (IBGE, 2017).

A criação de suínos também é relacionada às indústrias, as quais adquirem toda a produção previamente e fornecem toda a infraestrutura básica que o produtor precisa. O efetivo do rebanho é de 36 mil cabeças, não havendo dados sobre o valor gerado pela produção (IBGE, 2017).

Com a chegada das indústrias durante a década de 1980 e 1990, o município passou por uma reorganização espacial e uma nova dinâmica econômica. Essas indústrias tiveram papel de extrema importância para o desenvolvimento econômico do município. Foi a partir do final do século XX e início do século XXI que a unidade territorial estimulou o ramo das indústrias. A instalação do distrito industrial trouxe diversas empresas de grande porte, incentivando o desenvolvimento da economia da região. Entre elas, a empresa Brasil Foods (BRF), que no município, representa as marcas Perdigão e Sadia, sendo o investidor de maior capital, geração de empregos e de receita, contribuindo para a oferta de empregos, pela utilização de mão de obra e matéria prima local para a produção de seus produtos.

As indústrias que se instalaram, utilizaram o meio de produção colonial para gerar a matéria prima de seus produtos. Fato esse que possibilitou a modernização dos meios de produção no espaço rural de Serafina Corrêa, e também possibilitaram que as mesmas mantivessem sua estrutura de produção familiar, típica do colono italiano. Entretanto, nesta inserção da indústria, as pequenas unidades precisaram ir em busca de uma produção mais efetiva e lucrativa.

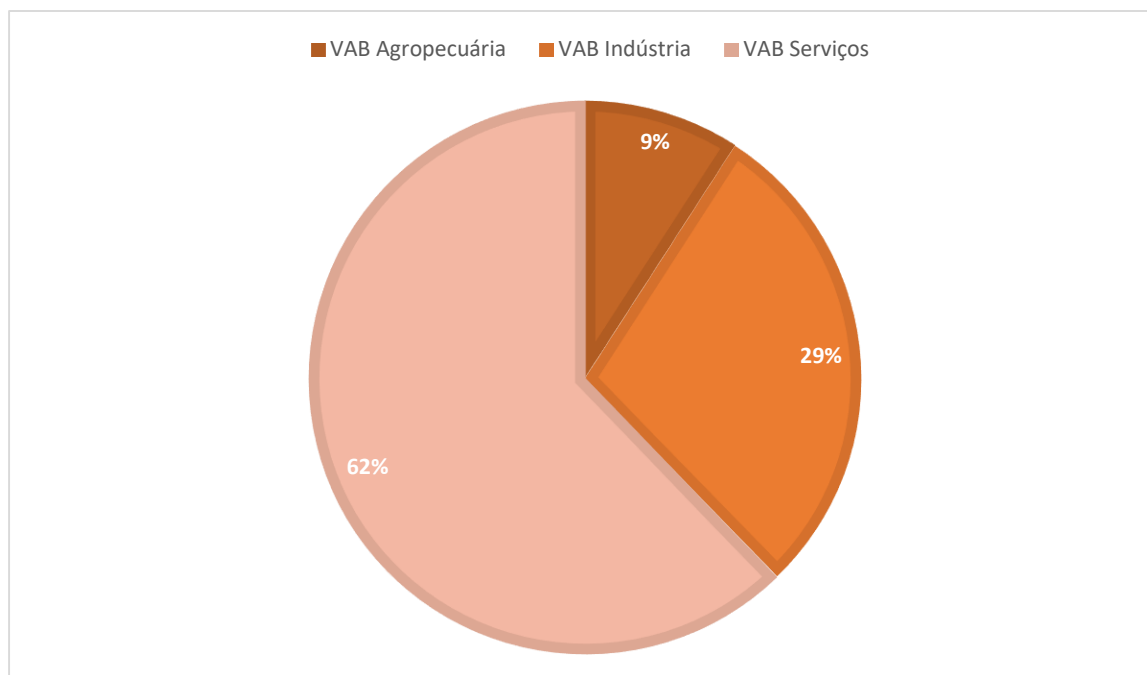
Com a chegada dessa nova realidade econômica e cultural, com a implantação de culturas e agentes externos, como os novos moradores e as novas formas de produção, tornou-se necessário a inclusão de políticas públicas para que os novos moradores, oriundos dos diversos municípios do estado gaúcho e de outras regiões brasileiras, tivessem infraestrutura para se estabelecerem localmente. Além de produtos alimentícios, o polo industrial é destaque entre os demais municípios gaúchos no ramo da pecuária leiteira. A cadeia produtiva do leite abastece o mercado regional e nacional. Destaca-se, também, as indústrias de manufaturas de papéis e a metalurgia (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2020).

A instalação desse polo industrial reorganizou o espaço de Serafina Corrêa desenvolvendo também o setor terciário. Essa nova dinâmica, fez com que a agricultura fosse o setor econômico que menos tivesse participação no PIB municipal (Gráfico 23).

Na atualidade a unidade territorial, apresenta uma população de 16.961 habitantes, divididos numa área de 163,3 km² e uma densidade demográfica de 103,86 hab./km² (IBGE, 2022). Essa dinâmica populacional e adensamento populacional é resultado do intenso processo de urbanização que o município foi

submetido a partir da criação do distrito industrial, que acabou causando a expansão da mancha urbana, bem como a mudança na organização espacial.

Gráfico 23 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

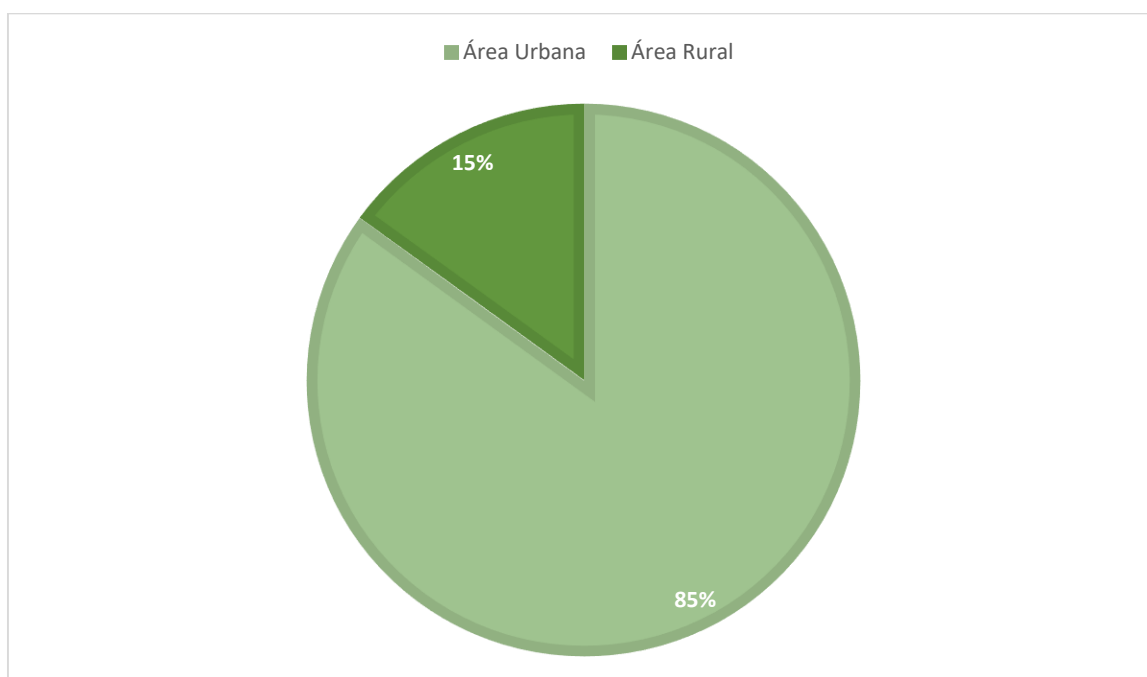
A disseminação desta nova dinâmica econômica reorganizou o espaço de Serafina Corrêa, que passa a ser classificado como um município urbano e agroindustrial. Na atualidade, mais cerca de 85% da população reside em área urbana, e mais de 40% da população é empregada nas grandes indústrias do município (Gráfico 24).

A estrutura etária demonstra a predominância de pessoas entre os 20 e 29 anos, principalmente pela necessidade de mão de obra, o que acaba atraindo a população mais jovem. A taxa de natalidade é menor do que a média nacional. A expectativa de vida é boa, visto que é comum a existência de pessoas acima 80 anos, principalmente entre as mulheres (IBGE, 2010).

Os índices econômicos são razoáveis, apesar da disponibilidade de trabalho. A média mensal de salários é de 2,4, os quais se concentram, principalmente, na área das indústrias. O PIB municipal encontra-se na 228ª posição no ranking estadual e na

11ª posição no regional (IBGE, 2022). O IDH é alto, chegando ao número de 0,760 (PNUD, 2010).

Gráfico 24 – Distribuição da população de Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A rede educacional possui índices significativos, atingindo a taxa de 97,9% da população entre 6 e 14 anos matriculados nas escolas. O município conta com quinze escolas, sendo treze de ensino fundamental e duas de ensino médio, estando bem distribuídas entre área urbana e área rural (IBGE, 2022).

O sistema de saúde é bem atendido, com seis estabelecimentos que atendem pelo SUS. A população urbana é a que é melhor atendida. A mortalidade infantil é de 24,75 óbitos para cada mil nascidos vivos. Durante a pandemia de COVID-19, o município registrou 4.730 casos da doença e 35 mortes, tendo uma taxa de letalidade de 0,83%, abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.13 UNIÃO DA SERRA

A ocupação da área que corresponde ao município de União da Serra é datada do final do século XIX, quando se inicia o processo de formação do município-mãe Guaporé. Essa ocupação se deu por famílias de colonos italianos, como todos os outros municípios da Região Imediata.

Por volta de 1880 chegaram as primeiras famílias, que iniciaram a construção de um povoado o qual receberia o nome de “Pulador”. Esse povoado teve como principal base a agricultura, que era a principal atividade econômica dos imigrantes. Com o passar do tempo, já no início do século XX, iniciou-se a colonização de outro povoado, que receberia o nome de Oeste. Esses dois povoados viriam dar origem à distritos, que pertenciam à Guaporé (PREFEITURA MUNICIPAL DE UNIÃO DA SERRA, 2020).

O desenvolvimento desses dois distritos então se baseou na agricultura e na pecuária, num primeiro momento. Com o crescimento econômico dos municípios ao seu redor, e um maior investimento em recursos públicos nesses distritos, algumas indústrias, principalmente de metalurgia se instalaram nos distritos, fazendo com que houvesse um satisfatório crescimento econômico.

Com esse desenvolvimento, iniciou-se na década de 1980 a busca pela emancipação política administrativa. O processo se estendeu durante toda a década de 1980 e início da de 1990, até que em 1992 foi aprovado, sendo fundado, a partir da junção dos distritos de Oeste e Pulador, o município de União da Serra, em 20 de março de 1992.

Além do desenvolvimento, alguns outros fatores favoreceram a emancipação, entre eles, a proximidade com municípios com uma economia mais pautada na indústria, que necessitava da produção agropecuária de União da Serra. Além disso, a sua posição geográfica, fazendo limites com Serafina Corrêa, Guaporé, Arvorezinha, Itapuca e Montauri, facilitava o escoamento de sua produção. A altitude média é de 520 metros (Mapa 14).

O milho é o produto que tem a maior produtividade e o mais produzido, sendo cultivado em cerca de 300 estabelecimentos agropecuários do município. O milho produzido é em grãos e forrageiro, o qual é utilizado para ser vendido a municípios vizinhos para a produção de ração, visto que a quantidade de animais na região é

bastante significativa. Anualmente, são produzidas mais de 44 mil toneladas de milho, gerando uma renda de 8,5 milhões de reais (IBGE, 2017).

Mapa 14 – Localização de União da Serra/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

A agricultura foi a base do crescimento econômico e social de União da Serra, tendo sua produção baseada nos grãos, tendo como destaque a soja e o milho. Além disso, o município tem produções significativas de laranja, além de outros cultivos que são praticados, visto que o espaço rural é caracterizado por minifúndios que praticam a policultura. A área rural conta com 374 estabelecimentos agropecuários (Tabela 25).

O milho é o produto que tem a maior produtividade e o mais produzido, sendo cultivado em cerca de 300 estabelecimentos agropecuários do município. O milho produzido é em grãos e forrageiro, o qual é utilizado para ser vendido a municípios vizinhos para a produção de ração, visto que a quantidade de animais na região é

bastante significativa. Anualmente, são produzidas mais de 44 mil toneladas de milho, gerando uma renda de 8,5 milhões de reais (IBGE, 2017).

Tabela 25 – Produção agrícola em União da Serra/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
ERVA-MATE	27	162	R\$ 129.217,00
LARANJA	19	348	R\$ 130.785,00
FUMO	5	13	R\$ 102.931,00
MILHO (GRÃO)	238	13.306	R\$ 6.826.929,00
MILHO (FORRAGEIRO)	142	31.949	R\$ 2.622.675,00
SOJA	142	8.477	R\$ 8.685.818,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021

A soja ocorre em menos estabelecimentos, cerca de 142, e tem uma produtividade bem menor em relação ao milho, mas gera uma satisfatória receita. Com pouco mais de 8,4 mil toneladas produzidas, a receita gerada é superior à do milho, com mais de 8,6 milhões de reais. A inserção da soja foi fortemente difundida após a década de 1980, acompanhando o cenário de modernização da agricultura (IBGE, 2017).

A laranja é uma das frutas mais cultivadas, estando presente em cerca de 19 unidades rurais. Essa produção é destinada, principalmente, para o mercado local, abastecendo supermercados e feiras. Com uma produção que supera as 340 toneladas, gera uma receita de aproximadamente 130 mil reais (IBGE, 2017).

A pecuária é a segunda atividade que mais contribui para o PIB municipal, principalmente com a produção de bovinos e a produção de leite. Além do gado, os animais mais criados são as aves e os suínos, que apresentam papel importante para a dinâmica econômica do município (Tabela 26).

A criação de animais é destinada, principalmente, para atender às indústrias de Serafina Corrêa e de Guaporé, que são os principais compradores da pecuária de União da Serra. Com um rebanho bastante significativo, a avicultura é a que tem o efetivo de rebanho maior, com mais de 900 mil aves, produzindo cerca de 59 mil dúzias de ovos por não, com uma renda de 237 mil reais (IBGE, 2017).

Tabela 26 – Produção pecuária em União da Serra/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	251	5.417	-	-
BOVINOS (LEITE)	205	2.771	12.159.000 de litros	R\$ 12.850.003,00
GALINÁCEOS	244	909.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	206	-	59.000 dúzias	R\$ 237.354,00
SUÍNOS	204	26.756	-	-

Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A criação de gado é destinada, principalmente, para o consumo próprio, quando relacionado à pecuária de corte. Quando falamos da pecuária leiteira, a produção é destinada para as agroindústrias, principalmente de Serafina Corrêa, a qual faz o beneficiamento do leite. A produção anual é de 12 milhões de litros, com 12,8 milhões de reais de renda (IBGE, 2017).

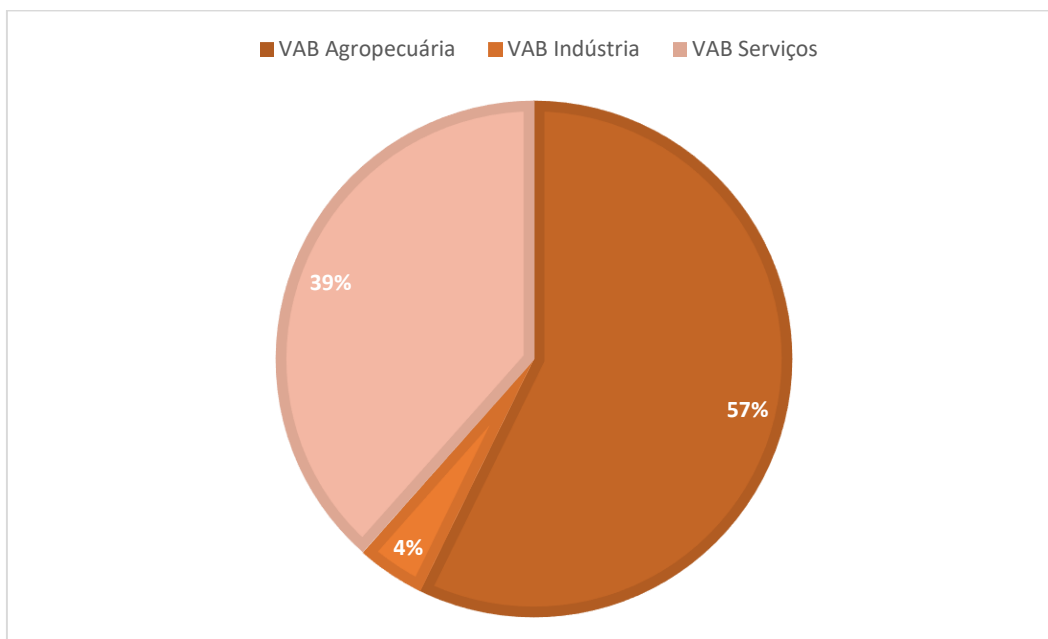
Os suínos têm o segundo maior rebanho, com cerca de 26.700 animais, tendo sua produção destinada à indústria de embutidos presentes na região. Essa produção tem um valor agregado bastante significativo, mas sem o detalhamento específicos de valores (IBGE, 2017).

Essa dinâmica econômica vigorou sendo o destaque do município até o início dos anos 2000. Durante o início do século XXI, e com base no desenvolvimento industrial de algumas cidades vizinhas, algumas indústrias se instalaram em União da Serra, desenvolvendo um pequeno polo industrial. Essas empresas, principalmente no ramo da metalurgia e na fabricação de plástico, ainda vigoram uma parcela muito pequena da participação econômica do município.

Com a chegada dessas indústrias, houve a instalação de uma das maiores fabricantes de terminais de baterias do Brasil, fazendo com que o município ganhasse destaque nacional. Apesar disso, o número de pessoas empregadas nessas empresas ainda é muito pequeno.

A organização espacial do município permanece muito semelhante desde o início da colonização. Apesar de a economia ter recebido novas fontes de renda, a agricultura e a pecuária continuam sendo a principal fonte de receita do município (Gráfico 25).

Gráfico 25 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em União da Serra/RS



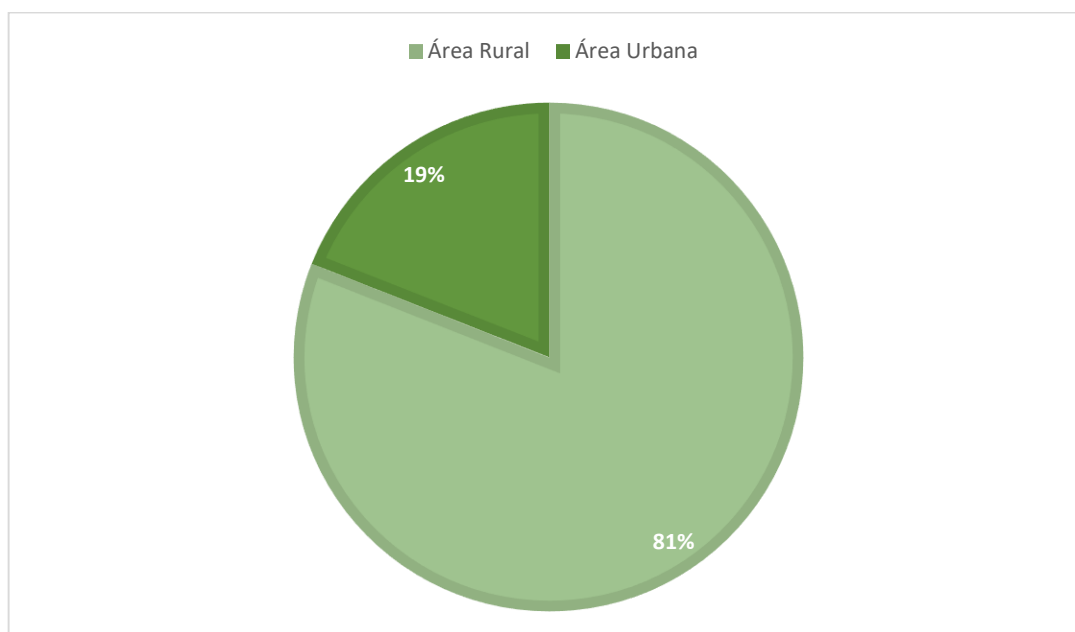
Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Baseando-se na produção agropecuária, a organização espacial de União da Serra se deu focada no espaço rural. Deste modo, o município é classificado como rural, visto que 81% da população reside na área rural da unidade territorial em análise. O centro urbano é bastante pequeno, não tem características de um espaço urbanizado, tendo uma população de aproximadamente 280 pessoas (Gráfico 26).

Atualmente, o município tem 1.170 habitantes, que se dividem em uma área de 131,1 km², tendo uma densidade demográfica bastante baixa, de 8,92 hab./km². Essa baixa população é resultado de a economia ter se baseado, quase que exclusivamente, na agricultura e na pecuária. Deste modo, os jovens acabam saindo da cidade em busca de mercado de trabalho (IBGE, 2022).

Ao analisarmos a estrutura etária de União da Serra, percebe-se que o município apresenta a menor taxa de natalidade da região, bem como a população mais velha. A maior parte da população é composta por adultos e idosos, principalmente entre 45 e 64 anos. Tal fato demonstra uma tendência de queda na população absoluta.

Gráfico 26 – Distribuição da população em União da Serra/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A economia do município apresenta bons índices, tendo o salário médio mensal mais alto da região imediata, chegando a 2,6 salários mínimos. O setor que mais emprega é o primário, sendo responsável por ocupar mais de 66% da população local. O PIB municipal é bom, ficando na 122ª posição do ranking estadual e na 5ª posição em relação à região (IBGE, 2022). O IDH é alto, com um número de 0,733 (PNUD, 2010).

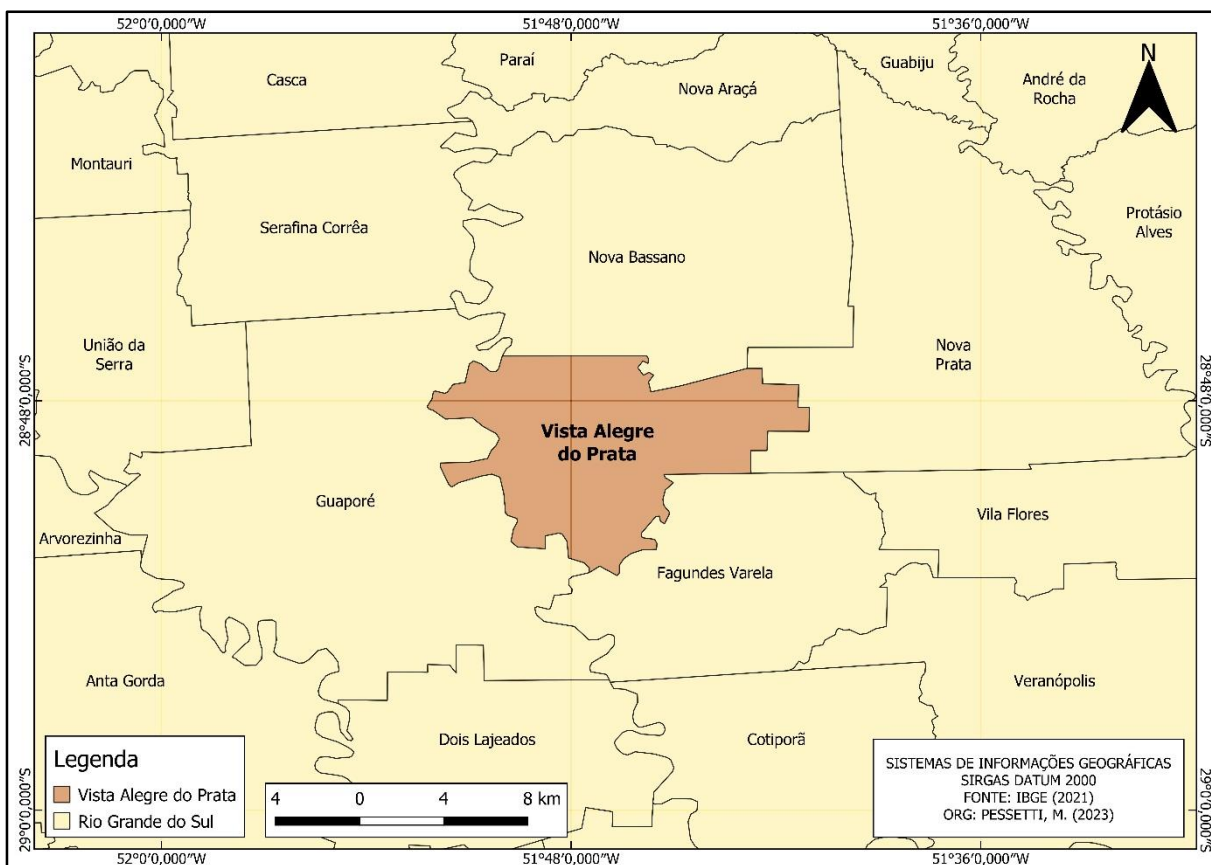
Em relação aos serviços básicos, os índices são bons. A educação atinge uma taxa de escolarização de 98,5% entre os 6 e 14 anos de idade. A rede escolar municipal conta com três escolas, sendo duas de ensino fundamental e uma de ensino médio, que atendem bem os cerca de 140 alunos matriculados, tanto do espaço rural quanto urbano (IBGE, 2022).

A saúde do município é eficiente, apesar de ter apenas uma unidade de saúde que atende pelo SUS. Essa realidade se reflete na pandemia de COVID-19, tendo sido registrados apenas 137 casos da doença e com apenas duas mortes. A taxa de letalidade é de 1,46%, estando abaixo da média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

4.14 VISTA ALEGRE DO PRATA

O município localiza-se na porção sul da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé tendo como limites os municípios de Nova Prata, Fagundes Varela e Guaporé. A altitude média é de 562 metros (Mapa 15).

Mapa 15 – Localização de Vista Alegre do Prata/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: PESSETTI, M., 2023.

O processo de ocupação da área que corresponde à Vista Alegre do Prata foi um pouco diferente dos demais municípios da região, pertencendo à Veranópolis até a década de 1880. Durante esse tempo, os lotes rurais foram divididos e cedidos para famílias italianas, que vieram da Itália durante a década de 1890, exclusivamente para colonizar a área.

Esses italianos, quando chegaram, receberam todas as ferramentas necessárias para iniciar a ocupação dos lotes que lhe foram doados. Para se estabelecer, começaram a abrir picadas, com o intuito de facilitar o acesso das demais famílias e garantir um lugar próximo a corpos hídricos, visto que é tão necessário para a produção agrícola.

Assim que se estabelecerem e conseguiram os lugares desejados, os colonos italianos começaram o plantio dos produtos de subsistência, que seriam utilizados para alimentar suas famílias. Os primeiros cultivos foram o milho, feijão, batata e o trigo. Além disso, iniciaram a instalação de um parreiral, visto que a região era propícia para a produção de uvas destinadas a fabricação de vinhos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VISTA ALEGRE DO PRATA, 2020).

Com o passar do tempo, e com a consolidação da agropecuária e do vilarejo, chegaram imigrantes poloneses. Esses poloneses foram responsáveis por auxiliar no desenvolvimento econômico, visto que também eram exímios agricultores e dominavam técnicas diferentes das dos italianos.

Esse crescimento econômico e o desenvolvimento da área, fez com que o município fosse dividido em duas linhas, onde uma ficou como distrito de Guaporé e a outra de Nova Prata. Isso fez com que houvessem alguns benefícios, visto que os dois municípios já tinham um desenvolvimento econômica mais forte e a economia também era baseada nas indústrias.

Com esse auxílio, a economia começou a prosperar, e os distritos começaram a ficar cada vez mais independentes de seus municípios-mãe. Com base nisso, na década de 1980 foi solicitada a emancipação político-administrativa à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, a qual aprovou o processo em 9 de maio de 1988, fundando assim o município de Vista Alegre do Prata.

A dinâmica econômica do município sempre teve papel importante da agricultura e da pecuária. No cenário agrícola, o principal cultivo permanece sendo o milho, que foi o primeiro cultivo a ser implantado quando os colonos chegaram. Além do milho, a soja, a uva, a erva-mate e a abóbora também tem participação significativa. Essa variedade de culturas é possível, pois as propriedades rurais são caracterizadas por minifúndios, onde praticam a policultura. A área rural do município conta com 316 estabelecimentos agropecuários (Tabela 27).

Tabela 27 – Produção agrícola em Vista Alegre do Prata/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (TON)	VALOR DA PRODUÇÃO
ERVA-MATE	22	190	R\$ 122.755,00
UVA	18	94	R\$ 111.610,00
ABÓBORA	172	102	R\$ 132.763,00
MANDIOCA	189	60	R\$ 112.792,00
MILHO (GRÃO)	206	5.764	R\$ 2.994.219,00
MILHO (FORRAGEIRO)	103	25.946	R\$ 1.800.862,00
SOJA	98	5.156	R\$ 5.391.982,00

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

A produção de milho é a que acontece em mais estabelecimento rurais, acontecendo em 250 estabelecimentos agropecuários. Essa cultura tem a maior produtividade, com mais de 30 mil toneladas produzidas anualmente e uma receita de aproximadamente 5 milhões de reais (IBGE, 2017).

A soja foi inserida na dinâmica produtiva a partir da década de 1970, quando houve a expansão agrícola da soja. Com base nisso, atualmente ela é produzida em 98 estabelecimentos, produzindo 5,1 mil toneladas anualmente, e gerando 5,4 milhões de reais anualmente (IBGE, 2017). A inserção dessa lavoura acabou prejudicando a produção de outros cultivos, como é o caso da uva, que perdeu espaço após a inserção da soja, e também teve sua produtividade diminuída por causa dos insumos químicos usados na lavoura de soja.

A erva-mate e a abóbora estão presentes em 22 e 172 estabelecimentos rurais, respectivamente. Apesar de terem uma produtividade não tão alta, entre as 100 e 200 toneladas anuais, geram uma renda de 300 mil reais, se somadas (IBGE, 2017). É relevante a utilização desses dados, visto que é o único município da região em que esses cultivos aparecem entre os com mais produtividade.

No ramo da pecuária, a mesma tem sua produção focada na bovinocultura, na avicultura e na suinocultura. Deste modo, o município segue o padrão da região, onde esses três tipos de criação tem a predominância em 100% dos municípios (Tabela 28).

Tabela 28 – Produção pecuária em Vista Alegre do Prata/RS

	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS	EFETIVO DE REBANHO	QUANTIDADE PRODUZIDA	VALOR DA PRODUÇÃO
BOVINOS	233	5.225	-	-
BOVINOS (LEITE)	152	1.704	8.900.000 de litros	R\$ 9.048.808,00
GALINÁCEOS	220	1.123.000	-	-
GALINÁCEOS (OVOS)	168	-	38.000 dúzias	R\$ 157.876,00
SUÍNOS	173	26.718	-	-

Fonte: IBGE, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

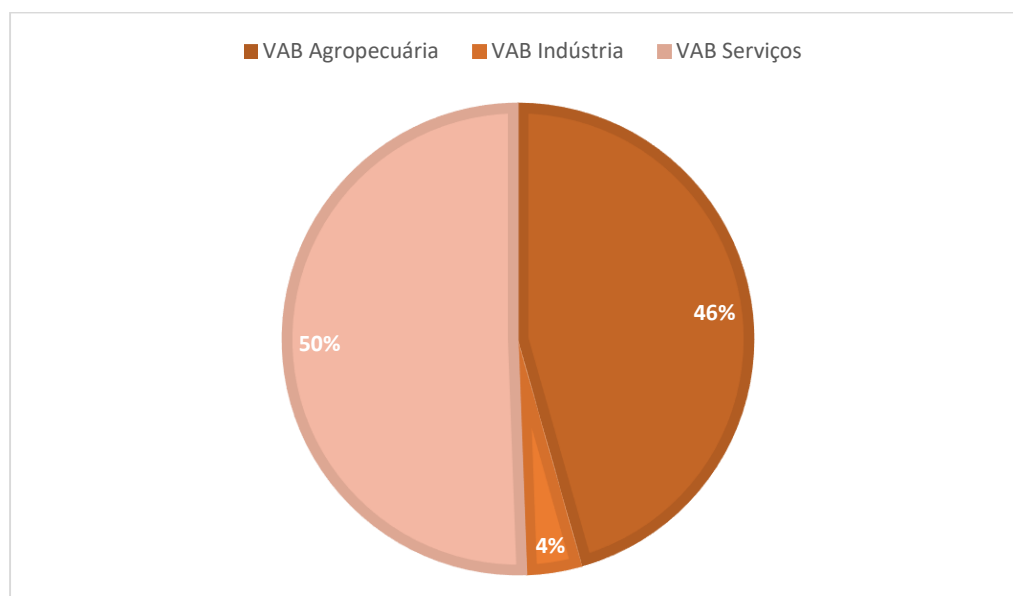
A bovinocultura é o tipo de pecuária mais desenvolvida na unidade territorial em análise, ocorrendo em mais de 230 estabelecimentos rurais. Sua produção, é voltada principalmente para a pecuária leiteira, onde são produzidos 8,9 milhões de litros de leite anualmente e gerando uma receita de 9,1 milhões de reais (IBGE, 2017). Esses valores fazem com que a bovinocultura seja a atividade econômica mais lucrativa na dinâmica econômica do município.

O desenvolvimento de indústrias do ramo alimentício, principalmente de embutidos, nos municípios vizinhos, faz com que a criação de aves seja a maior de Vista Alegre do Prata. Para atender o mercado regional, existem cerca de 1.123 milhões de aves criadas, tendo uma boa parte de sua produção utilizada na produção de ovos, com 38 mil dúzias anuais (IBGE, 2017). A criação para o corte, é enviada para as grandes empresas, principalmente de Serafina Corrêa e Nova Prata.

Com base nos dados analisados até o momento, pode-se perceber que a dinâmica econômica do município se manteve, ou seja, a agropecuária permanece sendo a principal atividade econômica do município. Deste modo, nota-se que não houve uma reorganização do espaço, visto que a necessidade de mão de obra permanece no campo.

Isso se reflete quando observamos a participação do PIB municipal por setor, onde a maior parte do mesmo é composto pelo setor terciário, seguido do setor primário. As indústrias contribuem com 4% do PIB local (Gráfico 27).

Gráfico 27 – Valor Adicionado Bruto por setor econômico em Vista Alegre do Prata/RS



Fonte: IBGE, 2021.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

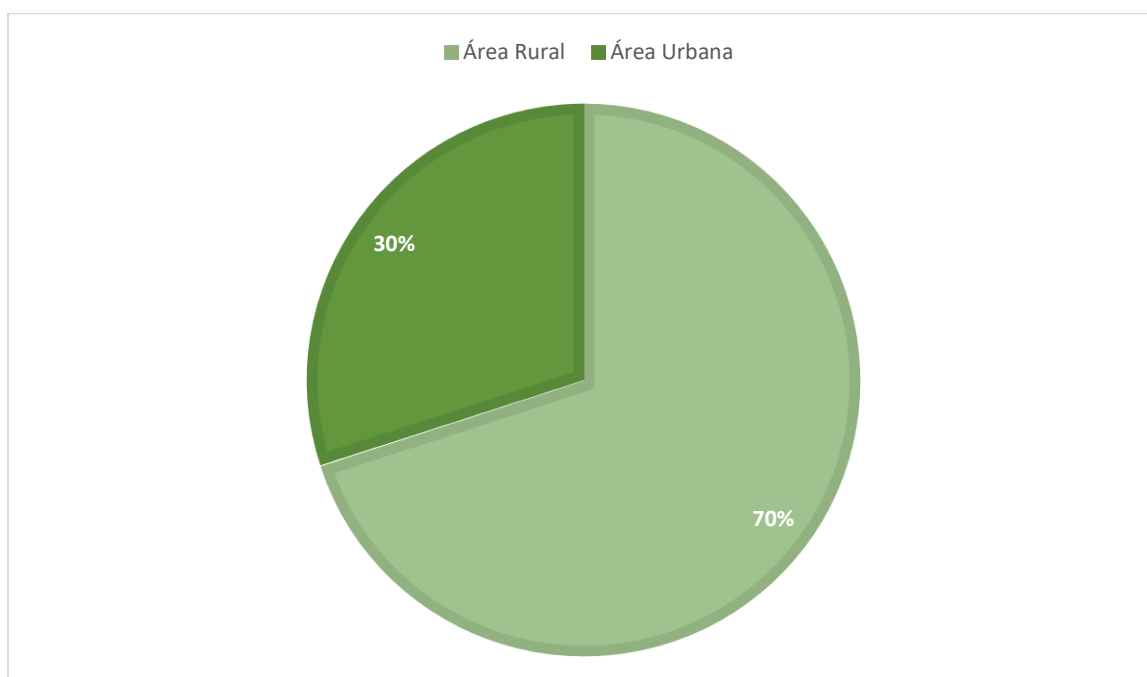
Essa dinâmica econômica e espacial semelhante ao período da colonização justifica a forma como o espaço geográfico do município se organiza. Na atualidade o município tem 1.590 habitantes, distribuídos em uma área de 119,3 km², tendo uma densidade demográfica de 13,32 hab./km² (IBGE, 2022). A distribuição dessa população faz com que o mesmo seja classificado como um município rural, onde 70% da população ainda reside em área rural e apenas 30% em área urbana. Tal fato é percebido também na distribuição de emprego no município onde 808 pessoas são empregadas em estabelecimentos rurais e apenas 279 em atividades na área urbana (Gráfico 28).

Como já fora supracitado, a dinâmica econômica é alicerçada nos serviços e, principalmente, na agropecuária. Deste modo, o município apresenta índices econômicos bons, tendo o terceiro maior salário médio mensal, chegando a 3,3 salários mínimos. O PIB municipal está na 205^a posição no ranking estadual e na 9^a posição no ranking regional (IBGE, 2022). Com base nisso, o IDH é alto, com um número de 0,780, sendo um dos mais elevados da região em análise (PNUD, 2010).

Vista Alegre do Prata apresenta os piores índices educacionais da RI de Nova Prata – Guaporé, tendo uma taxa de escolarização de 94% entre os 6 e 14 anos. A rede escolar conta com três escolas, sendo duas de ensino fundamental e uma de

ensino médio, as quais são responsáveis por atender os cerca de 190 alunos matriculados (IBGE, 2022).

Gráfico 28 – Distribuição da população em Vista Alegre do Prata/RS



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Em relação ao sistema de saúde, o município conta com apenas um estabelecimento que atende pelo SUS, o qual é responsável por servir toda a população do município. Entre março de 2020 e março de 2023, o município registrou 342 casos da doença, os quais ocasionaram 7 mortes, causando uma taxa de letalidade de 2,05%, estando acima da taxa nacional de 1,70%. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

5 A ORGANIZAÇÃO CULTURAL DOS MUNICÍPIOS DA RI DE NOVA PRATA – GUAPORÉ

A Região Sul do Brasil apresenta, até os dias atuais, a presença dos imigrantes europeus que chegaram no do século XIX às terras sulinas. Deste modo, percebe-se que a forma como esses imigrantes se organizam e se consolidam no espaço acaba por organizar a estrutura espacial desta região baseando-se nos seus códigos culturais.

Um fato constatado durante a realização dos trabalhos de campo foi que, devido ao processo de urbanização que a RI sofreu, ocorreu um processo de hibridização cultural, o que ocasionou uma diminuição na materialização dos códigos culturais.

Baseando-se nestas informações buscou-se, através dos trabalhos de campo, realizar o levantamento desses códigos culturais que ainda estão presentes em cada município.

5.1 ANDRÉ DA ROCHA

O município de André da Rocha foi visitado durante o mês de outubro de 2022, onde foi dedicado um dia para a visita ao centro da cidade, observação da forma como a população se relacionava e se organizava no espaço, bem como para a obtenção de informações com os órgãos responsáveis. Neste caso, a Secretaria de Cultura e o Centro Cultural de André da Rocha.

Como já fora supracitado, a unidade territorial caracteriza-se por ser uma das menores em número de habitantes da região e do estado, com pouco mais de aproximadamente 1.300 habitantes (IBGE, 2020). Devido ao seu tamanho, e a economia estar baseada no setor primário, notou-se que a organização espacial segue os padrões coloniais, onde a maioria da população reside em área rural.

Essa organização espacial é resultado direto do processo de ocupação que a unidade territorial sofreu, principalmente na segunda metade do século XIX, quando chegaram ao município os primeiros tropeiros, em busca do gado que havia na região e, posteriormente, os italianos. Esse último grupo étnico foi responsável por imprimir suas marcas culturais no município, que perduram até os dias atuais.

Segundo dados obtidos no Centro Cultural do município, estima-se que cerca entre 70 e 80% da população seja de descendentes diretos de italianos. Deste modo, a cultura italiana é responsável por influenciar de forma direta na interação social dos habitantes.

Apesar de haver esta herança, os códigos culturais acabaram se hibridizando com o mundo atual, ficando restrito à subjetividade da cultura. Com base nisso, percebe-se pouco a presença italiana materializada na organização espacial de André da Rocha, restringindo-se à algumas construções e à religiosidade.

Uma das construções que ganha destaque é o prédio onde se localiza o Centro Cultural de André da Rocha, que data da década de 1900, e era utilizada inicialmente como casa canônica. A construção hoje é referência para a cultura do município, abrigando também a biblioteca municipal e oficinas de artes. Ela se encontra no coração da cidade, ao lado da igreja (Fotografia 1).

Fotografia 1 – Centro Cultural de André da Rocha/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

É relevante destacar que todas as construções históricas que compõem o patrimônio cultural e materializam a cultura italiana no município localizam-se na

avenida principal da unidade territorial e, em sua maioria, são utilizadas como prédios públicos. Um exemplo disso é o prédio onde localiza-se a Casa de Cultura de André da Rocha, que foi construído no século XIX e leva nome de Antônio Jacques, um dos fundadores do município (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Casa de Cultura Antônio Jacques, André da Rocha/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Além dos dois prédios já citados, a arquitetura italiana encontra-se também no único hotel da cidade, que funciona há quase de 100 anos na avenida principal da cidade. Devido ao baixo número de visitantes que André da Rocha recebe, o prédio é utilizado também para mercado e restaurante, sendo o único que é mantido por iniciativa privada. Pode-se perceber também que a edificação foi construída ainda no final do século XIX em madeira, e já durante o século XX, houve a expansão em alvenaria, sendo a primeira construção deste modelo no município (Fotografia 3).

Fotografia 3 – Hotel Avenida, André da Rocha/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

Apesar de haver apenas estas três construções que permanecem desde os tempos de colonização da área, percebe-se que as casas construídas ao redor, mesmo tendo uma arquitetura contemporânea, seguem alguns padrões, principalmente em manter os porões de pedra, o que é um símbolo da arquitetura ítalo-brasileira.

Outro código cultural que ainda é possível identificar na unidade territorial é a religiosidade, sendo ela que é responsável pela maior parte das interações sociais e costumes que ainda são desenvolvidos pela população. Deste modo, nota-se a existência de uma das partes culturais mais fortes para o este grupo étnico.

A Igreja Matriz de André da Rocha é constantemente restaurada, tendo o prédio histórico em melhor estado. Tal fato é possível devido ao apoio da população, que se envolve no processo de conservação e preservação do prédio, o que demonstra a importância que este código cultural tem para os habitantes da cidade, principalmente para os que são descendentes diretos de italianos (Fotografia 4).

Fotografia 4 – Igreja Matriz da André da Rocha/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Baseando-se nas observações realizadas durante o trabalho de campo, pode-se perceber que os aspectos culturais no município de André da Rocha estão baseados, quase que exclusivamente, na subjetividade da cultura, ficando intrínseco ao sentimento de pertencimento e identidade cultural de sua população. Nota-se, principalmente, a materialização da religiosidade, através da construção de igrejas e capiteis, marcando assim o principal código cultural identificado na unidade territorial em análise.

5.2 DOIS LAJEADOS

O município de Dois Lajeados foi o primeiro a ser visitado durante o trabalho de campo, pois o mesmo encontra-se na entrada da RI Nova Prata-Guaporé, em relação ao trajeto entre Santa Maria/RS e a região.

A área onde hoje encontra-se o município era ocupada pelos indígenas da etnia Caingangue quando os primeiros imigrantes chegaram à área a partir do início do século XX. Esses imigrantes se deslocaram de outras áreas da Serra Gaúcha em busca de suas próprias terras. Além dos italianos, o município de Dois Lajeados teve sua organização espacial baseada em dois outros grupos étnicos, os alemães e os poloneses, que se fixaram no local e imprimiram seus costumes no espaço.

Apesar de ter recebido a contribuição de outras etnias, o espaço do município de Dois Lajeados se organizou baseado na cultura italiana, imprimindo as marcas deste grupo étnico na organização espacial. Deste modo, percebe-se que até os dias atuais, o município se caracteriza por códigos vinculados aos colonos italianos que chegaram à região no início do século passado.

Baseando-se nos dados obtidos durante a pesquisa teórica, juntamente com os resultados que se obteve durante a realização do trabalho de campo, é possível compreender a forma como a cultura influenciou na dinâmica espacial da unidade territorial em análise. Segundos dados da prefeitura, a população hoje é composta, predominantemente, por descendentes de italianos e alemães. A partir disso, foi possível identificar que Dois Lajeados possui dois códigos culturais que predominam em seu espaço, a religiosidade e a arquitetura.

Devido ao desenvolvimento econômico e industrial que alguns municípios da Região Imediata Nova Prata-Guaporé sofreram, principalmente no início do século XXI, o município de Dois Lajeados passou pelo intenso processo de hibridização cultural, principalmente nas questões relacionadas à materialização da cultura. Devido a isso, atualmente, a arquitetura, apesar de presente, está restrita à algumas construções que são tombadas pelo município (Figura 2).

Como pode-se analisar no mosaico fotográfico, apesar de a maioria das construções do período dos imigrantes terem dado espaço à construções modernas, principalmente no perímetro urbano, onde já existem edifícios e casas com arquitetura contemporânea, percebe-se que ainda se mantem algumas características que são marca da arquitetura praticada pelo grupo étnico italiano, como é o caso da utilização de construções de dois andares, utilizando-se o porão, muitas vezes sendo construído com um material diferente do resto da habitação.

Essa mudança que foi percebida durante o trabalho de campo, também é um resultado da dinâmica econômica do município, o qual passou por modificação durante a sua história.

Figura 2 – Mosaico fotográfico sobre a arquitetura em Dois Lajeados/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

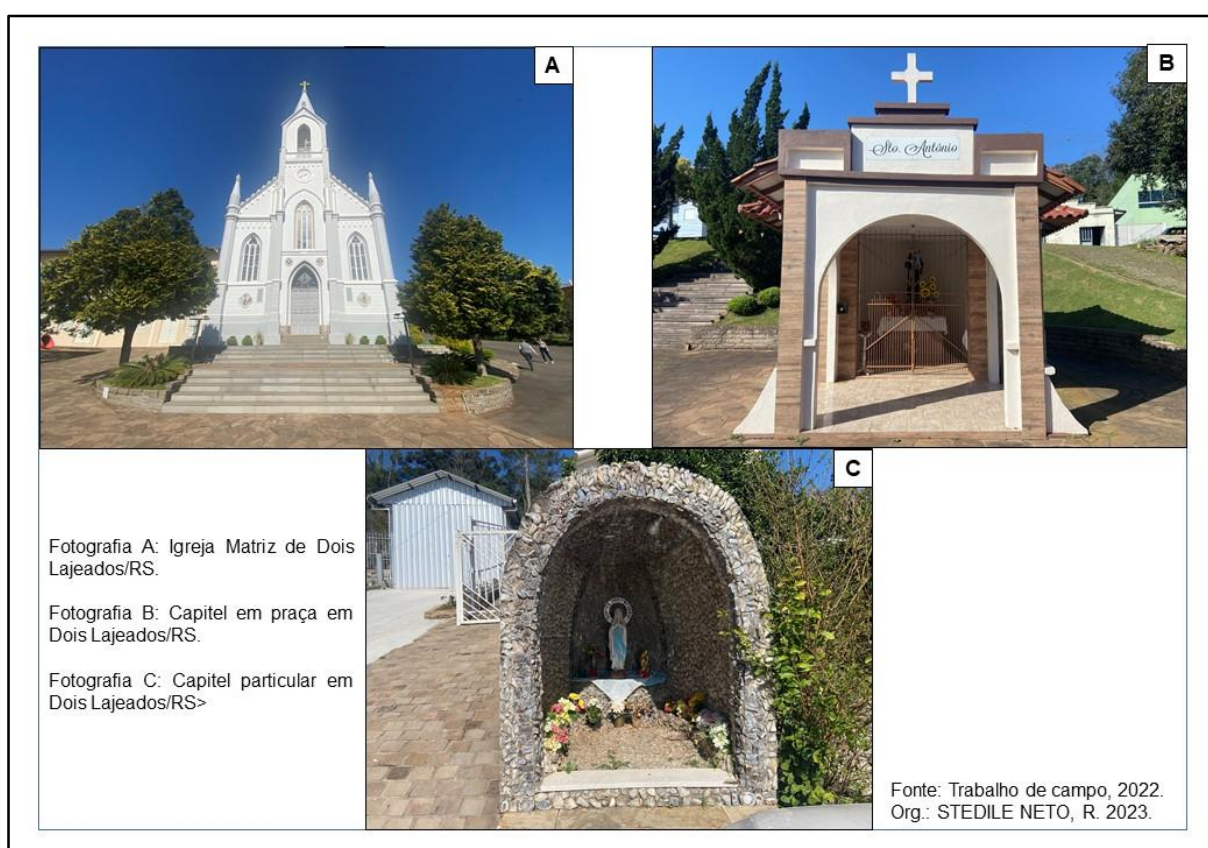
A emancipação da unidade territorial se deu pelo forte desenvolvimento econômico do setor primário durante o século XX sendo o responsável pela organização espacial do município e que possui influências até os dias atuais. Porém, durante o final do século XX e início do século XXI, o setor primário perdeu espaço para o terciário, o qual hoje, é o principal setor econômico do município. Apesar da mudança mencionada, a dinâmica espacial de Dois Lajeados se manteve, registrando mais da metade da população vivendo em área rural.

Não obstante ao processo de hibridização cultural que Dois Lajeados passou, a subjetividade da cultura dos grupos étnicos que colonizaram a área, principalmente os italianos, encontra-se presente e forte. Tal fato se nota, aos verificarmos a importância que a população dá para o sobrenome, bem como a convenções familiares. Além disso, percebeu-se que a população busca formas de manter sua

cultura viva, principalmente na culinária, a qual é passada de geração em geração, e não apenas com intuito turístico, como em alguns outros municípios da região.

O código cultural que mais se materializa e nota-se presente no município é a religiosidade, a qual está implícita nas igrejas, templos, capelas e capitéis que são encontrados em toda a unidade territorial, tanto em área urbana quanto em área rural (Figura 3). Nota-se também, a importância que a mesma possui no modo de vida da população local, a qual imprime sua fé no convívio com os demais, nas suas festividades, encontros, comércio e até na educação, onde as crianças desde pequenas aprendem a expressar a fé.

Figura 3 – Mosaico fotográfico sobre a religiosidade em Dois Lajeados/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Embasando-se nas informações que foram obtidas durante o trabalho de campo, é possível identificar que o município de Dois Lajeados preserva parte de sua

cultura imigrante, principalmente nos quesitos relacionados à arquitetura, à religiosidade e ao modo de vida. Apesar disso, é importante destacarmos que a boa parte da cultura trazida por esses imigrantes acabaram se miscigenando, e se perdendo no espaço, bem como a cultura dos povos indígenas que já ocupavam a região quando os primeiros imigrantes chegaram que, na atualidade, estão invisíveis na unidade territorial em análise.

5.3 GUABIJU

O município de Guabiju ocupou uma área onde os indígenas da etnia Coroados viviam, tal fato, fez com que a unidade territorial em estudo se desenvolvesse em uma área em que já havia uma organização espacial consolidada, a qual tinha a criação de gado como uma atividade sólida. Com o avanço da ocupação dos imigrantes europeus, os indígenas começaram a abandonar a área e deixar as terras disponíveis para os europeus. Em busca dessas terras, os imigrantes chegaram até o local onde hoje encontra-se o município e se instalaram.

Devido a este fato, a organização espacial do município se deu através da divisão das terras entre três grandes latifundiários, os quais dividiram em mais de 200 colônias. Diante disto, percebe-se que a organização espacial de Guabiju se diferenciou das demais da área. Como consequência disso, o processo de organização reflete na dinâmica econômica e espacial da unidade territorial até os dias atuais, quando analisamos os dados populacionais e observamos a divisão do urbano/rural da mesma.

Com base nos dados que foram obtidos durante o trabalho de campo, atualmente, mais de 50% da população é descendente direta de imigrantes europeus que chegaram ao Brasil no final do século XIX, principalmente italianos. Deste modo, a população, que é uma das menores do estado, em número absoluto, mantém o modo de vida colonial, principalmente na zona rural do município, onde a maioria da população reside na atualidade.

Apesar de Guabiju ser um município de pequeno porte, aonde mantém a subjetividade da cultura viva entre seus habitantes, notou-se que, assim como nas demais unidades territoriais da região, a cultura trazida pelos imigrantes acabou se hibridizando, não estando mais materializada no espaço geográfico. A cultura ítalo-brasileira é percebida através da convivência e do modo de vida da população. Ou

seja, percebe-se durante o trabalho de campo, através da conversa com moradores, da compreensão da forma como as famílias e a sociedade local se relaciona.

Com base nisso, atualmente a percepção dos códigos culturais limita-se em apenas um: a religiosidade. Tal fato mostra a força que a fé tem para os imigrantes italianos, os quais buscam transmitir entre as gerações a importância que a mesma tem para este grupo étnico (Fotografia 5).

Fotografia 5 - Igreja Matriz de Guabiju/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Percebe-se também, a realização de festividades que promovem a fé, como é o caso da Romaria de Nossa Senhora Aparecida, que no ano de 2022 estava em sua 5ª edição (Fotografia 6). Esse evento tem duração de 11 dias e reúne toda a população, tanto a que vive na área urbana, quanto as comunidades rurais. Além disso, boas partes da população das cidades ao entorno participam do evento, sendo uma das mais marcantes festividades religiosas da região.

Fotografia 6 – Faixa informativa sobre a 5ª Romaria de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Apesar de a arquitetura típica dos imigrantes não ter mais expressividade na unidade territorial, percebe-se que ainda existem construções do período de ocupação da área. Além disso, também é possível perceber que em algumas construções modernas, a técnica ainda se mantém, sendo visível a construção de casas com porão, utilizando material diferente do resto da construção, algo comum nas construções dos imigrantes no século XIX e XX (Figura 4).

Com base nas informações que foram supracitadas, é possível analisarmos que, apesar de Guabiju ser um dos menores municípios do estado, tendo a maior parte de sua população vivendo em área rural e sendo descendentes diretos de italianos que colonizaram a região no final do século XIX e início do século XX, a materialidade da cultura trazida por esses imigrantes acabou se perdendo.

Através do trabalho de campo, pode-se perceber que mesmo sendo dividida em pequenas propriedades, a agropecuária se modernizou, estabelecendo-se como principal atividade econômica desenvolvida na atualidade, fazendo com que o setor primário seja o mais importante para a economia local. Quando fazemos uma análise disso, a miscigenação cultural que o município sofreu, relaciona-se diretamente com a forma de produção, baseada no agronegócio, já que Guabiju tem a soja como sua principal produção.

Figura 4 – Mosaico fotográfico sobre arquitetura em Guabiju/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

5.4 GUAPORÉ

Guaporé é um dos principais municípios da região em análise, devido a isto, o mesmo possui um avançado processo de urbanização e forte desenvolvimento econômico, baseado em diversas atividades econômicas. Além disso, apresenta uma elevada população, se compararmos com os demais municípios da região.

A ocupação das terras de Guaporé teve início no final do século XX, especificamente na década de 1890, quando os imigrantes italianos chegaram até a área. Deste modo, a organização espacial da unidade territorial se deu, num primeiro momento, exclusivamente pelo modo de vida dos italianos, baseando-se na agricultura.

Segundo dados da prefeitura municipal, a Colônia de Guaporé, primeiro nome do município, prosperou desde o início, atraindo quase 10 mil habitantes nos primeiros 10 anos de sua fundação. Tal fato, fez com que a mesma se destacasse, o que reflete a importância que regional de Guaporé exerce hodiernamente. Durante os trabalhos de campo, pode-se perceber que a cultura ítalo-brasileira foi a responsável pela organização espacial de Guaporé e que, partindo de uma nova dinâmica, mantém esse papel até os dias atuais.

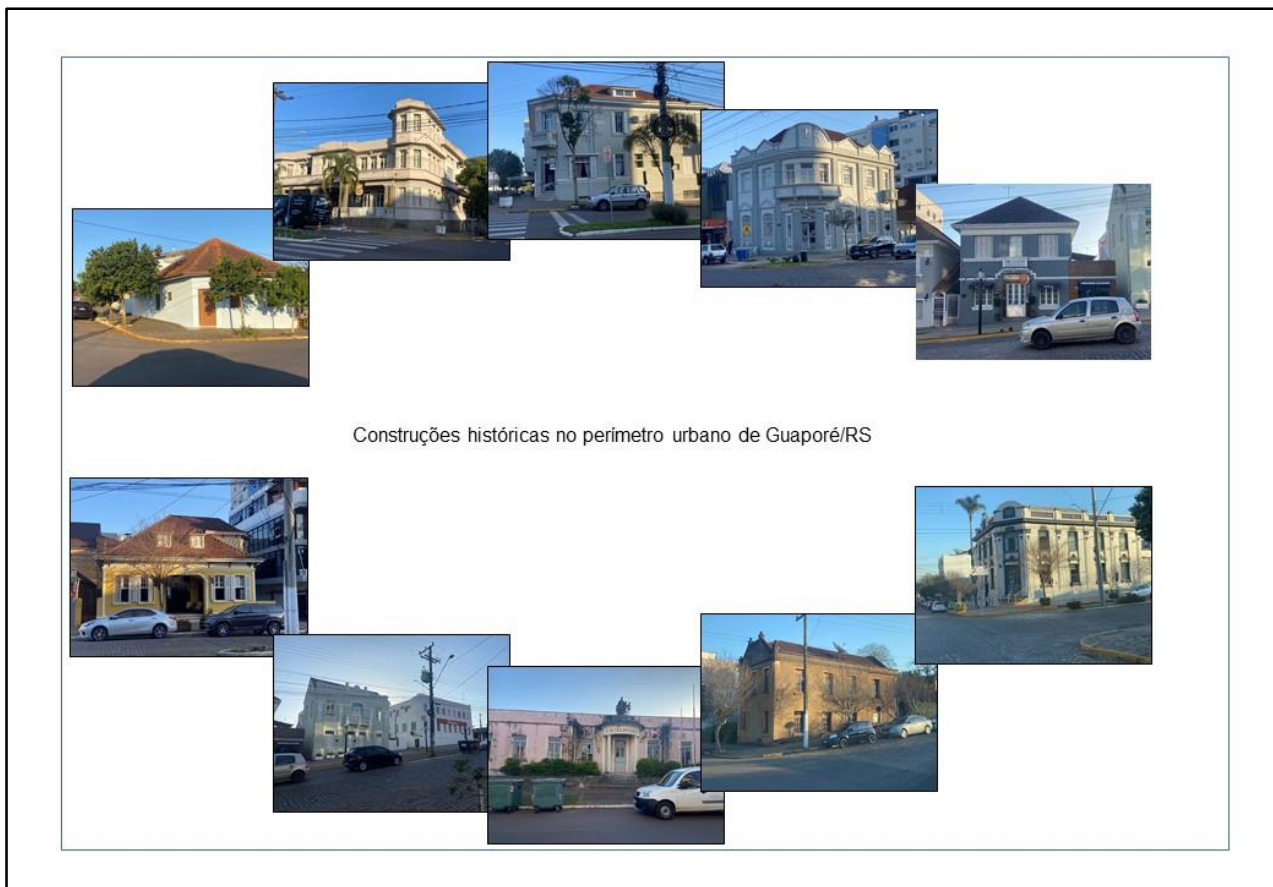
Como já foi citado a unidade territorial em análise teve o processo de ocupação diferenciado em comparação aos demais, sendo destaque em número populacional desde os primórdios de sua ocupação. Baseado nisso, durante o século XX, a mesma se desenvolveu economicamente, fazendo com que atraísse capital externo. Deste modo, a partir da década de 1970, a agropecuária deixou de ser a principal atividade desenvolvida no município, dando espaço para as atividades indústrias.

A inserção das atividades industriais foi responsável por remodelar o espaço geográfico de Guaporé e construir uma nova organização espacial. Com este fenômeno, o espaço rural perde força, bem como a manutenção da cultura trazida pelos imigrantes europeus. Tal fato é percebido quando analisamos os dados e percebemos que mais de 80% da população reside em área urbana, e menos de 40% da população é descendente direta dos colonizadores. Apesar de ter havido uma forte hibridização cultural após a chegada das indústrias, Guaporé ainda conserva questões materiais da cultura, como é o caso da arquitetura e da religião, os quais consistem nos dois principais códigos culturais encontrados na referida unidade territorial.

Levando-se em consideração a arquitetura, é relevante destacar que as construções históricas se concentram, principalmente, no espaço urbano do município, devido ao fato de o capital ter investido na preservação destes prédios, e estar utilizando para diversos fins (Figura 5).

Levando-se em consideração o espaço rural, foi possível perceber que não existem um número expressivo de construções remanescentes do período de colonização, ficando restrita a poucas edificações (Figura 6).

Figura 5 – Mosaico fotográfico construções históricas no perímetro urbano de Guaporé/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

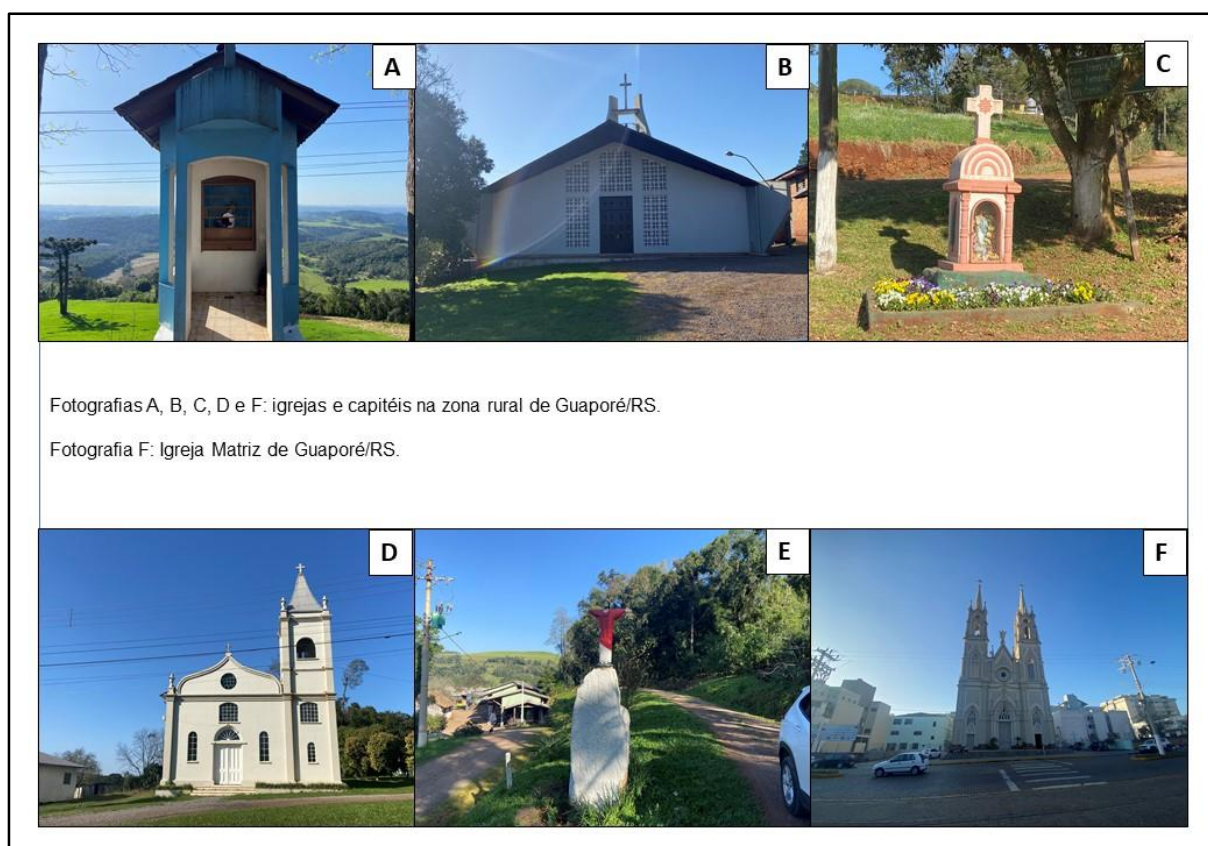
Figura 6 – Mosaico fotográfico construções do espaço rural de Guaporé/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

O código cultural mais perceptível e materializado no espaço de Guaporé é a religiosidade, a qual é expressada em todos os setores da economia e nas convivências sociais entre os habitantes do município. Percebe-se este ponto, quando analisamos a presença de igrejas e capitéis espalhadas por toda a extensão territorial da unidade territorial em análise, principalmente no espaço rural (Figura 7).

Figura 7 – Mosaico fotográfico: religiosidade em Guaporé/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Além da importância cultural, a religião também promove o turismo religioso, atraindo diversos fiéis para festividades de cunho religioso. A mais importante delas é a Festa de Santo Antônio, que aconteceu no mês de junho e reúne cerca de 15 mil pessoas durante o período da trezena, que consiste em 13 dias consecutivos de oração e devoção ao casamenteiro. A festividade voltou a ser realizada no ano de 2022, depois de ter ficado sendo feita de forma online, com transmissão de missas através das redes sociais, devido à pandemia de COVID-19.

Também é relevante destacar as festividades da Semana Santa, que juntamente com a festa de Santo Antônio demonstram a religiosidade do povo guaporense. Durante a celebração, ocorre diversas celebrações e rituais religiosos, entre os quais destacam-se a caminhada penitencial na noite da sexta-feira santa, que leva os fiéis a percorrem o caminho da Via Sacra, a qual consiste em um dos mais importantes pontos turísticos do município e se caracteriza por ser um caminho com diversos capiteis contando a história de Jesus Cristo até a cruz.

A celebração da Via Sacra reúne cerca de 20 mil fiéis que percorrem o caminho até o Cristo Redentor, ao alto do Morro do Gallon, aonde ocorre a encenação da Paixão de Cristo, toda Sexta-Feira Santa e está em sua 44ª edição e retornou a acontecer em 2022 após a pandemia. Essas celebrações contribuem tanto para a manutenção da cultura, quanto para o turismo e a economia local, visto que atrai milhares de turistas (Figura 8).

Figura 8 – Mosaico fotográfico: Via Sacra em Guaporé/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Percebe-se, portanto, que, o município de Guaporé, apesar de ter sofrido um forte processo de industrialização, o qual foi responsável por desenvolver economicamente o município e fazer com que as atividades econômicas se concentrassem no setor secundário e terciário, ainda é possível encontrar traços culturais dos colonizadores que chegaram à região no final do século XIX.

Esses traços são encontrados, principalmente, no modo de vida da população local, nas festas familiares, na culinária popular, a qual corresponde a culinária que é elaborada em festas de famílias, bem como em festividades religiosas. Além disso, ainda encontramos costumes que ficam, como é o caso da participação em celebrações religiosas, o consumo de vinho e da polenta, entre outros costumes tradicionais que são passados entre as gerações e que, muitas vezes, acaba atraindo pessoas que não tem a cultura ítalo-brasileira como sua cultura mãe, mas que acabam se envolvendo na vida social após a chegada ao município.

5.5 MONTAURI

A organização espacial de Montauri se deu através da chegada dos alemães no fim do século XIX à pequena área que corresponde ao município atualmente. Esse grupo étnico se instalou em pequenas áreas de terras que ficaram disponíveis dos municípios de Serafina Corrêa e Guaporé. Essas terras já haviam sido habitadas por diversos grupos indígenas que foram expulsos com a expansão do território ocupado pelos europeus na região.

Apesar dessa pré-ocupação, é só a partir da chegada dos italianos, no início do século XX que o processo de colonização e de organização espacial de Montauri se consolida. Em consequência dessas mudanças, percebe-se na atualidade que a unidade territorial em estudo não apresenta rugosidades que materializem a cultura de nenhum dos códigos que foram responsáveis pela organização do espaço da referida unidade territorial.

Durante a realização dos trabalhos de campo, percebeu-se que a maior parte da população se concentra em área rural. Apesar disso e em razão da área territorial de Montauri, o perímetro urbano mostra-se densamente ocupado, trazendo construções contemporâneas, visivelmente construídas após o período de inserção da soja no cenário produtivo do município (Fotografia 7).

Fotografia 7 – Edificações no perímetro urbano de Montauri/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Em razão dessa modificação no perímetro urbano e rural de Montauri, na atualidade, o código cultural arquitetura se limita a uma única construção, a qual é utilizada como pousada. Segundo dados da prefeitura, essa construção data da década de 1900 e foi construída por uma das primeiras famílias de imigrantes italianos que chegaram ao local (Fotografia 8).

O código cultural que mais se consolida no espaço da unidade territorial é a religiosidade, estando presente nas festividades e no dia a dia da população montaurienses.

Além dos fatos constatados acima, é relevante destacarmos a existência de festividades que promovem a agropecuária, que é a principal atividade econômica do município. Essas festividades, como a ExpoMontauri são responsáveis por aproximar os demais municípios da região aos produtores locais, que constituem a maior parcela da economia, dominada pelo setor primário.

A predominância desse setor remete aos imigrantes italianos, que se consolidam no território através da agricultura e da pecuária. Apesar disso, nota-se

que o modo de produção e os principais cultivos se modificaram a partir da inserção da soja na produção.

Fotografia 8 – Construção histórica em Montauri/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Durante a realização dos trabalhos de campo, pode-se perceber que, apesar de Montauri ter uma das menores populações, apresenta economia baseada no setor primário e a dinâmica espacial se concentra no espaço rural, o mesmo sofreu um processo de hibridização cultural. Tal fato resulta do processo de ocupação, passando por 3 grupos étnicos distintos e também da inserção do agronegócio no cenário econômico municipal.

5.6 NOVA ARAÇÁ

A área onde hoje encontra-se o município de Nova Araçá foi colonizada a partir da década de 1980, principalmente por italianos que vieram das Colônias de Bento Gonçalves e de Caxias do Sul. Esses imigrantes trouxeram consigo os códigos culturais e os modos de produção para se consolidarem no espaço. Com base nisso, a organização espacial se deu através da produção agrícola.

Atualmente, segundo dados da Prefeitura de Nova Araçá, estima-se que entre 60% e 70% da população seja descendente direta de imigrantes italianos. Apesar disso, a maior parte da população vive em área urbana, e o setor de serviços é o que predomina na unidade territorial em estudo.

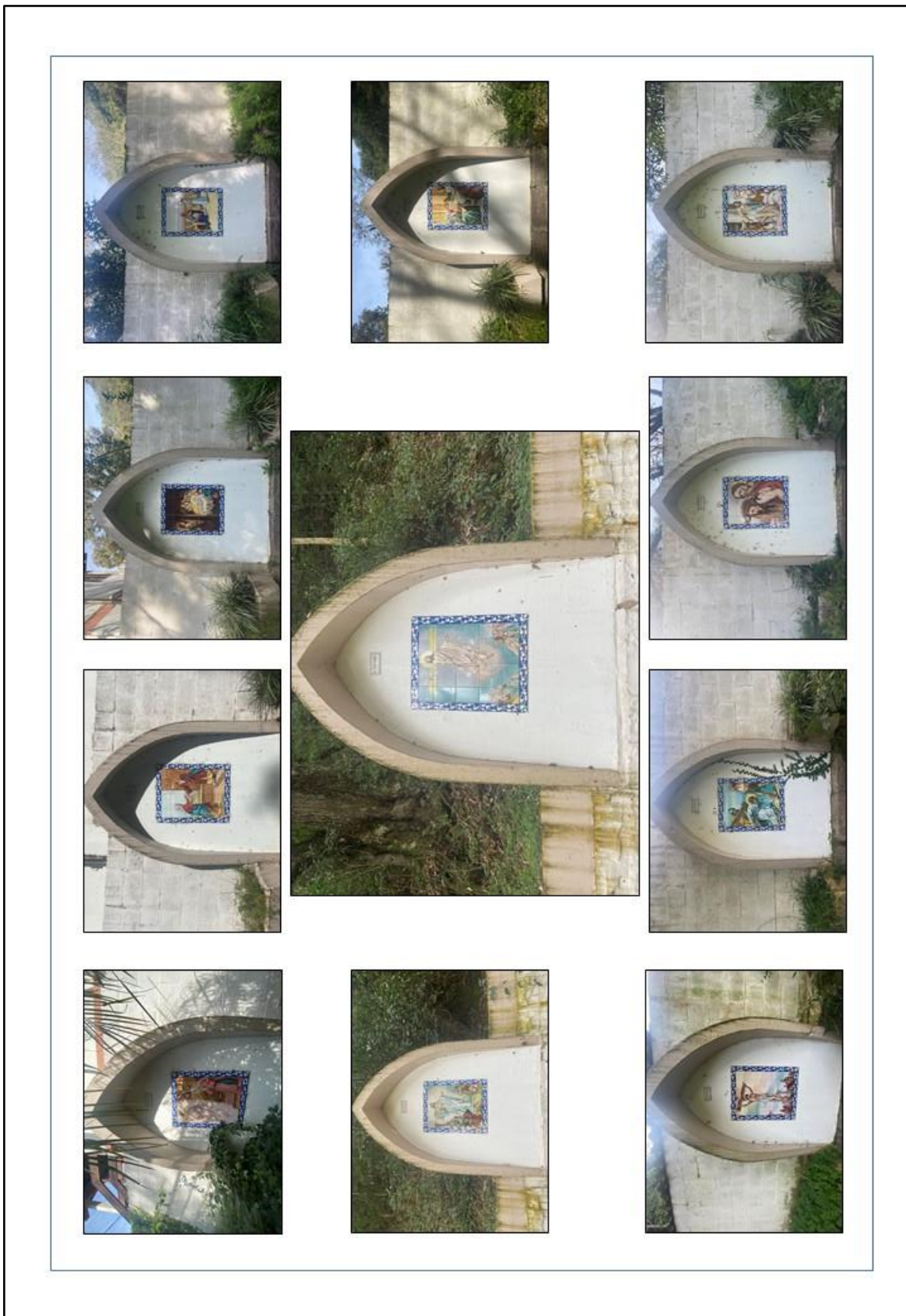
Durante a realização do trabalho de campo constatou-se que há uma preservação dos códigos culturais italianos no município, com destaque para a religiosidade e a arquitetura.

A religiosidade é o código que mais se percebe no espaço, principalmente na área urbana, aonde existem diversas igrejas, grutas e capitéis que mostram a importância que a fé tem para esta comunidade. Uma das principais atrações religiosas do município é a Gruta de Nossa Sra. De Lourdes, que foi construída na década de 1930 e é palco de celebrações religiosas todos os domingos. Na área onde está a Gruta, existe também capitéis que mostram a história de Jesus Cristo, desde a anunciação à Maria, passando por toda trajetória em vida até a sua morte, ressurreição e ascensão aos céus (Figura 9).

A religiosidade demonstra sua relevância ao observarmos as festividades que ocorrem durante o ano no município, sendo a sua grande maioria baseada em datas comemorativas relacionadas à fé. A principal é o jantar em homenagem à Padroeira Nossa Senhora de Fátima, que acontece sempre no mês de setembro.

Também é relevante destacarmos a importância dada pelo poder público na manutenção da cultura, principalmente nas zonas rurais. Segundo dados da prefeitura, atualmente existem mais de 5 festividades que valorizem a cultura italiana, sendo a Festa Italiana de Nova Araçá a mais importante. Além destas, festividades menores são desenvolvidas ao longo do ano, trazendo a população que reside no perímetro urbano para as comunidades rurais. Durante essas festividades, são praticados valores culturais ítalo-brasileiros, principalmente a culinária e a religiosidade.

Figura 9 – Mosaico fotográfico: a história de Jesus Cristo, Nova Araçá/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Outro código cultural que ganha destaque no município é a arquitetura. Apesar de a população viver em sua grande maioria no espaço urbano, e o espaço rural ser onde vive a população que mantém o modo de vida tradicional, é possível encontrar construções do período colonial em todo o território municipal. Percebe-se que o estado de conservação das construções históricas varia, bem como os usos dessas edificações (Figura 10).

Figura 10 – Construções históricas em Nova Araçá/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Também é relevante ressaltarmos que as construções mais atuais, muitas das vezes, conserva a técnica utilizada pelos colonos italianos de construção de casas, estruturando a mesma com dois pavimentos, onde existe um porão, muitas vezes com material diferente do que o restante da edificação (Fotografia 9).

Fotografia 9 – Casa que mantém a estrutura colonial de construção em Nova Araçá/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Percebe-se, portanto, que apesar de ter sofrido influência de culturas externas, Nova Araçá consegue manter-se como uma cidade que imprime suas marcas culturais baseada na cultura italiana trazida pelos imigrantes durante os séculos XIX e XX.

5.7 NOVA BASSANO

O município de Nova Bassano também teve sua organização espacial baseada no grupo étnico italiano, fazendo com que as atividades desenvolvidas nas primeiras décadas de ocupação fossem as do setor primário. Deste modo, num primeiro momento, o município teve sua organização espacial concentrada na área rural do município. Diante disso, os códigos culturais trazidos pelos imigrantes foram se materializando no espaço e se consolidando como uma cultura ítalo-brasileira.

O principal cultivo agrícola na atualidade, o milho, reflete a materialização de um código cultural, a culinária. Tal fato se dá, devido a necessidade que o colono tinha de se alimentar, deste modo, começaram a produzir os produtos que eram necessários para sua alimentação diária.

Com o passar do tempo, Nova Bassano foi se desenvolvendo economicamente e atraindo investimentos. Diante disso, durante a segunda metade do século XX,

inúmeras indústrias se instalaram no município, principalmente no ramo da metalurgia e alimentício, acabando por reorganizar o espaço do mesmo, a partir da criação de um distrito industrial (Fotografia 10).

Fotografia 10 – Distrito industrial de Nova Bassano/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Nova Bassano se diferencia e se destaca na Região Imediata de Nova Prata-Guaporé devido à grande influência que a indústria exerce na economia local. Percebe-se essa diferenciação por ser o único município onde a sua economia é baseada no setor secundário.

Diante do desenvolvimento industrial que a unidade territorial em análise passou, houve um aumento populacional expressivo, fazendo com que diversos indivíduos que não pertenciam ao grupo étnico colonizador da área migrassem para o local.

Atualmente, Nova Bassano apresenta um centro urbano contemporâneo, sem construções históricas expressivas (Fotografia 11), bem como uma diversidade religiosa acentuada. Apesar disso, a religiosidade é o código cultural que mais se

destaca, existindo diversas igrejas e grutas em homenagem à Nossa Senhora de Lourdes.

Fotografia 11 – Centro urbano de Nova Bassano/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

5.8 NOVA PRATA

Nova Prata é a principal cidade da região, com o maior número de habitantes e com uma base econômica bastante diversificada. Além disso, houve a contribuição de diversos grupos étnicos na organização espacial do município.

A ocupação da unidade territorial em análise data de antes da década de 1860, com a chegada dos portugueses que sobrevieram com agropecuária. Posterior a isso, chegaram os primeiros imigrantes italianos, que se consolidaram no município.

Devido à essa consolidação econômica, poloneses e holandeses chegaram à região e começaram a explorar uma nova atividade econômica, baseada na extração de basalto, bastante abundante na região. Essa nova atividade fez com que Nova Prata, que já tinha um satisfatório desenvolvimento econômico, se destacasse ainda mais, tornando-se um polo industrial na região, atraindo diversas pessoas e empresas que buscavam a oferta de matéria-prima e de emprego.

Baseando-se nisso, é relevante destacarmos que, apesar de haver diversos grupos étnicos presentes no município, bem como atividades econômicas que teriam como tendência inviabilizar os códigos culturais, Nova Prata apresenta a religiosidade bastante consolidada e materializada no espaço geográfico.

Com base nos trabalhos de campo, percebeu-se que tanto no espaço rural, quanto no espaço urbano, existem igrejas e capitéis que expressam a religiosidade e a fé (Figura 11). Além disso, é importante destacar as festividades religiosas que são desenvolvidas no município, que acabam gerando grande receita, visto que atrai milhares de turistas todos os anos, principalmente no mês de outubro, quando ocorre a Romaria de Nossa Senhora Aparecida (Fotografia 12).

Figura 11 – Mosaico fotográfico: materialização da religiosidade em Nova Prata/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Fotografia 12 – Outdoor convocando para a 82ª Romaria de Ns. Sra. Aparecida em Nova Prata/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Segundo dados da prefeitura municipal, estima-se que a população seja majoritariamente de descendentes de italianos. Apesar disso, há estimativa de que 8% da população seja de descendentes de poloneses, fazendo com que fosse construída a “Casa do Polonês” em homenagem a esses descendentes (Fotografia 13).

Fotografia 13 – Casa do Polonês



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Percebe-se então, que apesar de Nova Prata estar inserida em um cenário urbano e industrial, baseando-se na produção de basalto e na metalurgia, ainda há traços culturais dos povos colonizadores, principalmente italianos. Nota-se isso quando observamos e analisamos o modo de vida do habitante da cidade, bem como nos diversos restaurantes que servem a culinária típica ítalo-brasileira, além das festividades e interações sociais que são a marca deste grupo.

5.9 PARAÍ

O município de Paraí, assim como os demais municípios da região teve sua colonização baseada no grupo étnico italiano, os quais foram os que se fixaram no local com números mais expressivos. Apesar disso, também se encontram registros de alemães e poloneses que foram atraídos pela economia da extração de basalto, que estava se desenvolvendo em alguns municípios.

Devido à extração desta rocha, Paraí teve um forte desenvolvimento industrial, fazendo com que existam diversas empresas que façam a extração e beneficiamento da rocha. Também se destaca a indústria moveleira e de granito, as quais concentram-se no distrito industrial da unidade territorial em análise.

Devido a esse processo de industrialização e aos diversos grupos étnicos que foram responsáveis pela organização espacial de Paraí, na atualidade não é possível destacar códigos culturais específicos de nenhum destes grupos. Deste modo, só é possível observarmos a ocorrência da religiosidade.

O código cultural da religiosidade é percebido através da Igreja Matriz que se localiza na praça central da cidade (Fotografia 14). Mesmo sendo um ponto de destaque e reunindo um número expressivo de fiéis, é relevante destacarmos que a igreja e a fé não exercem tanta influência na dinâmica espacial e social de Paraí, como acontece com os demais municípios da região.

Durante o trabalho de campo, foi possível observar que a arquitetura paraíense segue parâmetros contemporâneos, apesar de utilizar técnicas que referem à arquitetura italiana, onde é presente a utilização dos porões como uma parte da casa. Junto a isso, percebemos que não há uma preocupação em preservar as construções históricas do município, sendo possível presenciar a destruição e abandono dos mesmos (Figura 12).

Fotografia 14 – Igreja Matriz de Parai/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Figura 12 – Antes e depois de uma construção histórica no centro de Parai/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022; Google Earth, 2023.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Segundo os dados da prefeitura municipal, atualmente a maior parte da população reside em zona urbana. Essa população é, majoritariamente, de descendentes de italianos e alemães.

Apesar de ser um município de pequeno porte, o desenvolvimento industrial modificou a organização espacial da área rural, proporcionando um êxodo rural

bastante acentuado, devido à necessidade de mão de obra nas empresas do distrito industrial. Tal fato, faz com que a dinâmica tradicional no campo, desse espaço a uma agricultura mais técnica, com maior produção da soja.

Ainda que não seja possível identificarmos códigos culturais remanescentes dos grupos étnicos que foram responsáveis por colonizar o município, a economia e a organização espacial que foi desenvolvida ao longo do século XX, trouxe traços culturais que foram construídos por esses habitantes, e são percebidos atualmente. Um desses traços, é a utilização das pedras de basalto para a construção de casas e prédios (Fotografia 15). Tal fato nos mostra, que os imigrantes que chegaram à Paraí, adaptaram seu modo de vida e utilizaram os recursos disponíveis para atenderem suas necessidades.

Fotografia 15 – Prédio construído com Basalto em Paraí/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

5.10 PROTÁSIO ALVES

A organização espacial de Protásio Alves foi baseada quase que exclusivamente por imigrantes italianos que chegaram ao local na década de 1890. Os primeiros anos de ocupação foram difíceis, devido à dificuldade de acesso às terras que correspondem à unidade territorial em análise. Apenas com a criação do município de Nova Prata é que ocorreu a consolidação de Protásio Alves, pois facilitou o acesso ao mesmo.

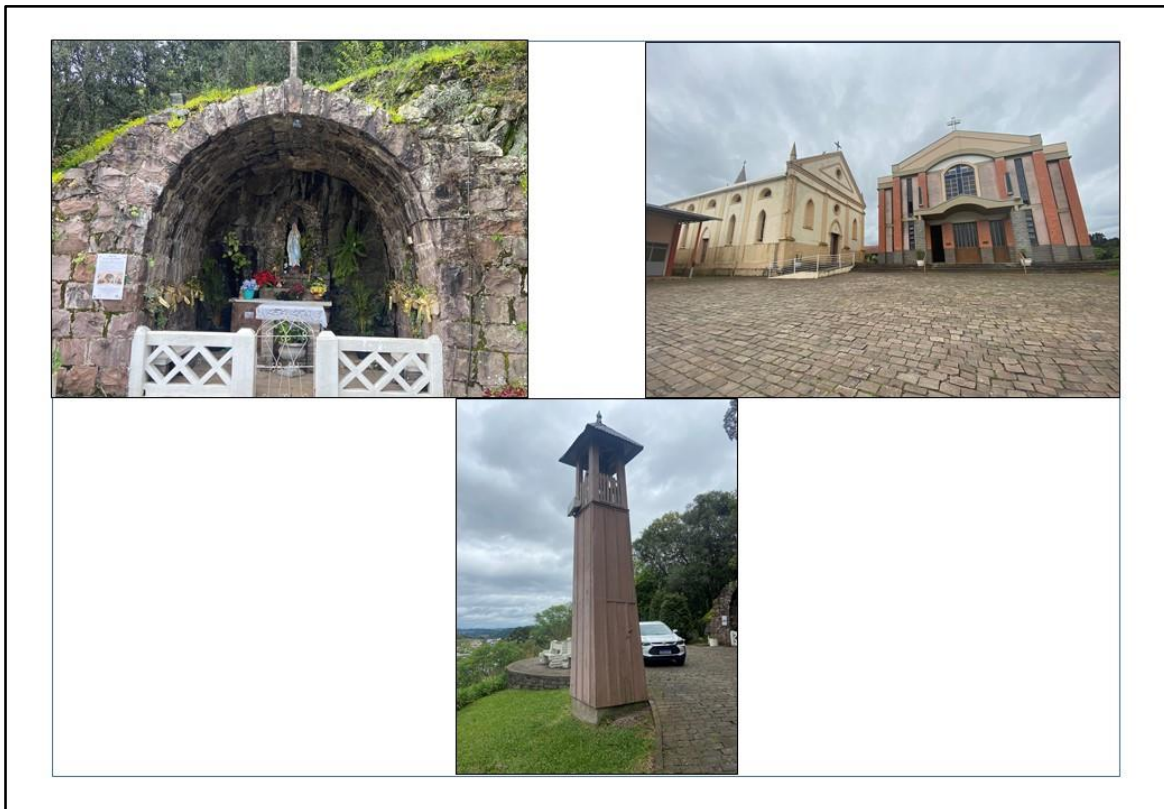
Essa dificuldade fez com que a organização espacial e econômica do município ficasse pautada, principalmente, no espaço rural e na produção agropecuária. Tal fato reflete até os dias atuais, sendo Protásio Alves o segundo município com maior número de habitantes vivendo no espaço rural e um dos poucos que ainda mantém a sua economia baseada no setor primário.

Segundo os dados que foram obtidos durante o trabalho de campo, junto à Prefeitura Municipal de Protásio Alves, cerca de 70% da população é descendente direta dos imigrantes italianos que colonizaram o local. Isso reflete a baixa atração que o município tem para pessoas de fora, devido à baixa necessidade de mão de obra, visto que não existem grandes empresas, e os estabelecimentos agropecuários são majoritariamente de cunho familiar.

A partir do trabalho de campo, pode-se perceber que Protásio Alves apresenta dois códigos culturais materializados no espaço: a religiosidade e a arquitetura. A religiosidade é responsável por organizar a dinâmica social do município, visto que ocorrem diversas festividades e rituais que são organizados por toda comunidade. Encontra-se a Gruta de Ns. Sra. De Lourdes, que atrai turistas e fiéis devotos da santa (Figura 13).

A percepção da arquitetura está em pequenas propriedades na área rural e também em alguns prédios históricos preservados na parte urbana. Um dos que se destaca é a Casa de Cultura de Protásio Alves, que foi construída há mais de 100 anos pelos primeiros imigrantes italianos que chegaram ao local (Fotografia 16).

Figura 13 – Materialização da religiosidade em Protásio Alves/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Fotografia 16 – Casa de Cultura de Protásio Alves/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Apesar de a cultura colonizadora ser percebida nestes dois códigos culturais, a maior parte do município já cedeu à uma dinâmica contemporânea, com luxuosas casas sendo construídas em todo o perímetro urbano. Além disso, percebeu-se durante os trabalhos de campo, que Protásio Alves conta com diversos atrativos turísticos, como é o caso de trilhas para serem feitas a pé ou de bicicleta além de um parque termal. Porém, percebe-se que nenhum desses atrativos se utiliza da cultura, fazendo com que ela perca cada vez mais espaço.

5.11 SÃO JORGE

A ocupação do município de São Jorge foi a mais tardia da região em análise, tendo iniciado durante a década de 1930. Tal fato se deu devido à dificuldade de acesso e a presença acentuada de indígenas. Conforme os municípios ao entorno foram se desenvolvendo, esses povos indígenas foram sendo expulsos de suas terras, obrigando-os a irem para áreas mais isoladas, deixando uma considerável quantia de terras devolutas para os imigrantes.

Com base nas informações que foram obtidas junto à prefeitura municipal durante o trabalho de campo, conforme os imigrantes italianos foram se instalando, a organização espacial do município baseou-se na produção agropecuária, visto que era a principal atividade econômica desenvolvida pelo colono italiano. Estima-se que atualmente, cerca de 60% da população seja de descendentes de italianos.

O número de habitantes que não são de origem italiana diminuiu nos últimos 20 anos, visto que algumas indústrias se fixaram na região e criaram um mini distrito industrial, fazendo com que a cultura sofresse um suave processo de hibridização. Além disso, São Jorge que era um município rural, passou a ser um município urbano, onde a maioria da população vive em espaço urbano, desde meados dos anos 2000, devido à inserção dessas empresas industriais e do capital trazido pela inserção da soja na dinâmica produtiva a partir de década de 1980.

Este ponto reflete diretamente na dinâmica cultural do município e na organização espacial. Atualmente, foram identificados dois códigos culturais presentes no município. Seguindo o padrão da maioria das unidades territoriais da região que está sendo estudada, a religiosidade e a arquitetura são os que se destacam.

No caso da referida unidade territorial, cabe destacar que a maioria das construções tradicionais, que remetem à cultura colonizadora, concentram-se no espaço urbano. Isso se dá pois, existe políticas públicas e preocupação do setor privado na preservação das mesmas. Deste modo, a maioria desses prédios são usados pela prestação de serviços (Figura 14).

Figura 14 – Construções históricas em São Jorge/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Apesar de ser uma unidade territorial pequena e baixa população, o centro urbano já é bastante urbanizado, apresentando edificações modernas, refletindo a realidade atual de desenvolvimento econômico da região. Como uma mudança no cenário econômico, a economia atualmente é baseada no setor terciário.

A religiosidade é percebida na subjetividade da fé de cada um dos habitantes, não havendo uma grande diversidade de igrejas e capiteis. Deste modo, a mesma se

limita a igreja matriz de São Jorge que se localiza no centro, próxima a maioria das construções históricas do município (Fotografia 17). Além disso, ocorrem durante o ano diversas festividades religiosas, que integram as comunidades rurais do município.

Fotografia 17 – Igreja Matriz de São Jorge/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.

Percebeu-se, portanto, que São Jorge, apesar ter passado por um processo de ocupação tardio, bem como a instalação de indústrias, conseguem imprimir marcas culturais que remetem ao grupo étnico colonizador. É relevante destacar, porém, a atual dinâmica econômica e espacial do município, se não passar a trabalhar a importância da preservação cultural entre os habitantes, tende a se perder num futuro próximo, visto que os investimentos que foram constatados durante o trabalho de campo, principalmente para desenvolver o agronegócio, podem possibilitar a inviabilização da manutenção do patrimônio cultural de São Jorge.

5.12 SERAFINA CORRÊA

O município de Serafina Corrêa, assim como os demais municípios da Serra Gaúcha, foi colonizado quase que exclusivamente por imigrantes europeus, que receberam incentivos por parte do governo federal para se instalarem na região. Tal fato aconteceu, principalmente, durante o final do século XIX e início do século XX. Essas dinâmicas foram responsáveis pela criação de particularidades que caracterizam as unidades territoriais da área serrana hodiernamente.

Com o intuito de se consolidarem no seu novo local de moradia, os imigrantes italianos trouxeram seus saberes e fazeres tradicionais, pois através deles tornava-se possível a reconstrução do seu lugar e a afirmação de sua identidade cultural. Esse fator foi responsável por tornar a unidade territorial em estudo, destaque na região, pois a mesma tornou-se referência da identidade ítalo-brasileira no Rio Grande do Sul. Através de sua materialização no espaço, a cultura trazida pelos imigrantes é mantida e incentivada até hoje, o que auxilia o desenvolvimento socioeconômico do município (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

Com base nos dados que foram obtidos durante os trabalhos de campo, onde fez-se um levantamento junto aos órgãos públicos municipais, sobre a origem dos moradores, percebeu-se que, na atualidade, cerca de 55% dos habitantes ainda são de descendência italiana. Os seus antepassados vieram da Itália e se instalaram na região da Serra Gaúcha. Desses colonizadores, cerca de 90% são oriundos da região do Vêneto e caracterizam a forma como interagem entre si (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2022).

Serafina Corrêa se destaca entre os demais municípios da região em análise, pois foi a única que apresenta mais de três códigos culturais materializados no espaço, os quais são: a oralidade, a religiosidade, a gastronomia e a arquitetura. Esses códigos são responsáveis por dar ao município o título de uma das cidades mais italianas do Brasil.

A oralidade é um dos códigos culturais mais importantes para que um grupo social se reconheça e se identifique como iguais. Além disso, a habilidade de comunicação é o que faz dos seres humanos animais racionais, que são capazes de pensar e de se relacionar com os demais.

Neste sentido, cada grupo étnico possui sua forma de se comunicar, estabelecendo dialetos e línguas próprias. No caso de Serafina Corrêa, usa-se o

Talian, que é uma língua derivada da língua vêneta, e que foi trazida pelos imigrantes e é utilizada até os dias atuais no dia a dia da população local. O mesmo é considerado uma língua oficial brasileira desde 2012, e estima-se que existam cerca de 500 mil pessoas que usam o dialeto no seu dia a dia.

O talian é um dos códigos culturais mais importantes para a unidade territorial em estudo, visto que a mesma é considerada a capital nacional do talian, onde cerca de 90% da população faz o uso diário desse dialeto (Figura 15). Além disso, há a preocupação em transmitir essa língua a todas as pessoas que vivem no município, deste modo, implantou-se o ensino da língua em algumas escolas públicas, bem como foi publicado, no ano de 2000, um dicionário de Talian com mais de 40 mil verbetes (Fotografia 18).

Fotografia 18 – Dicionário de Talian



Fonte: Google imagens.

Figura 15 - Mosaico fotográfico sobre o Talian no município



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Além da oralidade, é relevante destacarmos a importância que a religiosidade tem para a região, sendo um dos principais atrativos turísticos, devido às festividades religiosas que ocorrem durante o ano. Uma das principais é a Via Sacra, que consiste no percurso percorrido por Jesus Cristo com a cruz. Esse percurso é realizado toda a Sexta-Feira Santa e conta com a presença de milhares de fiéis, que chegam de todo o estado. O fim da peregrinação é aos pés do Cristo Redentor, onde é celebrada uma missa para demonstrar a fé da população (Figura 16).

Figura 16 – Mosaico fotográfico: Via Sacra em Serafina Corrêa.



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Além da Via Sacra, durante o ano ocorrem diversas celebrações religiosas, entre a qual se destaca a Romaria de Nossa Senhora do Rosário, que acontece todo mês de maio, e reúne fiéis de diversas regiões do estado.

Também é relevante destacarmos a presença da religiosidade no espaço rural do município, apresentando diversos capitéis e capelas espalhadas pelas comunidades, bem como a ocorrência de festividades que movimentam toda a comunidade local. Nesta perspectiva, vale destacar que a religiosidade está presente

nas escolas e a importância da fé é transmitida para as gerações mais novas (Figura 17).

Figura 17 - Capitéis na área rural de Serafina Corrêa/RS



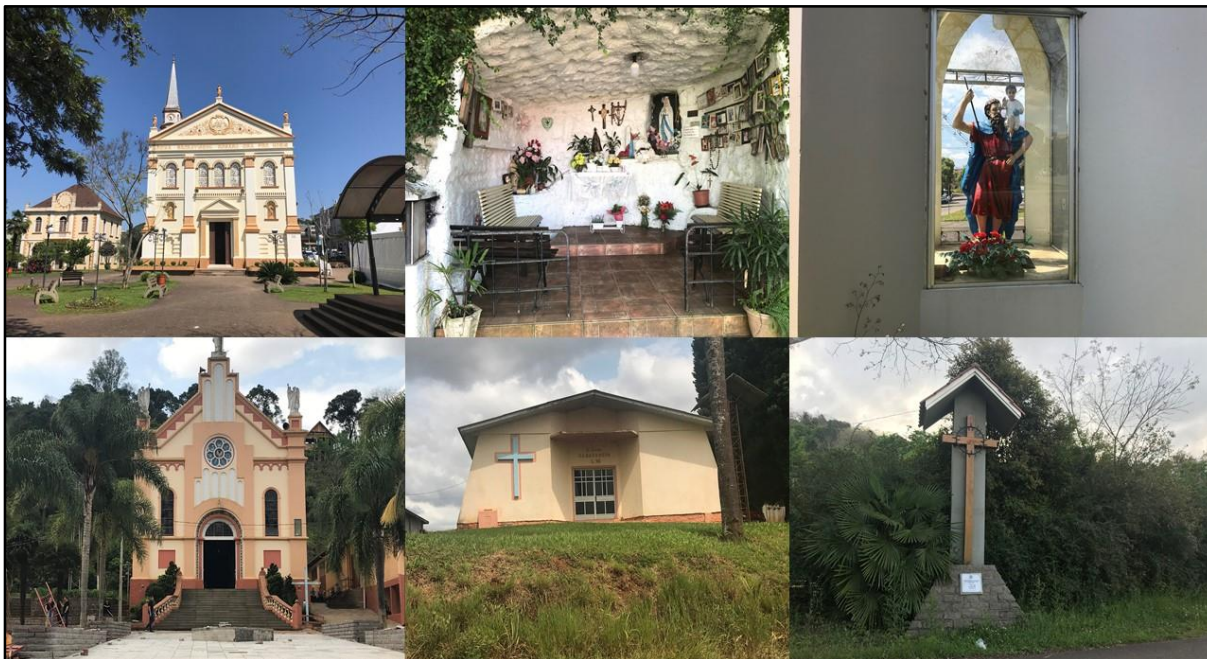
Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Nota-se, também, que os códigos culturais da religiosidade e da oralidade estão interligados, pois algumas celebrações religiosas acontecem na língua Talian, como as missas diárias. Este fato remonta a imaterialidade cultural que Serafina Corrêa possui e a destaca dos demais municípios de origem italiana.

Além da religião católica, que é característica do grupo étnico italiano, que corresponde à 88% da população residente, a dinâmica socioespacial que o município apresentou durante o século XX, fizeram com que houvesse a entrada de pessoas de outros municípios da região, em Serafina Corrêa. Esse fato proporcionou a presença de outras religiões, como a evangélica e a espírita, que também possuem expressão em Serafina Corrêa.

Além dessas simbologias religiosas, existem outros monumentos espalhados, que se destacam pela área da unidade em estudo. Tem-se, assim, as igrejas, as imagens de santos e as grutas, as quais deixam para quem visita o local, uma sensação de estar em um ambiente abençoado, repleto de significância e de fé (Figura 18).

Figura 18 - Monumentos religiosos em Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

A gastronomia é outro código cultural que se destaca que atrai turistas para desfrutarem da cultura italiana. Devido à produção industrial, o cultivo dos produtos que são utilizados na culinária básica italiana diminui consideravelmente, apesar disso, os descendentes italianos mantêm os costumes gastronômicos. É possível confirmar tal fato nos domingos, onde, tradicionalmente, as famílias se reúnem e preparam pratos típicos, como risoto, polenta, massas, a sopa de agnolini, acompanhados de vinho, salame e queijo colonial. Ademais, nota-se que essa culinária italiana se mistura com a gaúcha, pois encontramos, também, na mesa o churrasco, mostrando essa dualidade identitária dos descendentes de italianos, que nasceram no estado sulino (Figura 19).

As tradições gastronômicas foram responsáveis por identificar o colono italiano, desde os tempos da colonização, quando os mesmos se reuniam com seus semelhantes, para celebrarem as novas terras, além de recordarem da sua “terra mãe”. Desta forma, a manutenção deste código cultural, foi responsável por consolidar a identidade ítalo-brasileira, principalmente nos municípios da serra gaúcha

Figura 19 – Mosaico fotográfico: comidas típicas italianas



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
 Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Devido à inserção de uma nova dinâmica espacial partir da criação do distrito industrial no final do século XX, houve a preocupação sobre a possível perda da cultura colonizadora. Para sanar este problema, o poder público desenvolveu iniciativas e festividades que valorizassem a cultura italiana, principalmente a gastronomia.

Para desenvolver esse pensamento, em 2011, os empresários e o poder público criaram a Festipizza, que consiste em um festival de pizzas produzidas de modo artesanal e que são servidas na mão para seus clientes. Além de pizzas, os frequentadores podem degustar vinhos, sucos e espumantes produzidos na região e desfrutar da presença das soberanas do município, além de músicas típicas italianas e gauchescas. O evento acontece anualmente, e a última edição presencial aconteceu no ano de 2019. Após este ano, devido à pandemia, a festividade aconteceu de maneira online, onde a comida era entregue na residência dos clientes.

A arquitetura local apresentou uma hibridização com o decorrer do tempo. Inicialmente, era possível encontrar os grandes casarões de pedra e madeira, com porões para o armazenamento dos produtos de subsistência das pequenas

propriedades. Posteriormente, com a chegada da indústria no município, as residências foram sendo renovadas com outro estilo arquitetônico, havendo uma significativa quantidade de edifícios e casas, com arquitetura moderna. Tal fato, reflete a entrada do capital externo no município, que proporcionou a dinâmica espacial, que organizou o espaço de Serafina Corrêa.

Apesar disso, é possível encontrar no interior do perímetro urbano do município a presença de residências que mantêm a arquitetura típica italiana. Porém, a maior parte das construções encontram-se na zona rural, visto que a mesma é ocupada, em sua maioria, por idosos que cultivam suas tradições.

Com o intuito de preservar a arquitetura do local e destacar por meio deste código cultural, a cultura italiana, na década de 1990, a prefeitura municipal criou um projeto arquitetônico para a construção de réplicas de monumentos históricos localizados na Itália. Dentre essas réplicas, a prefeitura elegeu 6 monumentos com importante relevância para a história do país europeu, os quais foram: Castello Inferiore di Marostica; Casa di Romeo; Casa di Giulietta; La Rotonda; O Coliseu e a Torre di Pisa. Esse conjunto arquitetônico recebeu o nome de Via Gênova.

A denominação para o conjunto arquitetônico “Via Gênova”, está ligada a origem dos imigrantes que chegaram no município, ou seja, Gênova, localizado na Liguria – Itália. Segundo a prefeitura municipal, a escolha desse nome foi acatada pois remetia ao lugar de afeto dos colonizadores, sendo assim, uma forma de homenageá-los. Resgata-se, portanto o espaço vivido e reproduzido localmente em Serafina Corrêa (Figura 20).

A partir da construção deste projeto, a cultura italiana ficou ainda mais materializada e marcada no espaço geográfico de Serafina Corrêa. Além disso, percebeu-se, segundo dados da prefeitura municipal, que o turismo cresceu em torno de 20%, desde sua inauguração na década de 1990 e, atualmente, consiste no principal atrativo turístico do município, juntamente com a Via Sacra.

Baseando-se nesses resultados que foram obtidos durante o trabalho de campo, constatou-se que o município de Serafina Corrêa é um dos que melhor consegue preservar a cultura dos imigrantes que colonizaram a região. Tal fato se dá, principalmente pelo empenho da população local e do poder público em promover essa cultura e trabalhar a questão identitária entre os habitantes. É relevante ressaltarmos ainda, que esse processo de preservação cultural também passa pela economia, visto que a mesma é utilizada nas relações comerciais e turísticas.

Figura 20 - Mosaico fotográfico da Via Gênova



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

5.13 UNIÃO DA SERRA

União da Serra consiste em um dos menores municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé e mantém um modo de vida e de organização espacial baseada na implantada pelos imigrantes italianos no final do século XIX. Esse processo de organização se deu pautada na agropecuária, fato o qual se mantém até os dias atuais.

Devido ser um município de pequeno e rural, cerca de 80% da população é descendente de italianos, e reside em zona rural. Com base nisso, pode-se analisar que o perímetro urbano consiste em menos de 2 km² quadrados, sendo reflexo da dinâmica espacial em que o município está inserido.

Apesar desta dinâmica, percebe-se que a cultura, assim como os demais municípios da região acabou se perdendo ao longo do tempo, principalmente em relação aos códigos materiais. Atualmente, a cultura ítalo-brasileira é percebida através da subjetividade da mesma, quando se leva em consideração o modo de vida e as relações sociais.

Nos quesitos materiais da cultura, a mesma é percebida através da religiosidade, através da igreja matriz e de uma pequena igreja na zona rural do município (Figura 21).

Figura 21 – Religiosidade em União da Serra



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

A arquitetura é outro código que é percebido no espaço de União da Serra. Apesar disso, o mesmo encontra-se restrito à poucas construções no perímetro urbano do município, sendo utilizados como estabelecimentos comerciais e residências. A maior parte das edificações presentes no município já são com arquitetura moderna, deixando de lado os traços típicos italianos (Figura 22).

Figura 22 – Construções em União da Serra



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Com base nos resultados obtidos durante o trabalho de campo, pode-se perceber que o município de União da Serra passou por um intenso processo de hibridização cultural. Tal fato, fez com que, apesar de ser um município de pequeno porte, onde a população é majoritariamente de origem italiana, a cultura se perdeu, dando espaço a uma cultura híbrida, principalmente devido ao cultivo da soja, carro chefe da produção local e que consolida o setor primário como o principal setor econômico da unidade territorial.

Faz-se necessário uma retomada cultural na unidade territorial, a vista de trazer de volta o sentimento de pertencimento e de identificação desses habitantes com a cultura colonizadora. Caso contrário, a tendência é que as pequenas rugosidades que ainda se encontram visíveis no espaço de União da Serra, com exceção da religiosidade, se percam com o avanço das gerações.

5.14 VISTA ALEGRE DO PRATA

O município de Vista Alegre do Prata teve seu processo de ocupação diferente dos demais. Os imigrantes italianos receberam auxílio para se instalar e todas os mecanismos necessários para se consolidarem na referida unidade territorial.

Após a instalação e consolidação do grupo étnico italiano, onde os mesmos começaram a cultivar os produtos básicos para sua subsistência, chegaram à área do município imigrantes poloneses, que assim como os italianos, eram exímios agricultores. Além disso, os poloneses dominavam técnicas diferentes dos colonos italianos, fator que possibilitou um desenvolvimento econômico satisfatório com diferentes técnicas de produção.

Essa dinâmica econômica é percebida até os dias atuais na organização espacial do município, visto que mais de 60% da população ainda reside em área rural. Apesar disso, o setor primário perdeu força para o terciário, que na atualidade é o principal setor econômico da região.

Em relação à cultura, pode-se analisar, a partir dos trabalhos de campo, que a religiosidade e a arquitetura são os códigos culturais que mais se destacam. Embora isso aconteça, a religiosidade é o que predomina, principalmente na construção de igrejas e capelas, que se dividem entre o centro da cidade e a área rural (Figura 23).

Assim como a religiosidade, a arquitetura se faz presente de maneira mais discreta, não tendo um papel tão significativo na organização espacial da região. Percebe-se que a maior parte das construções que remetem à colonização são utilizadas na prestação de serviços (Figura 24). As demais edificações são modernas, não trazendo nenhum traço que remeta às duas culturas colonizadoras de Vista Alegre do Prata.

Figura 23 – Religiosidade em Vista Alegre do Prata



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Figura 24 – Construções históricas em Vista Alegre do Prata



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Percebe-se portanto, que apesar de Vista Alegre do Prata ter se desenvolvido baseado na cultura italiana e polonesa, muito pouco se preserva e se materializa no

espaço geográfico da unidade territorial. Tal fato faz com que a organização espacial estabelecida pelos imigrantes tenha sofrido diversas dinâmicas, mantendo a relação rural/urbano, mas modificando a dinâmica econômica e cultural do município. Nota-se então que, assim como a maioria dos municípios da Região Imediata de Nova Prata-Guaporé, houve um processo de hibridização cultural muito forte, onde as culturas originárias deram espaço à uma cultura universal.

6 A REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ: ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL

A partir dos dados analisados e discutidos nos capítulos anteriores, foram apresentadas as características econômicas, sociais e culturais de cada município que compõe a RI Nova Prata – Guaporé. Deste modo, a forma de organização socioespacial ficou evidenciada e explicada, bem como as dinâmicas que aconteceram em cada município.

Partindo da exposição dos dados obtidos durante a realização da pesquisa, obteve-se os resultados que serão analisados neste capítulo, trazendo, através de mapas, a realidade social e econômica da RI, possibilitando a análise em escala regional, dos dados trabalhados em cada município. Além disso, serão apresentadas 3 regionalizações que foram elaboradas baseando-se em critérios que foram estabelecidos através dos resultados que foram obtidos e apresentados nos capítulos anteriores.

6.1 ASPECTOS GERAIS DA REGIÃO IMEDIATA NOVA PRATA – GUAPORÉ

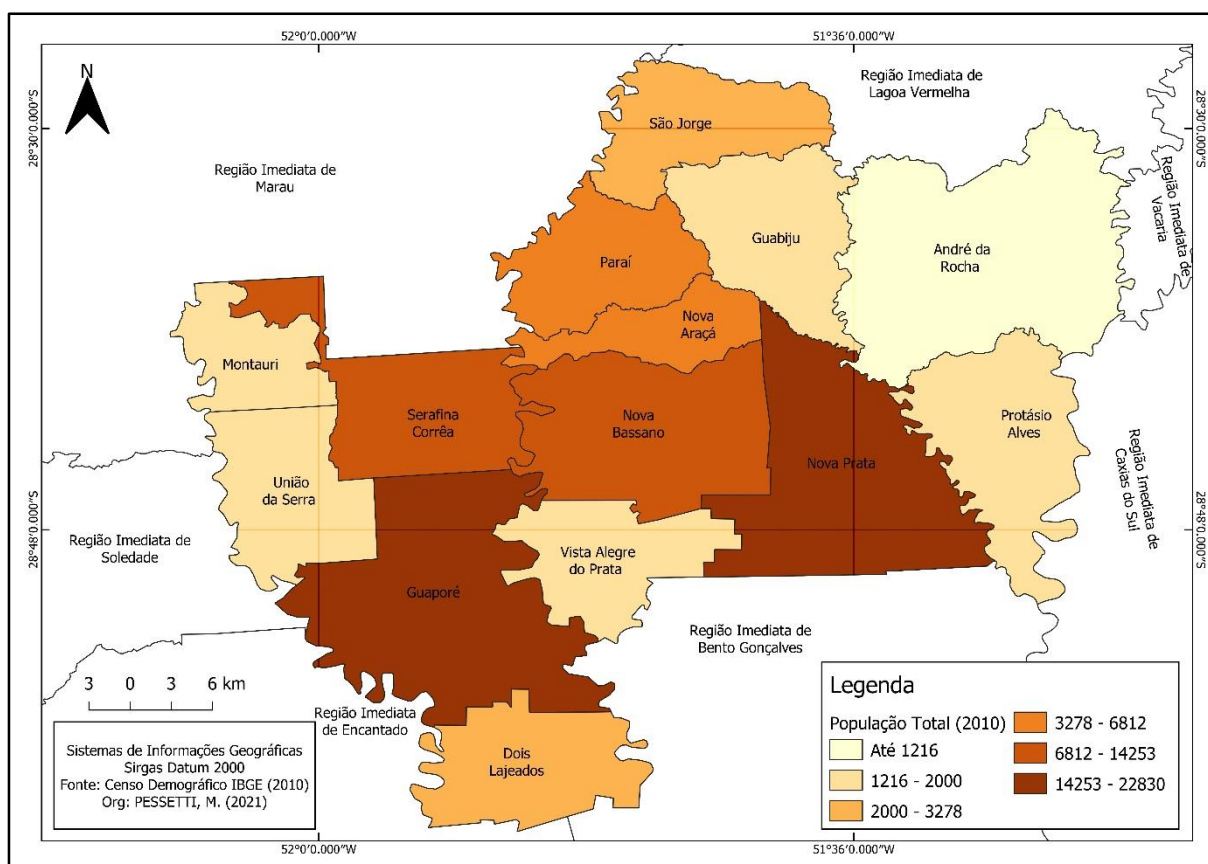
A região em análise localiza-se numa área entre vales e montanhas, na encosta da porção nordeste do Estado. O clima que atua na região é o subtropical, tendo como principal característica as chuvas bem distribuídas durante todo o ano e as temperaturas amenas, tendo uma média de 16° C. A região se caracteriza, também, por apresentar uma expressiva rede hidrográfica, com diversos corpos hídricos que são responsáveis por abastecer os municípios da área. Essas condições edáficas possibilitaram o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, as quais foram responsáveis por consolidar a economia do recorte territorial em análise.

Por estar localizada na porção norte do Estado, mais especificamente a Nordeste onde as altitudes são medianas, sem cerca de 700 metros. A estrutura geológica da região apresenta predominância de rochas ígneas vulcânicas, principalmente o basalto, cuja extração é a principal atividade econômica de alguns municípios, tendo papel fundamental no desenvolvimento das atividades industriais da Região Imediata.

A região em análise apresentava, em 2010, uma população de 95.014 habitantes, os quais estão divididos numa área de aproximadamente 2.600 km², o que

resultava em uma densidade demográfica de cerca de 36,5 hab/km² (IBGE, 2010). Pode-se perceber, com base nos dados analisados, que a população se concentrava nos municípios em que o processo de industrialização está mais presente, sendo Nova Prata, Guaporé e Serafina Corrêa os que apresentam o maior número absoluto de população (Mapa 16).

Mapa 16 – População da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé (2010)



Fonte: IBGE, 2010.
Org.: PESSETTI, M. 2021.

Como é possível observar no mapa, os municípios que se concentram na área central da Região Imediata apresentavam a maior parte da população. Nova Prata e Guaporé eram os mais populosos, concentrando 48% da população. Em contrapartida, as unidades territoriais que estavam nas áreas de fronteira com outras regiões concentravam, em sua maioria, as menores populações, com exceção de Nova Prata e Guaporé.

Segundo os dados divulgados pelo Censo Demográfico do IBGE de 2022, a região apresenta, na atualidade, uma população de 104.938, representando um aumento de 10,4% na população em 13 anos. Esse valor ficou abaixo dos 15% que o IBGE tinha como estimativa antes da realização do levantamento censitário. Essa nova dinâmica populacional resulta em uma densidade demográfica de 40,3 hab./km². Além disso, percebe-se que Nova Prata e Guaporé permanecem sendo as maiores cidades, em relação à população, concentrando 48,5% da população da Região Imediata (Tabela 29).

Tabela 29 – População Total (2010) e População Total (2022) na Região Imediata Nova Prata – Guaporé/RS

Municípios	População Total (2010) e População Total (2022)			
	Urbana (2010)	Rural (2010)	Total (2010)	Total (2022)
André da Rocha	496	720	1.216	1.135
Dois Lajeados	1.564	1.714	3.278	3.097
Guabiju	738	860	1.598	1.417
Guaporé	20.820	1.994	22.814	25.268
Montauri	644	898	1.542	1.499
Nova Araçá	2.880	1.121	4.001	4.954
Nova Bassano	5.514	3.326	8.840	10.049
Nova Prata	18.659	4.171	22.830	25.692
Paráí	3.816	2.996	6.812	7.194
Protásio Alves	427	1.573	2.000	2.000
São Jorge	1.451	1.323	2.774	2.912
Serafina Corrêa	12.054	2.199	14.253	16.961
União da Serra	280	1.207	1.487	1.170
Vista Alegre do Prata	463	1.106	1.569	1.590

Fonte: Censo Demográfico IBGE (2010) – Censo Demográfico IBGE (2022)
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

É relevante observar, com base nos dados disponibilizados pelo IBGE no Censo Demográfico de 2022, que, apesar de demonstrar um crescimento no âmbito regional, apesar do mesmo ter sido inferior às estimativas que se tinham. Apesar disso, alguns municípios apresentaram diminuição populacional. Tal fato, é percebido por esses municípios terem uma população bastante baixa, não apresentando

oportunidades e razões para a permanência dessa população, principalmente os mais jovens.

Dos 14 municípios que compõe a região, 5 apresentaram essa redução que ficou em média em 9,1%. Dentre esses municípios, União da Serra foi o que teve a maior redução populacional, com 33%. Esse cenário é resultado da baixa urbanização que esse município enfrenta, tendo forte presença da agricultura e da pecuária no cenário econômico do município, fazendo com que haja uma grande migração da população, principalmente a mais jovem (IBGE, 2022).

A Região Imediata de Nova Prata – Guaporé se caracteriza por ser composta por municípios de pequeno porte, onde a população não ultrapassa os 26 mil habitantes. Os que apresentam o maior número absoluto de população são aqueles em que há um processo de urbanização mais desenvolvido, com uma economia mais dinâmica. Com base nisso, pode-se perceber que a organização espacial da região sofreu mudanças, conforme a dinâmica econômica e populacional de cada município se modifica.

Todos os municípios que compõem essa RI tiveram o início do seu processo de ocupação e da organização espacial e econômica baseada nas atividades do setor primário, que foram implantadas a partir da chegada dos imigrantes europeus. A área foi ocupada principalmente por italianos, alemães e poloneses, os quais foram responsáveis por desenvolver a agricultura e a pecuária na região.

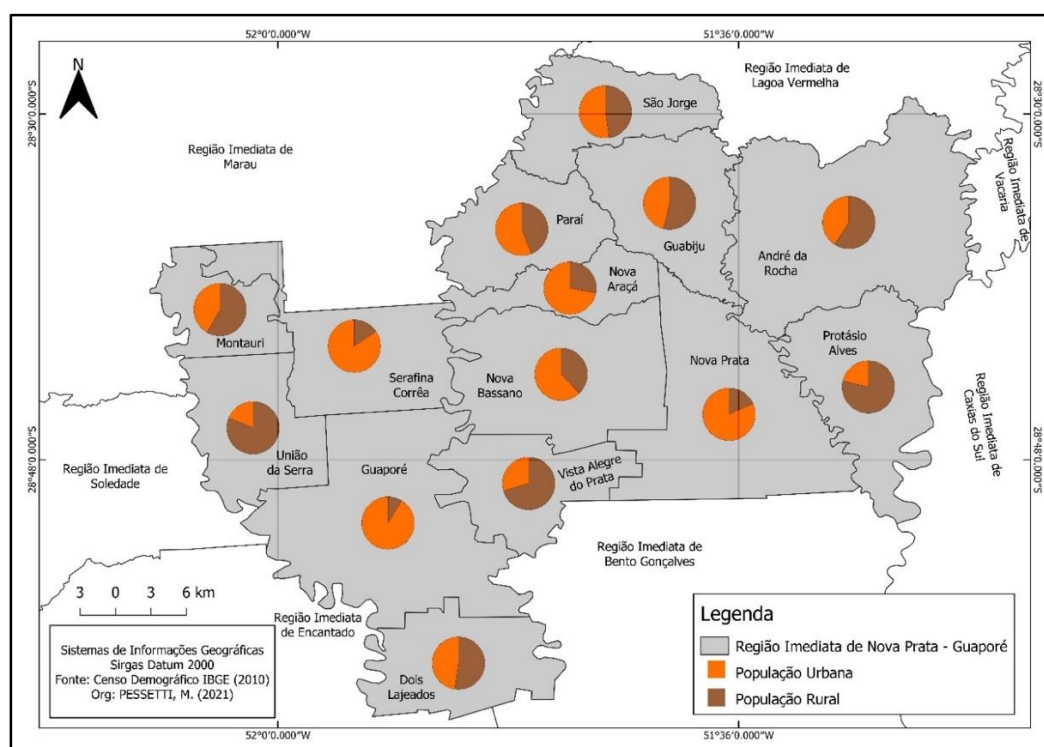
Essa organização espacial baseada na agropecuária fez com que os municípios fossem caracterizados como municípios rurais, onde a maior parte da população vive na área rural dos municípios. Tal fato, faz com que, até os dias atuais, 50% dos municípios tenham a maior parte de sua população vivendo em áreas rurais.

Ainda durante o século XX, houve o início de atividades industriais em alguns municípios, bem como as atividades do setor terciário. Esse processo, que acabou fazendo com que houve um avanço da urbanização também, modificou a organização espacial, fazendo com que a população migrasse para as cidades. Deste modo, 50% dos municípios são classificados como urbanos, pois apresentam a maioria da população vivendo em área urbana (Mapa 17).

Com base no mapa, é possível analisarmos que os municípios que estão apresentando tendência de queda na população, são os que apresentam a maior parte da população vivendo em área rurais.

Além da questão da distribuição dessa população, a organização espacial da região está bastante relacionada às questões econômicas, visto que há uma demanda de mão de obra nos municípios onde a urbanização e a industrialização se mostram mais acentuadas. Deste modo, a próxima seção tratará sobre as dinâmicas da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé, relacionadas aos aspectos econômicos.

Mapa 17 – Distribuição da população em cada município da Região Imediata Nova Prata – Guaporé



Fonte: IBGE, 2010.
 ORG.: PESSETTI, M. 2021.

6.2 ECONOMIA DA REGIÃO IMEDIATA NOVA PRATA – GUAPORÉ

Como já fora supracitado, o processo de ocupação da área em estudo foi bastante homogêneo, tendo o desenvolvimento através da consolidação da agricultura e da pecuária implantada pelos imigrantes europeus. A partir da chegada desses imigrantes, diversas atividades do setor primário começaram a se desenvolver e foram responsáveis pela primeira dinâmica econômica e organização espacial da região.

A partir do século XX, com o desenvolvimento industrial que alguns municípios passavam, apresentou-se uma nova dinâmica econômica e uma (re)organização espacial, baseada na indústria e nos serviços. Tal fato, fez com que houvesse uma mudança social, visto que o processo de urbanização, ocasionado pelo desenvolvimento dos setores secundário e terciário, modificou a distribuição da população e a formação espacial das cidades.

Segundo dados do IBGE (2018), na atualidade, o setor econômico predominante na Região Imediata é o terciário, sendo o principal em 8 municípios: Dois Lajeados, Guaporé, Nova Araçá, Nova Prata, Paraí, São Jorge, Serafina Corrêa e Vista Alegre do Prata. Tal fato se dá, principalmente pelo avanço do processo de urbanização.

O segundo setor econômico mais representativo é a primário, principalmente através das atividades de agricultura e pecuária, mantendo a herança colonial trazida pelos imigrantes europeus. Esse setor, apesar de serem as atividades que predominam em apenas 5 municípios – André da Rocha, Guabiju, Montauri, Protásio Alves e União da Serra - está presente em todos onde a produção agropecuária é bastante significativa, mantendo, na maioria dos casos, o modo de produção tradicional implantado pelos que chegaram no processo de colonização.

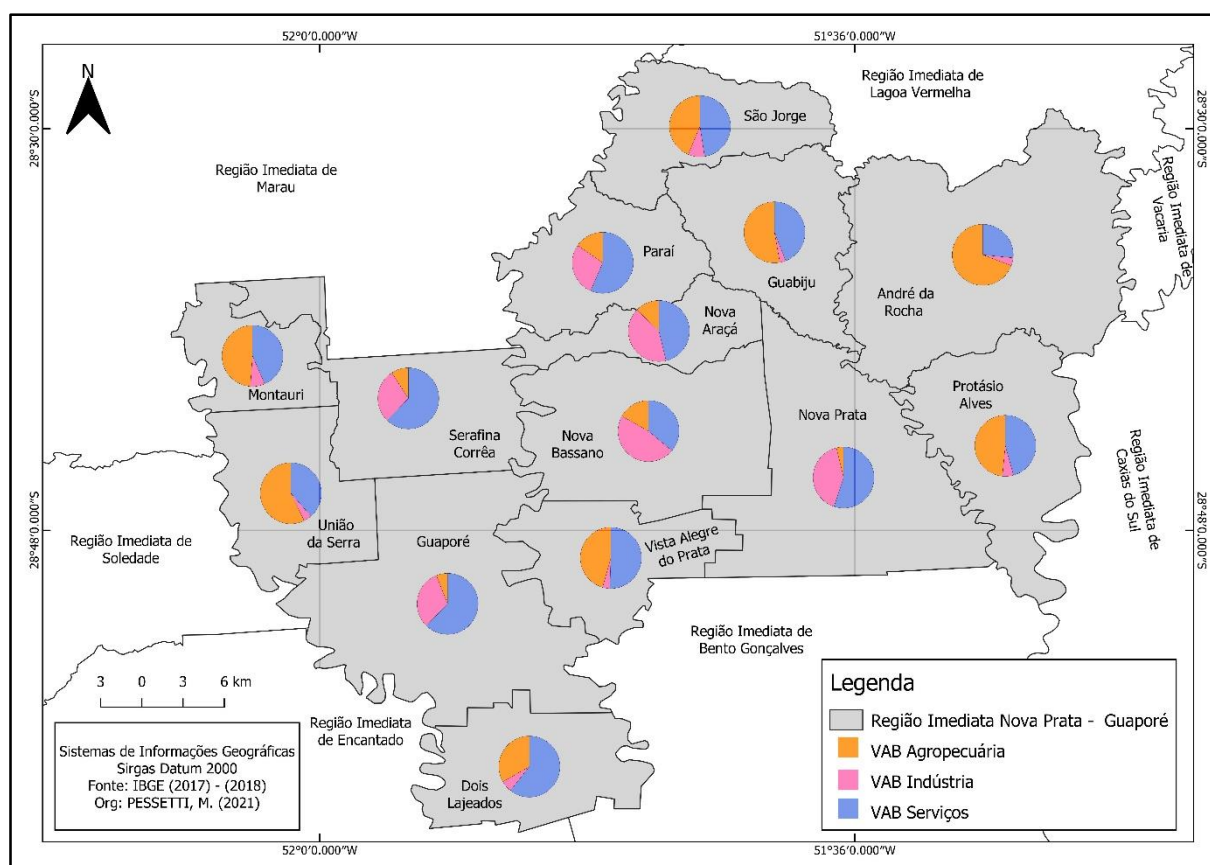
O terceiro setor econômico, e o que apresenta a menor participação é o setor secundário, que consiste nas atividades industriais. Esse setor se desenvolveu a partir da segunda metade do século XX, se intensificando em meados dos anos de 1990. Apesar de ter um desenvolvimento recente no ramo das agroindústrias, o setor secundário é o predominante em apenas um município – Nova Bassano - referente à indústria extrativa mineral (Mapa 18).

Essa dinâmica da economia na região é resultado dos processos de urbanização e de industrialização que a mesma sofreu durante a segunda metade do século XX e início do século XXI. Com a expansão urbana dos municípios, o setor terciário, de comércio e serviços acabou se desenvolvendo, visto que era necessário para atender a crescente população que vivia nas áreas urbanas.

Deste modo, podemos perceber que os municípios que apresentam o valor do VAB mais significativo no setor de serviços são aqueles em que, na maioria dos casos, a maior parte da população vive em área urbana. Com base nos dados disponibilizados pelo IBGE (2021), é possível analisar que os municípios que mais

contribuem para o VAB da região são Nova Prata e Guaporé, principalmente pela dinâmica urbana e econômica exercida nesses dois municípios (Tabela 30).

Mapa 18 – Valor Adicionado Bruto (VAB) por atividade econômica na Região Imediata de Nova Prata – Guaporé em 2018



Fonte: IBGE, 2017 – 2018.
Org.: PESSETTI, M. 2021.

Tabela 30 – Valor Adicionado Bruto (VAB) por atividade econômica na Região Imediata de Nova Prata – Guaporé/RS

Municípios	Valor Adicional (VAB) por atividade econômica (Mil reais)		
	VAB Agropecuária	VAB Indústria	VAB Serviços
André da Rocha	73.940	4.408	28.427
Dois Lajeados	30.377	5.516	55.413
Guabiju	37.351	2.265	31.167
Guaporé	46.957	250.086	490.818
Montauri	25.076	3.933	22.266
Nova Araçá	23.797	76.220	85.953
Nova Bassano	80.205	223.718	171.753
Nova Prata	51.052	561.933	751.429
Parai	38.978	71.010	142.887

Protásio Alves	24.158	2.917	22.784
São Jorge	35.711	7.128	38.864
Serafina Corrêa	54.434	170.429	370.756
União da Serra	28.820	2.153	19.369
Vista Alegre do Prata	23.211	1.929	25.736

Fonte: IBGE, 2021.

Org.: STEDILE NETO, R. 2021.

Após análise dos dados, pode-se compreender a forma como a economia está interligada com a organização espacial da região. Com isso, nota-se como as atividades econômicas exercem sua influência, bem como promovem novas dinâmicas sociais e econômicas.

Além disso, é relevante ressaltar, que da mesma forma que o processo de urbanização auxiliou o desenvolvimento das atividades do setor secundário e terciário, esses setores também auxiliaram o aumento no processo de urbanização. Deste modo, é relevante vermos que tal fato torna-se um ciclo, demonstrando o conceito de totalidade do espaço.

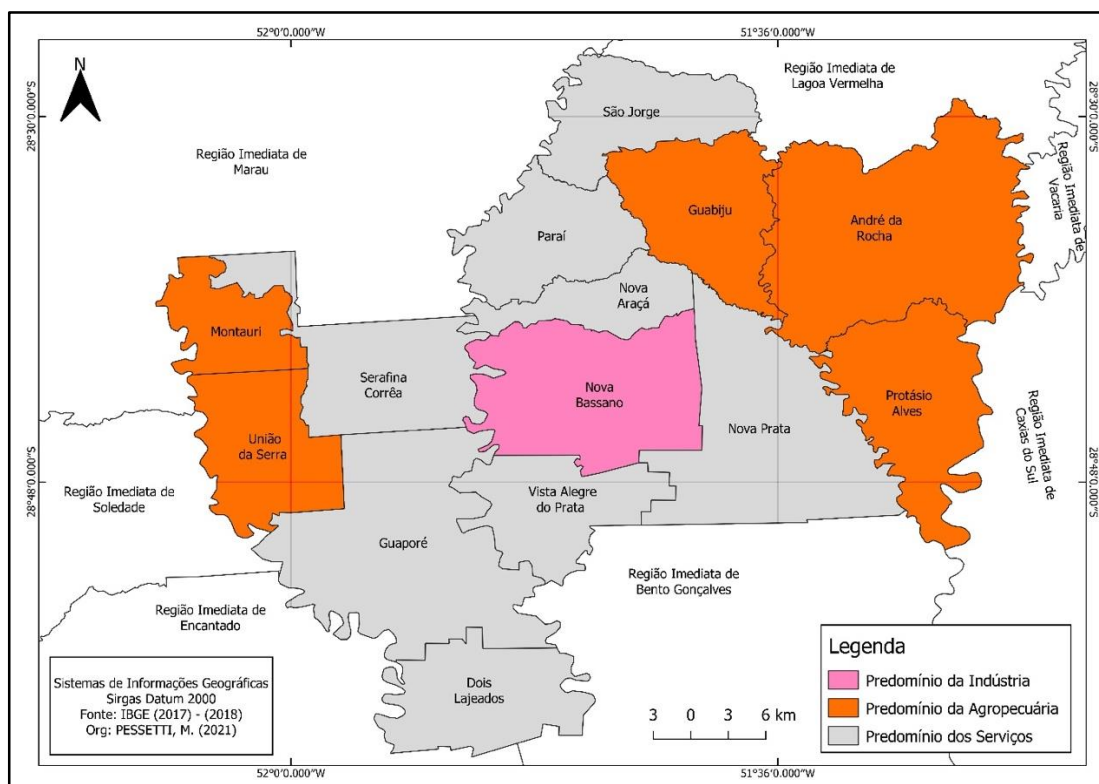
Com base nisso é possível realizarmos uma regionalização baseada em setores econômicos. Deste modo, os municípios foram agrupados conforme o setor econômico predominante, onde dividiu-se a área em três sub-regiões, com o intuito de espacializar a dinâmica econômica da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé. Como critério para realizar esta proposta utilizou-se o VAB de cada unidade territorial (Mapa 19).

Ao analisarmos o mapa apresentado, pode-se perceber que, atualmente, a maior parte dos municípios tem sua economia baseada no setor terciário, sendo este, o principal contribuinte para o VAB destas unidades territoriais. Dentre esses 8 municípios estão os dois principais da RI, Nova Prata e Guaporé, os quais apresentam uma organização espacial distinta dos demais, tendo um grau de urbanização maior devido à importância regional que adquiriram ao longo do tempo. Além das unidades territoriais referidas, o setor predomina nos municípios de Dois Lajeados, Nova Araçá, Paraí, São Jorge, Serafina Corrêa e Vista Alegre do Prata.

A segunda sub-região proposta é a que concentra os municípios que tem o setor primário como setor econômico predominante. Em razão da economia ser baseada nas atividades da agricultura e da pecuária, nota-se que há uma predominância de municípios de pequeno porte, bem como mantendo a forma de

produção instaurada durante o processo de ocupação. O setor primário é predominante em 5 municípios, os quais são André da Rocha, Guabiju, Montauri, Protásio Alves e União da Serra.

Mapa 19 – Regionalização através dos setores econômicos predominantes na Região Imediata de Nova Prata – Guaporé



Fonte: IBGE, 2017 e 2018.
Org.: PESSETTI, M. 2021.

O setor secundário é predominante apenas no município de Nova Bassano. Tal fato, é resultado do desenvolvimento da indústria de extração mineral, focada na extração e beneficiamento do basalto, que está presente na unidade territorial desde o período de ocupação inicial, no início do século XX.

A compreensão da região através dos aspectos econômicos é um dos passos para compreender o espaço como uma totalidade, onde todos os agentes estão interligados e são interdependentes. Para concretizar mais esse conceito, são necessários analisar os aspectos sociais e culturais da região.

Deste modo, será feita a relação da economia com os aspectos culturais que foram construídos através das contribuições dos imigrantes europeus, que implantaram seus costumes e convenções e que caracterizam a região.

6.3 A REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ: ASPECTOS CULTURAIS

As marcas culturais presentes nos municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé seguiram um padrão. Percebe-se que as mesmas foram alicerçadas, basicamente, no modo de vida e de produção dos imigrantes italianos que chegaram à região a partir da década de 1870.

Juntamente com esses italianos, chegaram outros grupos étnicos, como os alemães e poloneses. Esses grupos, foram responsáveis por imprimir suas convenções sócias e seus códigos culturais no espaço geográfico da RI. Também é relevante destacar a presença de grupos indígenas, de diversas etnias, que já viviam na área que corresponde à RI, e deixaram suas marcas, mesmo que mínimas no espaço.

É relevante destacarmos que, apesar dos diversos grupos étnicos que foram responsáveis pela organização espacial da região, não há heranças de todas essas culturas materializadas no espaço. Através dos trabalhos de campo, pode-se perceber que a cultura trazida pelos imigrantes italianos é a predominante nos municípios, deixando suas marcas tanto materiais quanto imateriais no modo de vida da população e na organização espacial das unidades territoriais em estudo.

Com base nos resultados que foram obtidos durante a realização do trabalho de tese, pode-se analisar a forma como a cultura destes povos influenciou na organização espacial durante o período de colonização da área, bem como as dinâmicas atuais exercem peso sobre as relações culturais no espaço de cada um dos 14 municípios.

O principal diagnóstico constatado é que, assim como a cultura consolidada pelos povos indígenas foi apagada, não estando presente de maneira significativa em nenhuma das unidades territoriais que compõem a RI, a maior parte dos códigos culturais que foram trazidos pelos imigrantes europeus também se tornaram invisíveis no espaço. Tal fato se deu, principalmente pelas dinâmicas econômicas que os municípios estão inseridos, a qual foi responsável por trazer mudanças culturais,

fazendo com que os municípios, mesmo os de pequeno porte, compartilhem uma cultura globalizada, deixando de lado suas origens coloniais.

A partir dessas análises, pode-se perceber que, atualmente, a cultura não é mais a principal responsável pela organização espacial dos municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé. A organização espacial passa a ser pautada nas atividades econômicas e no grau de desenvolvimento industrial e tecnológica que essas atividades estão inseridas.

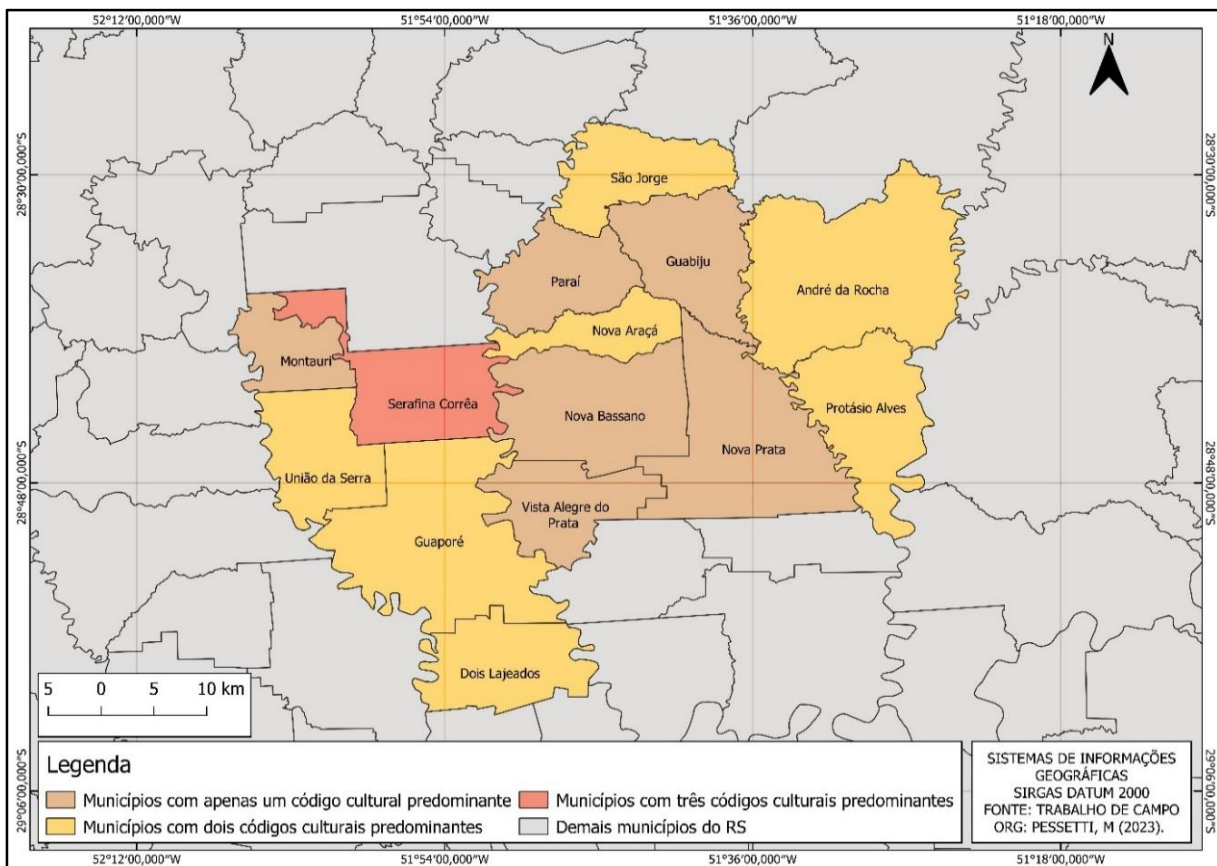
Afim de analisarmos a forma como as marcas culturais ainda se encontram entre os municípios e, com base nos dados que foram obtidos durante o trabalho de pesquisa, elaborou-se uma regionalização, utilizando como critério os códigos culturais encontrados em cada município. Deste modo, a região foi dividida em três sub-regiões, levando em consideração a quantidade de códigos encontrados em cada município (Mapa 20).

Baseando-se nessa regionalização, dividiu-se a área através de três classes. A primeira classe remete aos municípios que apresentam apenas um código cultural presente no seu espaço. Essa sub-região é composta por 6 municípios, os quais são André da Rocha, Dois Lajeados, Guaporé, Nova Araçá, Protásio Alves, São Jorge e União da Serra, e apresentam a religiosidade como o principal código cultural.

A segunda classe utilizada é para os municípios que apresentam dois códigos culturais no seu espaço, e concentra a maioria dos municípios, sendo composta por 7 unidades territoriais, as quais são Guabiju, Montauri, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí e Vista Alegre do Prata. Nesses municípios destacam-se a religiosidade e a arquitetura como principais códigos.

A terceira e última classe utilizada nessa proposta de regionalização concentra os municípios que apresentam três ou mais códigos culturais e é composta por apenas um município, Serafina Corrêa. Essa unidade territorial é composta por inúmeros códigos culturais, principalmente a religiosidade, oralidade, arquitetura e gastronomia. Percebe-se então que, Serafina Corrêa se destaca, sendo o município que mais apresenta seus códigos culturais. Apesar disso, a organização espacial também não está mais pautada em critérios culturais.

Mapa 20 – Regionalização baseada nos códigos culturais nos municípios da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé



Fonte: Trabalho de campo, 2022.
Org.: PESSETTI, M. 2023.

Com essa regionalização, torna-se mais fácil a compreensão de como os códigos culturais e as culturas originárias se inserem em cada um dos municípios. Além disso, ao fazermos a análise juntamente com os demais dados presentes no trabalho, possibilita-se a melhor compreensão de como a cultura, a economia e a organização espacial estão correlacionadas.

6.4 A REGIÃO IMEDIATA DE NOVA PRATA – GUAPORÉ: UMA SÍNTESE REGIONAL

Além da regionalização que foi desenvolvida através dos códigos culturais que foram encontrados, fez-se necessário realizar uma sobreposição dos dados culturais, que foram obtidos durante o trabalho de campo, com os dados quantitativos e qualitativos analisados anteriormente. Baseando-se nisso, elaborou-se uma tabela

contendo os dados econômicos, populacionais e culturais, que facilitam a leitura da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé.

Nesta tabela, são apresentados os dados relacionados à economia, abordando qual é o setor econômico que predomina em cada um dos municípios. Na questão cultural, foram indicados quantos códigos culturais foram encontrados em cada um dos municípios. Os dados populacionais foram divididos em 5 classes, trazendo cada município classificado em uma dessas 5 classes (Tabela 31).

Essas classes foram distribuídas de forma que facilitasse o agrupamento dos municípios e também possibilitando a melhor leitura dos resultados e trazer categorias mais fidedignas com a organização espacial, econômica e cultural de cada município. Deste modo, optou-se por dividir os municípios em: entre 1.000 e 2.000 habitantes; entre 2.000 e 5.000 habitantes; entre 5.000 e 10.000 habitantes; entre 10.000 e 20.000 habitantes; e em mais de 20.000 habitantes.

Tabela 31 – Síntese dos aspectos econômicos, culturais e populacionais da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé

Municípios	Setor Econômico	Códigos Culturais	População (mil hab.)
André da Rocha	Primário	2	1-2
Dois Lajeados	Terciário	2	2-5
Guabiju	Primário	1	1-2
Guaporé	Terciário	2	+20
Montauri	Primário	1	1-2
Nova Araçá	Terciário	2	2-5
Nova Bassano	Secundário	1	10-20
Nova Prata	Terciário	1	+20
Paráí	Terciário	1	5-10
Protásio Alves	Primário	2	1-2
São Jorge	Terciário	1	2-5
Serafina Corrêa	Terciário	3	10-20
União da Serra	Primário	2	1-2
Vista Alegre do Prata	Terciário	1	1-2

Fonte: IBGE, 2017 e 2022; Trabalho de campo, 2022 e 2023
Org.: STEDILE NETO, R. 2023.

Desse modo, soma-se a distribuição da população aos outros dois critérios de regionalização já estabelecidos, qual seja, os setores econômicos e a quantidade de

códigos culturais presentes nos municípios. Assim, pode-se realizar um levantamento completo da realidade socioeconômica e cultural de cada um dos municípios da RI.

Sendo assim elabora-se uma proposta de regionalização aonde os 14 municípios foram agrupados em 6 regiões, levando-se em consideração o setor econômico predominante (3 classes), a quantidade de códigos culturais encontrados (3 classes) e a estrutura demográfica (5 classes) (Mapa 21).

Partindo dessa proposta de regionalização apontamos que, para o predomínio do setor primário, os municípios estão inseridos na mesma categoria em relação à população, concentrando municípios com população entre 1 e 2 mil habitantes. Baseando-se nesta realidade, é relevante destacarmos que esses municípios mantêm a organização espacial que foi desenvolvida pelos imigrantes que ocuparam a região nos séculos XIX e XX. Os municípios de André da Rocha, Guabiju, Montauri, Protásio Alves e União da Serra encontram-se nesta categoria, se diferenciando apenas na forma como a cultura se materializa no seu espaço. Essa, por sua vez, distribui os municípios em duas classes, onde Guabiju e Montauri apresentam apenas um código cultural e seu espaço, enquanto que André da Rocha, Protásio Alves e União da Serra apresentam dois.

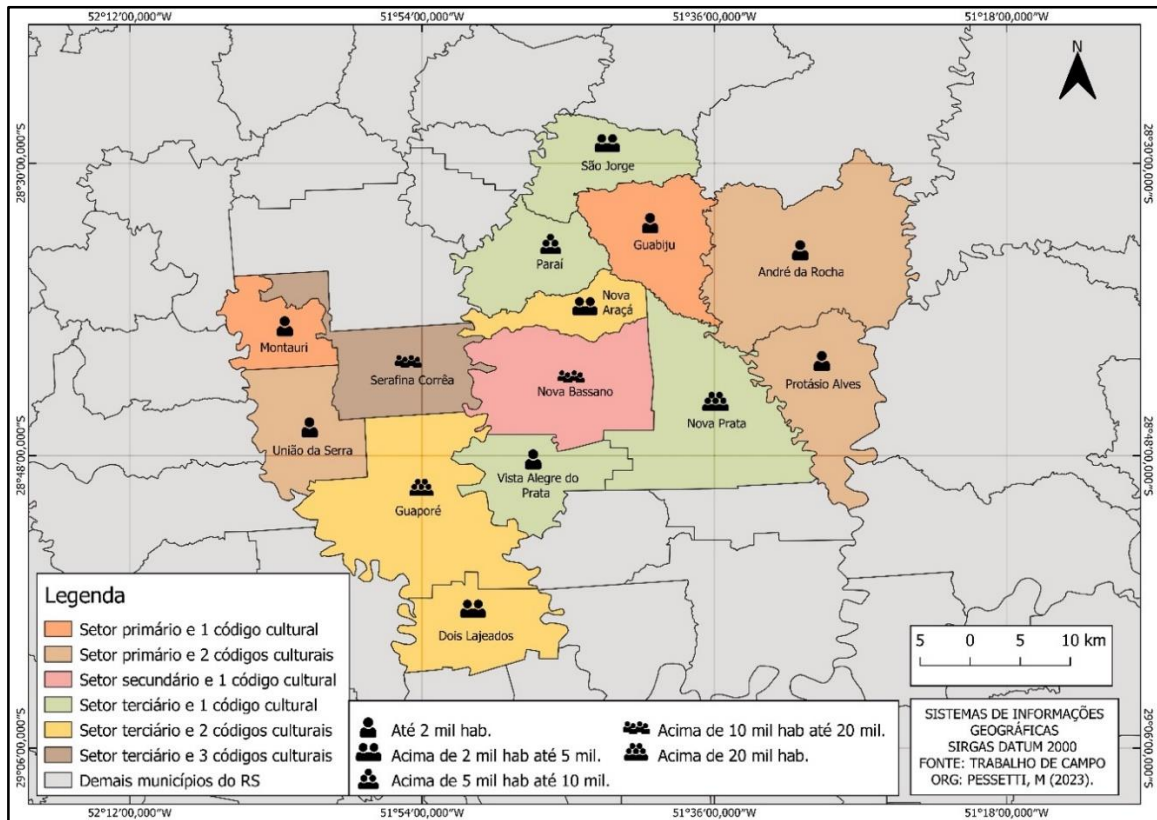
Ao analisamos a presença do setor terciário como predominante, o qual é o setor que predomina na região, tem uma distribuição populacional heterogênea, apresentando municípios em todas as cinco classes populacionais atribuídas na tabela. Além disso, percebe-se que este setor concentra as maiores e mais relevantes cidades da região.

Levando-se em consideração esses dados, nota-se que Vista Alegre do Prata está no intervalo de 1-2 mil habitantes; Dois Lajeados, Nova Araçá e São Jorge, apresentam população entre 2-5 mil habitantes; Paraí está na categoria de 5-10 mil habitantes; Serafina Corrêa encontra-se na categoria de 10-20 mil habitantes; e Nova Prata e Guaporé concentram-se na categoria com mais de 20 mil habitantes. Essa variação se dá, principalmente, pela forma como a econômica modificou a dinâmica espacial desses municípios.

Quando se leva em consideração a cultura nesses municípios, percebe-se que há também uma heterogeneidade, visto que os mesmos estão inseridos em todas as classes utilizadas por este critério. Nova Prata, Paraí, São Jorge e Vista Alegre do Prata apresentam apenas um código cultural; Dois Lajeados, Guaporé e Nova Araçá

apresentam dois códigos; e Serafina Corrêa apresenta mais de três códigos em seu espaço.

Mapa 22 – Regionalização síntese da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé



Quando se leva em consideração a cultura nesses municípios, percebe-se que há também uma heterogeneidade, visto que os mesmos estão inseridos em todas as classes utilizadas por este critério. Nova Prata, Paráí, São Jorge e Vista Alegre do Prata apresentam apenas um código cultural; Dois Lajeados, Guaporé e Nova Araçá apresentam dois códigos; e Serafina Corrêa apresenta mais de três códigos em seu espaço.

A categoria que tem como critério o setor secundário da economia detém apenas um município. Essa unidade territorial teve o processo de ocupação e desenvolvimento econômico diferente das demais, deste modo, possui uma significativa concentração industrial. A partir disso, é possível perceber que a população é considerada mediana, em comparação com as demais unidades territoriais da área em análise, apresentando entre 10 e 20 mil habitantes. Além disso,

a cultura implantada pelos imigrantes limita-se a apenas um código cultural, o qual é percebido através da individualidade de cada um.

Mediante os dados que foram analisados neste capítulo, é relevante destacarmos que, apesar de a Região Imediata de Nova Prata – Guaporé ter sofrido um processo de organização espacial semelhante, através da chegada de imigrantes europeus nos séculos XIX e XX, ela não apresenta, hodiernamente, homogeneidade. Observa-se este fato, ao observarmos e analisarmos que existem diferentes setores econômicos e realidade da materialização da cultura imigrante. Com isso, nota-se que a cultura, apesar de ter sido responsável, num primeiro momento, pela organização espacial da RI, perde esse papel passando, na atualidade, a ser algo construído através do modo de vida da população local.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Região Imediata de Nova Prata – Guaporé passou por um processo de ocupação semelhante às demais regiões de ocupação europeia, principalmente da Serra Gaúcha. Deste modo, o processo de organização espacial, num primeiro momento, esteve baseado no modo de vida trazido pelos imigrantes que chegaram à área entre o fim do século XIX e início do século XX. Esses grupos imigrantes, principalmente de italianos, mas também com a presença de alemães e poloneses, foram responsáveis também pelo desenvolvimento econômico da região, trazendo dinâmicas espaciais e econômicas que são exercidas até a atualidade.

Esta investigação científica buscou compreender como os aspectos culturais influenciaram no processo de organização espacial e econômica da RI, considerando-se o processo desde o início da ocupação até os dias atuais. Com tal finalidade, analisou-se os aspectos gerais da região, utilizando-se de dados quantitativos da economia, além dos aspectos de distribuição da população. Além disso, foram investigados os aspectos culturais, baseando-se nos códigos culturais que são encontrados no espaço de cada um dos municípios.

Procurou-se, também, contribuir com os estudos sobre o tema, pois pouco são os estudos culturais que integram esta Região Imediata. Além disso, esse estudo poderá ser utilizado como subsídio pelo poder público, para os esforços de preservação da cultura local e o desenvolvimento do turismo.

Os objetivos específicos foram construídos a fim de responder a problemática da pesquisa. Os mesmos buscaram analisar e compreender como se deu a organização espacial e econômica da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé, levando em consideração os aspectos culturais presentes na mesma. Deste modo, cada um dos objetivos específicos foi respondido com sucesso.

O primeiro objetivo específico buscou realizar uma caracterização econômica da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé. Dessa maneira, realizou-se um levantamento de dados quantitativos sobre as principais atividades econômicas desenvolvidas em cada um dos municípios, bem como os valores de produção, principalmente relacionados à agropecuária.

Quando levamos em consideração as relações econômicas, percebemos que o setor econômico predominante na região é o terciário, predominando em 8

municípios, sendo Dois Lajeados, Guaporé, Nova Araçá, Nova Prata, Paraí, São Jorge, Serafina Corrêa e Vista Alegre do Prata. Esses mesmos apresentam população variada e a população em sua maioria vivendo na área urbana dos municípios. Apesar disso, ainda é possível analisar que a agropecuária é importante para a economia dos municípios, sendo a soja o principal produto cultivado. Em relação a cultura, esses municípios apresentam variação na presença dos códigos culturais, sendo a arquitetura e a religiosidade os mais presentes.

O setor primário predomina nos menores municípios, que apresentam população de até 2.000 habitantes, sendo André da Rocha, Guabiju, Montauri, Protásio Alves e União da Serra. Essas unidades territoriais mantêm a organização espacial implantada pelos imigrantes, tendo sua economia baseada na produção agrícola, sendo a soja e o milho os principais cultivos. Apesar disso, os aspectos culturais não se mantêm, ficando restrito à religiosidade em alguns municípios.

O setor secundário é a exceção na região, sendo predominante em apenas um município, Nova Bassano. Essa unidade territorial apresenta essa dinâmica desde sua colonização, onde instalou-se diversas indústria de extração de basalto. Este fato, atraiu diversos grupos populacionais, fazendo com que houvesse uma forte hibridização cultural. Deste modo, os códigos culturais acabaram ficando invisíveis no espaço, e a cultura é percebida apenas na religiosidade.

O segundo objetivo específico tinha o intuito de investigar de que forma as marcas culturais presentes na RI influenciaram na dinâmica espacial da mesma. Para sanar este objetivo foram realizados trabalhos de campo, visitando todos os municípios. Deste modo, foram sendo identificados os principais códigos culturais que estão presentes em cada unidade territorial e foi analisado a influência de cada um na organização espacial.

Atualmente, os códigos culturais que constituem a paisagem da RI são os que foram trazidos pelos imigrantes italianos, fazendo com que haja uma identificação ítalo-brasileira, principalmente a arquitetura, a religiosidade, a oralidade e a gastronomia. Apesar disso, a maior parte desses códigos foram invisibilidades no espaço, mantendo-se, na sua maior parte, na individualidade de cada pessoa. Baseando-se nisso, é relevante debatermos que os imigrantes foram responsáveis pela organização espacial, porém, na atualidade, a mesma tem como principal agente transformador a economia.

O terceiro objetivo específico buscou identificar os processos de (re)organização espacial que aconteceram nos municípios que compõem a região. Com esse intuito, realizou-se todo um levantamento histórico de cada um dos municípios, levando-se em consideração os aspectos econômicos e culturais, os quais são os principais responsáveis pelos processos de organização espacial que as unidades territoriais em análise passaram.

O quarto e último objetivo específico teve o intuito de analisar a diferenciação espacial entre os municípios da RI a partir da ligação da economia e da cultura. Para alcançar os objetivos aguardados neste objetivo, foi realizada uma síntese dos dados quantitativos e qualitativos que foram obtidos durante a realização da pesquisa.

Levando-se em consideração esses dados, chegou-se à conclusão que os 14 municípios que compõem a Região Imediata de Nova Prata – Guaporé, apesar de terem passado por um processo de ocupação e de organização espacial semelhante apresentam, na atualidade, características heterogêneas.

Esses dados foram importantes para a construção deste trabalho de tese, trazendo uma extensa caracterização e análise dos aspectos sociais, econômicos e culturais da Região Imediata de Nova Prata – Guaporé. Através dessa análise, chegou-se a produtos que geraram três propostas de regionalização que foram elaboradas por critérios distintos e apresentadas no decorrer do trabalho.

A primeira proposta de regionalização traz três sub-regiões, as quais foram elaboradas através de critérios econômicos. Para tal, foram utilizados os dados do VAB (Valor Adicionado Bruto) e divididos através de setores econômicos.

A segunda regionalização foi elaborada através dos códigos culturais que foram identificados durante os trabalhos de campo. Para isso, dividiu-se a região em três sub-regiões, tendo como critério a quantidade de códigos presentes no espaço.

A terceira e última regionalização teve como critério a sobreposição dos critérios utilizados nas duas anteriores. Baseando-se nisso, pode-se dividir a região em 6 sub-regiões, os quais foram classificadas de acordo com o setor econômico predominante, quantidade dos códigos culturais encontrados e os aspectos demográficos.

Observa-se assim que existem diferentes setores econômicos e realidades da materialização da cultura imigrante no espaço regional. A cultura, apesar de ter sido responsável, num primeiro momento, pela organização espacial da RI, perde este

papel, tornando-se pouco visível, ainda que expressa no modo de vida da população, em aspectos materiais e subjetivos.

Por fim, através dos resultados que foram obtidos durante a pesquisa, conclui-se que a Região Imediata de Nova Prata – Guaporé apresenta potencial econômico, cultural e turístico, visto que a rica história relacionada aos imigrantes, e que tiveram papel no processo de ocupação pode ser valorizada, mesmo no momento em que novos usos econômicos vão sendo acrescentados.

Ao atingir os objetivos propostos pela pesquisa, espera-se que a mesma sirva para trabalhos futuros que tragam a relação da organização espacial e da cultura nos demais municípios gaúchos, visto que é um campo de pesquisa com inúmeras possibilidades e com poucas contribuições que façam essa relação.

REFERÊNCIAS

AGROLINK. **Estatísticas regionais**. Disponível em: <<https://www.agrolink.com.br/regional/rs>>.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia econômica**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ARAÚJO JR, A. M. Evolução da Ciência Geográfica e a Geografia Econômica. In: ARAÚJO JR, A. M.; ESPÍNDOLA, C. J. (Orgs.) **Geografia Econômica: pesquisa e ensino na ação docente**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2015.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA ENCOSTA SUPERIOR DE NORDESTE. **Municípios**. Disponível em: <<http://www.amesne.com.br/selecione-a-cidade/historia>>

BARBOSA, J. O. A representação dos fixos e fluxos no circuito superior e circuito inferior na economia brasileira. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Vitória, 2014. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1405610876_ARQUIVO_TrabalhoCompletoCBG.pdf> Acesso em: 13 de ago. 2020.

BASTOS, J. M.; CASARIL, C. C. A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. **Geosul**, Florianópolis, v. 31, n. 62, p. 271-298, jul./ago. 2016.

BECKER, E. L. S. A Geografia e o método dialético. **VYDIA**, v. 25, n. 2, p. 51-58, jul/dez, 2005.

_____. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.

BESSE, J. M. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, I. L. **Paisagem Patrimônio**. Évora: Dafne Editora/CHAIA, 2013.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 27(1), p. 5-19, abr. 2002.

_____. **Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004.

_____.; MARAFON, G. J. **Historiografia da ciência geográfica**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

BRANDÃO, C. A. **A dimensão espacial do subdesenvolvimento: uma agenda para os estudos urbanos e regionais**. 2004. 206 f. Tese (Livre Docência) – Universidade de Campinas.

BREITBACH, A. C. M. A dimensão espacial nos estudos de economia regional, no Brasil: temas e interrogações recentes. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 171-202, abr. 2004.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais: A Construção de Identidades Culturais no Rio Grande do Sul e sua Manifestação na Paisagem Gaúcha**. 2007. 319 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

_____.; BEZZI, M. L. A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho. **RAEGA**, Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 17-30, 2009.

CALDAS, W. **Cultura**. Coleção para entender. 5 ed. São Paulo: Global editora, 2008.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. ed. 11, Porto Alegre: Mediação, 2014.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO, J. B. Hibridismo cultural na América Latina. **Itinerários**. Araraquara, n. 27, p. 79-90, jul./dez. 2008.

CARLOS, A. F. A. A mundialidade do espaço. In: MARTINS, J. S. (Org.) **Henry Lefebvre e o retorno da dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, G. L. Região: a evolução de uma categoria de análise da Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**. v. 22, n. 1, jan./jun. 2002.

CASTRO, I. E. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. de. Problemas e alternativas metodológicas para a região e para o lugar. In: SOUZA, M. A. A. de. **Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica**, 2 ed, São Paulo: Hucitec, 1994.

CHABASON, L. Lepaysagedansleslois d'amenagementet d'urbanisme. In: AA. VV. Seminário sobre el paisaje. **Debate conceptual y alternativas sobre su Ordenación y Gestión**. Sevilha, CETU, 1989, p. 122-125.

CIMA, E. G.; AMORIN, L. S. B. Desenvolvimento regional e organização do espaço: uma análise do desenvolvimento local e regional através do processo de difusão de inovação. **Revista FAE**. Curitiba, v. 10, n. 2, p. 73-87, jul./dez. 2007.

CHORINCAS, J. Geografia Econômica: encontros e desencontros de uma ciência de encruzilhada. **Infogeo**, 16/17. Lisboa: Edição Colibri. p. 109-122, 2001.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Gugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

_____. A volta do cultural na Geografia. **Mercator**. Ano 01, n. 01, 2002.

_____. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

CONCEIÇÃO, L. R. V. **Marcas espaciais do tempo histórico**: as rugosidades da paisagem rural de Cachoeira do Sul/RS. 2018, 320f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. **Dados gerais dos municípios**. Disponível em: <<https://www.cnm.org.br/municipios/registros/todos/todos>>

CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Região**: a tradição geográfica. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de (Org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Organização do espaço: dimensões, processo, forma e significados. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 36, número especial, p. 7-16, jan. 2011.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000a. 168 p. Coleção Geografia Cultural.

_____. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da Anpege**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 97-102, 2005.

_____. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9-18, 2007.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Da UERJ, 1998, p. 92-123.

_____. JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) **Geografia Cultural: um século (2)** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 15-32.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, p. 11-36, 1983.

DILL, F. M.; DORNELLES, V. G. Cultura e espaço: um diálogo necessário. **Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente**. Natal, v. 4, n. 1, abr. 2019.

DOLLFUS, O. **O espaço geográfico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

DUNCAN, J. S.; JOHNSOM, N. C.; SCHEIN, R. H. (Orgs) **A companion to cultural geography**. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Perfil socioeconômico do RS**. Disponível em: <<https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/>>

FILHO, A. P.; QUARESMA, C. C.; RODRIGUES, T. R. I. **Ação antrópica como agente transformador da organização espacial em bacias hidrográficas**. Anais do “X Colóquio Internacional de Geocrítica”. Barcelona, 2008.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GILBERT, A. The new regional geography in English and French – speaking countries. **Progress in Human Geography**, London, v. 12, n. 2, p. 28-228, jun. 1988.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

_____. Região. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, vol. 21, n. 45, (Conceitos fundamentais da Geografia), jan./abr. 2019.

HARTSHORNE, R. **Propósitos sobre a natureza da Geografia**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1978.

HARVEY, D. From space to place and back again: reflections on the condition of postmodernity. In: BIRD, J. et al (Orgs) **Mapping the futures: local cultures, global change**. Londo: Routledge, 1998.

_____. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. 2 ed. São Paulo: [s.n.] 2006.

HEIDRICH, A. L. Método e metodologias na pesquisa das Geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre o espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, p. 15-33, 2016.

HERNÁNDEZ, J. L. S. **Naturaleza, localización y sociedad: tres enfoques para la geografía económica**. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 2003.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. O lugar na Geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário**. Disponível em: <

https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html> Acessos múltiplos.

_____. **Censo Demográfico**. Disponível em:

<<https://ces.ibge.gov.br/apresentacao/portarias/200-comite-de-estatisticas-sociais/base-de-dados/1146-censo-demografico.html>>

_____. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>

_____. **IBGE explica – Produto Interno Bruto**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>>

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Disponível em: <

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?t=pib-por-municipio&c=4300661>>

KASHIMOTO, E. M.; MARINHO, M.; RUSSEF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, vol.3, n.4, Mar.2002, p.35-42.

KRUGMAN, P. What is economics geography? **World Atlas**. 2017. Disponível em:

<<https://www.worldatlas.com/articles/what-is-economic-geography.html>> Acesso em: 14 de mar. 2021.

LAN, D. **Localização industrial**. In: SPOSITO, E. S. (Org.) *Glossário de Geografia Humana e econômica*. São Paulo: UNESP, 2017.

LEFÉBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

LENCIONE, S. Região e Geografia: a noção e região no pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: USP, 2013, p. 187-204.

LORENSI, D. C. **Geografia cultural e música gaúcha: a construção da paisagem cantada da 13ª região tradicionalista do Rio Grande do Sul**. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2005.

MASSEY, D. A global sense of place. In: BARNES, T.; GREGORY, D. (Orgs). *Reading human geography*. P. 315-323, London: Arnold, 1997.

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. **Observação e entrevista**: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, Julio C. de L. ; PESSÔA, Vera L. S (Org.). Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R. RA´E GA, Curitiba: Editora da UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONDANA, L.; SÖDERSTRÖM, O. Do texto à interpretação: percurso através da Geografia Cultural contemporânea. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Coleção Geografia Cultural, p. 133-156, 2004.

MOREIRA, R. **Geografia**: teoria e crítica – o saber posto em questão. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

OLIVEIRA, F. de. Aproximações ao enigma: o quer dizer desenvolvimento local? São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA Jr. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs) **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil – Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, L. C. B. **O conceito histórico de desenvolvimento econômico**. Escola de Economia de São Paulo/FGV. 2008. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.18.ConceitoHist%C3%B3ricoDesenvolvimento.31.5.pdf>> Acesso em: 23 de dez. 2020.

PESAVENTO, S. J. **RS**: Agropecuária colonial e Industrialização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Documental, 17).

PESSÔA, V. L. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro, n. 23, v. 1, p. 4-18, 2012.

PIMENTA, M. A paisagem cultural: multiplicidade interpretativa e políticas de preservação. **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 10, n. 2, p. 97-114, ago. 2016.

PLATAFORMA IVIS – Plataforma Integrada de Vigilância em Saúde (Ministério da Saúde). **Painel de monitoramento COVID-19**. Disponível em: <<http://plataforma.saude.gov.br/coronavirus/covid-19/>> Acesso em: 20 de julho de 2021.

POLON, L. C. K. Espaço Geográfico: breve discussão teórica acerca do conceito. **Revista Geográfica Acadêmica**. Boa Vista, n. 2, v. 10, p. 81-02, 2016.

Prefeitura Municipal de André da Rocha. **História do município.** Disponível em: <<https://andredarocha.rs.gov.br/pg.php?area=HISTORIA>> Acesso em: 23 de jun. 2020.

Prefeitura Municipal de Dois Lajeados. **Histórico do município.** Disponível em: <<https://doislajeadosrs.com.br/historico/>> Acesso em: 23 de jun. 2021.

Prefeitura Municipal de Guabiju. **História do município.** Disponível em: <<https://www.guabiju.rs.gov.br/pagina/view/66/historia-do-municipio>> Acesso em: 13 de jan. 2021.

Prefeitura Municipal de Guaporé. **História do município.** Disponível em: <<https://www.guabiju.rs.gov.br/pagina/view/66/historia-do-municipio>> Acesso em: 13 de jan. 2021.

Prefeitura Municipal de Montauri. **Conheça Montauri.** Disponível em: <<https://pmmontauri.com.br/institucional>> Acesso em: 12 de fev. 2021.

Prefeitura Municipal de Nova Araçá. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.novaaraca.rs.gov.br/site/conteudo/?gCdConteudo=27>> Acesso em: 14 de abr. 2021.

Prefeitura Municipal de Nova Bassano. **Histórico.** Disponível em: <<https://www.novabassano.rs.gov.br/pagina/view/3/historico>> Acesso em: 14 de abr. 2021.

Prefeitura Municipal de Nova Prata. **O município: nossa história.** Disponível em: <<https://www.novaprata.rs.gov.br/page/1>> Acesso em: 14 de abr. 2021.

Prefeitura Municipal de Paraí. **Breve histórico do município de Paraí.** Disponível em: <http://parai.rs.gov.br/pagina/78_Historia-de-Parai.html> Acesso em: 1 de maio 2021.

Prefeitura Municipal de Protásio Alves. **História.** Disponível em: <<https://www.protasioalves.rs.gov.br/historia/>> Acesso em: 1 de maio 2021.

Prefeitura Municipal de São Jorge. **Contexto histórico.** Disponível em: <<http://www.saojorge.rs.gov.br/index.php/pt/o-municipio/aspectos-gerais/contexto-historico>> Acesso em: 15 de maio 2021.

Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa. **Histórico do município.** Disponível em: <<http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/>> Acesso em: 20 de mar. 2021.

Prefeitura Municipal de União da Serra. **Nossa história.** Disponível em: <<http://www.uniaodaserra.rs.gov.br/index.php?site=sobre.php>> Acesso em: 15 de maio 2021.

Prefeitura Municipal de Vista Alegre do Prata. **Histórico do município.** Disponível em: <<https://www.vistalegredoprata.rs.gov.br/?p=vistaalegre>> Acesso em: 27 de abr. 2021.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Índice do Desenvolvimento Humano dos Municípios**. Disponível em: <
<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>>

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia (Rio Claro)**, v. 4, n. 7, p. 01-25, 1976.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RODRIGUES, A. J. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.

SALVADOR, D. S. C. O. A Geografia e o método dialético. **Sociedade e Território**. Natal, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2012.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 54, p. 90-99, jul. 1977.

_____. **Por uma Nova Geografia**. São Paulo: Edusp, 1978.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Espaço e Método**. 1 ed. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Por uma Nova Geografia**. 3 ed. São Paulo: Editora Hecitec, 1986.

_____. **Espaço e Método**. 4 ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: Ed. Da USP, 2014.

_____. **Técnica, espaço e tempo**. Globalização e meio técnico-científico-informacional. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Por uma nova Geografia**. 6 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.

SAQUET, Marcos A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. 2002. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista.

SAUER, C. Foreword to historical geography. In: LEIGHLY, J. (Org). **Land and life**. A selection from the writings of Carl Otwin Sauer. Berkely. Los Angeles: University of California Express, p. 351-379, 1963.

_____. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **Tradução** de: MARQUES, M. I. M.; BARRETO, M. **GEOUSP – tempo e espaço**, São Paulo, nº 32, p. 89-109, 2012.

SELL, J. C. **Estradas paisagísticas**: estratégia de promoção e conservação do patrimônio paisagístico do pampa Brasil-Uruguai. 2017. 322 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (Sebrae). **Perfil dos municípios gaúchos**. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/perfil-dos-municipios-gauchos/>>

SILVEIRA, E. L. D. A organização espacial como categoria de análise da Geografia. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 146-162, jan./jun. 2015.

SINGER, P. **Aprender economia**. 9 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

_____. Dinâmica populacional e desenvolvimento. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

_____. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. **Estudos Avançados**, São Paulo, ano 18, v. 51, p. 7-22, 2004.

SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

STEDILE NETO, R. **A (i)materialidade da cultura italiana no município de Serafina Corrêa/RS**: as relações culturais rurbanas. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

TARTARUGA, I. G. P. Geografia Econômica. In: GRIRBELER, M. P. D.; RIEDL, M. (Orgs.) **Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos**. Porto Alegre: Conceito, 2017.

TORELLY, L. P. P. Paisagem Cultural: uma contribuição ao debate. In: **Portal Vitruvius**. Ano 09, v. 04, novembro de 2008. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc240/mc240.asp>>

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VASCONSELOS, M. C. A. As fragilidades e potencialidades da chancela da paisagem cultural brasileira. **Revista CPC**, São Paulo, n. 13, p. 51-73, nov. 2011/abr. 2012.

VOIGT, E. **Paisagem e diversidade cultural**: as identidades culturais das distintas etnias em Santa Maria/RS. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 27-62.